

Rainhas do Romance

LINDA LAEL MILLER

Um forte legado

Os Creed
3/3

Edição 69

 HARLEQUIN®

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LINDA
LAEL MILLER

A HONRA DE CONNER

Tradução
Gracinda Vasconcelos



2013

Capítulo Um

Lonesome Bend, Colorado

*T*RABALHO RURAL, pensou Brody Creed, deslocando-se sobre a sela enquanto inspecionava a vasta extensão de terra de um cume elevado. Aquela vida podia restaurar um coração partido e, depois, parti-lo de novo em um milhão de pedaços diferentes, duplicando em seguida esses pedaços.

Os riscos eram muitos. Gado morto de fome ou congelado até a morte quando o inverno fosse rigoroso, o que ocorria, em média, uma vez por ano naquela parte do país. Na primavera, bezerros e potros eram presas fáceis de lobos, coiotes e, às vezes, até ursos famintos após todos aqueles meses de hibernação.

Estavam em maio, e tudo corria bem, mas, com a chegada do verão, os poços podiam secar por falta de chuva e transformar a grama em material inflamável, pronta para arder com uma simples faísca. Já vira incêndios consumirem centenas de hectares em questão de horas; rebanhos, casas e celeiros serem dizimados.

Durante o ano, bons cavalos tornavam-se coxos, caminhonetes exalavam o último suspiro e, de vez em quando, alguém se afogava no rio ou em um dos lagos.

Por outro lado, refletiu Brody, a beleza daquela terra podia curar, surpreender um homem, mesmo ele a conhecendo desde que nascera. Naquele dia, por exemplo, o céu estava tão azul que o fez sentir um aperto no peito. Os álamos, choupos e pinheiros que revestiam a paisagem brilhavam com mil matizes, variando entre verde, prata e anil. O rio serpenteava como uma fita através do vale, cristalino como vidro azul.

Após alguns instantes, ajustou o chapéu e suspirou antes de cutucar os flancos do cavalo de leve com os saltos das botas. O animal de pelo amarelado, pernas longas, crina e cauda pretas abriu caminho, cauteloso, pela encosta íngreme que levava à beira da água.

Atrás deles, e uma centena de metros distante da margem do rio, em direção ao oeste, martelos batiam e serras elétricas ressoavam. Olhou para trás, satisfeito, como sempre, ao ver as estruturas de aço e madeira de sua casa e do celeiro se erigindo.

Não muito tempo atrás, no local, havia um acampamento e um parque para caravanas, de propriedade de Tricia McCall, agora sua cunhada, e, portanto, uma Creed. As mesas de piquenique e as churrasqueiras de concreto se foram, juntamente com os chuveiros públicos e as conexões para trailers. Apenas a construção de madeira, que outrora servira como escritório, permaneceu. Vivia nela, desde o último dia de Ação de Graças, quando deixara a sede do rancho.

A paz entre ele e o irmão gêmeo, Conner, podia ser frágil às vezes, e ambos se beneficiavam com a pequena distância. Agora, pronto para recomeçar, estalou a língua e voltou a cutucar o capão, Moonshine, com os calcanhares.

– Avante – disse, incentivando a montaria, em um tom moderado. – A água é rasa e calma. Se vamos trabalhar com gado nos dois lados deste rio, terá que aprender a cruzá-lo.

Moonshine, recentemente adquirido em um leilão, em Denver, era jovem, e Brody ainda não tivera a oportunidade de treiná-lo para a lida com o gado.

Não havia melhor ocasião do que aquela, pensou.

Estava prestes a descer da sela e conduzir o cavalo para a água, que ondeava suave na costa rochosa, usada como praia fluvial quando o Acampamento *River's Bend* era uma preocupação constante, mas Moonshine, de repente, decidiu que estava disposto a se molhar.

O animal mergulhou até o peito, espirrando água para todos os lados. Brody, pressionando os joelhos em torno dos flancos do cavalo, apenas para permanecer sobre a sela, riu alto antes de dar um grito de puro prazer.

As botas se encharcaram e, dentro de instantes, seu jeans ficou ensopado até as coxas, mas isso não tinha importância. Moonshine nadava no rio como se tivesse aspirações olímpicas, as pernas poderosas se lançando à frente, a cabeça erguida, os ouvidos apurados.

– Bom menino – elogiou, com uma súbita apreciação. – Está indo muito bem.

Ao alcançar a margem oposta, Moonshine agrupou as ancas para o esforço e saltou a parte mais acentuada da escarpa. De seus pelos espirrava água em todas as direções. Uma vez tocando o solo, o animal sacudiu-se como um cão. Brody riu de novo, sem motivo especial, apenas porque a vida era boa.

Estava em casa. E, na maioria das vezes, sentia-se feliz por estar lá.

Encharcado, desceu da sela para retirar as botas, esvaziá-las e calçá-las de novo sobre as meias ensopadas. Quando chegasse à sede do rancho, trocaria as roupas molhadas por peças secas que encontrasse no armário de Conner.

Ter um irmão gêmeo idêntico proporcionava algumas vantagens, e uma delas era o acesso a um guarda-roupa completamente diferente.

Houve uma época em que Conner se queixava sobre a tendência de Brody de pegar emprestado as suas coisas. Mas, na última véspera de Anonovo, o “irmãozinho”, nascido alguns minutos depois dele, se casara. Estava feliz com Tricia e, agora, era necessário mais do que uma camisa ou um jeans faltando para deixá-lo irritado.

Em constante lua de mel, Conner, Tricia e o bebê que nasceria dentro de três meses brilhavam, como se possuíssem luz própria.

Montou novamente e conduziu Moonshine em direção ao rancho, experimentando uma mistura de sentimentos, enquanto considerava a boa

sorte do irmão gêmeo.

Claro que ficava contente por tudo estar dando certo para Conner, mas não podia deixar de sentir uma pontada de inveja também. Não que tivesse admitido isso a alguém.

Tricia era bonita, inteligente, bem-humorada e se adaptara à vida no rancho com surpreendente facilidade para uma garota da cidade. Uma novata na equitação, começara a cavalgar quase todos os dias desde o casamento, quando o tempo permitia, até sua gravidez ser confirmada. Então, Conner pusera um fim à atividade.

Nada mais de passeios a cavalo até a chegada do bebê e fim de papo.

Brody sorriu, lembrando como o irmão fora inflexível. Na maior parte do tempo, a união parecia ser uma parceria equilibrada, mas, dessa vez, Conner impôs sua vontade. E Tricia, em geral independente, obedeceu.

Foi apenas uma questão de bom senso, pensou Brody, embora muitas mulheres no campo continuassem a cavalgar quando estavam grávidas, cuidando do rebanho, perseguindo animais desgarrados, verificando demarcações de cercas. A forte oposição de Conner era compreensível. Rachel Creed, a mãe deles, continuou a disputar a prova dos barris bastante tempo após saber que estava grávida de gêmeos. Não houve nenhum incidente específico, mas, logo após dar à luz os dois, a saúde de Rachel começou a declinar. Morreu antes de os filhos completarem um mês de vida.

Blue Creed, seu pai, não durou muito mais. Oprimido pela responsabilidade, levou os bebês para a sede do rancho, por volta do primeiro aniversário das crianças, e os entregou a Davis e a Kim, seu irmão e cunhada. Pouco tempo depois, caiu do lombo de um cavalo e quebrou o pescoço. Ficou em coma por seis semanas e não resistiu.

Agora, atravessando a faixa entre o rio e a casa de dois andares que Conner e Tricia compartilhavam desde o casamento, com a relva alta ondulando ao seu redor como um mar verde, Brody fez o possível para ignorar o frio úmido provocado pelo jeans molhado que se aderira às suas pernas, e a velha e profunda tristeza enraizou-se em sua alma. Tentou se consolar olhando a criação em volta. A maioria dos animais era da raça bovina Hereford, com algumas manchas pretas no meio para quebrar a

monotonia vermelho-acastanhado. Duas dúzias de cavalos não domados, criados especialmente para rodeios, e seis touros Brahma completavam o zoológico.

Clint, Juan e mais alguns peões circulavam sobre o lombo dos cavalos, entre as diferentes espécies, com o objetivo de manter a paz. Brody tocou o chapéu de brim ao passar pelos homens, que retribuíram o aceno.

Agora, Moonshine estava inquieto, quase impossível de controlar. Ele deu-lhe a liberdade exigida. Aquele cayuse podia ser arisco quando se tratava de atravessar rios, mas com certeza gostava de correr.

Com um movimento para frente, curvou-se sobre o pescoço do baio, segurou o chapéu no lugar com uma das mãos e manteve as rédeas frouxas com a outra. O cavalo disparou pela campina como um jato taxiando ao longo de uma pista antes da decolagem.

Brody estava gostando tanto do galope que a cerca do curral surgiu à frente deles de repente, como uma fieira de pés de feijão mágicos.

Moonshine avançou por ela como se tivesse adquirido asas, praticamente planando. Voltou ao solo com um pouso magnífico, estacando a mais ou menos um metro do lugar onde Conner se encontrava, parecendo ter comido pregos enferrujados no desjejum em vez de bacon e ovos.

Brody olhou para baixo, para um rosto tão parecido com o seu, que a visão, às vezes, o pegava de surpresa. Mesmo estando acostumado a ser quase uma cópia exata do irmão.

Conner o fitou com a fisionomia carregada, através de redemoinhos de poeira, parecendo que gostaria de pegá-lo, lançá-lo para fora do cavalo e dar-lhe uma surra. Vivas à melhora de personalidade resultante da felicidade conjugal!

– *Oops* – disse Brody, alegre, porque sabia que iria chatear o irmão. Ainda gostava de fazer isso de vez em quando, embora os dois não brigassem há um bom tempo. – Desculpe. – Então, inclinou-se para frente e encarou Conner, que estava tenso com o aborrecimento, os ombros enquadrados, os punhos cerrados e a postura beligerante.

– Droga, Brody! Estou parecendo invisível ou você está ficando cego? Quase me derrubou, e vai me custar boa parte da manhã para fazer esta

égua se acalmar o suficiente para voltar a trabalhar!

Antes de saltar, Brody não notara o irmão *ou* a égua malhada, agora relinchando e sacudindo a cabeça em um dos cantos mais afastados do curral. Mas não julgou inteligente dizer algo. Em vez disso, decidiu ser útil.

– Está amansando os cavalos agora em vez de delegar a tarefa a um dos peões? – perguntou, curvando-se para pegar a sela que a égua devia ter arremessado quando Moonshine saltou por cima da cerca.

Conner arrancou-lhe a sela das mãos.

– Sim – respondeu em um tom abrupto. – Você sumiu por uma década. Davis quebrou as duas pernas da última vez que montou um cavalo selvagem. Clint e Juan já estão meio decrepitos. Quem diabos *acha* que deveria amansar os cavalos?

– Calma – disse Brody, recuando um pouco e ainda sorrindo. – Que bicho o mordeu? Brigou com a mulher ou algo parecido?

– Não! – gritou Conner.

Brody riu, ajeitou o chapéu e, em seguida, virou-se para puxar as rédeas de Moonshine. Após a travessia do rio, a louca corrida, para não mencionar o salto espetacular, decidiu que o cavalo merecia um pouco de tempo livre da sela e do freio.

– Bem, então qual é o problema? – perguntou, dirigindo-se à porta lateral do estábulo.

– Não é nada – respondeu o irmão, colocando a sela empoeirada sobre a cerca e voltando-se para a égua.

– Tem que haver alguma coisa – insistiu Brody em um tom calmo, pausando em seguida.

Conner o fitou através de uma névoa branda de poeira do curral e suspirou.

– Tricia e eu discutimos – informou relutante.

– Problemas no ninho dos pombinhos? – perguntou ele, sabendo que não poderia ser nada grave. Nunca vira um casal mais profundamente apaixonado do que o irmão e Tricia.

– Ela me acusa de ser superprotetor – disse Conner, tirando o chapéu e batendo com ele na coxa antes recolocá-lo na cabeça.

Brody abriu um sorriso. Coçou o restolho de barba no queixo.

– Você? Superprotetor? Só porque a enrolaria em um plástico bolha, se ela permitisse, e a manteria imóvel para evitar que desse uma topada com o dedão do pé?

Conner o encarou, mas havia um sorriso para combinar com o dele em seus olhos azuis. Conteve-se o quanto pôde, mas o riso irrompeu, como a luz do sol penetrando uma nuvem banca.

– Tire seu cavalo daqui. É melhor eu colocar a égua para pastar o resto do dia, agora que você e esse capão a assustaram.

Brody conduziu Moonshine para o interior do estábulo, colocou o animal em uma baia e lhe ofereceu uma porção de grãos e feno. Ao sair pela porta principal, Conner o aguardava no pátio, atirando um pedaço de pau para o mestiço de labrador e *retriever*, Valentino.

A seu ver, aquele nome era afetado demais para um cão de rancho. Mas o pobre bicho se acostumara com ele desde quando seus donos começaram a namorar. Conner tentou chamá-lo de “Bill” por algum tempo, mas o excachorro de rua não respondeu. Então ficou Valentino mesmo.

Brody olhou em volta. Não havia nenhum sinal de Tricia ou da caminhonete Pathfinder que ela dirigia.

– Ela foi à cidade ajudar Carolyn na loja – disse Conner, que, com frequência, costumava ter uma boa noção do que se passava na mente do irmão. E a recíproca era verdadeira. – A mulher está com uma barriga deste tamanho. – Exemplificou com as mãos na altura do ventre. – O que custava ficar em casa por um dia? Relaxando, colocando os pés para cima por algum tempo?

Brody riu e deu-lhe uma palmadinha no ombro.

– Ela está dirigindo uma galeria de arte em uma cidade pequena. Não pulando de *bungee-jump* ou montando touros em um rodeio. – O rosto de Conner se contraiu por um momento, e mais uma vez, Brody sabia o que se passava na mente do irmão gêmeo, porque muitas vezes seus pensamentos eram sincronizados. – Não há ligação entre a gravidez de nossa mãe e a de Tricia – acrescentou em um tom calmo. – Pare de ficar procurando uma.

Conner suspirou, esboçou uma espécie de sorriso gentil e anuiu com a cabeça.

Brody ficou perplexo, embora não pela primeira vez, é claro, em ver como o amor de uma mulher podia deixar um homem vulnerável. E depois que o bebê chegasse? Talvez fosse muito pior.

Estremeceu por alguns segundos, sobrecarregado com as lembranças.

– O que aconteceu com suas roupas afinal? – perguntou Conner, fitando-o de cima a baixo. Ele tendia a perceber as coisas em seu próprio tempo.

– Moonshine se entusiasmou um pouco ao cruzar o rio.

Os dois seguiram para casa, com Valentino os acompanhando de perto. Brody se dirigiu à lavanderia para roubar uma calça jeans, uma camiseta e um par de meias dobradas sobre uma pilha na parte superior da secadora. Após tomar um banho rápido, para descongelar a medula óssea, vestiu-se no quarto que ele, Conner e o primo, Steven, compartilhavam quando crianças durante o verão. Por fim, saiu para encontrar o irmão que ainda estava na cozinha, preparando uma xícara de café em uma daquelas sofisticadas cafeteiras de café expresso projetadas para os viciados em cafeína.

– Como estão as obras da nova casa? – perguntou Conner, oferecendo-lhe uma xícara fumegante, que Brody aceitou satisfeito.

– É um processo lento – respondeu após sorver um gole da bebida. – O mestre de obras jura que ficará pronta em meados de agosto, apesar de tudo.

Conner bufou. Enchendo uma segunda xícara sob o bico do brilhante dispositivo, ergueu-a de leve, em uma pequena saudação.

– Roupas bonitas – observou irônico. – Já tive algumas iguais a essas.

CAROLYN SIMMONS prendeu a respiração ao ver a amiga e sócia grávida, Tricia Creed, descendo vacilante do topo de uma escada dobrável. Acabara de pendurar um novo batique estampado com uma mulher nativa americana tecendo em um tear. Trabalho de um artista local, a peça não demoraria muito tempo na loja. Talvez por isso Tricia a tivesse pendurado tão alto na parede. Sem dúvida, imaginava que, se o acesso à obra fosse difícil, elas poderiam apreciá-la um pouco mais antes que algum comprador ansioso a adquirisse.

Com sua longa e escura trança, roupas folgadas de gestante e atitude serena diante da beleza da vida que a cercava, Tricia se assemelhava um pouco à tecelã.

Mais alta que amiga e com belos reflexos loiros no cabelo, Carolyn usava seu traje habitual de jeans, botas e camiseta. Tricia gostava de brincar, dizendo que, se surgisse uma oportunidade de fazer uma cavalgada, a amiga já estaria vestida a caráter.

– O que estava fazendo nessa escada? – perguntou, agora com as mãos nos quadris, enquanto a considerava. – Prometi ao Conner que ficaria de olho em você, e no minuto em que viro as costas, já está oscilando em cima dos degraus.

Tricia sacudiu o pó das mãos e sorriu, dando um passo atrás para analisar o batique um pouco melhor.

– Nem cheguei ao degrau mais alto – argumentou alegre, o rosto brilhando pela luminosidade do sol que se infiltrava através da grande janela da frente. Ela suspirou. – Não é lindo?

Carolyn seguiu o olhar da amiga e fez um gesto positivo com a cabeça. Primrose Sullivan, a artista, havia se superado dessa vez. O batique era realmente belo.

– Acho que alguns de nossos clientes on-line se interessariam por ele. Embora não tenha certeza de que, se o fotografarmos a partir deste ângulo, ficará tão bem.

O ruído hidráulico de freios interrompeu-as. Tricia dirigiu-se à janela e olhou através das antigas cortinas de renda.

– É outro ônibus de turismo. Prepare-se.

A loja, uma mistura de butik e galeria de arte, ocupava o andar térreo da venerável residência vitoriana de Natty McCall. Carolyn habitava o andar superior, no apartamento que fora de Tricia, com seu gato adotivo, Winston. Os itens que vendiam variavam desde sabonetes de leite de cabra, alfineteiras confeccionadas à mão e vestidos exclusivos a pinturas a óleo com a mesma qualidade das encontradas nos museus.

– Estou preparada – confirmou Carolyn, sorrindo e assumindo seu posto costumeiro atrás do balcão, ao lado da caixa registradora.

Tricia endireitou um display de papelaria artesanal que já se encontrava bem posicionado. A loja não deixaria ninguém rico, mas, para Carolyn, era um sonho que se tornara realidade. Em Lonesome Bend, conseguira um lugar confortável para viver, o que não era pouco para uma pessoa criada em nada menos que 14 lares adotivos, e uma loja para vender peças de vestuário, travesseiros decorados e aventais estilo retrô, que ela constantemente confeccionava em sua máquina de costura. Outrora, trabalhando como caseira, vendera suas confecções pela internet durante anos. O negócio lhe rendia dinheiro extra suficiente para fazer uma pequena poupança e comprar fios e tecidos para o projeto seguinte, que já tinha em mente, mas isso era tudo.

O pequeno sino na porta da frente tilintou alegremente. Os passageiros do ônibus lotado começaram a entrar. Mulheres de cabelo branco, com unhas bem cuidadas e trajés de verão coloridos, conversavam bem-humoradas entre si, aglomerando-se em torno das mesas e em frente a cada prateleira.

A loja, imponentemente intitulada *Creed-Simmons*, segundo Natty, a bisavó de Tricia, tinha um nome que soava mais como um escritório de advocacia ou uma joalheria inglesa do que o que era na realidade. Na maior parte do tempo, apenas faturava para pagar as próprias despesas. Mas os ônibus de turismo que vinham ou iam para Denver, Aspen e Telluride paravam pelo menos duas vezes por semana, o que mantinha as portas abertas e as luzes acesas.

Para Tricia, tendo vendido a propriedade herdada do pai por uma boa soma em dinheiro e depois se casado com um rico fazendeiro, muito presunçoso, o lugar era um hobby, embora o adorasse.

Para Carolyn, significava muito mais, era uma extensão da sua personalidade, uma identidade, uma forma de pertencer, de se ajustar em uma comunidade formada, em sua maioria, por pessoas que se conheciam desde o nascimento.

O negócio *precisava* prosperar.

Sem isso, ficaria outra vez à deriva, seguindo o velho padrão de vida de ficar na casa de outra pessoa por alguns dias ou semanas e passando, em

seguida, a outro lugar que não era seu. Ser caseira era uma versão adulta daquele antigo jogo da dança das cadeiras, apenas os riscos eram muito maiores. Algumas vezes, quando a música figurativa parava de repente, ficava presa entre as casas, como um jogador sem cadeira para se sentar, forçada a se refugiar em algum motel barato ou dormir no carro até outro trabalho aparecer.

Por sorte, havia uma abundância de oportunidades nos arredores de Lonesome Bend. Estrelas de cinema, executivos e políticos mantinham casas de veraneio multimilionárias escondidas em cânions particulares, sobre as colinas e no fim de longas e sinuosas estradas ladeadas por álamos sussurrantes.

Carolyn ainda trabalhava como caseira de vez em quando, para clientes mais antigos, mas preferia o apartamento acolhedor no andar de cima da loja às enormes e vazias mansões, com suas piscinas, salas de mídia e adegas bem abastecidas.

No apartamento, estava cercada por seus pertences. Canecas de cerâmica que colecionava de cidades de quase todo o país, algumas fotos em retratos baratos, seu confiável laptop e a máquina de costura elétrica, sem muitos recursos, um presente de despedida de sua mãe adotiva favorita.

Sentia-se sólida e *verdadeiramente* enraizada a um determinado lugar, em vez de um fantasma etéreo, assombrando castelos solitários.

Pelos 45 minutos seguintes, Carolyn e Tricia ficaram tão ocupadas que mal tiveram a oportunidade de olhar uma para a outra, muito menos de conversar. Quando o ônibus de excursão por fim partiu, era quase hora de fechar para o almoço.

A gaveta de dinheiro estava cheia com notas de cinco, dez e vinte dólares, e havia uma pilha considerável de recibos de cartão de crédito.

As prateleiras, *racks* e mesas pareciam ter sido saqueadas por bárbaros. O ar ainda cheirava a perfume caro.

– Nossa! – exclamou Tricia, deixando-se cair na cadeira de balanço perto da lareira. – *Esse grupo praticamente acabou com nosso estoque.*

Carolyn riu.

– É verdade – concordou. – Deus os abençoe.

A amiga inclinou a cabeça para trás, suspirou um pouco e fechou os olhos. Suas mãos repousaram de modo protetor sobre o ventre abaulado.

Carolyn de imediato ficou alarmada.

– Tricia? Você está bem, não é?

Tricia abriu os olhos, virou a cabeça e sorriu.

– *Claro* que sim. Só estou um pouco cansada por causa de toda essa correria.

– Tem certeza?

– Você até parece o Conner. *Estou bem*, Carolyn.

Franzindo a testa de leve, Carolyn caminhou até a porta, virou a tabuleta para “Fechado” e girou a chave na fechadura. As duas costumavam almoçar no andar de baixo, na cozinha, nos fundos da casa, e às vezes Conner se unia a elas.

Tricia ainda estava na cadeira de balanço quando ela voltou. Havia adormecido.

Com um sorriso nos lábios, cobriu a amiga com um xale de lã e se dirigiu à cozinha. Winston, o gato, roçou-lhe os tornozelos quando ela entrou, ronronando como um motor de popa.

Assim como a casa, o animal tecnicamente pertencia a Natty McCall, bisavó de Tricia, agora residindo em Denver. Porém, como ficava com ele sempre que sua dona estava fora em suas frequentes viagens e longos cruzeiros, amava-o como se fosse seu.

Pelo que parecia, o sentimento era mútuo.

Ou ele só queria sua ração diária de sardinhas.

– Com fome? – perguntou Carolyn, inclinando-se para acariciar as orelhas pretas e reluzentes do gato.

Winston respondeu com um miado resistente que, pelo visto, queria dizer *sim* e pulou sobre uma estante, onde gostava de ficar apreciando as coisas.

Sorrindo e calculando mentalmente o arrecadado com a invasão de clientes, Carolyn foi até a geladeira, pegou a tigela pequena de sardinhas que sobrara do dia anterior e retirou a tampa de plástico. Colocou-a no chão e, em seguida, dirigiu-se à pia para lavar as mãos.

Winston pulou na frente do prato de alimentos ao mesmo tempo em que uma leve batida soou na porta dos fundos.

Conner Creed abriu-a, enfiou a cabeça dentro e sorriu, exibindo uma fileira de dentes brancos.

O coração de Carolyn saltou uma batida ou duas e depois parou totalmente. Ou, pelo menos, esse era o modo como ela se sentia ao vê-lo entrar na casa.

Porque aquele *não* era Conner, como julgara à primeira vista. Não! Era *Brody*.

Seu rosto ardia. Ela mal podia conter o pânico.

– O que *você* está fazendo aqui? – As palavras dispararam da ponta de sua língua.

O sorriso, infantil e perverso como sempre, não vacilou. Era evidente que a história deles não o incomodava nem um pouco. Também não deveria incomodá-la, supôs. Afinal, haviam se passado quase oito anos desde o fim do relacionamento dos dois. E o que compartilharam era apenas sexo, não um caso de amor.

Ainda assim, queria fugir toda vez que o encontrava. Um problema recorrente, agora que o irmão dele era casado com Tricia, uma de suas melhores amigas.

– Minha cunhada está? – perguntou Brody.

Carolyn podia apostar que ele estava bem consciente de que a afetava. Certa vez, em uma cavalgada com Conner, Tricia, alguns amigos e vizinhos, Brody e sua namorada ocasional, Joleen Williams, passaram por eles, a cavalo, suas risadas sendo carregadas pelo vento. Tomada de surpresa, fizera papel de boba ao voltar para o celeiro sem ao menos dizer adeus aos outros membros do grupo. Recriminava-se por isso desde então.

– Tricia está lá na frente – respondeu, em um surpreendente tom de voz normal. – Tivemos uma manhã movimentada e ela adormeceu.

Brody fechou a porta, cruzou a distância até o gato e se agachou, estendendo a mão para tocá-lo.

Winston bufou e o golpeou com uma pata.

– Ei! – exclamou ele, recuando.

Carolyn riu, relaxando um pouco. Pelo visto, Winston era um bom juiz de caráter, assim como um perito em caçar ratos e um apreciador de sardinhas finas.

Tendo deixado sua posição bem clara, o gato voltou a devorar seu almoço.

Brody se ergueu, ainda segurando o chapéu na mão e parecendo descontente. Por ser um homem deslumbrante, talvez não estivesse acostumado a rejeições. Mesmo se tratando de um simples gato doméstico.

– Os animais, em geral, gostam de mim – disse, soando confuso e até um pouco magoado.

Carolyn, percebendo que estava boquiaberta, virou-se, pegou uma lata de sopa, uma caixa de biscoitos e um pedaço de pão da despensa, dando a impressão de estar ocupada demais.

Olhando para trás, viu Brody se aproximar da porta da cozinha, abri-la com cuidado e espiar o interior da sala adjacente. Voltou em seguida, com uma espécie de amolecimento fraternal nos olhos e um dedo indicador sobre os lábios.

– Shh.

– Eu não fiz barulho nenhum – protestou Carolyn em um sussurro.

Por que o homem não *ia embora* logo, já que não queria perturbar Tricia?

Em vez disso, ele permaneceu, cem por cento caubói, com o chapéu nas mãos e a boca curvada em um sorriso torto.

– Não precisamos ser inimigos, sabia? – disse ele em um tom de voz baixo. – Carolyn, em meio à tarefa de colocar uma fatia de mortadela em um pedaço de pão, pensou em falar, mas mudou de ideia. – Precisamos? – insistiu Brody.

Recuperada o suficiente para responder, ela não perdeu tempo, embora as palavras saíssem um pouco abruptas e apressadas.

– Tricia é minha amiga e sócia. Você é cunhado dela. Portanto, devemos ser civilizados um com o outro.

– É tão difícil? – perguntou ele. – Ser civilizado, quero dizer?

De repente, todos os velhos sentimentos vieram à tona, quase a sufocando. Seus olhos se encheram de lágrimas. Num movimento rápido,

virou a cabeça e mordeu o lábio inferior com força.

– Carolyn?

Brody estava de pé bem atrás dela agora, fazendo-a sentir toda a sua masculinidade e calor.

Vá embora, pensou desesperada, incapaz de arriscar se virar para encará-lo.

Brody Creed nunca fora uma pessoa fácil de ser ignorada. Tocou-a de leve no ombro, e Carolyn se viu encarando o azul traiçoeiro daqueles olhos magníficos.

– Sinto muito pelo que fiz no passado – disse ele, a voz grave soando um pouco áspera. – Eu errei. Mas não acha que está na hora de deixar tudo isso para trás e parar de pisar em ovos a cada vez que nos encontramos neste lugar?

Ele estava *arrependido*.

Pelo que ela sabia, arrependimento era a palavra mais corriqueira do dicionário. As pessoas magoavam umas às outras, diziam que estavam arrependidas e, então, pelo menos segundo sua experiência, voltavam a repetir os mesmos erros. Ou a fazer coisa pior.

Olhou aflita em direção à porta que dava para a sala, com medo de perturbar Tricia. Quando falou, sua voz não passou de um débil sussurro:

– O que está querendo? Quer que eu o perdoe? Está bem. Embora não valha a pena, eu o perdoo.

A expressão de Brody era sombria, mas seus olhos flamejaram com a frustração. Era famoso por seu temperamento, entre outras coisas.

– Você vai perdoar, mas não vai esquecer, é isso?

– Eu poderia perdoar uma cascavel por me picar. Afinal, é a natureza de uma cobra atacar. Mas seria muito estúpida se me aconchegasse à mesma cascavel uma segunda vez, não seria?

Um músculo enrijeceu no rosto de Brody. Ostentava um sombreado no rosto, algo que Carolyn observou com um estranho desinteresse. Ou talvez ele não tivesse se barbeado naquela manhã.

Oh, diabos, que importância isso tinha?

– Acha que estou pedindo para você se aconchegar a mim? – exigiu irritado. Seu nariz estava a centímetros do dela. – *Maldição*, mulher, não posso evitar encontrá-la. E você não pode evitar *me* encontrar. Tudo que estou sugerindo é que abandone esse rancor que carrega há sete anos ou mais para que possamos seguir em frente!

Carolyn teria adorado dar um tapa em Brody Creed ou então estrangulá-lo. Mas, de repente, a porta da sala ao lado se abriu e Tricia espiou pela abertura, reprimindo um bocejo com um movimento de mão.

– Vocês dois estão discutindo? – perguntou, olhando para um e depois para o outro.

Ambos recuaram ao mesmo tempo.

– Não – mentiu Carolyn.

– Está tudo *bem* – acrescentou Brody.

Capítulo Dois

UM BRILHO travesso iluminou os olhos azuis de Tricia enquanto estudava Brody e Carolyn, ambos em pé, parados como duas estátuas no meio da cozinha de Natty McCall.

Bastou fitá-la para a irritação de Brody desaparecer. Afinal, ele sempre quis ter uma irmã, e agora tinha uma. Sentia a mesma afeição por Melissa, a esposa de seu primo Steven, mas não a via todos os dias pelo fato de Steven, a mulher e os três filhos viverem em Stone Creek, Arizona.

– Será que Conner o enviou para saber como estou, Brody Creed? – inquiriu Tricia em tom suspeito e bem-humorado. Inclinando a cabeça para o lado, cruzou os braços, antes de pousá-los sobre a impressionante barriga.

Pelo canto do olho, Brody viu Carolyn se virar. O cabelo loiro balançou com o movimento, roçando-lhe os ombros. Depressa, ela se ocupou com as coisas sobre a bancada.

– Brody? – insistiu Tricia enquanto ele tentava desembaraçar a língua.

– A ideia de vê-la quando viesse à cidade foi minha – respondeu ele por fim, esboçando um sorriso torto. – Acho que Conner não se oporia, apesar de tudo – acrescentou, virando a aba do chapéu com ambas as mãos, como algum herói tímido de um filme antigo de *bang-bang*.

Tricia abriu um largo sorriso e lançou um olhar na direção de Carolyn.

Ouviu-se o ruído do abridor de latas e de uma panela sendo colocada sobre o queimador.

Brody suspirou.

– Almoça conosco? – perguntou a cunhada.

Carolyn sentiu as costas enrijecerem no instante em que a amiga proferiu aquelas palavras. Brody parecia divertido e confuso ao mesmo tempo, enquanto ela cortava fatias de pão para começar a preparar dois sanduíches de mortadela. Empregava tanta força à tarefa que dava a impressão de estar usando uma furadeira.

Após decidir que já despertara má vontade demais por um dia, ele fez uma negativa com a cabeça.

– É melhor eu voltar para o rancho. Estamos substituindo os arames ao longo de algumas cercas.

– Oh! – murmurou Tricia. Parecendo um pouco decepcionada, dirigiu-se à mesa, com passadas lentas, e puxou uma cadeira ao mesmo tempo em que Brody a puxou para ela, e afundou no assento.

– Ei – disse ele, preocupado. – Você está se sentindo bem?

Tricia suspirou.

– Talvez esteja um pouco cansada – confessou. – Não é nada de mais.

Diante disso, Carolyn parou de colocar alimentos aqui e acolá e se virou, a fim de olhar para Tricia.

– Acho que você deveria ir para casa e descansar. Esta manhã foi uma loucura, e já fizemos inventário das obras por alguns dias agora.

– E deixá-la arrumando a loja e reabastecendo as prateleiras sozinha? Isso não seria justo.

– Posso lidar com isso – disse Carolyn. A voz soou normal, mas Brody podia sentir a irritação dela por toda parte, como um porco-espinho se preparando para disparar espinhos em todas as direções. É claro que ela não se dignou a olhar em sua direção. – E, de qualquer forma, gostaria de fechar a loja mais cedo hoje. Desse modo, posso fazer a contabilidade e, em seguida, colocar o acabamento naquela saia cigana em que estive trabalhando. Depois vou publicá-la no site.

Brody não conhecia nem se importava com uma saia cigana. Estava se sentindo à margem da conversa, como se tivesse ficado transparente ou simplesmente desaparecido por inteiro.

Indignado, clareou a garganta.

Tricia não olhava para ele, e tampouco Carolyn.

O gato, no entanto, dirigiu-lhe um olhar cor de âmbar, fazendo-o se sentir afrontado mais uma vez. Jamais conhecera um bicho que não gostasse dele de imediato, até aquele dia.

– Está bem – disse Tricia após alguns momentos, parecendo alegremente pensativa. – Vou tirar a tarde de folga. Mas só se você prometer que não vai ficar até a meia-noite costurando miçangas e fitas naquela saia.

– Prometo – disse Carolyn depressa.

Talvez, segundo seus cálculos, persuadir Tricia a ir para casa fosse a melhor e mais rápida maneira de se livrar *dele* também.

Brody sentiu os dentes de trás rangerem.

– Tudo bem então – admitiu Tricia. – Acho que posso ir tirar uma soneca. – Com isso, dirigiu-se à outra sala, talvez em busca de sua bolsa. Brody e Carolyn voltaram a ficar sozinhos, ainda que por pouco tempo.

No fogão, a sopa começou a ferver e a espirrar para fora da lata, caindo sobre o queimador e provocando um cheiro desagradável.

Em um impulso, Brody se moveu para retirar a panela em banho-maria do fogo, e Carolyn fez o mesmo.

Os dois colidiram de lado, forte o suficiente para que ela tropeçasse e ele a segurasse pelo braço, em uma reação instintiva para equilibrá-la.

Ao tocá-la, sentiu o contato eletrizante daquele corpo, como o espiral de um relâmpago, saindo de algum lugar dentro de Carolyn para penetrar em algum lugar em *seu* interior.

De imediato, ambos ficaram estáticos.

Brody relaxou os dedos para libertá-la do seu aperto.

Ela sacudiu o braço para se desvencilhar.

E Tricia estava de volta à cozinha, percebendo tudo.

Embora ambos já não estivessem se tocando fisicamente, Brody tinha a impressão de ter se fundido a Carolyn de algum modo inexplicável.

O próprio ar da sala parecia tremer.

– Vou levá-la para casa – ele conseguiu dizer a Tricia, sua voz soando gutural.

– Vou para casa *sozinha* no meu carro – respondeu ela em um tom amigável, mas firme. Da mesma forma que os *outros* Creed, não adiantava discutir com ela. – Não quero deixar a Pathfinder para trás, e, de qualquer maneira, já lhe *disse* que estou me sentindo bem.

Carolyn fitou a amiga com um sorriso hesitante.

– Dirija devagar, está bem?

Tricia assentiu enquanto caminhava em direção à porta dos fundos. Ao passar pelo fogão, notou a sopa derramada. Sorriu e meneou a cabeça.

Brody percebeu sua expressão, porque acabara de passar por ela para girar a maçaneta. Onde nascera, em Lonesome Bend, os homens costumavam abrir a porta para uma dama. E aquela dama, em particular, estava se esforçando para não rir.

Sentiu o pescoço queimando enquanto permanecia lá, segurando a porta aberta para a esposa do irmão, com plena consciência de que a cunhada tirara algum tipo de conclusão feminina descabida sobre ele e Carolyn.

Contraíu a mandíbula de novo e esperou.

DEPOIS QUE Brody e Tricia partiram e se encontravam longe o suficiente para não ouvi-la, Carolyn deixou escapar um gemido alto de pura frustração.

Os sanduíches estavam esmagados. A maior parte da sopa de tomate com macarrão em formato de estrelinha, sua favorita, esparramara-se sobre a superfície do fogão. O restante ficou grudado no fundo da lata.

Mas isso era irrelevante, porque não sentia a mínima fome agora, graças a Brody Creed.

Winston, tendo terminado o repasto de sardinha, sentou-se, fitando-a, com a cauda balançando de um lado para o outro. O nariz delicado brilhava com óleo de peixe, e a pequena língua rosa o lambia.

Com sua dignidade cômica e o casaco de pelos finos e pretos, o gato a fez lembrar, de repente, de um eficiente mordomo inglês, supervisionando as

ações em alguma mansão ancestral. O pensamento fantasioso a fez rir, e isso relaxou a maior parte da prolongada tensão pós-Brody.

Franziu a testa para a frase de efeito: pós-Brody. Em vários aspectos, aquele simples termo definia sua vida nos últimos sete anos. Se pelo menos pudesse voltar no tempo, para a época anterior a Brody, e fazer uma escolha diferente...

Que ideia mais tola, decidi.

Resoluta, limpou a sujeira da sopa, encheu a panela com água e deixou-a de molho na pia. Em seguida, embrulhou os sanduíches achatados, um a um, e os colocou na geladeira. Quando e se o apetite voltasse, a comida estaria pronta.

Winston continuou a observá-la com aquele ar curioso e sereno enquanto ela terminava o trabalho e voltava à loja.

O gato a seguiu. Onde quer que ela se encontrasse na casa, o felino estava em algum lugar próximo.

Carolyn arrumou as mesas expositoras, abastecendo-as com mais sabonetes de leite de cabra, papel artesanal e o último dos aventais com babados, estilo retrô, que se tornaram tão populares que ela mal conseguia acompanhar a demanda.

Tarefa concluída, enfiou os recibos do dia em um saco com zíper, cortesia do *Cattleman First Bank*, verificou com atenção se a porta da frente estava trancada e se não havia clientes à vista se aproximando. Por fim, subiu para o seu apartamento.

Toda vez que entrava naquela cozinha airosa, fosse a partir da escada interna, como agora, ou da externa, sentia um sereno regozijo, uma espécie de exultação no coração.

Alugara o apartamento de Natty McCall por uma módica quantia simbólica, que era tudo que podia pagar, então o imóvel não era *realmente* seu. Ainda assim, tudo ali, por mais modesto que fosse, significava um lar para ela.

Claro, às vezes a solidão apertava, em especial quando a loja estava fechada. Mas não era o mesmo *tipo* de solidão que sentia na época em que

estava sempre se mudando de uma casa para a outra e seu endereço se resumia a “Remessa Geral, Lonesome Bend, Colorado”.

A ironia do nome da cidade não passara despercebida a Carolyn. Acabara parando ali por acaso, pouco mais de oito anos atrás, quando seu carro enguiçou ao longo de uma escura estrada de terra, deixando-a encalhada.

Seus inusitados salvadores, Gifford Welsh e Ardith Sperry, ambos famosas estrelas de cinema, passavam no local e pararam para ajudá-la. No fim, lhe ofereceram a casa de hóspedes atrás da mansão deles, um refúgio a quase três quilômetros de distância da cidade. Após verificarem muito bem seus antecedentes, o casal a contratara como babá da filha deles de três anos de idade, Storm.

Carolyn amava o trabalho e a criança. A maior parte do tempo, ela e Storm ficavam na casa de Lonesome Bend enquanto Gifford e Ardith cruzavam o globo, às vezes juntos, às vezes, separados, estrelando filmes que, invariavelmente, eram nomeados para o Oscar e Globos de Ouro.

Embora jamais tivesse a pretensão de fingir que Storm era sua filha, ela e a menina nutriam um profundo amor uma pela outra.

Para Carolyn, a vida jamais fora tão boa, pelo menos naquele último ano, até a noite em que Gifford Welsh bebeu demais no jantar e decidiu que deveria se divertir com a babá.

Chocada, recusou na hora. Oh, não havia como negar que Welsh era atraente. Estampara a capa da *People* como o homem mais sexy do mundo não apenas uma, mas duas vezes. Era inteligente, charmoso e espirituoso, para não mencionar rico e famoso. Ela via todos os seus filmes e os amava.

Mas o homem era casado. Era pai.

Essas coisas eram importantes para Carolyn, mesmo que o patrão, temporariamente, ignorasse tais detalhes. Nessa época, a esposa estava no set de filmagens em algum lugar no Canadá.

Após repudiar seus avanços, ela pediu demissão, embalou seus pertences e, assim que uma amiga chegou para ser a nova babá de Storm, deixou aquela casa para sempre.

Dentro de alguns meses, a propriedade foi vendida para o fundador de uma empresa de software, e Gifford, Ardith e Storm, segundo as notícias,

compraram um extenso rancho em Montana, jamais voltando a colocar os pés em Lonesome Bend.

Mesmo agora, anos depois, de pé na cozinha do apartamento, Carolyn lembrava como fora difícil e doloroso deixar Storm para trás. A dor voltava, como um golpe em seu plexo solar, toda vez que se lembrava de como a menina correria atrás de seu carro, chorando e gritando: *Volte, Carolyn! Carolyn, volte!*

Antes disso, bem antes, outra menininha perseguira freneticamente outro carro, tropeçando, caindo, esfolando os joelhos, levantando-se e correndo novamente.

E os gritos dessa criança não foram muito diferentes dos de Storm.

Mamãe, volte! Por favor, volte!

– Respire fundo – Carolyn disse a si mesma em um tom firme. – Você é uma mulher adulta agora. Então, aja como uma.

Na verdade, *era* uma mulher adulta. Mas a criança que fora um dia ainda vivia em seu interior, ainda se perguntava, mesmo depois de vinte e cinco anos, para onde sua mãe fora após deixá-la em um lar adotivo.

– *Miau* – manifestou-se Winston, agora empoleirado sobre a mesa da cozinha, onde, sem dúvida, não deveria estar.

– *Miau?*

Carolyn deu uma risada, fungou e afagou a cabeça do animal, antes de enxotá-lo com suavidade para fora da mesa. No instante seguinte, o gato pulou no largo peitoril da janela, seu ponto de vigia favorito.

Seguindo sua mania de organização, Carolyn afastou a máquina de costura portátil para o lado, substituiu a toalha de mesa por uma com uma trama simples e lavou as mãos na pia.

A saia cigana, projeto criativo do momento, estava pendurada em um gancho na parte interna da porta do quarto, bem protegida com um saco plástico, salvo da tinturaria.

Após pegar a peça, estendeu-a ao longo da mesa do lado da máquina de costura e, em silêncio, se deleitou com a beleza da roupa.

A saia comprida era de crepe preto, mas que mal aparecia, devido às várias miçangas e rendas multicoloridas que ela costurara no tecido em

camadas suaves. Despendera dias na sua concepção, *semanas* costurando-a, desfazendo e tornando a costurá-la.

Agora estava um primor, cheia de brilho e movimento. O tipo de traje que mulheres originais, como Ardith Sperry, usariam para ir a estreias e cerimônias de premiação.

No entanto, não a fizera sob medida para uma estrela de cinema. O manequim era algo entre os tamanhos 42 e 44, com bastante tecido sobrando, o que permitiria um ajuste personalizado.

Carolyn, manequim 40 desde a idade de 17 anos, moldara a saia de modo intencional, para atender a uma pessoa maior do que ela, pela simples razão de que, se pudesse usá-la, desfazer-se dela estaria fora de questão.

Vinha fazendo sacrifícios intencionais como esse desde que aprendera a costurar, em seu segundo ano de ensino médio. Após saber o básico, não precisou de padrões. Desenhava quase a partir do primeiro dia, media e voltava a medir o tecido, cortava e costurava.

E depressa ganhou notoriedade. Enquanto outras meninas trabalhavam como babás ou vendedoras de hambúrgueres para conseguir um dinheiro extra, Carolyn confeccionava roupas exclusivas e as vendia assim que acabava de costurá-las.

Eram *duas* coisas que sabia fazer muito bem, percebeu ao recordar, com uma emoção que ainda podia sentir. Tinha também uma grande afinidade com cavalos, parecia que já nascera sabendo montar.

Ao longo dos anos, a maioria dos seus lares adotivos ficava em áreas rurais ou semirurais, onde sempre parecia haver alguém disposto a negociar uma cavalgada em troca de uma limpeza no curral. Montara todos os tipos de cavalos, embora nunca tivesse um que pudesse chamar de seu.

Determinada a não desperdiçar mais um segundo com seus devaneios, deixou o humor reflexivo de lado e pegou a saia outra vez. Tão logo a retirou, com cuidado do invólucro de plástico, ergueu-a para que pudesse admirar todos os adornos e o brilho das contas de cristal.

Era bobagem, supôs, mas *cobiçava* aquela saia.

Além do dinheiro que a venda geraria, do qual, como sempre, necessitava, onde *usaria* uma roupa assim? Vivia de calça jeans, camiseta de

algodão e botas campeiras por uma boa razão: era uma peoa de coração, e não uma atriz famosa ou a esposa de um executivo ou modelo de capa de revista para usar algo *glamouroso*.

Com um suspiro, colocou a saia de volta no gancho da porta do quarto. Longe dos olhos, longe do coração.

Caminhou até a pequena mesa que Tricia deixara para trás ao se mudar para o racho e ligou o laptop. Enquanto a máquina mágica emitia seus diversos ruídos eletrônicos, Carolyn aqueceu um copo de água no micro-ondas para preparar um chá.

Winston, no peitoril da janela, ainda mantendo sua vigília do pátio lateral, emitiu um miado suave e balançou a cauda como um pêndulo em rotação. Os pelos se eriçaram, mas as orelhas se curvavam para frente em vez de para trás, em uma atitude que não exprimia raiva. Enquanto ela tentava decifrar a linguagem corporal do animal, ouviu alguém se aproximar da escada externa.

Uma silhueta parecida com a de Brody surgiu no vidro oval e fosco da porta.

Mas, antes que ele pudesse bater, Carolyn abriu a porta.

– Não acredito nisso! – disse ela.

No peitoril da janela, Winston também expressou seu descontentamento com outro estranho miado.

– Qual é o problema do gato, afinal? – perguntou Brody franzindo a testa enquanto passava por Carolyn, gracioso como uma onda de fumaça.

Ela fechou a porta com força.

– Winston é um gato muito exigente – respondeu, conferindo rispidez à voz.

Brody suspirou, e quando Carolyn se forçou a virar e fitá-lo, ele estava olhando para Winston com uma expressão de descrença no belo rosto.

– Ele gosta do Conner?

Carolyn hesitou. Brody deixava seus nervos em frangalhos a cada vez que o encontrava, mas não o odiava. Não o tempo todo, era verdade. E tampouco gostava de fazê-lo se sentir mal.

– Sim – respondeu por fim. – Mas não deve encarar isso como algo pessoal.

– Para você, é fácil falar.

– Tricia está bem, não é? – Era isso, decidiu. Ele fora até ali lhe trazer más notícias. Que outro motivo o faria deixar o rancho, onde deveria estar colocando arames novos nas cercas, junto com Conner e seus empregados?

Brody devia ter percebido o alarme nos olhos dela, porque assentiu depressa com a cabeça. Segurando o chapéu em uma das mãos, deslizou a outra pelo vasto cabelo louro e suspirou de novo.

Em um flash ardente, ela se recordou da sensação daquela boca em sua pele.

– Até onde sei, ela está tirando uma soneca. – Outro sorriso cintilou nos olhos de Brody e curvou um dos cantos de sua incrível boca. – Assim que Tricia chegou, Conner decidiu que estava um pouco cansado também. Essa foi a dica para eu me tocar que estava sobrando.

Carolyn sentiu o rosto ardendo, mas não pôde evitar um sorriso.

– Com certeza – concordou. E, em seguida, esperou. Brody teria que explicar o motivo que o trouxera até ali.

Os notáveis olhos azuis pareceram escurecer ao fitá-la, e o círculo cinzento em torno das íris se ampliou.

– Sei que a palavra não significa muito – começou ele, por fim. – Mas estava falando sério quando disse que fiquei chateado com a maneira como as coisas terminaram entre nós.

De repente, Carolyn sentiu uma imensa vontade de chorar. E isso era um sinal de fraqueza, uma indulgência que raras vezes se permitia. Durante toda a vida, tivera que ser forte, por uma questão de sobrevivência.

Angustiada, engoliu com dificuldade e ergueu o queixo de leve.

– Tudo bem. Você está certo. Devemos... esquecer tudo isso. Agir como se nunca tivesse acontecido. – Ela estendeu a mão, do modo como teria feito para selar um acordo comercial. – Combinado?

Brody olhou para a mão e depois para o rosto dela.

– Combinado – respondeu com a voz grave. E, no momento seguinte, beijou-a.

Carolyn sentiu as coisas desmoronando em seu interior e, por mais que o beijo fosse bom, não estava disposta a ceder nem um centímetro da base emocional que adquirira após o cataclismo que fora Brody Creed.

Livrando-se dos braços que a envolviam, colocou alguns passos entre ambos. Em seguida, recuou um pouco mais.

Brody apenas a fitou, com um dos cantos da boca curvados para cima, com um ar de “*era o que eu imaginava*” brilhando nos olhos.

Atordoada, não apenas por sua audácia, mas também pelo que ele a fez sentir, Carolyn tocou os lábios, como se reaprendendo seus contornos após uma longa ausência do próprio corpo.

– Não se atreva a dizer que sente muito.

Brody riu ao abrir a porta para sair.

– Oh, acredite em mim. Não estou nem um pouco arrependido. Não por esse beijo, de qualquer maneira. – Seu olhar se dirigiu a Winston, que o observava do peitoril da janela, as orelhas para trás, os pelos eriçados. – Até mais, gato – acrescentou. – Por enquanto.

Então se foi. Tão rápido que ela teve a impressão de ter imaginado aquela visita. Mas, ao mesmo tempo, tinha certeza que não.

Depois disso, sua concentração evaporou.

Esperou até que Brody tivesse tempo de sobra para chegar ao carro. A seguir, desligou o computador, pegou um casaco de veludo azul leve, a bolsa e as chaves do carro.

Costurar estava fora de questão, assim como fazer a contabilidade da loja. Com os nervos à flor da pele, não dava para ficar parada ou até mesmo continuar ali dentro.

Decidiu ir até o rancho dos Creed, preferindo um trajeto mais longo, seguindo por estradas secundárias e trilhas irregulares para evitar cruzar com Brody pelo caminho.

Após cerca de quarenta minutos, chegou à casa de Kim e Davis. Estacionou ao lado do celeiro, saiu e ficou parada junto ao carro por alguns momentos, debatendo consigo mesma. Ela e Kim eram boas amigas, realmente deveria bater na porta e dizer, pelo menos, “olá”.

Porém, a casa, enorme e rústica, a fez sentir um estranho sentimento de vazio. Além do mais, não estava com vontade de conversar. Kim era perspicaz. Só de olhar para ela, perceberia que algo a incomodava.

Como tinha permissão para montar qualquer um dos cavalos dos Creed à hora que quisesse, com exceção do garanhão puro-sangue, Firefly, podia ir em frente e selar um dos outros animais sem precisar de autorização.

Segundo Davis, Firefly, um magnífico alazão, era “cavalo demais” para alguém que não possuísse a experiência de um jóquei. Ao ficarem sabendo que o animal estava prestes a ser sacrificado, porque seus dias de corrida haviam acabado e, sendo castrado, não podia ser aproveitado para reprodução, Kim e Davis engataram um reboque atrás da caminhonete e foram até o Kentucky resgatá-lo.

Ao passar pelo curral, uma área cercada tão grande quanto muitas pastagens, deteve-se para admirar Firefly, que desfrutava do espaço todo para si naquela tarde fria, mas ensolarada. Imponente contra o azul do céu, sua beleza era de tirar o fôlego.

Ficou extasiada ao vê-lo erguer a grande cabeça e, em seguida, se aproximar dela com passadas lentas.

Carolyn estendeu o braço para afagar o nariz aveludado do animal. Quando planejava montar, costumava enfiar algumas cenouras nos bolsos do casaco antes de sair de casa. Naquele dia, porém, tomara a decisão por impulso, como uma reação intempestiva ao beijo de Brody, tinha que admitir.

– Desculpe, amigo – disse ela ao ex-cavalo de corrida. – Nada de cenouras hoje, mas vou me lembrar de trazê-las da próxima vez.

Firefly balançou a cabeça, como se expressando sua compreensão, e Carolyn se sentiu mais relaxada. Para ela, havia algo de terapêutico nos cavalos. Quando criança, limpando baias e empilhando fardos de feno para obter privilégios de equitação, sentia-se melhor só por estar junto deles.

– Gostaria de poder montá-lo – disse ela ao ex-campeão. – Mas você está além da minha capacidade.

O cavalo esticou o pescoço comprido sobre o trilho superior da cerca, e ela afagou-o afetuosamente antes seguir em frente.

Além de ir até ali para cavalgar quando seu humor exigia e o tempo permitia, passava muito tempo naquele lugar cuidando da casa e dos cavalos quando Davis e Kim estavam fora em suas frequentes viagens. Tudo no celeiro lhe era bastante familiar. Na verdade, descobrira que, se ficasse cega, ainda seria capaz de ir direto à sala de aderência, pegar a sela e as rédeas que Kim havia lhe dado e deixar a égua malhada, Blossom, pronta para ser montada.

O animal conhecia de cor cada trilha daquele rancho. Blossom cruzava os riachos sem recuar e era mais segura do que as éguas que transportavam turistas nos desfiladeiros do Grand Canyon. Cobras e coelhos não a assustavam. Jamais tivera conhecimento de que a égua resistira ou disparara com um cavaleiro. Blossom, de pé em sua baia, cumprimentou-a com um relincho sociável.

Cinco minutos depois, as duas estavam sob o céu infinitamente azul. Ela puxou um estribo para garantir que a cilha ficasse apertada o suficiente e depois montou.

Uma vez sobre a sela, seus nervos abalados começaram a se restabelecer. A frequência cardíaca diminuiu, a respiração se acalmou, e a boca se curvou em um sorriso.

Conduziu Blossom até as colinas verdes, na direção oposta da sede do racho e para longe da pastagem, ainda querendo evitar Brody, se possível. Fora isso, permitiu que a égua traçasse seu próprio percurso.

Blossom seguia em um ritmo vagaroso, parando para beber no riacho gelado e sinuoso antes de atravessá-lo em direção ao prado elevado, um dos lugares preferido de Carolyn.

Lá, flores do campo amarelas, rosa, azuis e brancas cresciam em profusão, e a relva era alta e exuberante. A partir do cume, não só era possível avistar o rio, mas também Lonesome Bend, mais além.

A casa nova e o celeiro de Brody, ambas construções consideráveis, pareciam brinquedos a distância. Os operários não eram maiores que formigas, movendo-se sobre a estrutura. Os sons da construção não chegavam até seus ouvidos, embora a égua fosse capaz de ouvi-los.

Blossom pastava alegre, sua recompensa por fazer a subida até o terreno elevado. Carolyn ficou em pé sobre os estribos, a fim de ver mais além. Havia a estrada que levava a Denver e pontos mais distantes.

Logo após o retorno de Brody a Lonesome Bend, no ano anterior, ela considerara reunir seus pertences e partir, para onde quer que o destino a levasse, como nos velhos tempos. Não tinha nenhum destino específico em mente.

Apenas algum lugar *afastado*.

Mas seu orgulho obstinado a salvou.

Adorava Lonesome Bend e o povo dali.

Tinha amigos, um cartão de biblioteca, uma conta na loja de ferragens local. Não era muito para os padrões da maioria das pessoas, supôs, mas, para ela, era importante. Partir significaria começar em outro lugar a partir do zero, e a ideia a atormentava.

Decidiu permanecer. Além disso, mais cedo ou mais tarde, Brody partiria, porque era o que ele sempre fazia.

Partia.

Contemplando a paisagem, Carolyn suspirou. Era difícil acreditar que ele não seguira seu padrão dessa vez. Em vez disso, comprara as propriedades que pertenceram ao pai de Tricia, Joe McCall, tornando-as parte do rancho da família.

Ainda assim, ficar fora do caminho de Brody não fora muito difícil no início, mesmo a cidade sendo tão pequena. Sem dúvida, ele também fizera o possível para se manter afastado *dela*. Mas, quando Tricia e Conner se apaixonaram, tudo mudou.

Como melhor amiga e sócia de Tricia, acabava sendo incluída em todas as reuniões no rancho dos Creed e, sendo eles um grupo sociável, que gostava de fazer passeios nos feriados ou aproveitar qualquer coisa que pudesse ser interpretada como uma ocasião especial, isso acontecia com bastante frequência. Mesmo nos raros meses sem um dia marcado em vermelho na página do calendário, parecia que havia sempre um piquenique, um churrasco, um passeio nas trilhas, uma reuniãozinha com petiscos ou algum tipo de diversão.

Na maioria das vezes, Carolyn participava das festas e fazia o possível para se divertir. Mas Brody, inevitavelmente, estava sempre por perto, em algum lugar. Quase nunca a fitava ou lhe dirigia a palavra. Entretanto, marcava uma presença silenciosa, porém vibrante, que ela precisava se esforçar para ignorar.

E ainda assim isso lhe exigia um nível de concentração equivalente a caminhar descalça sobre brasas, como uma participante de algum seminário dinâmico.

Para ser franca, se ressentia por ter que fazer tal esforço. Mas, além de arrumar as malas e deixar a cidade sozinha, não lhe restavam muitas opções.

Continuava esperando ser capaz de esquecer Brody.

Superar a mágoa.

Parar de se preocupar com ele.

Até agora, isso não acontecera.

Carolyn gravou a paisagem na mente e no espírito enquanto levava ar aos pulmões.

Um falcão voou no céu, planando em uma corrente invisível de ar. Pequenos animais, ocultos pela relva, produziam sons indistintos.

E, sob tudo isso, ela ouvia o constante *tic-tac* de seu relógio biológico. Aos 32 anos, não era mais tão jovem.

Quanto tempo mais poderia se dar ao luxo de esperar que o destino fizesse seus sonhos de ter um lar e uma família se tornarem realidade?

Inclinou-se para afagar o pescoço suado de Blossom. Então, sacudiu a cabeça em resposta silenciosa à própria indagação.

Já perdera tempo demais à espera de um príncipe montado em um corcel branco como a neve surgir e levá-la para longe, onde poderiam ser felizes para sempre.

Certo, com certeza também esperava que um grande amor fizesse parte do pacote. Mas *vivera* uma paixão com Brody Creed durante uma semana e meia.

E aonde isso a levou? Ao clube dos corações partidos.

Era óbvio que o amor não *aconteceria* para ela, como em todos os contos de fadas que lia quando criança. Acontecia apenas para algumas pessoas.

Tricia e Conner e alguns outros. Mas essas eram, sem dúvida, pessoas afortunadas.

Resultado final: ela podia desejar tudo que quisesse, mas fazer esses desejos se tornarem realidade era responsabilidade sua. Ninguém usaria uma varinha mágica e faria as coisas acontecerem *para* ela.

Era hora de *agir*.

Com um movimento delicado, afastou as rédeas para que Blossom parasse de pastar e continuasse a cavalgada solitária.

Era resistente à ideia de se inscrever em um daqueles sites de namoro online, com medo de atrair um serial killer, um bígamo ou algum tipo de golpista existente na lista de “Procurados”.

Segundo as estatísticas atuais, vinte por cento de todos os relacionamentos românticos começavam por meio de sites na internet. Então, estava disposta a reconsiderar.

Ou, mais propriamente, *disposta* a ficar, *disposta* a reconsiderar.

Denver com certeza estava cheia de homens agradáveis à procura de uma parceira. Talvez houvesse mesmo alguns bons partidos em Lonesome Bend.

Não que precisasse de um médico, um advogado ou um cacique. Ficaria satisfeita com um homem maduro, adulto, com senso de humor e um emprego estável.

A palavra “satisfeita” de imediato causou-lhe um aperto no peito.

Respirou fundo mais algumas vezes enquanto ela e Blossom recomeçavam o trajeto de volta ao celeiro de Kim e Davis em um trote lento. Não estaria se inscrevendo para ser uma noiva por correspondência, lembrou a si mesma. Postar sua foto e uma breve biografia em um site de relacionamentos não era um compromisso para a vida toda. Apenas uma forma de fazer uma experiência.

– Você consegue – disse a si mesma com firmeza.

Agora, tudo que precisava fazer era começar a acreditar em seu próprio potencial.

Capítulo Três

BRODY OLHOU melancólico para a sua casa quase concluída enquanto desmontava do cavalo. O celeiro tinha baias e telhado, logo Moonshine possuiria um abrigo pelo menos.

Era crepúsculo, a hora mais solitária do dia.

Na cidade e no campo, onde havia uma dúzia ou mais de fazendas e ranchos, as pessoas estavam parando em suas caixas de correio no fim da estrada. Homens voltavam do pasto após um dia de trabalho para ser recebidos por esposas sorridentes, filhos barulhentos e cães latindo. O ruído de pratos, panelas e frigideiras batiam alegremente nas cozinhas, e os cheiros de comida caseira enchiam o ar.

Pelo menos, era assim na sua infância.

Naquela época, Kim assava pão e fritava frango em banha de boa qualidade. Fervia feijão verde com bacon e pedaços de cebola. O purê de batatas era feito com manteiga e leite verdadeiros. No fim do dia, sempre havia uma abundância de roupa para lavar na pequena lavanderia anexa à cozinha, uma vez que “seus homens”, Davis, Conner, Brody e, no verão, Steven, sujavam roupas como se não houvesse amanhã.

Com um suspiro, levou Moonshine para o quase concluído abrigo, colocou-o em uma das doze baias existentes e retirou-lhe a sela, as rédeas e a capa. Encheu o comedouro e se certificou de que o bebedouro estava

funcionando bem. Então, dedicou-se à escovação do animal, verificando seus cascos à procura de pedras ou espinhos. As luzes do teto ainda não haviam sido acesas, mas não precisava delas para fazer aquela tarefa. Cuidara de cavalos e outros animais durante toda sua vida. Era provável que fosse capaz de realizar a tarefa até mesmo em um estado catatônico.

Após afagar Moonshine em um dos flancos, saiu da baia e caminhou em direção à porta, que não passava de uma grande e obscura moldura de madeira, ainda cheirando a rezina. Retirou o chapéu para jogar a cabeça para trás e contemplar o céu.

Um tom púrpuro profundo, com nuances de cinza, preto e azul-marinho, se estendia até o infinito. Os últimos e desvanecidos raios de sol iluminavam as copas das árvores. A lua crescente um espectro do que fora visível durante toda a tarde, brilhava timidamente entre as primeiras estrelas.

Algo agriçoce o fez sentir uma inquietação no peito, uma emoção suave e áspera, feita de tristeza, alegria e um emaranhado de outros sentimentos que não sabia definir.

Perguntou-se como conseguira ficar longe de Lonesome Bend, daquela terra e de seu povo por tantos anos. Sua alma estava enraizada àquela terra como uma árvore invisível amarrada ao leito rochoso e atraindo-o, não importava onde quer que estivesse.

Era o único lugar em que desejava viver. Mas isso não significava que *estar ali* não o afligisse algumas vezes.

Julgando estar ficando um tanto piegas na velhice, sorriu, colocou o chapéu de volta na cabeça e ergueu a gola da jaqueta jeans contra o frio de uma noite de primavera naquela região montanhosa do campo. Em seguida, examinou a casa que projetara em sua mente desde quando se conhecia por gente. Desenhara o formato dos quartos umas mil vezes, em guardanapos de papel, de algum café na estrada. Ou no verso de um panfleto, anunciando algum rodeio em uma cidade pequena ou uma corrida de stock-car. Às vezes, até mesmo em papel comprado para essa finalidade.

E agora, ali estava, um esboço ganhando vida, tornando-se uma casa de verdade.

A questão era: será que algum dia também seria um *lar*?

Brody olhou em volta, fazendo um registro mental do que fora concluído e do que ainda estava por fazer. O piso já estava todo assentado, as paredes, erguidas, e o telhado, no lugar. A cozinha, coração de qualquer casa no campo, era espaçosa, com teto alto e claraboias. Havia lugar para um daqueles fogões enormes dos chefes, com múltiplos queimadores. A lareira maciça de dupla face, composta de pedras dos campos, dos pastos que circundavam Lonesome Bend e das margens do rio, estava pronta para fogos crepitantes.

Caminhou até o que viria a ser uma combinação de sala de estar e sala de jantar. Fez uma breve pausa para examinar aquele lado da lareira. Nessa parte da casa, as claraboias ainda estavam cobertas com plástico, o que deixava o brilho da lua um pouco sombrio. Mas as janelas em arco, com vista para o rio, forneceriam bastante claridade ao recinto durante o dia.

A casa tinha cinco quartos, além da suíte master, e quase o mesmo número de banheiros. Brody planejava preencher esses quartos com Creedzinhos peraltas o mais rápido possível. Contudo, *havia* um pequeno detalhe. Tinha que encontrar uma mulher primeiro. Era antiquado o suficiente para desejar que as coisas seguissem a ordem natural. Embora, é claro, quando se tratava de bebês, o primeiro podia vir a qualquer momento, como Davis gostava de dizer, desde que houvesse um casamento. Invariavelmente, ele acrescentava, os outros filhos demorariam os habituais nove meses para nascer, e Kim dava um soco no braço dele, de brincadeira.

O casamento de Kim e Davis era sólido, do tipo duradouro. O tipo que Brody queria para si. Só que também queria filhos.

Sorriu para si mesmo, na escuridão crescente de sua nova casa. Se Kim pudesse ouvir seu pensamento, com certeza diria que também *tivera* filhos. Brody, Conner e Steven.

Os três foram uma tarefa difícil, refletiu. Era provável que acompanhar o crescimento dos dois meninos e de um terceiro, quando o ano letivo terminava, tivesse sido o suficiente em termos de maternidade para Kim. De qualquer maneira, ela nunca reclamou, negou amor ou aprovação a nenhum deles. Não importava o quanto eles se comportassem mal. Mas também era rigorosa.

Corais, trabalhos de casa e da igreja aos domingos eram inegociáveis, bem como a hora de dormir, até todos ficarem adolescentes. Brigas eram permitidas, até consideradas como uma parte do crescimento. Mas deviam ser travadas do lado *de fora*.

É claro que Davis costumava atuar como árbitro, embora fosse sempre sutil.

Intimidações, entre si ou com outros, era o maior tabu. Era o tipo de infração que garantiria uma viagem aos lenheiros, Davis lhe dizia.

Nenhum deles jamais acabara lá, mas com certeza todos tiveram sua cota de dedos esfolados e narizes sangrando ao intercederem quando as crianças na escola perseguiram alguém.

Perdido em pensamentos, Brody aquietou a mente.

De súbito, Carolyn Simmons surgiu em seu cérebro. Ela possuía um jeito de fazer isso. O que era uma perda de tempo, já que a mulher tinha tanta utilidade para ele quanto um cavalo castrado para reprodução. Mas também, quem poderia culpá-la depois do que ele fizera?

Inclinou-se contra o que fora um dia uma parede, retirou o chapéu e abaixou a cabeça.

Jamais tivera intenção de ferir Carolyn, e foi sincero ao se desculpar. Era muito jovem e tolo na ocasião. Naquela noite, ao receber o telefonema de Lisa, sua namorada à época, com a voz chorosa e aflita, entrara em pânico.

Foi simples assim.

– Estou grávida – anunciara Lisa. – O bebê é seu, Brody.

Após se acalmar um pouco, ela acrescentou que não nascera para criar um bebê sozinha e que também não estava disposta a entregar uma criança inocente a um errante de rodeios como ele. Não. Queria que o filho tivesse uma mãe e um pai e crescesse em uma casa, e não em uma série delas. Ameaçou que, se ele não se casasse com ela, e bem rápido, falaria com um advogado que tratava de adoções.

Brody não discutira o assunto com Conner ou com Davis e Kim, porque estava afastado de todos naquela época. Na verdade, se certificara de que eles não estivessem por perto antes de reaparecer no rancho, precisando desesperadamente de um esconderijo, um lugar para lambe as feridas.

E tampouco tocara no assunto com Carolyn. Não sabia o que lhe dizer.

Embalou seus equipamentos e, uma hora depois de sua conversa com Lisa, colocou os pertences na caminhonete.

Carolyn, ainda corada pela noite de amor que haviam passado juntos, sorriu sonolenta quando ele se inclinou e beijou-a de leve na testa. Exceto por um bilhete, rabiscado às pressas que deixou ao lado da cafeteira, sobre a bancada ao lado da porta dos fundos, aquele beijo foi tudo que conseguiu fazer para se despedir.

Não havia como mascarar a verdade. Nem na ocasião, nem depois. Ele pulara fora.

E fim da história.

Porém, durante toda a longa viagem a caminho de San Antonio, onde Lisa vivia à época, era Carolyn quem lhe assombrava a mente e o coração, não a mulher para quem estava indo naquela caminhonete velha, não a vida que teriam juntos, ele, Lisa e o bebê.

Antes daquele telefonema, estava prestes a dizer a Carolyn que a amava, que queria se casar com ela e iniciar uma família tão logo se estabelecesse.

Planejava fazer as pazes com os parentes também, e se eles o aceitassem, construir uma casa no rancho.

Felizmente, Brody refletiu, lembrando suas antigas e honráveis intenções, tivera bom senso suficiente para evitar aquele impulso. Afinal, ele e Carolyn se conheciam há apenas dez dias. Não era tempo suficiente para que nada de concreto começasse.

Ao chegar a San Antonio, dirigiu-se à pequena casa alugada de Lisa, colocou os poucos pertences dela na traseira da caminhonete e os dois rumaram para Las Vegas. Dentro de alguns dias, se tornaram marido e mulher, partindo em seguida para acompanhar os rodeios.

Eram felizes juntos, supôs Brody. Especialmente após a chegada do bebê. Embora o casamento não tivesse curado sua paixão por Carolyn.

Estava com Lisa há cerca de um mês quando, numa noite, em um bar decadente, depois de muita cerveja, com alguns companheiros de rodeio, procurou um telefone público e discou o número de Davis e Kim, sem esperanças de que Carolyn atendesse.

A essa altura, ela certamente já teria terminado sua temporada como caseira e seguido em frente. Mas ele precisava tentar. Se Kim atendesse, lhe perguntaria como encontrar Carolyn. Fora isso, não fazia a mínima ideia de como entrar em contato com a mulher que ele ainda amava.

Milagrosamente, porém, Carolyn atendeu a ligação. O tio e a tia estavam na estrada mais uma vez, ela dissera e, em seguida, ficou em silêncio, esperando uma explicação.

Era o que ele pretendia fazer, mas isso não aconteceu. Sentiu a língua presa e as palavras morrerem na garganta. No fim, tudo que conseguiu dizer foi a inadequada frase de sempre: *sinto muito*.

Carolyn batera o telefone na sua cara, e com razão. Brody ficara no corredor do bar mal-afamado, com a mão ainda no receptor e a testa contra o grafite que recobria a parede. Sentia como se tivesse levado um soco no estômago.

Depois daquela noite, reduziu seu consumo de álcool. Sabia que Lisa o amava e decidiu, naquele momento, se empenhar para retribuir o seu amor. Mesmo que isso o torturasse.

Foi necessário algum esforço, mas *conseguiu* se dedicar à jovem esposa, especialmente depois que o filho, Justin, nasceu. Bastou olhar para o menino e teria feito tudo, *desistido* de tudo por aquela criança.

E *abrir a mão* de coisas, as quais acreditava não poder viver sem.

Carolyn.

Do velho e desgastado sonho de voltar para casa, de se acertar com a família e se estabelecer como fazendeiro. Queria mostrar Justin ao seu povo, mas temia fazer uma besteira e correr para os braços de Carolyn. Então, manteve-se afastado.

Sem dúvida, se arrependeria dessa escolha, em particular, para sempre, porque, três semanas antes de Justin fazer dois anos, a criança morreu em um acidente de carro junto com Lisa.

A dor da lembrança continuava forte e quase o aniquilou, mesmo agora. Abandonara os rodeios após o acidente, entregando-se à bebida durante um ano inteiro.

Por fim, parou de beber, mas ficou revoltado com o mundo e envergonhado. Por mais que sentisse falta de sua casa e da família, negava-se a voltar, como uma espécie de autopunição, supôs.

Se não estivesse montando touros, seria ele a dirigir naquela noite de neve, não Lisa. Poderia ter se desviado do motorista bêbado que fizera uma ultrapassagem indevida.

E, se tivesse trazido a esposa e o filho para casa, para o lugar a que pertenciam, a maior tragédia de sua vida poderia ter sido evitada.

Fora tudo uma questão de escolhas, refletiu, forçando-se a retornar ao presente.

O passado era passado. Um homem tomava decisões e tinha que aguentar as consequências, quer fossem boas, ruins ou indiferentes.

Brody endireitou os ombros e caminhou em direção à pequena estrutura de toros, onde vinha se alojando há um bom tempo.

Acendeu as luzes ao transpor o limiar, mas duas das três longas lâmpadas fluorescentes na luminária do teto estavam queimadas, a terceira piscava ameaçadoramente, e o ambiente aparentava melancólico.

Os móveis originais não existiam mais, com exceção do longo balcão usado para fazer registros dos campistas, quando Joe McCall ainda dirigia o *River's Bend*, e o antigo forno a lenha.

Brody dormia em uma cama dobrável, que pegara emprestado de Kim e Davis e que nunca era feita, já que ele e Joleen estavam em uma fase “morna” do envolvimento ocasional entre os dois. Dispunha de um chuveiro instalado no pequeno banheiro e mandava lavar a roupa na lavanderia *Wash-and-Go* na Main Street ou no rancho. Possuía um fogão de duas bocas e um frigobar com um micro-ondas do tamanho de uma caixa de fósforos por cima. Seu computador de mesa servia como TV, DVD player e qualquer dispositivo de comunicação. Usava um telefone celular quando precisava dizer algo a alguém. Ou então ia falar pessoalmente, cara a cara.

O pai de Tricia costumava se referir ao lugar como “alojamento”.

Brody o chamava de “cabana de madeira” ou “buraco fedorento”, dependendo de seu estado de espírito.

Naquela noite, apesar de se esforçar para alterar seu humor, era “buraco fedorento”.

ELE A *beijara*.

Por mais que tentasse, mesmo após o passeio com Blossom e o sinuoso caminho de volta à cidade, Carolyn não conseguia esquecer que Brody Creed tivera o descaramento, a *audácia* de procurá-la e *beijá-la*, depois de tudo que lhe fizera.

– Inacreditável! – disse ela a Winston na cozinha do apartamento enquanto colocava a porção de ração noturna à frente do gato. – O homem é *inacreditável*.

– *Miau* – concordou Winston, mas caminhou direto para o prato de comida.

Carolyn vestiu a camiseta, uma manga, depois a outra, ainda agitada. Estava com fome, mas não o suficiente para cozinhar. Lembrando-se dos sanduíches de mortadela que fizera para o almoço, desceu a escada, pegou-os na geladeira da ex-cozinha de Natty e voltou a subir.

Guardou um deles em sua própria geladeira, talvez o comesse no café da manhã do dia seguinte, e lentamente removeu o plástico do outro.

Winston continuava comendo a ração.

Após lavar as mãos, Carolyn se sentou em uma cadeira junto à mesa, com a máquina de costura, a correspondência do dia e uma xícara fria de chá de ervas.

– Estou falando com um gato – disse ela a Winston, que sequer desviou os olhos do prato de ração para fitá-la. – É patético. – Abocanhou alguns pedaços do sanduíche e o achou empapado e insípido. As crostas do pão estavam um pouco enroladas também. Nada a deixava mais calma. Mas, afinal, a refeição não se tratava de um jantar fino. Servia apenas para fazer seu estômago parar de reclamar. – *Eu* sou patética. E quer saber de uma coisa? Não estou mais perto de alcançar meus objetivos do que estava no ano passado, ou no ano retrasado.

Winston por fim parou, lançou-lhe um olhar de desaprovação por falar com a boca cheia e acabou com os últimos grãos da ração.

Carolyn lhe ofereceu parte do seu sanduíche, mas o gato não era muito ávido por alimentos de humanos, com exceção de sardinhas, e já havia comido sua cota diária.

– Você tentou me avisar, não é? – ela continuou falando enquanto jogava os restos do jantar no lixo e lavava as mãos mais uma vez. Colocou um pouco de loção na palma das mãos e esfregou o produto com vigor. – Deixou sua opinião sobre Brody Creed absolutamente clara, mas não prestei atenção, nem ergui minhas defesas.

– Miiiaau! – miou Winston cansado.

– Isso é ridículo – disse Carolyn, dirigindo-se a si mesma agora, em vez de ao gato. Falar sozinha era melhor que falar com um animal de estimação? Pelo visto, dava no mesmo. – Tenho que me controlar. Fazer algo construtivo.

Winston, agora enrolado em sua confortável cama, bocejou, envolveu o corpo com a cauda, com a graça típica dos felinos, e cochilou.

– Estou aborrecendo você? – ela perguntou docemente. Em seguida, sem obter resposta, naturalmente riu, afastou as mãos dos quadris e deixou-as deslizar pelo brim da calça jeans. – Por certo, estou aborrecendo a *mim mesma*. Aproximou-se do laptop, recuou a cadeira e se sentou. Então, pressionou o botão e esperou.

Talvez pudesse encontrar um site útil. Quem sabe *getalife.com*, ou algo nesse sentido.

Conferiu primeiro a caixa de e-mail. Não havia muitas mensagens. Então, acessou o site do banco on-line e postou os recibos de vendas do dia.

– Veja isso! – disse, olhando para a tela, embora soubesse que Winston não a estava escutando. – Se tivéssemos muitos dias mais como o de hoje, Tricia e eu correríamos o sério risco *de enriquecer*.

Havia mais contabilidade para fazer, *sempre* mais contabilidade para fazer, mas, estando com péssimo humor, mesmo após a cavalgada, Carolyn decidiu não fazer naquele dia o que poderia deixar para dia seguinte. Em geral, o movimento na loja durante a semana era calmo e, além do mais, estaria com a cabeça mais fresca. Capaz de fazer seu cérebro equilibrar débitos e créditos em um livro-caixa virtual.

Prepararia uma xícara de chá de ervas e se dedicaria à costura, decidiu. E então deixaria a mente, cada vez mais agitada, comandar o show pelo resto da noite.

Mas não custava dar uma *olhadinha* nos sites de relacionamento, pensou, ainda sentada à mesa e mordendo o lábio inferior enquanto digitava uma solicitação em seu site de buscas favorito.

O número de opções, pelo visto, era surpreendente.

Havia sites para pessoas à procura de parceiros da mesma religião. Sites para os amantes de cães, gatos, cavalos e qualquer *outro* tipo de predileção. Os internautas podiam se inscrever para conhecer pessoas que desfrutavam dos mesmos hobbies, convicções políticas, filmes, comidas, vinhos, livros etc.

Compatibilidade por profissão preferida também era uma opção. Todas as vocações lícitas, e algumas provavelmente não tão lícitas, eram representadas não apenas por um site, mas por *dúzias* deles. Se quisesse conhecer homens com um determinado nome, ou um signo particular do zodíaco, não havia problema.

Era impressionante.

E também intrigante, em especial para uma mulher que comera um sanduíche amassado de mortadela no jantar e acabara de entabular um discurso apaixonado e bastante demorado com um gato.

Lembrando-se de que a sorte favorecia os audazes, não os covardes, resolveu visitar um dos vários sites com base em Denver e servindo à área circundante. A homepage era desenhada com bom gosto, e o questionário para membros que gostariam de se cadastrar era curto e não muito importuno. Alguns sites exigiam dados pessoais suficientes para rastrear os ancestrais de uma pessoa até a Era do Gelo.

As duas primeiras semanas do período experimental proposto eram grátis, o que lhe dava tempo de sobra para desistir. Tudo que precisava fazer era postar uma foto de si mesma, informar o primeiro nome, idade e algumas características sem muita importância.

Carolyn decidiu se apelidar de Carol, por ora. Fez upload de uma foto recente, tirada no piquenique de aniversário de independência da cidade,

admitiu que já estava na casa dos 30 anos, e, em seguida, bem... mentiu. Só um pouco.

Adorava boliche, trabalhava em um banco, possuía dois cães adotados, Marvin e Harry, e fora casada uma vez, quando ainda era muito jovem, escreveu ela no espaço para Informações Pessoais.

Lendo o que acabara de escrever, suspirou, apoiou um cotovelo sobre a mesa e afundou o queixo na palma da mão. Nada daquilo era verdade, é claro. Mas não deixava de ser criativo. Fazia parte da sua natureza. Além do mais, estava começando a gostar da fictícia Carol. Parecia uma boa pessoa.

Tranquilizada pela certeza de que os possíveis candidatos só poderiam contatá-la por meio de um endereço de e-mail conectado ao site, Carolyn moveu o cursor para a pequena caixa no canto inferior direito da tela, onde se lia *Avançar*, e clicou.

O arrependimento golpeou-a no momento seguinte. Mas era tarde demais. Já *estava lá*, no ciberespaço, apesar de camuflada sob uma identidade falsa. Era empolgante, bem como assustador.

Dera o primeiro passo, apesar de tudo. Fizera um movimento, embora tímido, em direção ao desejo do seu coração: um lar e uma família.

Recostou-se à cadeira, melancolicamente examinando a página do site *Friendly Faces* à procura de um botão que lhe permitisse desfazer o cadastro experimental. Deus, o que estava fazendo? Mas tudo que conseguiu encontrar foi o link "Fale Conosco".

Isso já ajudava. Enviaria uma breve mensagem, dizendo que mudara de ideia sobre o namoro on-line e pronto.

Mas então apareceu uma mensagem. Alguém gostou do seu perfil!* Lia-se em letras que pareciam dançar na tela. Clique sobre o coração para conhecê-lo!*

Hesitou, espantada, curiosa e desejando trabalhar na saia cigana como planejado, em vez de navegar na internet.

Então, pensou em Trícia, casada e esperando um bebê. Pensou em Brody Creed, que, pelo visto, acreditava que podia simplesmente sair por aí beijando as mulheres em quem havia dado um fora.

Dado um fora? Ele sequer tivera a decência de fazer isso.

Abandonara-a no meio da noite, enquanto dormia.

Carolyn clicou no ícone do coração pulsante.

A foto de um homem bonito, pelo menos parecia bonito, surgiu no segundo seguinte. Oi, lia-se na barra de mensagem. Meu nome é Darren.

Darren tinha uma expressão suave no rosto arredondado e era calvo, mas apenas um pouco. Era divorciado, dentista, não tinha filhos e amava cães, boliche e jogos de computador.

Pelo menos, no que dizia respeito à aparência, não se parecia em *nada* como Brody.

Um ponto a seu favor, com certeza.

Inspirou profunda e instavelmente, então exalou o ar bem devagar e clicou no botão de chat. Olá, disse ela. Sou Carol.

Darren, além de seus outros talentos, era um exímio digitador. De imediato, respondeu com um Puxa! Que rapidez. Oi, Carol.

Carolyn sentiu uma pontada de culpa. Conhecera o homem há dois segundos e já estava mentindo para ele. *Mentindo* para um dentista divorciado, sem filhos, que adorava cães.

Que tipo de pessoa era afinal?

Uma pessoa cautelosa, pensou.

Oi, Darrell, escreveu de volta.

Darren, ele corrigiu.

Ela abafou um gemido. Desculpe. Darren. Não tenho muita experiência com isso, como você já deve ter percebido. E o meu nome não é Carol, é Carolyn. Não trabalho em um banco e estou procurando um marido para ser o pai dos meus filhos. Qualquer pessoa que não seja um Creed e não tenha uma ficha criminal serve, pensou.

Darren respondeu com várias letras K, simulando risos, e um emoticon animado piscando. Todo mundo aqui é novato uma vez, acrescentou, em seu veloz estilo E.E. Cummings. No site *Friendly Faces*, quero dizer. É uma ótima maneira de conhecer novas pessoas. Muito discreto.

É um bar de solteiros virtual, pensou Carolyn, mas não digitou. E a senha secreta é provavelmente “perdedor”. É mesmo? Escreveu em resposta. Você

já conheceu muitas pessoas pelo site? E, se assim fosse, por que continuava nos sites à procura de possíveis relacionamentos?

Claro, respondeu Darren. Estou fazendo amigos, de todos os tipos. Até agora, não passou de jantares e cinemas, mas pelo menos estou fazendo algo além de obturações e implorar aos pacientes para usarem fio dental. Haha.

Darren tinha senso de humor então.

Carolyn estava sentada com os dedos preparados sobre o teclado e sem ideia do que dizer em seguida.

Carol? Chamou Darren. Você ainda está aí?

Estou.

Você é tímida, disse Darren.

Carolyn exalou um longo suspiro, fazendo sua franja roçar-lhe a testa.

Na verdade, não, respondeu. Isso era verdade. Não era tímida. Era apenas cautelosa. Sensível.

Então, por fim lhe ocorreu que, se estava omitindo a verdade, Darren podia estar fazendo o mesmo. Talvez se chamasse Dave, fosse um homem casado e não um dentista. Ou, quem sabe, fosse o dono do site *Friendly Faces* e aquele era o seu modo de fazer as pessoas pensarem que, dessa forma, estavam encontrando ação.

Bom papo para você, Darren, escreveu ela. Mas preciso desligar. Tenho muito que fazer.

Esperem! Talvez pudéssemos nos encontrar para tomar um café, respondeu ele.

Talvez, disse Carolyn.

Você está linda na foto, Darren se apressou em acrescentar. Prometa-me que teremos uma chance de conversar novamente pelo menos?

Carolyn suspirou.

Vamos ver, escreveu.

Após desligar o computador, empurrou a cadeira para trás e se ergueu. Espreguiçou-se, apreciando o alongamento em seus músculos, e se virou. Lá estava a máquina de costura, a caixa de plástico cheia de restos de fitas guardadas de vários outros projetos, a cesta com uma tampa acolchoada, onde guardava tesouras, dedais, agulhas e outros pequenos artigos.

Costurar, como cavalgar, era um refúgio para ela. Em geral, conseguia se distrair com essas atividades.

Mas naquela noite era diferente. Tudo porque Brody Creed a beijara. O bastardo. Um belo e sexy *bastardo*.

Carolyn endireitou os ombros, girou em um dos calcanhares e marchou de volta à mesa do computador.

Ligou o laptop e esperou impaciente para que o sistema reiniciasse. Em seguida, se conectou e digitou a senha direta para o site *Friendly Faces*.

Quem sabe? Talvez Darren, Darrell?, o dentista, ainda estivesse por perto. Arregalou os olhos ao ver o comentário da caixa de mensagem.

Carol tem mais de uma dúzia de e-mails aguardando.

Após arregaçar as mangas outra vez, imergiu no mundo virtual.

BRODY JOGOU o que restara do seu jantar de micro-ondas no lixo e olhou para a última lâmpada funcionando. Poderia muito bem trocá-la, pensou. Afinal, não tinha nada melhor para fazer.

Foi buscar as extras que comprara dias antes e subiu no balcão para retirar as queimadas. O trabalho era complicado; já vira algumas delas se partirem em milhões de cacos afiados sem nenhuma razão sensata. Logo, procurou fazer o procedimento com calma.

Terminara de trocá-las, os olhos ainda um pouco ofuscados com o brilho das três lâmpadas fluorescentes, quando ouviu o que soou como uma pancada, ou talvez um arranhão, na porta.

Desceu do balcão e apurou os ouvidos. Foi quando escutou um gemido. Era fraco e quase humano.

Sentiu um arrepio na espinha. Disparou em direção à porta e a abriu, esperando encontrar uma pessoa do outro lado, ferida e sangrando, à procura de ajuda.

Em vez disso, seu olhar recaiu sobre o cão mais magro, sujo e deplorável que já vira. Estava sentado lá, fitando-o com uma espécie de ternura triste no olhar.

Louco por qualquer coisa com quatro pernas e pelos, ele se agachou, para não se avultar sobre o pobre bicho como um urso ou algo parecido.

– Ei, amigo – disse em um tom baixo. – Está vendendo algo? Pregando o Evangelho?

O cão ganiu novamente.

Brody examinou o animal. Sem coleira, sem etiquetas de identificação. Porém, as pulgas eram uma coisa certa e, talvez algo pior, como sarna.

Levantou-se bem devagar e recuou.

– Venha – disse ele ao cão. – Não tenha medo, está entre amigos.

O vira-lata continuou imóvel por alguns momentos, como se tivesse entendido errado. Com certeza, estava acostumado a prover o próprio sustento.

– Venha – repetiu ele, falando em um tom suave e dando espaço ao cão.

Vagarosa e dolorosamente, o andarilho transpôs a soleira mancando e marchou direto para o coração de Brody Creed.

Capítulo Quatro

O SONHO era perturbadoramente vívido.

Carolyn estava em um supermercado, rodeada por dezenas, se não centenas, de pretendentes ansiosos. Havia homens de todos os tamanhos, formatos, cores e raças, como uma multidão de fãs do *Village People*.

Eles cutucavam o seu carrinho com o deles.

Alguns carregavam cartazes com seu nome modificado impresso com letras usadas em pedidos de resgate e um exibia uma placa na qual se lia: case-se comigo, Carol, e desfrute de serviços odontológicos grátis para o resto da vida!

Carol, todos os outros gritavam, em um uníssono assustador. Carol, Carol, Carol!

Seus pés pareciam colados ao chão, mas de qualquer maneira, procurava ao redor, desesperada por uma rota de fuga. Os corredores com freezers estavam completamente bloqueados em ambas as direções. Estava presa. Encurralada.

Com o coração disparando, o pânico a atingiu, como ondas elétricas. Um homem ostentando um elaborado bolo de casamento em seu carrinho de compras abriu caminho em meio aos outros, colocando-se na frente de todos.

Carolyn reconheceu Gifford Welsh. Ele curvou os lábios com seu largo sorriso de estrela de cinema, e os dentes brancos brilhavam de um modo cartunesco, como algo saído de um comercial animado de antisséptico bucal.

– Você já é casado! – acusou, virando a cabeça quando Gifford tentou enfiar-lhe um punhado de bolo na boca. Então, com as costas pressionadas de encontro à porta fria de um freezer de sorvetes, gritou: – Não quero me casar com nenhum de vocês! Vocês não são... não são... Brody. – Nesse instante, começou a despertar. Ainda podia sentir o peso singular daquele nome nos lábios.

Winston, enrolado a seus pés, emitiu um indiferente som sibilante. Não havia como dizer se o ruído era um comentário sobre Brody ou aborrecimento por ela o tê-lo despertado de um sono profundo.

O coração de Carolyn bateu de encontro à parte traseira de sua caixa torácica. Sua respiração era rápida e superficial. Permaneceu deitada no quarto escuro, fitando o teto e lutando contra as lágrimas.

Não seja um bebê chorão, ela ouviu a voz de uma das mães adotivas que tivera. *Ninguém gosta de um bebê chorão*.

Adotara essa crença desde então e piscava até a ardência em seus olhos diminuir.

Voltar a dormir era inconcebível. Não queria reviver o sonho. Resolveu sair da cama e se dirigir à cozinha, com os pés descalços. Vestia um pijama de flanela que confeccionara para si mesma, com estampa de cachorrinhos, e o tecido estava úmido contra o peito e entre as omoplatas. Transpiração.

O pesadelo fora terrível. Normalmente, sonhos não a faziam suar.

Bem, mas afinal, aquele não fora um sonho normal.

Vocês não são Brody. As palavras ainda reverberavam em sua mente.

Pegou uma caneca do armário, uma lembrança de Cheyenne, Wyoming, encheu-a de água, acrescentou um saco de chá de ervas e colocou tudo no micro-ondas para aquecer.

Um cachorro teria se levantado junto com ela, para lhe fazer companhia, transmitindo-lhe uma segurança silenciosa, pensou irritada. Winston, pelo contrário, sequer apareceu, solidário ou não.

Os gatos é que costumavam agir assim.

Não que Winston fosse *seu* gato. Ela era um pensionista frequente e nada mais. Estava apenas de passagem.

O gato de outra pessoa.

A casa de outra pessoa.

Tudo em sua vida, pelo visto, pertencia a outra pessoa.

Incluindo Brody Creed. Sempre que Joleen Williams aparecia na cidade, os dois andavam juntos. Talvez fosse apenas uma questão de tempo antes de Joleen amarrá-lo para sempre.

Brody estava construindo uma casa, não estava? Uma casa daquele tamanho com certeza não era para um homem viver sozinho. O apito do micro-ondas soou. Carolyn removeu a caneca cuidadosamente e tomou um gole. O chá surtiu o efeito terapêutico habitual, acalmando-a um pouco.

Sentia necessidade de fazer algo para ocupar a mente, mas temia ligar o computador outra vez e mais homens aparecerem, em busca de seu alter ego, Carol. Então acendeu a luz no topo da escada interior e desceu os degraus.

Banhada pela luz do luar, a loja parecia mágica. Era como uma oficina encantada, onde elfos confeccionavam aventais de algodão estampado e com babados em máquinas de costura em miniatura e renovavam o estoque de sabonetes de leite de cabra, sempre que estava baixo.

O pensamento a fez rir. *Ela* confeccionava os aventais, e os sabonetes eram adquiridos de uma mulher que dirigia uma pequena fazenda de cabras, a alguns quilômetros da cidade. Mas alguns elfos certamente viriam a calhar, mesmo que ainda *não fosse* Natal.

Amava aquela loja. Fazia-a sentir-se em paz, como costurar e andar a cavalo. Adorava aquela cintilação serena ao seu redor.

Um raio de luz prateada incidia sobre o batique de uma tecelã nativa, no alto da parede, iluminando a imagem, como se quisesse transmitir alguma mensagem.

Não havia mensagem alguma, pensou Carolyn. Não na imagem, pelo menos.

No sonho? Sem dúvida, não passava de uma manifestação de seu subconsciente.

Como de costume, queria o que não podia ter. Certo ou errado, para melhor ou para pior, queria Brody Creed.

Exalou um ruidoso suspiro de frustração. Após pousar a caneca de chá sobre o tampo de vidro do display de joias artesanais, deslizou os dez dedos por entre o cabelo.

Por que simplesmente não conseguia *esquecer*? Afinal, fazia mais de sete anos desde aquela horrível manhã, quando desperta na cama do quarto de hóspedes da casa de Kim e Davis, para perceber que Brody havia partido.

Na ocasião, imaginou que ele estivesse apenas na cozinha fazendo café, ou mesmo preparando algum desjejum. Era um bom cozinheiro e parecia desfrutar dessa tarefa.

Com esse pensamento, levantou-se da cama, vestiu um roupão e dirigiu-se à cozinha, em busca do homem que amava.

Em vez disso, encontrou um bilhete.

Algo aconteceu. Preciso partir.

Apenas isso.

Algo aconteceu. Preciso partir.

As lágrimas que ameaçaram cair depois do sonho voltaram a brotar. Deprimida, Carolyn abraçou a si mesma e olhou para o próprio rosto abatido, refletido no grande espelho atrás do balcão.

– Ninguém gosta de um bebê chorão – disse ela a sua imagem.

Mas não conseguiu evitar o pranto.

– DE ONDE veio o cachorro? – perguntou Conner na manhã seguinte, com genuíno interesse, enquanto Brody erguia cuidadosamente o animal lavado, escovado, mas ainda magro, do banco do passageiro de sua caminhonete, para colocá-lo no trecho gramado do terreno, entre a sede principal do rancho e o celeiro.

– O nome dele é Barney – respondeu Brody. Dera aquele nome ao cão abandonado após levá-lo ao consultório veterinário naquela manhã para um checkup. Ficara tão feliz com o atestado de saúde do cão que o batizara na

frente do doutor. – Ele apareceu na minha porta ontem à noite, em péssimas condições. Por isso o acolhi.

Conner sorriu e se agachou para olhar o cachorro nos olhos, como Brody fizera na noite anterior ao se deparar com Barney.

– Bem, olá, Barney – disse, estendendo a mão.

Para espanto e irritação do irmão gêmeo, o cachorro colocou uma pata na palma da mão estendida de Conner.

Homem e cão se cumprimentaram.

– Maldição! – murmurou, impressionado e depois preocupado. Talvez quem ensinara Barney a cumprimentar as pessoas estivesse vasculhando a área rural a sua procura. Talvez alguém o amasse e o quisesse de volta.

Nesse ínterim, Conner se ergueu.

– Suponho que o doutor tenha verificado se ele possui um microchip ou algo que o identifique.

– Foi a primeira coisa que fez – respondeu Brody. – Nada de chip, nem identificação de qualquer tipo.

– Vai ficar com ele? – Conner se aventurou, enquanto Valentino saía pela porta dos fundos para se juntar ao grupo e cheirar Barney da cabeça à cauda.

– Sim. Vou ficar com ele. A menos que o dono apareça por aqui, procurando-o. A assistente do veterinário tirou a foto dele e vai postá-la em vários sites de animais de estimação perdidos, mas...

– Mas? – disse Conner.

– Minha intuição diz que ele está precisando de um lar.

– A minha também. – Conner tinha a fisionomia carregada até então, mas, de repente, o sorriso estava de volta. – Vai ser bom para você. A responsabilidade de cuidar de um bicho, quero dizer.

Aquelas palavras, embora Brody soubesse que eram bem-intencionadas, o irritaram. Será que seria tachado de *O Irresponsável* pelo resto da vida enquanto Conner posava de o *Bom Irmão*?

Antes que pudesse descobrir uma maneira de responder, Davis desceu a colina em sua caminhonete, vindo de casa. Kim estava ao lado dele, com um sorriso visível, mesmo através da poeira que encobria o para-brisa.

– Kim vai substituir Tricia hoje na loja – informou Conner.

Brody sentiu uma pontada de alarme, lembrando como a cunhada parecia no dia anterior.

– Tricia não está tendo problemas, está?

– Não – respondeu o irmão, levantando a mão para acenar aos recém-chegados. – Só ficou tão feliz com o dia de ontem que quis repeti-lo hoje.

Brody riu, em parte divertido, em parte aliviado.

Um instante depois, porém, a preocupação estava de volta. Mulheres eram criaturas frágeis, pelo que parecia. Lisa, por exemplo, não pesava mais do que 49kg. Não teria a menor chance contra duas toneladas de aço em alta velocidade. Não naquele carrinho frágil que dirigia.

Sempre tivera acesso à sua herança e à parte dos lucros do rancho, mesmo estando distante de Lonesome Bend. Por que não lhe comprara algo mais robusto para dirigir?

– Brody – chamou Conner com um olhar suspeito. – Onde está com a cabeça?

– Você sabe onde – respondeu ele enquanto Davis estacionava a caminhonete, saía do veículo e, em companhia da esposa, caminhava na direção deles. Kim usava um suéter leve com bolsos grandes, onde os pequenos cãesinhos, Smidgeon e Little Bit, estavam escondidos.

Barney choramingou e caminhou para trás de Brody, encostando-se a suas pernas. Ele podia sentir o tremor do animal.

Vendo isso, Kim sorriu, agachou-se e colocou os dois yorkies no chão. Ignorando Valentino, que, com certeza, não era mais considerado novidade agora, os animaizinhos abanaram suas pequenas e peludas caudas e um deles emitiu um cômico rosnado.

– Ora, venha cá – Kim chamou Barney. – Smidgeon e Little Bit não vão lhe fazer mal.

Kim definitivamente tinha jeito com animais, e a reação de Barney era a prova disso. Talvez atraído pela sua gentileza e pela própria curiosidade, o cão saiu da clandestinidade, atrás das pernas de Brody, abanando a cauda um pouco hesitante.

Os yorkies o cheiraram, depois perderam o interesse e tentaram iniciar um jogo de pega-pega com Valentino. Eram bastante destemidos aqueles dois. Ou talvez seus cérebros fossem tão pequenos que não podiam compreender a diferença entre seus tamanhos e o de Valentino.

– Venha jantar conosco esta noite – Kim convidou Brody ao se erguer. – Parece um pouco magro para o meu gosto. Igual a este cão.

Brody sentiu água na boca à mera sugestão de comer a comida de Kim, para não mencionar a chance de evitar mais uma noite solitária.

– Isso é algum tipo de arranjo? – perguntou, bem-humorado. Não precisava ser um gênio para descobrir que todos esperavam que ele e Carolyn se acertassem.

– Claro que sim – respondeu a tia com uma risada, fitando-o, mas deslizando um braço ao redor da cintura do marido para abraçá-lo de leve. – Por que lutar contra isso?

Brody riu, apesar da emoção que fez seu coração acelerar ao pensar em estar na mesma casa com Carolyn. Então, cruzou os braços e rebateu:

– Por que não?

Kim o cutucou com o cotovelo.

– Você é igualzinho ao seu tio.

Não entendeu bem o que isso significava.

Talvez ele fosse um cabeça-dura obstinado.

Essa qualidade era intrínseca ao nome Creed, e garantida para o resto da vida.

Conner e Davis, por sua vez, afastaram-se em direção à casa, onde Tricia certamente preparava um bule de café.

Smidgeon, Little Bit e Valentino os seguiram, deixando Brody e Kim no quintal, com Barney.

– Carolyn, por certo, já percebeu os seus truques, Kim – disse Brody, agora sério, a voz um pouco rouca. – Ela vai saber que você me convidou para jantar e vai pensar em alguma desculpa para escapar.

A tia, ainda uma mulher marcante em seus cinquenta e poucos anos, balançou a cabeça e imitou a postura dele, cruzando os próprios braços.

– Não podia *ser* mais negativo, Brody Creed? – perguntou. – Você e Carolyn são perfeitos um para o outro. Todo mundo parece saber disso, menos vocês dois.

Brody recordou o beijo que dera em Carolyn no dia anterior e sentiu um tremor. Ao terminar, ela aparentava ter sido esbofeteada e ele fizera questão de demonstrar que não sentia culpa pelo que havia feito.

Oh, valia menos do que os zeros à esquerda nos livros contábeis de Carolyn, não havia dúvida.

Beijá-la só piorara as coisas.

Mas não fora capaz de resistir e ponto final.

– Brody? – chamou Kim, pelo visto lendo a sua expressão.

Ele sorriu e colocou a mão no ombro da tia.

– Estou bem. Pare de se preocupar comigo, certo?

– Tudo bem – respondeu Kim, em um tom maroto. – Você vem jantar conosco hoje à noite ou não? – Sem esperar pela resposta, acrescentou: – Às 18h30 em ponto, e não se atrase. – Então olhou ao redor e franziu a testa. – Se Davis Creed acha que vai ficar com Smidgeon e Little Bit enquanto estou na cidade, substituindo Tricia na loja, está muito enganado.

Com isso, virou-se e rumou resoluta em direção à casa.

Enquanto a observava caminhar, Brody curvou um dos cantos da boca em um sorriso. Se Carolyn aceitaria o convite de Kim para jantar ou arrumaria uma desculpa qualquer era uma incógnita, mas ele com certeza preferia a primeira opção.

Desejava vê-la outra vez, mesmo que a ideia o alarmasse.

– Mulheres – disse ele a Barney com tristeza.

O cão emitiu um breve latido, concordando.

Brody riu, inclinou-se para afagar-lhe as orelhas, e os dois partiram para a casa, onde os outros estavam reunidos tomando café.

– VOCÊ ESTÁ com olheiras – anunciou Kim no momento em que ultrapassou a soleira da porta da loja. – Não dormiu direito?

Carolyn sorriu enquanto a amiga tirava o par de pequenos cães dos bolsos do casaco e os colocava cuidadosamente no chão, onde a brincadeira

começou como se fossem um casal de gatinhos.

Winston, há muito resignado com a presença ocasional do contingente canino, ignorou-os.

– Dormi muito bem, obrigada – Carolyn mentiu, em resposta tardia à pergunta de Kim. Após demorar a pegar no sono, na noite anterior, acabou adormecendo. Mas de imediato imergira em uma variação de seu sonho. Dessa vez, com o estímulo adicional de Brody. Montado em seu cavalo, ele abria caminho por entre um conglomerado de pretendentes e carrinhos de compras. Ao chegar a seu lado, curvou-se, passou um braço ao redor de sua cintura e a colocou na sela, na frente dele.

O sonho não parou por aí. Sem uma transição perceptível, ela e Brody se encontravam sozinhos em uma floresta, deitados nus, em um local onde a relva era alta e perfumada, fazendo amor.

Despertara em meio a um orgasmo bastante real. E isso era francamente embaraçoso, mesmo *estando* sozinha na ocasião.

– Não acredito – disse Kim, movendo-se atrás do balcão de vendas para arrumar sua bolsa.

Smidgeon e Little Bit rolavam pelo chão agora, um borrão alegre de pelos brilhantes e lacinhos de cabeça cor de rosa.

Pensando no clímax espontâneo, Carolyn corou.

– Acha que eu mentiria para você? – perguntou, tentando impor uma leveza à voz.

Não havia nenhum cliente na loja ainda, e ela tentou tirar o pesadelo/sonho da mente acessando o livro de contabilidade no computador.

– Depende – respondeu Kim em um tom irônico. – Que tal jantar comigo e com o Davis esta noite? Vou preparar meus mundialmente famosos tamales de galinha e carne de porco.

Carolyn se lembrou do refrão da velha canção “Suspicion”.

– Difícil de resistir – admitiu. Os tamales de Kim eram fantásticos. – Conner e Tricia também vão?

Kim assentiu com a cabeça, mas desviou o olhar, ocupando-se em reorganizar as bijuterias no display de vidro.

– E Brody? – perguntou ela, divertindo-se, apesar de todos os seus nervos estarem em alerta vermelho.

– Talvez – respondeu Kim, evasiva. – Sabe que ele adotou um cão? Brody, quero dizer. É muito bom sinal. *Está* mesmo pensando em se estabelecer em Lonesome Bend.

– Os cães viajam muito bem – rebateu Carolyn, deleitada e ao mesmo tempo excitada com a perspectiva de se sentar a uma mesa de jantar com Brody Creed.

O bastardo.

Kim se endireitou e fitou-a de modo direto. Seu sorriso era um pouco inconsistente.

– Acha que ele está planejando partir novamente? Mesmo tendo mandado construir uma casa enorme e um celeiro?

Carolyn deu de ombros de modo casual.

– Ele pode vender a casa e o celeiro se quiser partir – salientou. Mas, para ser sincera, não gostava da ideia de Brody voltando para sua outra vida mais do que Kim, e isso a surpreendeu. Essa perspectiva deveria ser um alívio, não deveria?

Os suaves olhos azuis de Kim se encheram de lágrimas.

– Brody passou por um período difícil – explicou.

Carolyn precisou de alguns instantes para se recuperar daquela notícia. Sempre imaginara Brody celebrando, como os cowboys gostavam de dizer, montando touros, ganhando reluzentes fivelas e levando uma mulher diferente para a cama a cada noite.

– Como assim? – perguntou por fim, em um estranho tom de voz estrangulado.

Kim fungou, endireitou os ombros e a coluna vertebral.

– Não posso dizer. Nem eu nem Davis deveríamos saber o que Brody passou. Ele ficaria furioso se soubesse que Conner nos contou.

– Oh! – murmurou Carolyn.

– Ele mesmo irá lhe contar qualquer dia desses – disse Kim, com uma certeza renovada. – É assim que as coisas devem ser.

Nesse instante, o sininho sobre a porta da frente repicou, e Smidgeon e Little Bit correram latindo para cumprimentar o visitante.

Kim revirou os olhos e correu atrás dos dois.

– Pequenos demônios – murmurou, com uma tolerante afeição.

Carolyn sorriu, mas, por dentro, estava trêmula.

Devia pensar melhor, antes de aceitar o convite para jantar na casa dos amigos, já que havia a probabilidade de Brody estar lá. Ficar perto dele era brincar com fogo. Em especial, depois do sonho e daquele beijo roubado na noite anterior.

Mas iria assim mesmo.

Talvez pegasse a saia cigana, a alinhavasse temporariamente e a usasse.

NAQUELA NOITE, na cozinha de Kim e Davis, enquanto Conner e Tricia flertavam como dois adolescentes, Brody os observava com uma expressão que mesclava afeto e inveja.

Foi o suficiente para fazê-lo revirar os olhos.

Vão para a cama, desejou dizer.

Davis, sentado a seu lado na mesa ainda não posta, cutucou-o com um cotovelo.

– Lembra como foi com esses dois? – perguntou-lhe o tio, mantendo a voz baixa. – Quando se notaram pela primeira vez, quero dizer?

– Lembro – respondeu Brody, sorrindo um pouco. Um estranho apostaria que Conner e Tricia jamais ficariam juntos, mas todos que os conheciam perguntavam quando seria o casamento.

Carolyn apareceria para o jantar ou não?

Esperava que sim e que não ao mesmo tempo.

– Você e Carolyn me fazem lembrar os dois – disse Davis, com um brilho nos olhos.

Isso chamou a atenção de Brody, que girou na cadeira para fitar o tio com os olhos semicerrados.

– O que está pretendendo dizer?

– Apenas o que eu disse – respondeu Davis, destemido. – Você me conhece, filho. Digo exatamente aquilo que penso.

Tricia atirou um pano de prato em Conner, que riu, e todos os cães começaram a latir, enquanto Kim, com o auxílio de um avental, tentava calá-los.

Era um caos feliz.

Era uma *família*.

Mais uma vez, Brody experimentou aquela sensação agridoce, um misto de gratidão e solidão.

– Dê uma chance para que as coisas aconteçam, rapaz – disse Davis, empurrando a cadeira para trás e caminhando até a porta dos fundos. O tio sempre fora capaz de compreendê-lo com clareza, e isso não mudara.

Brody não ouvira o ruído do motor de um carro estacionando devido a todos aqueles risos, latidos e tapinhas com panos de prato. Mas Davis com certeza ouvira e abriu a porta no momento em que Carolyn erguia a mão para bater.

Parecia tímida e doce, de pé do lado de fora, usando uma calça de brim escuro e uma blusa branca fina. O cabelo, com reflexos descoloridos pelo sol, estava preso em uma trança francesa. Se Brody não estivesse enganado, seu rosto exibia um leve toque de maquiagem, também.

– Olá – cumprimentou ela, com uma pequena hesitação na voz. A seguir, entregou a Davis um grande recipiente de plástico, sequer lançando um único olhar a Brody. – Trouxe salada de macarrão. Comprei no supermercado, mas tenho certeza de que é deliciosa.

– Isso é bom – disse Davis, com aquela voz de Sam Elliott, parecendo divertido. – Entre e fique à vontade.

Conner e Tricia cessaram o prelúdio de preliminares para cumprimentar Carolyn. Conner com um sorriso, Tricia com um abraço. Quando Kim se uniu a eles, parecia algo como uma reunião de reality show.

Tudo que Brody pôde fazer foi esperar, embora ainda lembrasse o modo como deveria se portar na presença de uma dama.

Carolyn, por fim, se esforçou, visivelmente, para olhar na direção dele. Um rubor cor de rosa vibrava em suas bochechas e... Droga, ela estava linda.

– Olá, Brody.

– Carolyn – respondeu ele, com um aceno de reconhecimento.

De repente, Brody se sentiu desajeitado e com um nó na língua. Parecia que estava de volta aos velhos tempos da escola secundária. Só que ainda pior. No colegial, tudo era especulação. Mas agora, um homem adulto, sabia muito bem como era beijar aquela mulher, fazer amor com ela. Era como ficar em pé sobre uma poça e agarrar-se a um fio eletrificado, pensou.

Era isso.

– Kim disse que está tudo bem na loja – Tricia comentou, dando uma risadinha brilhante. – Pensei que eu tivesse feito um *pouquinho* de falta.

Carolyn sorriu. Já não parecia mais uma corça prestes a disparar após sentir no ar o cheiro de um predador.

– Oh, sua falta foi, definitivamente, sentida – retrucou.

– Com certeza – concordou Kim divertida, abrindo as portas do fogão, com dois fornos, para verificar os tamales.

Cheiravam tão bem que o estômago de Brody roncou.

As coisas se acalmaram nos próximos minutos. Carolyn e Tricia lavavam louça na pia e começaram a pôr a mesa enquanto Davis retirava as rolhas de duas garrafas de vinhos famosos.

De repente, Brody se lembrou, sem nenhuma surpresa, e com certeza isso também não surpreenderia Carolyn, que os dois acabariam sentados lado a lado na enorme mesa da sala de jantar. Os outros se certificariam de juntá-los, do jeito que sempre faziam.

Brody e Carolyn estavam tão próximos que esbarraram seus cotovelos diversas vezes. O perfume dela, um misto de talco de bebê, flores e uma leve nota cítrica, o deixava tonto, para não dizer embriagado. O que era estranho, porque deixara a garrafa de vinho passar sem derramar sequer uma gota para si mesmo.

Por estar grávida, Tricia também não bebeu, é claro.

Carolyn, ao contrário, parecia extraordinariamente sedenta. Mordiscou a salada, os tamales e o incomparável arroz mexicano com feijão frito de Kim, mas o vinho sorvia sem nenhuma moderação.

– Então, quer dizer que... – disse Kim, erguendo a voz acima dos outros – ...Carolyn se inscreveu no *Friendly Faces*, aquele site de namoro, e está

quase sitiada, com tantos homens querendo conhecê-la.

Pelo canto do olho, Brody viu Carolyn enrubescer. Era óbvio que ela não esperava que Kim espalhasse a notícia diante de todo mundo.

Sentiu vontade de rir. Mas também de se postar na varanda da frente de Carolyn com uma espingarda e certificar-se de que nenhum homem conseguiria transpô-la.

– Oops. – Kim arregalou os olhos. Deixara a notícia escapular de propósito e todos perceberam, mas, já que o cavalo estava fora da baía, por assim dizer, não havia o que discutir. – Desculpe.

Davis lançou um olhar significativo à esposa.

Carolyn baixou o olhar, ainda vermelha, e não demonstrando nenhum desejo de comer.

De modo casual, Brody inclinou-se, pegou a garrafa de vinho mais próxima e a serviu mais uma vez. Ela o fitou com uma expressão que denotava desespero e gratidão ao mesmo tempo. Então, pegou a taça e praticamente a esvaziou com alguns goles.

Brody reprimiu um sorriso. Bem, havia um ponto positivo naquela situação, refletiu. Agora, tinha uma desculpa perfeita para levá-la para casa. Era evidente que ela não tinha condições de dirigir.

Um silêncio constrangedor se abateu sobre o recinto, quebrado apenas pelo tilintar dos talheres de prata contra os pratos coloridos de cerâmica.

– Acho isso maravilhoso – disse Tricia, quebrando o impasse verbal. – Sites de namoro, quero dizer. – Nos dias atuais, mais e mais pessoas estão encontrando suas almas gêmeas nesses sites. As estatísticas...

Carolyn parecia tão infeliz que Brody sentiu pena dela de verdade.

Ela engoliu em seco, ergueu o queixo e bravamente interrompeu Tricia.

– É só uma adesão experimental. Fiquei curiosa, é tudo.

– Ela está *atolada* de pretendentes querendo conhecê-la – contou Kim, abordando o tópico mais uma vez.

Outra garrafa de vinho foi aberta e passada entre os presentes.

Carolyn despejou um pouco em seu copo, evitando olhar para Brody ao empurrar a garrafa na direção dele.

– Tem certeza de que deveria tomar mais esse? – perguntou ele.

Por fim, Carolyn o encarou. Brilhava como um farol na estrada em uma noite escura, porque estava irritada demais. Porque era *bonita* demais.

– Sou maior de idade, Brody Creed – redarguiu ela, pronunciando as palavras apenas ligeiramente. Os outros estavam falando entre si, uma espécie de zumbido distante, uma coisa à parte, as palavras indistintas, como um rádio tocando na casa do vizinho ou em uma rua próxima. – Além do mais – prosseguiu depressa, antes que ele pudesse responder –, tomei apenas dois copos.

– Quatro – afirmou ele em um tom calmo. – Mas quem está contando?

– Não costumo beber muito – informou Carolyn, sem saber por que motivo o fazia.

– Coma outro tamale – aconselhou Brody, mantendo a voz baixa, mesmo que ainda parecesse que estavam sozinhos em uma bolha particular, ele e Carolyn, com o restante dos presentes em algum lugar na periferia das coisas.

– Não quero outro tamale.

– Vai passar mal se não comer alguma coisa – justificou ele. Então lembrou que não usava aquele tom persuasivo especial desde a última visita de Steven e Melissa, quando fora recrutado para alimentar os filhos gêmeos do primo. Precisara lançar mão de uma conversa suave para levá-los a abrir a boca e comer o purê de feijão verde.

– Isso é problema meu, não seu – respondeu Carolyn, irritada.

– Aqui, costumamos cuidar uns dos outros.

Bufando, ela tentou se servir de mais vinho, mas Brody foi mais rápido e desviou a garrafa para longe dela.

Isso a deixou furiosa. Enrubescida mais uma vez, seus olhos brilharam, como se pudesse sofrer um curto-circuito pela sobrecarga.

Brody apenas a fitou.

– Coma – ordenou ele.

Carolyn exalou um suspiro e cortou um pequeno pedaço do tamale com o garfo.

– E agora – disse ela, após mastigar. – Está satisfeito?

Brody curvou os lábios em um sorriso, aquele sorriso encantador que, às vezes, o fazia conseguir o que queria ou levar um tapa na cara.

– Não – respondeu ele com a voz arrastada. – Você está? – Por um segundo, teve a impressão de que levaria um tapa.

No fim, porém, Carolyn parecia afobada demais e, ao mesmo tempo, bêbada demais para responder de imediato. Piscou uma vez, duas vezes, parecendo surpresa ao perceber onde estava, e oscilou ligeiramente na cadeira.

– Quero ir para casa.

Brody empurrou a cadeira para trás, ergueu-se e estendeu-lhe a mão.

– Acho uma boa ideia. Vamos.

Kim e Davis, Conner e Tricia. Ele estava ciente deles como um grupo, ao redor da mesa, com expressões divertidas, mas sem expressar qualquer comentário.

– Acho que tenho que permitir que você me leve, não é? – disse Carolyn.

– Acho que sim. Vamos na minha caminhonete. Alguém pode levar seu carro para a cidade mais tarde.

Antes mal-humorada, mas agora ela parecia confusa, meio perdida.

– Mas e quem vai lavar os pratos e...?

– Davis e Conner podem fazer a limpeza. – Com essas palavras, deslizou a mão sob o cotovelo dela e a ergueu, afastando-a da mesa e conduzindo-a até a cozinha. Barney levantou-se como uma goma de mascar arrancada de uma calçada quente.

Brody levou-a para caminhonete e a ajudou a se sentar no banco do passageiro, cuidando para deixá-la pensar que estava fazendo tudo sozinha.

Barney assumiu seu lugar no banco de traseiro.

Uma vez atrás do volante, ele abriu os vidros das janelas, tanto da sua quanto a de Carolyn, até à metade. Ela precisaria de todo o ar fresco que pudesse obter.

– Vai se odiar amanhã de manhã – disse ele, transpondo a porteira, rumo à cidade.

Foi apenas uma brincadeira, mas o profundo suspiro que Carolyn exalou o fez sentir uma pontada no peito, e ele desejou ter ficado de boca calada.

- Pode não demorar tanto tempo – retrucou ela em um tom melancólico.
- Não estou acostumada a beber e, bem... não estou acostumada, só isso.

Brody estendeu o braço e apertou-lhe a mão de leve.

- Dá para notar. – A voz soou suave.
- Sinto-me uma tola – lamentou ela, recusando-se a encará-lo.
- Não se sinta.

Carolyn olhou para a mão, onde a dele repousara por um segundo, e franziu a testa, surpresa por descobrir que ele a havia soltado.

– Você deve estar me achando patética – continuou ela, olhando em linha reta através do para-brisa.

– Nada disso – garantiu-lhe Brody em um tom ríspido.

– Embebedar-me. Inscrever-me em um site de relacionamentos... – Antes que ele pudesse responder, virou-se para fitá-lo e parecia pálida. – Pare! – Ela engasgou. – Eu vou... – Brody parou. Carolyn abriu a porta e enfiou a cabeça para fora. – ...vomitar – concluiu.

E assim o fez.

Capítulo Cinco

SE TIVESSE decidido de modo deliberado causar uma impressão forte e duradoura em Brody Creed, não podia ter feito trabalho melhor, pensou Carolyn infeliz, mais tarde, naquela noite, enquanto fitava sua imagem pálida no espelho sobre a pia do banheiro.

Em primeiro lugar, estando com os nervos à flor da pele, bebera demais durante o jantar. Então, com glamour e graça final, *vomitara* bem na frente dele. Simplesmente enfiara a cabeça para fora da porta da caminhonete e se lançara para o acostamento da estrada, como alguém sendo levado para reabilitação após uma intervenção.

– Impressionante – murmurou para sua figura deprimente unidimensional.

Com o espetáculo passando como um filme em sua mente, cerrou as pálpebras, mortificada. Brody reagira com calma e gentileza, oferecendo-lhe uma caixa de lenços umedecidos, acompanhada de dois tabletes de goma de mascar de canela.

Após o ocorrido, ficou com vergonha de encará-lo. Rezou para que ele a deixasse em casa e seguisse seu caminho, com o cão, permitindo assim que ela chafurdasse sozinha em seus arrependimentos.

Mas não teve essa sorte.

Em vez de deixá-la amargando sua penúria, Brody disse a Barney para ficar onde estava e insistiu em ajudá-la a descer da caminhonete e acompanhá-la, não apenas até o portão da frente e todo o quintal, mas também até a escada externa que conduzia à sua porta.

– Vou ficar bem agora – dissera ela ao desembarcarem, ainda incapaz de fitá-lo nos olhos. – Verdade, eu...

Brody segurou-lhe o queixo com a ponta dos dedos e, se sentindo mal como ela estava, o misto de delicadeza e força naquele toque causou-lhe um arrepio, que a abrangeu por inteiro.

– Acho que vou ficar um pouco mais até me certificar de que está tudo bem – argumentou ele com bastante naturalidade.

Embora estivesse completamente sóbria na ocasião, Carolyn não tinha energia para lutar contra batalhas perdidas. Então, apenas abriu a porta e permitiu que ele a seguisse até o interior.

Winston, empoleirado no parapeito da janela, cumprimentou-o com irritação e bufou.

– Seja como for, gato – disse Brody, com resignação incoerente. – Estou aqui e, gostando ou não, tem que aceitar isso.

Carolyn correu para o banheiro para lavar o rosto e escovar os dentes, finalizando com um bochecho com antisséptico bucal e duas aspirinas que pegou no armário de remédios. A seguir, foi até seu quarto e mudou a camiseta.

E ali estava de volta ao banheiro, tentando conseguir coragem para ir até a cozinha, agradecer a Brody por tê-la trazido para casa e, educadamente, mandá-lo embora.

Com movimentos ágeis, ele pegava água corrente na pia, travando uma conversa unilateral com Winston. Sua voz soava baixa, quase inaudível. O tom era repreensivo, mas bem-humorado. Talvez estivesse tentando conquistar o gato.

O pensamento a fez rir, mas por pouco tempo, porque até *rir* era doloroso.

Como se sentiria depois que a *ressaca* passasse?

Ficaria arrependida. *É isso que ganha por beber*, repreendeu-se. *Sabe que não é boa nisso.*

Toda aquela autorecriminação não a estava levando a lugar algum, percebeu. Então respirou fundo, endireitou os ombros e expeliu o ar para fora dos pulmões. Decidida, obrigou-se a sair do banheiro e cruzar a curta distância até a cozinha.

Brody estava encostado à bancada, bebendo o que parecia ser café em uma de suas três milhões de canecas de *souvenirs*. Aquela retratava a imagem de um rato famoso e fora pintada com grandes letras vermelhas que dizia: “Bem-vindo a Orlando!”

– Tem uma bela coleção – observou ele, levantando a caneca um pouco para enfatizar.

– Estive em muitos lugares – disse Carolyn, em uma tentativa pouco convincente de soar casual. Na verdade, algumas das canecas eram frugalidades de brechós e bazares de pechinchas. Mas não via nenhum propósito em explicar que, às vezes, gostava de fingir que as comprara em férias com a família ao longo dos anos.

O que era patético, porque, para tirar férias em família, era necessário ter uma *família*.

Brody fitou-a com aquele sorriso torto, que tinha o poder de incitar uma manada de gado. Os olhos, tão suaves quanto veludo azul, também exibiam um brilho de diversão. Ao alcançar o micro-ondas, ele retirou uma segunda caneca, essa comemorando uma antiga visita a Alamo, em San Antonio. Ela sempre quisera visitar Alamo.

Carolyn sentiu o cheiro suave de chá de hortelã com um sutil toque de gengibre. Sua garganta, ainda um pouco dolorida por ter vomitado, apertou-se com a emoção.

– É bom para passar o enjoo – afirmou Brody, colocando o chá sobre a mesa da cozinha. – Sente-se. Não vou mordê-la ou algo do gênero.

Carolyn deixou-se cair em uma cadeira, desejando ter guardado a máquina de costura antes de sair para a casa de Davis e Kim para jantar e fazer o papel de boba do ano. Agora era bem provável que ele a estivesse achando uma pateta, bem como uma desavergonhada.

Brody esperou um segundo. Em seguida, sentou-se à frente dela. Em silêncio, observou-a tomar um gole de chá, inspirando seu agradável perfume de ervas.

– Você foi muito gentil... – Carolyn conseguiu dizer depois de sorver mais chá. Estava se recuperando em ritmo lento, mas constante. – Obrigada.

Um sorriso iluminou os olhos de Brody.

– De nada. – Ele terminou o café, mas não parecia com pressa de ir embora.

– Vou ficar bem agora que tomei aspirina e este chá – disse Carolyn, esperando que Brody captasse o significado e partisse. Mas, bem no fundo, esperava que isso não acontecesse.

– Tenho certeza que sim – concordou ele, fitando-a demoradamente.

– E o seu cão está sozinho na caminhonete.

Brody riu.

– Barney está bem.

Carolyn deixou os ombros caírem, e o queixo não se manteve no ângulo obstinado, que exibia desde sua volta à cozinha.

– Estou muito envergonhada – confessou, quase em um sussurro, sem pretender continuar falando.

– Não – disse Brody. – É óbvio que não consegue suportar bebida alcoólica, mas isso não é tão ruim.

Carolyn mordeu o lábio inferior e se forçou a encará-lo. Antes, havia falado sem querer; agora, parecia não ter uma palavra para expressar.

– Com certeza deve ter uma lata de sopa – disse Brody em um tom suave. Como seria se sentir assim tão à vontade, tão em casa, com tanta naturalidade? Será que provinha do fato de ele pertencer a algum lugar, de fazer parte de uma comunidade? Mesmo tendo ficado distante todos aqueles anos?, refletiu ela, com uma pontada de inveja. As raízes daquele homem estavam profundamente fincadas no solo do Colorado, enroladas em torno de seus alicerces, sem dúvida. – É melhor comer um pouquinho para aquietar o estômago.

Carolyn sacudiu a cabeça depressa. O *pensamento* de colocar comida na boca, mesmo uma simples sopa, ameaçou suscitar-lhe uma nova onda de

náusea.

– Eu não conseguiria.

– Está bem.

Era estranho, mas a solicitude imperturbável de Brody a fez se sentir ainda mais vulnerável do aquele infame beijo do dia anterior. Então, procurou se fortalecer contra o que, por certo, era uma necessidade humana perfeitamente normal. Ser cuidada, tranquilizada, assistida. Normal para outras pessoas, era isso. Crianças adotadas, não importava quão boas eram as casas por onde passavam, precisavam ser fortes e autossuficientes.

Sempre.

– Você pode ir agora – sugeriu cautelosa.

Brody riu mais uma vez. Recostou-se à cadeira e cruzou os braços.

– Posso – concordou ele, não exibindo nenhum sinal de fazê-lo tão cedo.

– E, quanto ao que Kim disse no jantar, sobre a minha assinatura em um site de relacionamentos...

– Quem está falando sobre isso? – perguntou ele, quando a voz dela falhou.

– Se eu soubesse que ela ia contar a todos, não teria lhe dito.

– Kim não fez por mal. De qualquer maneira, você é uma mulher adulta, tem uma mente sadia, um corpo... – Ele fez uma pausa, e uma vez mais aquela coisa especial brilhou em seus olhos. – E, se você quer namorar vigaristas em potencial, é problema seu.

Por um lado, Carolyn sabia que Brody a estava provocando. Por outro, não podia resistir a morder a isca.

– *Vigaristas em potencial?* Bem, *isso* é muito cinismo – acusou ela, e não importava o fato de que pensara o mesmo o tempo todo.

– Se está no mercado à procura de um homem, Carolyn, você é quem sabe como vai atrair um. Só estou dizendo que deve tomar cuidado. Existem alguns psicopatas por aí.

– *No mercado à procura de um homem?* – Ela se inclinou na cadeira, indignada. – *Atrair um?* – Estar indignada era como um progresso com relação a estar constrangida, pelo menos.

– Quer parar de repetir tudo que eu digo? – exigiu Brody. Um pequeno músculo se contraiu em seu rosto e, em seguida, suavizou.

– Quem mais ia querer namorar comigo, não é? – Carolyn abafou a voz para não gritar e assustar Winston. Ou os vizinhos. – Só um *psicopata* que não é capaz de obter uma mulher da maneira normal?

Brody riu. Com certeza não lhe faltava ousadia. Ou sex appeal.

– Já está você de novo colocando palavras em minha boca – disse ele, descontraído e afável. Seu olhar recaiu brevemente sobre os seios dela, subindo, em seguida, para o rosto corado. – Acalme-se, Carolyn. Se quer assinar o Funky Faces, ou seja lá como essa coisa se chama, vá em frente...

– *Friendly Faces* – corrigiu ela, odiando soar tão na defensiva. Por que não podia, pelo menos uma vez, obter vantagem naquelas discussões bem-humoradas?

– Que seja – disse Brody com desdém, empurrando a cadeira para trás e, por fim, se erguendo. – Tem certeza de que está tudo bem?

– Tenho – afirmou ela, abraçando o próprio peito e evitando fitá-lo.

Engraçado, apesar de tudo. Mesmo sem fitá-lo, ele era um assalto aos seus sentidos abalados. Cada célula do seu corpo estava atenta a Brody Creed, que possuía o poder de fazê-la latejar.

Carolyn sentiu um triunfo nervoso com a perspectiva de sua partida e, subjacente a isso, um certo desânimo.

Vá embora, pensou desesperada. *Pelo amor de Deus, Brody, basta ir embora.*

No entanto, em vez de seguir direto para a porta, ele contornou a mesa, parou atrás da cadeira dela, inclinou-se e beijou-a de leve no topo da cabeça.

– Eu a vejo por aí – disse em um tom ríspido.

Carolyn trincou os molares, assim não podia lhe pedir para ficar. Para persuadi-la a tomar sopa e abraçá-la.

Havia dito e feito coisas estúpidas o suficiente por um dia. Alcançado e excedido sua cota.

Alguns segundos depois, Brody partiu.

O apartamento, uma vez seu refúgio, parecia vazio sem ele.

Permaneceu sentada na cadeira, ouvindo o som dos seus passos na escada externa, esperando o rugido do motor da caminhonete ligando e se afastando.

Só quando se certificou de que ele não ia voltar foi que empurrou a xícara para o lado e se inclinou para frente. Frustrada, bateu com a testa levemente contra a mesa. Uma, duas, três vezes.

Winston pulou do peitoril da janela e se enrolou em torno de seus tornozelos, ronronando e oferecendo seu conforto de gato.

Carolyn se curvou, pegou o animal no colo e acariciou-lhe os pelos sedosos.

Como não havia ninguém, apenas o gato para ver, por fim cedeu, permitindo que as lágrimas rolassem pelo seu rosto.

– CERTO, EU fui uma intrometida – admitiu Kim, fitando-o com um olhar tímido.

Os dois conversavam na cozinha.

– Você acha? – retrucou Brody.

Durante o tempo que ele ficara fora, Tricia e Conner voltaram para a casa deles. Era provável que estivessem fazendo sexo tranquilo e vagaroso naquele exato momento. Davis se dirigira à oficina de selas, onde trabalhava como de costume. Little Bit e Smidgeon deviam tê-lo acompanhado, porque não havia nem sinal dos cachorrinhos.

Exceto pelo cheiro persistente de tamales caseiros, todos os vestígios do jantar haviam desaparecido. Pratos lavados, sobras embrulhadas e guardadas, bancadas limpas.

Kim Creed controlava tudo com muita eficiência. Pena que não exercia o mesmo controle sobre a própria boca.

– Sinto muito – desculpou-se ela, alcançando a cesta de roupas sobre a mesa e retirando uma toalha para dobrar. – Apenas pensei que você devesse saber que Carolyn está... bem... à procura.

– Por quê? – perguntou Brody. – Em que universo isso é da minha conta, Kim? Ou da sua, na verdade? Carolyn ficou nervosa. Acho que foi por isso

que começou a beber demais. E então você piorou ainda mais as coisas, deixando escapar algo que ela, pelo visto, lhe confidenciou.

Kim parou de dobrar a toalha, com os olhos marejados de lágrimas.

Brody não suportava ver uma mulher chorar. Sendo Kim, então, piorava tudo. Ela era, para todos os fins e propósitos práticos, sua mãe e, portanto, ele a amava.

– No momento, parecia uma boa ideia – admitiu com uma fungada. – Vou pedir desculpas a Carolyn amanhã.

Brody a abraçou, apertando-a de leve.

– Talvez seja melhor parar de bancar a casamenteira por algum tempo – sugeriu, pegando um pano de prato do cesto e dobrando-o.

– acredite em mim. Já ouvi esse sermão do Davis. Se você e Carolyn são dois cabeças-duras e teimosos demais para perceberem que estão destinados um ao outro... Bem, lavo minhas mãos, pronto. Você que se vire sozinho.

– Obrigado – Brody disse, sorrindo. – Vou me virar de agora em diante.

Os olhos de Kim se arregalaram e suas mãos congelaram sobre a toalha que dobrava.

– O que quer dizer com “vou me virar de agora em diante”? Você está...?

Brody ergueu um dedo indicador e sacudiu a cabeça, sorrindo, enquanto se virava para ir até a oficina de Davis lhe dar boa-noite e voltar à cabana em *River's Bend*.

O espaçoso cômodo tinha um cheiro agradável de couro, sabão de sela e madeira queimada, que crepitava na lareira Franklin. As chamas lançavam um reflexo dançante sobre as desgastadas tábuas do piso. Davis se encontrava em uma das várias mesas de trabalho, imprimindo um projeto complexo em uma faixa de couro.

Ao ver o sobrinho entrar, olhou para cima e sorriu. Pousou o martelo de borracha, deixou o furador de lado e limpou a poeira das mãos nas laterais da calça jeans, o que parecia mais uma mania do que uma necessidade.

– Carolyn ainda está se sentindo mal? – perguntou, em uma tentativa clara de entabular uma conversa.

– Ela vai ficar bem – respondeu Brody, olhando em volta e se recordando de quando ele e Conner eram crianças, andando descalços na primeira

oficina do tio, um espaço bem menor que aquele, anexo ao celeiro do rancho. Naquela época, não acreditavam que nada nem ninguém pudessem feri-los, se Davis estivesse por perto. Cresceram sentindo-se seguros, e isso desenvolvia a autoconfiança. Ou arrogância, dependendo do modo como era encarado.

Davis inclinou a cabeça para um lado e estudou o sobrinho em silêncio por alguns instantes. A seguir, voltou à bancada de trabalho, pegou uma flanela e começou a polir a peça em que estava trabalhando.

– Como estão as obras da sua elegante casa? – perguntou Davis, que não era um homem de muita conversa.

Brody viu os cachorros embaixo de uma das mesas, aconchegados em uma cama de pelúcia rosa em formato de chinelo, e sorriu. Arrastando uma cadeira de madeira, sentou-se escarranchado, descansando os braços cruzados sobre o espaldar.

– Lentas – respondeu, fazendo Davis dar uma risada baixa.

– Lugar bem grande para um cowboy e seu cão – comentou o tio. Barney o seguira, deitando-se aos seus pés.

– Não comece – advertiu ele, inclinando-se para mexer nas orelhas caídas do cão, de modo que o bicho soubesse que era bem-vindo.

– Não comece o quê? – perguntou Davis, embora soubesse muito bem o quê.

Brody apenas suspirou.

Davis riu, balançando a cabeça.

– Minha mulher provocou um certo mal-estar esta noite, não foi? – disse ele, polindo a peça de couro, distraído.

– Pode-se dizer que sim – concordou Brody em um tom seco.

O tio fez uma pausa no trabalho e o avaliou com um olhar cômico, antes de continuar.

– Conner e Tricia se revelaram um belo par – observou. – Kim se meteu nisso, com certeza. Mas ela só quer que você seja tão feliz quanto seu irmão é, é tudo.

– Eu sei – respondeu ele, com um longo suspiro. Então, acrescentou: – Aí é que está, Davis. Aconteceu algo entre mim e Carolyn há muito tempo.

Hoje, ela prefere conviver com um gambá a conviver comigo. Nunca vamos ficar juntos, eu e ela. Não importa o quanto você e Kim torçam por isso.

– É mesmo? – perguntou Davis, com sua habitual nota de ceticismo beneficente. Havia terminado o polimento e agora limpava as mãos em uma toalha da oficina.

– acredite em mim – disse Brody. – Entre mim e um gambá, ele ganharia, sem esforço. Carolyn não quer saber de mim e não posso realmente culpá-la por isso.

Davis riu.

– É impressão minha ou ouvi uma nota de tristeza em sua voz, rapaz? – Smidgeon e Little Bit deixaram a cama em formato de chinelo apressados, arranhando as pernas da calça de Davis para ele se abaixar e pegá-los no colo. E ele o fez de imediato.

– Tristeza? – zombou Brody, um ou dois minutos depois. – Está enganado.

– Você está interessado em Carolyn – disse o tio com seu tom calmo, com um cãozinho na curva de cada cotovelo. – Não há nada de errado nisso. Ela é uma beleza e também é muito boa com os cavalos.

Brody sorriu melancólico. Dizer que alguém era bom com os cavalos era um grande elogio, vindo de um Creed, melhor do que ter bom prestígio ou ser recomendado por algum figurão.

– Bem – disse ele. – Eu acho que estraguei as coisas com ela.

Davis colocou os cachorrinhos suavemente no chão e os dois saíram em disparada, com certeza em busca de Kim. Em seguida, o caubói durão puxou uma cadeira e sentou-se, olhando para Brody com um ar solene, mas com um dos cantos da boca curvado.

– Estraguei as coisas com Kim mais vezes do que gostaria de lembrar. E aqui estamos nós, completando 35 anos de casados no próximo mês de outubro.

Um silêncio sociável se abateu no recinto. Por algum tempo, ambos permaneceram sentados, ouvindo o fogo crepitante na lareira, perdidos nos próprios pensamentos.

Brody sentiu um leve nó na garganta.

– Você e Kim nunca se arrependeram de não terem tido filhos? – perguntou, as palavras soando um pouco emperradas.

– Nós *tivemos* filhos – pontuou Davis, com um sorriso. – Você, Conner e Steven.

– Steven é só seu – persistiu Brody. O casamento de Davis com a mãe de Steven não durou.

O tio pensou por um momento e havia um brilho em seus olhos quando respondeu:

– Gostaríamos de ter tido uma menina. Mas agora que Melissa e Tricia fazem parte da família... Bem, Kim e eu sentimos como se tivéssemos tudo que uma pessoa poderia querer da vida.

Brody ficou calado.

Davis se aproximou e colocou a mão no ombro do sobrinho, apertando-o de leve.

– Sei que já lhe disse isso antes. Mas é muito bom tê-lo de volta em casa, o lugar a que você pertence, garoto. Todos nós sentíamos muito a sua falta.

Com isso, a conversa pareceu findar.

Davis se levantou e caminhou até a lareira para extinguir o fogo. Brody disse a Barney que era melhor os dois pegarem a estrada e saiu para o corredor do lado de fora da oficina. Então, lembrou-se do que havia ido fazer e enfiou a cabeça de volta na abertura da porta.

– Boa noite, Davis.

O tio balançou a cabeça e sorriu.

– Boa noite. Dirija com cuidado, porque precisamos de você.

Brody acenou com a cabeça e não procurou Kim para se despedir ao sair.

Vinte minutos mais tarde, estacionou em *River's Bend*, próximo ao celeiro inacabado. Ele e Barney entraram para se certificar de que Moonshine estava bem acomodado para passar a noite. Em seguida, se dirigiram à cabana.

Depois de acender as luzes, foi direto até o computador para ligá-lo. Enquanto fazia isso, Barney bebeu água ruidosamente e depois se acomodou em sua cama para recuperar o sono atrasado.

Uma vez on-line, Brody ignorou a caixa de correio, que não verificava há vários dias, e acessou seu site de pesquisa favorito.

Com seu estilo de digitação incorreto, escreveu *Friendly Faces*.

Algo em torno de dez mil links surgiu na tela. Refinou a busca para sites de relacionamento, corando um pouco, embora ninguém jamais fosse, com a ajuda de Deus, descobrir que ele descera tão baixo.

E lá estava o site no qual Carolyn, evidentemente, esperava encontrar um marido.

Seus dentes de trás trincaram de leve. Então, tentou relaxar a mandíbula com um esforço deliberado.

Encontrá-la não foi muito fácil, mas, por fim, se deparou com o perfil de Carolyn. Ela se apelidara de Carol, ele logo descobriu. Por alguma razão, isso o fez se sentir um pouco melhor.

Decidiu enviar-lhe uma mensagem. Para fazer isso, precisou se inscrever para o teste experimental gratuito, embora não achasse aquilo certo.

Não tendo nenhum estoque de apelidos para recorrer, como Carolyn por certo tinha, usou o próprio nome. E, como não dispunha de fotos de si mesmo à mão, enviou um instantâneo de *Moonshine*.

Isso o fez sorrir. De acordo com Kim, nenhuma mulher de respeito se envolveria com um caubói, a menos que tivesse visto o seu cavalo.

Concluiu as poucas etapas restantes, e o caminho por fim ficou livre: podia enviar uma mensagem a Carolyn.

Logo em seguida, se deparou com um obstáculo. Agora que passara por todos os procedimentos, não conseguia pensar em uma única coisa para lhe dizer. Sentia-se um pouco tenso. Suspirou, recostou-se à cadeira, e franziu a testa, enquanto fitava o monitor como se algo pudesse se materializar na tela, se ele se concentrasse bastante.

Bem, espertinho, zombou de si mesmo em silêncio, onde está todo aquele palavreado e charme rural que sempre invocou?

Brody suspirou mais uma vez e coçou o queixo, pensativo.

Aquilo era ridículo.

Um simples “olá” serviria, mesmo as coisas não estando boas entre ele e Carolyn.

Não. Apenas um “olá” não resolveria.

Procurando diversão, chame Brody, lhe veio à mente no momento seguinte e, felizmente, foi descartado.

Decidiu por *espero que você esteja se sentindo melhor*, e estava digitando quando uma mensagem instantânea apareceu na tela.

Olá, estranho, Joleen escreveu. Que sorte encontrá-lo on-line. Que milagre! Enfim, gostaria de avisá-lo que estarei em Lonesome Bend dentro de poucos dias.

Brody estacou e congelou.

Joleen havia partido semanas atrás, jurando que ficaria longe por algum tempo.

– Droga! – murmurou. A falta de noção de tempo, como a sorte, nunca era tão ruim que não pudesse piorar.

Olá? Joleen o cutucou.

Olá, respondeu ele.

Joleen era mais rápida no gatilho quando se tratava de digitar.

Pensei em ficar na sua casa. Tem espaço na casa dos meus pais, mas eles não estão muito satisfeitos comigo nos últimos tempos.

Brody exalou um suspiro irregular.

Desculpe, ele escreveu de volta, usando apenas a ponta do dedo indicador direito. A cabana é muito apertada para acomodar um hóspede.

Ainda irritado com a discussão sem importância que tivemos?, Joleen perguntou, adicionando uma fileira de emoticons com lágrimas jorrando dos olhos.

Não é isso, respondeu Brody de forma laboriosa.

A resposta veio como um raio.

Está me dispensando, Brody Creed?

Com outro suspiro, ele pegou o telefone celular e digitou o número de Joleen.

– Alô? – ronronou ela, como se não pudesse imaginar quem estava ligando.

– Só acho que está na hora de colocarmos um ponto-final nisso – Brody foi logo dizendo, não vendo razão para se preocupar com preâmbulos. – Refiro-me a essa história de dormirmos juntos.

– Então *você* está me descartando! – Para o seu bem, ela parecia alegre em vez de magoada. Joleen tinha uma qualidade, era uma pessoa divertida.

– Certo – disse Brody. – Faça como quiser.

– Se eu pudesse fazer as coisas do meu jeito – retrucou Joleen depressa –, estaríamos casados agora, com um bando de filhos.

Brody fechou os olhos. Podia imaginar as crianças com bastante clareza, mas todos se pareciam com Carolyn, não com Joleen.

– Tínhamos um acordo – lembrou ele com a voz ríspida. – Concordamos desde o início que não deixaríamos nosso relacionamento se tornar sério.

Joleen riu, mas o som tinha uma nota de amargura.

– Então, finalmente aconteceu – disse ela, depois de um longo silêncio. – Alguma potranca o laçou, o derrubou e o prendeu.

– Bela descrição – retrucou Brody, sem inflexão. – E, para sua informação, não lhe devo explicações, porque com certeza não... Nada aconteceu.

– Certo – zombou Joleen. – Bem, vou voltar de qualquer maneira. Se você se sentir sozinho, estarei na casa dos meus pais, tentando convencê-los de que sou uma boa moça.

– Boa sorte – disse ele, sentindo uma trégua na tensão, porém leve. Jamais amara Joleen. Os dois tiveram algumas brigas acirradas no tempo em que ficaram juntos, mas gostava dela. Queria que ela fosse feliz.

– Você e eu – ponderou Joleen, surpreendendo-o com a profundidade do conhecimento que veio a seguir – usamos um ao outro para manter todo mundo a uma distância segura, não é?

– Sim – concordou Brody. – Acho que era isso que estávamos fazendo.

– Aham – retrucou decisiva, como se tivesse chegado a alguma conclusão.

– E está na hora de nós dois seguirmos em frente – acrescentou Brody. – *Você segue o seu caminho, e eu sigo o meu.*

– Apenas me diga quem é ela – insistiu Joleen.

– Não existe uma *ela* específica.

– Tá bom que não existe, Brody Creed. Eu o conheço, lembra? Você vem trilhando por esse caminho há algum tempo... voltando a Lonesome

Bend... Fazendo as pazes com Conner, Kim e Davis... Construindo uma casa... – Ela emitiu um som úmido e, por um terrível momento, Brody receou que Joleen estivesse chorando ou prestes a fazê-lo. – Que tola eu fui – continuou ela por fim. Pensei que toda aquela conversa de não deixar as coisas ficarem sérias era só... conversa. Nossa história é bem antiga.

Brody fechou os olhos por um instante, lembrando-se de coisas que constantemente fazia o possível para esquecer. Joleen fora namorada de Conner um dia e, com a ajuda de Brody ela provocara uma desunião entre os irmãos que poderia tê-los afastado para o resto da vida, em vez de apenas uma década.

E uma década, para ele, era tempo demais para ficar afastado de Conner.

– Desculpe-me se entendeu mal – disse em um tom de voz baixo quando o ar parou de chiar com a ira de Joleen. – Mas nunca lhe dei qualquer motivo para pensar que seja lá o que tivemos juntos chegaria a algum lugar. E não sou responsável por aquilo que se passa em sua imaginação.

Joleen suspirou, acalmando-se um pouco.

– E quanto à parte em que você dizia que sempre seríamos amigos? – perguntou, por fim.

– Isso é com você. – Brody desejou poder lhe pedir para não voltar, pelo menos não de imediato. As coisas já estavam complicadas o suficiente. O problema é que Lonesome Bend era tanto sua terra quanto dela. Joleen tinha todo o direito de passar uma temporada lá. – Podemos ser amigos ou nos afastarmos por um tempo e deixar a poeira baixar um pouco.

– Posso criar problemas para você, sabia? – Ela o lembrou com a voz suave.

Se estava falando sério ou não, ele não sabia dizer.

– Sem dúvida – concordou.

– Você pode muito bem me dizer quem ela é, Brody – continuou Joleen, ignorando o que ele dissera. – Posso descobrir com um telefonema ou dois de qualquer maneira.

– Isso é com você – reiterou ele. – Adeus.

Joleen fez uma pausa, absorvendo a irreversibilidade daquelas palavras. Deu outra fungada... e desligou na cara dele.

Brody ficou olhando para o display do telefone por alguns momentos, com o cenho franzido.

Barney se aconchegou mais perto da lareira, ergueu o focinho e fitou o dono com algo semelhante à compaixão.

Essa parte, com certeza, Brody estava imaginando.

– Mulheres – disse ele ao cão, antes de voltar ao computador e à mensagem que estava tentando escrever para Carolyn. – São difíceis de entender, não importa o quanto se tente. Dizem uma coisa quando querem dizer outra. Choram quando estão tristes e também quando estão felizes. Então você nunca sabe como agir.

Barney deu um pequeno ganido e recostou-se para sua soneca.

Determinado, Brody olhou para a caixa de mensagens na tela a sua frente. *Espero que você esteja se sentindo melhor* foi até onde chegou, e ficaria por aí mesmo se a inspiração não voltasse em breve.

Não parecia haver muito risco que isso acontecesse.

Voltou a coçar o queixo, percebendo que a barba estava crescida. Havia se barbeado naquela manhã, não havia?

Tentou organizar os pensamentos, focá-los em uma mesma direção, mas era complicado. Não entendia por que se encontrava tão confuso e sem muita imaginação com as palavras.

Durante a vida inteira fora um tagarela, refletiu. Mas, quando se tratava de Carolyn Simmons, parecia tão falante quanto uma alavanca de bomba. Desistiu e pressionou a tecla delete. Em seguida, desconectou o computador e virou-se na cadeira.

A cama ainda estava desfeita e não havia nenhuma mulher nela.

O micro-ondas e o frigobar, objetos inanimados, servindo como uma espécie de cozinha, representavam uma imagem triste da vida de solteiro.

O único ponto positivo naquele lugar, decidiu melancólico, após ponderar tudo, era o cão.

Capítulo Seis

NEGAÇÃO SERIA a palavra de ordem do dia, decidiu Carolyn enquanto se preparava para abrir a loja às 9h em ponto da manhã seguinte.

Tudo que tinha a fazer era fingir que não se embriagara com vinho durante o jantar de tamales de Kim e Davis, na frente de Brody Creed. Que não se inclinara para fora da porta da caminhonete do bonitão e vomitara no acostamento da estrada. Que não fizera papel de completa idiota.

Não, de modo algum. O pior era que havia feito todas essas coisas e, para seu espanto, nem sabia *por quê*. Não costumava ingerir bebida alcoólica. Muito menos exagerar na dose. Simplesmente não tinha a capacidade de assimilar o álcool, nunca tivera.

Confusa e enjoada, Carolyn olhou para o batique *Tecelã*, a obra de arte que enfeitava um lugar no topo da parede, buscando a sabedoria em todas aquelas cores e serenidade. Mas tudo que conseguiu foi um torcicolo no pescoço e a conclusão de que seu mecanismo de defesa, construído há muito tempo, havia falhado dessa vez.

Se não pudesse recorrer à negação, estaria presa à realidade.

Caramba!

No entanto, havia lados positivos na situação. Dormira a noite toda. E mais duas aspirinas, com um copo de água, fizeram sua cabeça parar de latejar.

Contudo, não fora capaz de ingerir café ou mesmo chá de ervas.

Desjejum? Nem pensar.

Seu estômago ainda estava bastante duvidoso. Então, após alimentar Winston, tomara um banho e se vestira para o dia, optando por sapatos baixos de couro sintético, calça preta e uma blusa branca, em vez da habitual calça jeans, camiseta e botas. Aplicou um pouco de maquiagem, pois sem blush, ficaria muito pálida. E prendera o cabelo em uma espécie de coque, que esperava lhe conferir uma aparência elegante informal. Em seguida, colocou seu único par de brincos de ouro.

Queria parecer... bem... profissional. Uma mulher de essência e bom senso. Mas se contentaria com uma aparência sóbria.

Tricia chegou às 9h15, usando sandálias e um leve vestido verde de verão para gestantes. Trazia nas mãos dois copos de café tamanho família que comprara na lanchonete, no final da rua. Brilhava como uma mulher que passara a noite desfrutando de muito sexo com o adorável marido.

Carolyn sentiu uma pontada de inveja. Precisava se esforçar, se quisesse ter a mesma coisa.

Fitando-a, antes de pousar os copos sobre o balcão, a amiga brindou-a com um sorriso caloroso, avaliando-a da cabeça aos pés.

– Bem, olhe para você – observou, por fim. – Vestida como alguém prestes a ir ao banco e pedir um vultoso empréstimo. Ou solicitar adesão em um clube rural.

Carolyn suspirou e não conseguiu esconder a verdade.

– Acho que estava tentando mudar minha identidade. – O cheiro do café, sempre tão atraente, fez seu estômago revirar. – Tornar-me outra pessoa. Declinar na obscuridade permanente, desaparecer para sempre. Criar meu próprio programa de proteção a testemunhas de uma só mulher.

Tricia riu.

– Ela a pegou para valer – disse sem rodeios. – E não estou falando sobre a gripe.

O rosto de Carolyn ardeu.

– Se quer dizer “a ressaca”, obrigada por me lembrar – retrucou, erguendo o queixo. – Já me sinto uma tola, após tudo que aconteceu na noite passada.

Tricia pegou um dos copos e ofereceu-o a Carolyn, que negou com a cabeça, engolindo em seco.

– Você bebeu vinho além da conta – disse com a voz gentil e deu de ombros. – Nada de mais. Acontece com todo mundo. E, se está de ressaca, palavra sua, não minha, não parece. – Fez uma pausa enquanto caminhava para trás do balcão e enfiava a bolsa no cubículo de costume. Em seguida, endireitou-se e continuou: – Estava me referindo, minha amiga irritadiça, à sobrecarga de energia entre você e Brody ontem à noite. Estou surpresa por todos os nossos pelos não terem ficado arrepiados e os esqueletos, à mostra, através de nossa pele.

Carolyn não conteve o riso, embora o som soasse rouco e machucasse sua garganta.

– Essa foi boa! Você tem uma grande imaginação, Tricia Creed. Se houvesse uma “sobrecarga” de qualquer coisa entre mim e Brody, só podia ser de hostilidade.

– Claro – concordou a amiga em um tom calmo e quase prontamente, ao mesmo tempo em que mexia nos sachês ao lado da caixa registradora. A menos que um ônibus de excursão chegasse de repente, com certeza não ficariam muito ocupadas naquele dia. O coração de Carolyn diminuiu com a perspectiva de longas horas passadas sem ter nada para fazer.

– Vou verificar se há pedidos na internet – disse desesperada para mudar o rumo da conversa, antes que se aprofundasse mais em torno de Brody. Caminhou até o computador da loja, em seu pequeno escritório, distante da sala de estar. – Talvez tenhamos vendido mais alguns aventais on-line.

– Talvez – retrucou Tricia, lançando outro olhar sobre Carolyn, como se estivesse prestes a se virar e ir embora. Então, resolveu ir direto ao assunto: – Como pôde se inscrever em um site de relacionamentos, não me contar nada, mas confidenciar a Kim?

Carolyn queria mentir, mas simplesmente não era capaz. Não a Tricia, uma das primeiras amigas verdadeiras que já tivera.

– Não planejei contar a *ninguém* – admitiu com pesar, cruzando os braços. – Kim e eu estávamos lá em cima, almoçando, e apareceu uma mensagem na tela do meu laptop. – Ela respirou fundo e exalou o ar. Esse

site, *Friendly Faces*, quero dizer, é um pouco assustador. A coisa fala. Se o computador estiver ligado e chegar uma mensagem, começa a avisar. Alguém está interessado em você! – Ela deixou os braços caírem ao longo do corpo. – Quando isso aconteceu, Kim descobriu o meu segredo e não tive escolha, senão lhe explicar.

Tricia sorriu.

– Relaxe. É um mundo novo. Muitas pessoas se conhecem pela internet antes de se encontrarem pessoalmente.

– Para você, é fácil falar – assinalou Carolyn. – Não precisa recorrer a medidas desesperadas, já *está* casada.

Tricia deixou escapar um suspiro sonhador.

– Sim. Sem dúvida, estou mais do que casada.

Carolyn se esforçou para não revirar os olhos.

Tricia voltou da terra de corações, flores e pássaros de desenhos animados voando com fitas em seus bicos e a estudou com os olhos ligeiramente semicerrados.

– Só tenho uma pergunta.

– Claro que tem – disse Carolyn, resignada. Esse era o problema com as amigas, abriam todos aqueles lugares exclusivos que as pessoas gostavam de manter escondidos.

– Por que recorrer a sites de relacionamento e conhecer estranhos quando o homem perfeito está bem diante de você?

Carolyn fingiu olhar em volta em busca daquele “homem perfeito” de Tricia. Arqueou as sobrancelhas, fingindo confusão, e pousou as mãos sobre os quadris.

– Onde está ele? Eu não o vejo.

– Você sabe que estou falando de Brody – respondeu a amiga, tornando-se brilhante e corada outra vez. Podia estar falando de Brody, mas Carolyn podia apostar que ela estava *pensando* em Conner.

Lembrou-se de que Tricia tinha boas intenções, bem como Kim. *Estava* sendo irascível e se arrependeu.

– Sinto muito.

– Por quê? – Tricia quis saber.

– Acho que estou sendo um pouco rabugenta.

– E *eu*, intrometida. – Outra longa pausa se seguiu até ela acrescentar: – Foi, de fato, tão ruim o que aconteceu entre você e Brody?

Carolyn abriu a boca e tornou a fechá-la, perplexa e sem saber o que responder.

Tricia tocou-lhe o braço.

– Lá estou eu me intrometendo outra vez.

– Podemos não falar sobre Brody, por favor? – pediu Carolyn, após um longo tempo. Ela percebeu que estava se abraçando com ambos os braços, como se um vento frio soprasse através da loja, congelando-a até os ossos.

– Claro – concordou Tricia, com os olhos marejados de lágrimas. – Claro.

Carolyn girou nos calcanhares e se dirigiu ao quarto-escritório, mantendo a coluna ereta.

Foi de fato tão ruim o que aconteceu entre você e Brody?

Sim, respondeu-lhe uma voz interior, profunda demais para ser pronunciada em voz alta. *Ele foi o primeiro homem que ousei amar. Dei tudo que possuía a Brody Creed, tudo que fui e sempre planejei ser. Pensei que ele fosse diferente de todos os outros, das mães, dos sociólogos, das famílias dos lares adotivos, então confiei nele. No fim, porém, ele me descartou, como todos sempre fizeram. Partiu e o procurei durante meses, esperando e rezando para que ele voltasse, mas ele sumiu.*

Bastava de esperança e preces. Afinal, quando foi que alguma das pessoas que passaram pela sua vida lhe fizera algo de bom?

Ao alcançar o escritório, Carolyn ligou o computador, apenas para ser recompensada com uma saudação demasiado familiar, assim que acessou a Internet.

Alguém está interessado em você!

– Posso imaginar – murmurou ela.

Por que isso estava acontecendo? Não assinara *Friendly Faces* por aquele computador; usara o laptop no andar de cima.

Era assustador.

Num impulso, irritada, clicou no ícone “Mostre-me!”, e apareceu a foto de um cavalo baio.

Dê-me uma chance, lia-se na mensagem abaixo da foto.

Fora postada no meio da noite e estava assinado, Brody.

Carolyn levou a mão à boca. Então, com a voz instável, gritou:

– Tricia?

A amiga apareceu quase no mesmo segundo. Tinha pés leves, para alguém em um estágio tão avançado de gravidez.

– Há algo de errado? – perguntou ela, já na entrada do escritório.

– Estou vendo coisas? – perguntou Carolyn, gesticulando para a tela.

Tricia deu alguns passos à frente e olhou para o monitor.

– Esse é o cavalo de Brody – disse bem devagar. – Moonshine.

– Pelo visto, está à procura de uma namorada – brincou Carolyn.

Tricia riu, mas soou nervosa.

– *Brody* lhe enviou uma mensagem através do *Friendly Faces*? – Ela ficou maravilhada. – Uau! Ele deve *realmente* gostar de você.

Carolyn experimentou um estranho arrepio.

– Sim – retrucou. – Deve ser por isso que está se escondendo atrás do *cavalo*.

– Ele sabe que você gosta de cavalos. – O argumento foi fraco.

– Oh, pelo amor de Deus!

– Você se registrou como “Carol”? – perguntou Tricia, franzindo um pouco a testa.

– Isso não tem importância – disse ela depressa. – O que faço agora?

– Que tal marcar um encontro com Brody?

– Ah, claro.

– Que mal pode haver nisso? Vocês dois saírem para jantar, talvez irem ao cinema? Diversão inofensiva.

– Nada em Brody Creed é inofensivo – afirmou Carolyn, convicta.

– É verdade – concordou Tricia, arregalando os olhos. – Mas esse é mesmo o tipo de homem que você quer? Alguém inofensivo, que não cause impacto algum?

– Ele me assusta. – As palavras escaparam antes que tivesse chance de impedi-las. Não pretendia realmente dizer algo assim em voz alta. Mas Brody *de fato* a assustava, porque ninguém, nem mesmo sua mãe

irresponsável, jamais tivera tanto poder de machucá-la, de despedaçá-la, quanto ele.

– Um encontro – negociou Tricia. – Você estabelece os termos. Que mal pode haver?

– Acredite em mim. Isso pode ser *péssimo*.

– Ele deve ter lhe feito muito mal – aventurou-se a amiga, intrometendo-se de novo e não mostrando sinais de arrependimento. – Pode me *contar*, Carolyn.

– Como contei para a Kim?

Tricia cruzou os dedos e, em seguida, ergueu a mão em sinal de juramento.

– Não vou comentar com ninguém. Nem mesmo com Conner.

Carolyn suspirou. Virou-se para Tricia e, depois de anos de condicionamento, resolveu falar.

– Brody estava de passagem em Lonesome Bend – disse ela, enfadonha, como um velho toca-discos em rotação lenta. – Isso aconteceu anos atrás. Eu estava tomando conta da casa de Kim e Davis, e ele... bem, apareceu na porta. Alguma coisa aconteceu. Então, algo mais aconteceu. Quando dei por mim, compartilhávamos uma cama há uma semana, e eu estava louca de amor por Brody Creed. Fizemos planos para um futuro juntos, filhos, animais de estimação, uma casa em algum lugar do rancho, essa coisa toda. Brody voltara para se reconciliar com Conner e com os tios, e íamos nos casar. Então, certa manhã, acordei e encontrei um bilhete com os seguintes dizeres: “Algo aconteceu. Preciso partir.” Apenas isso. Ele partiu.

– Oh – disse Tricia, absorvendo a história como um impacto. – Não ouviu falar mais dele?

– Ligou-me um mês depois, bêbado e fora de si. Isso foi pior do que a falta de notícias.

– Sinto muito – murmurou a amiga, aparentando tão chocada que Carolyn de imediato esqueceu a própria dor.

– Não. Não sofra com isso, Tricia. É uma história antiga. Mas você sabe o que dizem sobre as pessoas que não conseguem aprender a partir dos erros e os repetem.

– Amo o meu cunhado, mas agora me sinto tentada a torcer-lhe o pescoço.

– A última coisa que quero é fazê-la ficar contra Brody – Carolyn disse à amiga. – Ele é irmão do seu marido. Tio do seu bebê. Seria muito, muito errado se o que eu lhe contei causasse problemas a sua família. Eu não poderia suportar. Famílias são bens preciosos.

Tricia abraçou-a brevemente, mas bem apertado.

– Não se preocupe comigo. Precisa fazer o que é certo para você. Quando foi a última vez que se colocou em primeiro lugar?

Carolyn vasculhou a mente, então a alma, para lhe dar uma resposta sincera.

– Sempre. E nunca.

Tricia ficou calada por um longo minuto e então resolveu falar.

– No início, quando me senti atraída por Conner, repeli meus sentimentos com todas as forças do meu ser. Estava apavorada. Nada em minha vida havia me preparado para acreditar em finais felizes, nem o breve casamento dos meus pais ou, mais tarde, meus próprios relacionamentos. Nada dava certo. Nunca. Em algum lugar ao longo da linha, decidi que o verdadeiro amor era algo que acontecia em livros e filmes, ou a pessoas com mais sorte. Era melhor ficar sozinha, porque dessa, forma, não sofreria. – Fez uma pausa, seus olhos procurando os de Carolyn. – Quanta estupidez, não é? Só uma coisa seria pior do que amar Conner Creed e perdê-lo: não me permitir assumir o risco. E quer saber de uma coisa? Não importa o que aconteça no futuro. Mesmo se, Deus me livre, Conner morrer em seu apogeu, ou me abandonar, ou qualquer outra coisa que o destino possa nos reservar, já teria valido a pena, porque, quando se ama alguém do jeito que eu amo Conner, quando alguém a ama do jeito que ele me ama... – Os olhos azuis de Tricia se encheram de lágrimas novamente e ela engoliu em seco, antes de prosseguir. – Quando amamos e somos amados dessa forma, nada e ninguém pode nos tirar isso. Se durar cinco minutos ou cinquenta anos, esse amor se tornará uma parte permanente de você.

Carolyn estudou a amiga.

– É assim para algumas pessoas – disse ela em um tom de voz calmo.

- Pode ser assim para *você* também – insistiu Tricia.
- Não com Brody Creed. De modo algum – respondeu Carolyn. Então se virou para o monitor e clicou no ícone apropriado com a intenção de ignorar a mensagem. Mas, em vez disso, se viu digitando Belo Cavallo, e em seguida clicou em “Enviar”.

APÓS COLOCAR um pequeno desjejum congelado no micro-ondas, sair para o celeiro para alimentar Moonshine e passear com o cão, Brody, finalmente, ligou o computador por volta das 9h30. Durante todo o tempo, dizia a si mesmo que o fato de Carolyn, também conhecida como Carol, ter ou não respondido a sua mensagem era irrelevante.

Barney, tendo devorado sua ração, sentou-se aos seus pés, aguardando, paciente, pelo próximo passo da agenda. Talvez, esperando estar incluído.

Brody sorriu para o vira-lata e afagou-lhe as orelhas, como um modo de tranquilizá-lo.

– Já devíamos estar no campo – confidenciou ao animal. – Davis e Conner já devem estar roendo as unhas e reclamando que algumas coisas nunca mudam.

Barney abriu a boca e bocejou.

Brody riu e voltou ao computador no momento em que uma voz eletrônica anunciou: “Alguém está interessado em você!”

– Com certeza, espero que sim – disse ele ao cão, que já havia se estendido para uma soneca.

E lá estava.

Bonito cavalo, Carolyn escrevera.

Brody suspirou. Não era um “sim”, mas também não era um “não”. Esfregou as mãos e pensou durante alguns minutos.

Mais uma vez, a inspiração lhe escapava.

Obrigado, respondeu por fim. Quer cavalgar comigo?

Suspirou de novo, exasperado dessa vez, e correu os dedos pelos cabelos, em um gesto frustrado. Costumava ser um expert em mulheres, repreendeu a si mesmo.

A verdade era que tinha *muito* a dizer a Carolyn Simmons, começando com um “eu sinto muito”. Mas preferia ter seus pensamentos publicados em um outdoor no meio da cidade do que enviá-los através da Internet.

Seu celular tocou.

Distraído, clicou no ícone “Enviar” e, de imediato, se arrependeu.

– Alô – disse ao telefone.

– Que tipo de negócio acha que estamos dirigindo? – Conner exigiu saber. – Neste rancho, se *trabalha*, e seria bom se você aparecesse e fizesse a sua parte em algum momento antes do meio-dia.

Brody riu.

– Ora, Conner – ele disse com a voz arrastada, porque sabia que isso deixava o irmão louco. – Você precisa se acalmar um pouco. Aproveite mais a vida. O gado tem mil hectares de capim para se alimentar e as cercas serão fixadas...

– Brody – interrompeu Conner secamente. – Este rancho é tanto seu quanto meu. Dividimos os lucros meio a meio. Pelo amor de *Deus*, vamos fazer o mesmo com o trabalho!

– Que bicho o mordeu? Para um homem fazendo sexo com regularidade, está muito irritado.

Podia sentir, literalmente, o irmão chiar de raiva do outro lado da linha.

– Chega de besteiras – rosnou Conner. – Venha para cá, a menos que queira que eu vá buscá-lo.

– Talvez você *não* esteja fazendo sexo com regularidade – especulou.

– Brody, juro por Deus que...

– Certo, certo – concordou ele, desligando o computador, empurrando a cadeira para trás e se erguendo. – Não tire a calça pela cabeça. Já estou a caminho.

Barney se levantou, abanou o rabo e se espreguiçou. Brody não teve coragem de deixá-lo para trás. Decidiu dar um dia de folga a Moonshine e ir dirigindo até a fazenda em sua caminhonete.

Aquele veículo era grande, com cabine estendida, pintado nas cores prata e azul e contava com todos os recursos modernos, desde GPS a telas de vídeo na parte de trás dos assentos dianteiros. A despeito de todo brilho que

o equipamento possuía, ele ainda sentia falta da sua velha picape, aquela que mandara direto para o ferro-velho.

Com a antiga caminhonete, não precisava se preocupar com para-lamas amassados ou arranhões provocados por sacos de rações e ferramentas em sua carroceria. E podia ir a qualquer lugar com ela.

Infelizmente, seu motor dera o último suspiro alguns meses antes, e ele se vira forçado a vendê-la como sucata.

Perdido em pensamentos, abriu a porta traseira do lado do condutor e Barney saltou, como um cão de cinema fugindo dos *paparazzi*. Acomodou-se no lado mais distante e olhou ansioso para fora da janela.

Rindo, Brody assumiu seu lugar atrás do volante e começou a ligar o motor. Deveria pensar em cercas derrubadas, bezerros extraviados, o que geralmente acontecia quando se encontrava ao lado de Conner, mas sua mente estava em Carolyn.

Belo cavalo? Que diabo *aquilo* significaria? Quinze minutos mais tarde, chegou à sede do rancho. Retirou Barney da caminhonete e observou quando o cachorro se encontrou com Valentino na garagem. Os dois cães se cumprimentaram.

Conner saiu do celeiro enquanto os bichos ainda faziam festa um ao outro, com as feições carregadas como uma nuvem de tempestade. Caminhou direto na sua direção, batendo no display do relógio com o dedo indicador.

– Droga, tem ideia de que horas são?

Brody não usava relógio. Não tinha um há anos. Deitava-se para dormir quando sentia vontade. Levantava-se quando bem entendia. Velhos hábitos eram difíceis de mudar.

– Não – respondeu em um tom suave. – Não sei que horas são e, se soubesse, com certeza não faria nenhuma diferença.

Conner o fulminou com o olhar, mas no fundo não conseguia sustentar seu mau humor. Com a voz rouca e inteiramente contra a sua vontade, acabou rindo.

Brody sorriu e bateu no ombro do irmão.

– Assim está melhor. Vai ser pai em breve, irmãozinho. Isso significa que deve parar de se irritar com tudo. Que bem fará a essa criança se você sofrer um ataque cardíaco?

Conner meneou a cabeça, retirou o chapéu e voltou a colocá-lo no lugar. Então exalou um sonoro suspiro.

– Você é impossível.

– É o que dizem. O que consta na programação de hoje, chefe?

Conner deixou passar a palavra *chefe* sem comentários e arqueou uma sobrancelha.

– O de sempre. Há animais desgarrados. Bezerros, em sua maioria. Davis viu meia dúzia deles na beira do rio, mas não foi atrás porque seu cavalo perdeu uma ferradura e ele precisou voltar para casa pegar outra montaria.

– Estamos com escassez de cavalos hoje? – perguntou Brody, vagando o olhar pelo celeiro, arredores do curral e a área de pastagem. Contou oito cayuses que estavam à vista.

– Você sabe como é o Davis – respondeu Conner. – Quer montar o ruão, e ele está lá em cima, no pasto da casa dele. Nosso tio é teimoso e só faz o que quer.

Brody sorriu.

– Parece até um Creed, ou algo parecido.

Conner riu de novo e começou a voltar em direção ao celeiro.

– Vamos, caubói. Os bezerros não são conhecidos por sua inteligência, e teremos uma trabalhadeira se algum deles levar um tombo no rio e for arrastado pela correnteza.

A possibilidade era bastante real. Já haviam perdido muitos bois, cavalos e algumas pessoas para o rio. A queda tinha mais de 30m e pedras pontiagudas abaixo, despontando na água branca.

Isso, com certeza, explicava o humor azedo de Conner momentos antes, quando lhe telefonara.

Os dois irmãos selaram suas montarias ao mesmo tempo, no mesmo ritmo, com os mesmos movimentos e, quando partiram, se mantiveram lado a lado.

Barney e Valentino os seguiram.

Brody gostava daquele percurso, gostava de cavalgar ao ar livre em companhia do irmão.

Mas, ao chegarem ao cume mais alto, de onde se avistava o rio, uma trilha estreita em forma de fita serpenteando a estrada de terra, e a encosta íngreme que levava à margem rochosa, a diversão acabou.

Cinco bezerros berravam desalentados na borda, e um sexto já havia caído na água, lutando, em vão, para recuperar o equilíbrio e voltar à margem.

– Como se comporta este cavalo na água? – Brody perguntou, com um aceno à própria montaria, reassentando o chapéu na cabeça enquanto falava.

– Ele é bom – respondeu o irmão, com uma sombria relutância. – Mas talvez você não devesse...

Brody o interrompeu com uma ruidosa risada que lembrava um relincho e disparou pela colina, estilo *Snowy-River*, desapertando a correia de couro que segurava a corda enrolada enquanto cavalgava.

Conner praguejou atrás dele e o seguiu.

Tendo obtido vantagem e, uma vez que a trilha tinha pouco espaço para um cavalo, quanto mais para dois, Brody chegou primeiro ao rio. Ele e o castrado, que selara minutos atrás no celeiro principal, adentraram o rio em alta velocidade, espirrando água para todos os lados.

Nos tempos de rodeio, sua modalidade era sela americana, mas também era um bom lançador. Rodou a corda no ar, lançou e enviou uma prece silenciosa aos céus.

Laçou o bezerro com um círculo amplo e segurou o cabo. O animal berrou outra vez e remou furiosamente, estúpido demais para saber que estava sendo salvo.

Mas a corrente forte criava dificuldades para o cavalo, e o cavaleiro transportarem aquele bicho barulhento de volta à margem.

Conner, ainda seco, exceto por alguns espirros em sua camisa e nas pernas da calça jeans, encurralou os outros animais em um monte mais elevado. Seu cavalo bem treinado era especialista em manter os animais juntos.

Brody, é claro, estava encharcado. Mas ria de puro júbilo ao trazer o bezerro para fora da água.

– Parece que o seu cavalo está fazendo todo o trabalho – disse ele ao irmão, pulando da sela para segurar a corda e puxar o animal junto.

– Você, seu louco – respondeu Conner, brincando com o chapéu, enquanto o cavalo oscilava para frente e para trás, mantendo os bezerros em um grupo compacto. – Ficou afastado do rancho e deste rio por tempo demais para tomar uma atitude dessas!

Brody sorriu, retirou o laço em torno do pescoço do novilho e incitou-o em direção ao rebanho.

O pobre bicho não precisou de muita persuasão e, por alguns segundos, a cacofonia tornou-se mais alta, até o alvoroço se dissipar.

Dessa vez, Conner assumiu o comando, conduzindo o pequeno e deplorável rebanho pela trilha em direção ao cume.

Valentino e Barney esperavam lá em cima, os pelos secos e as caudas abanando. Aquilo era só para mostrar, Brody concluiu, que eram os espertos naquele grupo.

– O que há com você e os rios afinal? – Conner resmungou, enquanto caminhavam lentamente em seus cavalos ao longo da estrada de terra sinuosa que margeava a borda do cume.

Brody suspirou, retirou o chapéu e escorreu a água para fora dele, deixando-o um pouco melhor para o uso.

– Primeiro, fica furioso porque eu não estava aqui no início da madrugada, marcando o gado. Então, quando me molho um pouquinho retirando um bezerro do rio, reclama sobre *isso*. Maldição! Não consigo saber o que o deixa feliz.

Conner balançou a cabeça.

– Você sempre foi um grande espectador – acusou, embora não com muito rancor.

– Oh, inferno! – queixou-se Brody. – Está todo espinhoso, porque *você* queria exibir suas habilidades com a corda.

Conner esboçou um sorriso lento.

– Posso superá-lo com a corda, com uma arma e em uma luta corporal em qualquer dia da semana. E sabe disso.

Brody riu. Sentiu as roupas geladas de encontro à pele e as botas encharcadas de água novamente. Naquele ritmo, precisaria de um par novo a cada dia de pagamento.

– Continue tentando se convencer disso, irmãozinho, já que o faz se sentir melhor.

– Você podia ter laçado o novilho da margem – Conner apontou, quase a contragosto, após abaixar a aba do chapéu sobre os olhos, porque agora cavalgavam sob o sol. – Em vez disso, arriscou sua vida e a vida de um bom cavalo para bancar o John Wayne.

– Eu estava em segurança o tempo todo – respondeu Brody. – E o cavalo também. Era o bezerro que estava com problemas, e eu o salvei. Acho que você deveria estar contente com isso em vez de reclamar como uma velhinha que encontrou algumas pegadas de lama no tapete.

A mandíbula de Conner se contraiu. Concentrou-se à frente, como se agrupar seis novilhos ao longo de uma estrada rural exigisse um bom nível de concentração. Quando não protestou, pegou Brody de surpresa, como costumava fazer.

– Avaliei as pretensões de Carolyn para encontrar um marido – disse ele, com uma nota de divertimento escondida em seu tom. – E ela não é muito exigente em suas escolhas, desde que não seja você.

As palavras penetraram as defesas de Brody, como, sem dúvida, estavam destinadas a fazer. Sentindo o pescoço queimar, ele olhou para Conner. Os dois cães caminhavam entre eles agora, ambos ofegantes, mas nem um pouco incomodados com a aventura matutina.

– Se está procurando briga, irmãozinho, encontrou. Pelo que sei, podemos descer de nossos cavalos agora e resolver essa discussão no meio da estrada.

Conner sorriu sem olhar para Brody e trotou alegremente. A maior parte do rebanho estava à frente, pastando na grama fresca da primavera.

Os bezerros soltos pareciam saber disso também, pois ganharam velocidade e correram como se estivessem sendo caçados.

Conner não voltou a falar até chegarem ao limite da faixa, onde a vista parecia não ter fim, em todas as direções.

Mesmo irritado, Brody não podia ignorar a beleza daquela paisagem. A terra, as árvores, as montanhas, o céu, o rio sinuoso. Aquilo tudo era uma grande parte dele, como sua própria alma.

Conner retirou o chapéu, saudando os vaqueiros do outro lado daquele mar de gado.

Então se virou para fitar o irmão.

– É melhor ir para casa tirar essas roupas molhadas antes que fique doente.

Brody permaneceu parado, respirando o ar puro em seu entorno, permitindo que o saturasse por completo.

– Já estou parcialmente seco e não sou assim tão delicado, para sua informação.

Conner riu.

– Eu o irritei, não é? – disse, em uma tranquila comemoração. – Adoro irritar o grande Brody Creed.

– Por que não vai para o inferno? – sugeriu Brody em um tom suave.

Mais uma vez, Conner riu. Parecia não haver fim para sua diversão naquela manhã.

– Vai ficar parado apenas olhando Carolyn arrumar um marido pela internet? – perguntou, alguns segundos depois.

– Ela pode fazer o que quiser – respondeu Brody, mais irritado do que gostaria de admitir.

– O que *you* quer?

– Eu? O que eu quero?

– É, essa foi a minha pergunta – disse Conner, implacável e divertido.

– Tudo bem. – Brody incitou o cavalo a galopar, decidindo que os cães já haviam tido tempo suficiente para descansar. – Quero que você pare de se meter na minha vida. É isso que eu quero.

Capítulo Sete

ERA HORA de agir, pensou Carolyn, sentindo um pequeno e erótico arrepio ao reler a resposta de Brody a sua mensagem naquela manhã.

Quer cavalgar comigo?

Ela mordeu o lábio inferior.

Brody a convidara para uma cavalgada, e ela estava realmente considerando a possibilidade. Um sinal negativo sobre seu nível de inteligência, percebeu, já que havia se queimado, e muito, na última vez que brincara com fogo.

E, sem dúvida, estaria fazendo exatamente isso, se concordasse em passar alguns momentos sozinha com Brody Creed.

Não era mais tão jovem e, se queria uma casa, marido e filhos, se queria tirar férias em família, de verdade, em vez de comprar canecas *souvenirs* em brechós e fingir que estivera em algum lugar, teria que fazer algo, colocar as mãos na massa.

O príncipe encantado, se é que algum dia um viera em sua direção, com certeza fora impedido.

– Carolyn? – Tricia apareceu na porta do escritório, uma distração temporária misericordiosa para os seus pensamentos problemáticos. Confirmando sua previsão, não tiveram um cliente durante toda a manhã, e nem depois do almoço, e os pedidos através do site estavam embalados e

prontos para ser despachados. – Vou embora. Quer que deixe as remessas no correio antes de ir para casa?

Não querendo que Tricia visse que ela estava navegando no *Friendly Faces*, voltou-se para encará-la com um amplo sorriso, bloqueando a tela do monitor do computador. Assim esperava.

– Seria ótimo – disse animada. Talvez animada *demais*. – Obrigada.

A amiga a fitou curiosa, até mesmo um pouco desconfiada.

– Vai ficar bem trabalhando sozinha o restante do dia? – insistiu.

Tenho trabalhado sozinha durante toda a minha vida. Por que hoje seria diferente?

– Vou ficar bem – Carolyn prometeu alegre. – Só preciso resolver algumas questões pendentes na internet, depois vou subir e começar a costurar. Vamos precisar de mais aventais em breve, e gostaria de terminar a saia cigana antes de morrer de velhice.

Tricia hesitou por um momento, depois sorriu e abriu porta.

– Vejo-a amanhã – disse, se despedindo.

– Tchau! – respondeu Carolyn, em um tom simples e jovial.

Então se virou mais uma vez para o computador e a breve mensagem de Brody.

Se concordasse em ir a qualquer lugar com aquele homem, mesmo que fosse uma simples cavalgada, era melhor consultar um psiquiatra.

Na primeira mensagem, ele pedira uma segunda chance.

Uma segunda chance para machucá-la, para lhe partir o coração e continuar a massacrá-lo? Era isso que ele queria? Ou estaria sendo cética? E se Brody quisesse simplesmente ser seu amigo?

Isso faria sentido, dada a forma como estavam sempre tratando um ao outro em eventos sociais, tanto na cidade quanto no rancho dos Creed? Talvez, assim como ela, ele estivesse cansado daqueles confrontos embaraçosos. Dissera-lhe isso dias atrás. Mas depois a beijou e confundiu tudo outra vez.

E ainda havia o fato de jamais se sentir tão livre, tão viva ou... tão solitária do que quando se encontrava sobre o lombo de um cavalo, cavalgando em meio a espaços abertos.

Ter alguém ao seu lado, em suas trilhas favoritas, alguém que conhecia cavalos e se sentia confortável ao redor deles, bem, isso tornaria a experiência quase perfeita.

Uma onda de adrenalina atingiu seu corpo, ao tomar a decisão imprudente: aceitaria o convite de Brody. Afinal, era um passeio a cavalo, não uma fuga, ou um fim de semana selvagem em Las Vegas, gritando nua em pelo.

Droga! Na verdade, nem mesmo era um encontro.

Ainda assim, a ideia fazia seus nervos saltarem ao redor da pele, como pequenos artistas do *Cirque du Soleil* determinados a se superar.

O que precisava, como já concluía, era de algum tipo de *seguro* emocional, uma proteção contra os Atos de Brody, e só havia uma maneira de conseguir tal coisa: saindo com outros caras. Com quantos outros caras fosse razoavelmente possível.

Não só a isolariam, criariam e manteriam uma distância segura entre ela e Brody, mas também podia se apaixonar por um deles e acabar esquecendo-o por completo. O que começaria como um mecanismo de defesa poderia se transformar em uma espécie de amor verdadeiro e duradouro que sempre sonhara encontrar.

E não seria bom?

Sim, faria um esforço claro e honesto. Por fim, digitou uma resposta à mensagem de Brody, um medíocre está bem, e a enviou para sua caixa postal.

Então, resolveu conferir as novas mensagens.

Era gratificante saber que se tornara tão popular no *Friendly Faces*. Cinco homens diferentes queriam conhecê-la. Três de Denver e arredores e dois de Lonesome Bend mesmo.

Franzindo a testa com o esforço para localizar os dois habitantes da cidade, estudou as fotos, uma após a outra. Não se lembrava da fisionomia de nenhum deles. Ambos eram moderadamente atraentes, na casa dos trinta.

Richard era alto, tinha cabelo escuro e olhos castanhos. Isso se sua biografia fosse verdadeira. Afinal, ela era prova viva de que as pessoas não

postavam a verdade na internet. Era redator técnico, divorciado, sem filhos e se mudara para Lonesome Bend há apenas um mês. Já que trabalhava em casa, ainda não fizera muitos amigos. Gostava de cozinhar, adorava cães, mas sofria de uma grave alergia a gatos.

Carolyn, consciente de Winston, gentilmente enviou Richard para a lixeira.

O outro candidato chamava-se Ben, e assim como Richard, era bastante recente na cidade. Viúvo, possuía um sorriso atraente, uma filha de nove anos e um emprego que o fazia viajar por todos os estados ocidentais, combatendo incêndios florestais.

Parecia um cara legal, o que não queria dizer que não pudesse ter inventado toda aquela história, inclusive a filha, a carreira venturosa e a esposa morta. Coisas estranhas aconteciam, ainda mais se tratando de namoro virtual.

Mas, se quisesse ter alguma chance contra Brody Creed e seus muitos questionáveis encantos, precisava fazer *alguma coisa, colocar a bola rolando em campo*. Isso, considerando a hipótese de que ele estava disposto a voltar seu fascínio inato em sua direção.

Após respirar fundo e exalar o ar, respondeu à pergunta simpática de Ben com uma breve mensagem. Não querendo dar muitas informações, escolheu as palavras com cautela. Afinal, Lonesome Bend era uma cidade pequena.

A resposta de Ben foi imediata. Será que o homem não tinha nada melhor para fazer do que ficar no computador, esperando que seu teste experimental no *Friendly Faces* produzisse resultados?

Oi, Carol, escreveu ele. É bom receber uma resposta sua. Bem como poder conversar com você.

Carolyn julgou que o que estava fazendo poderia ser descrito como indecisão. Por certo, tinha coisas melhores a fazer, então seria melhor descer do salto e responder.

Gostei da sua foto.

Gostei de você não ter abandonado sua filha após a morte da sua esposa. Se é que você tem uma filha. Se não houver uma esposa atual, muito viva, inocentemente preparando sua refeição favorita ou passando uma de suas

camisas, neste exato momento, sem saber que você está flertando com outras mulheres pela internet.

Carolyn freou a imaginação. Mas não era fácil e não sabia quanto tempo poderia impedi-la de fluir outra vez de modo incontrolado.

Gostei da sua também, Ben respondeu. Sou novato nisso, nessa coisa de namoro por computador. E você?

Sou novata também, confirmou ela. É um pouco estranho.

Como assim?, perguntou Ben.

Carolyn respirou fundo mais uma vez e esfregou as palmas das mãos. O que o trouxe a Lonesome Bend?

Aquilo pareceu bastante inócuo.

Eu queria criar Ellie em uma cidade pequena, e a família da minha falecida esposa vive nas proximidades.

Isso é bom, Ben. Onde você morava antes?

Em L.A. Não tenho medo de um incêndio florestal, mas o tráfego na 405 é outra questão, em especial quando Ellie está no carro.

Carolyn sorriu. Ben era um pai consciencioso e tinha senso de humor. Começou a se empolgar um pouco com a conversa, embora ainda estivesse preocupada. Também não sou amante de estradas tumultuadas, respondeu.

A resposta de Ben foi rápida. Você sempre viveu em Lonesome Bend?

Ela hesitou. Vim para cá há oito anos, escreveu. Antes disso, viajei bastante.

Você é misteriosa, respondeu Ben, inserindo um emoticon piscando.

Nem um pouco, digitou Carolyn. Apenas não sou uma mulher com um passado interessante ou algo assim.

A menos, é claro, que a semana ardente que passei com Brody Creed me faça uma mulher com um passado.

Pensar em Brody, mesmo naquele contexto, a fez sentir uma pontada de culpa, que repeliu depressa. Não estava traindo, pelo amor de Deus! Então, por que se sentia desconfortável?

Ellie entrou aqui, disse Ben, e está tentando chamar minha atenção, então é melhor eu descobrir o que está acontecendo. Espero que possamos conversar de novo em breve, Carol.

Eu também, ela escreveu em resposta.

Mentirosa, acusou a voz em sua cabeça, aquela que ela sempre mandava calar a boca. *Você está interessada em usar esse cara para manter Brody distante, nada mais. E, admita, que o que a atraiu em Ben foi o fato de ele ter uma filha jovem.*

– Cale a boca – exigiu Carolyn à voz.

Então se desconectou, escreveu uma mensagem apressada a qualquer cliente que pudesse aparecer e colocou na frente da porta.

Estou trabalhando no andar de cima hoje. Basta tocar a campainha que descerei para atender, escreveu em letras maiúsculas.

Sempre melhor quando estava ocupada, se sentiu inundada por uma pequena onda de felicidade ao girar a maçaneta e se dirigir à escada.

Winston, que parecia estar em um dia incomum de mau humor, seguiu-a e, quando ela entrou na cozinha, saltou graciosamente em seu poleiro de vigília habitual, no peitoril da janela.

Carolyn o afagou, coçando a parte de trás das orelhas e a nuca sedosa do gato. Em seguida, lavou as mãos na pia, antes de preparar o almoço dos dois.

Winston recebeu sua meia lata de sardinhas, que comeu em um pires de porcelana lascado, ali mesmo, no peitoril da janela. Por sua vez, Carolyn mordiscava um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia, quebrando todas as regras da boa alimentação, não utilizando um prato e permanecendo em pé enquanto comia.

Na verdade, poderia ter argumentado que havia razões sensatas para aquela opção.

Número um, a máquina de costura estava sobre a mesa e começaria a trabalhar nela em breve. Uma gota extraviada de geleia poderia manchar um pedaço de tecido. Além do mais, para falar a *verdade*, quem é que comia sanduíche em um prato?

De qualquer forma, o sanduíche foi logo devorado, livrando-a de maiores considerações sobre o assunto. Lavou as mãos outra vez, pegou a saia cigana no gancho do lado de dentro da porta do quarto e despendeu alguns doces momentos apenas para admirar a criação.

Era realmente linda, pensou, adorando o brilho e o caimento do tecido leve. Os vermelhos, dourados, azuis e verdes pareciam ondular, como luz líquida.

Mais uma vez, Carolyn foi dominada por um louco desejo de ficar com aquela saia, ajustá-la a seu manequim e não vendê-la. Segurou-a de encontro ao peito por alguns instantes, como se preparada para defendê-la contra uma turba enlouquecida.

– Está sendo tola – murmurou em voz alta.

Mas a saia era tão bonita! Quase animada, com todo aquele movimento sutil. Uma verdadeira obra de arte. *Sua* arte, que nascera de seus sonhos, imaginação e de todos os contos de fadas que amava em sua infância solitária.

Ansiava por ficar com a peça, aquela coisa gloriosa de tecidos e fitas, nos recônditos mais profundos de seu coração.

A praticidade aflorou depressa.

Já passara por aquele mesmo dilema, não é? Um traje como aquele devia ser usado, exposto, apreciado. Onde ela, Carolyn Simmons, de Lonesome Bend, Colorado, usaria uma coisa daquelas?

Em uma cavalgada?

Claro, havia festas de vez em quando e sempre era convidada, mas as ocasiões nunca eram formais. As pessoas faziam churrascos em seus quintais e bingos nas noites de quarta-feira, no porão da Moose Lodge, e todos os anos, no fim de semana mais próximo ao Quatro de Julho, havia um rodeio amador e um parque de diversões itinerante.

O mais próximo que Lonesome Bend chegava do glamour era quando o alojamento patrocinava um baile no terceiro sábado de cada mês. A música era ao vivo, sempre country-western, e boa o suficiente para que as pessoas viessem de todas as partes de Denver para dançar.

A maioria das mulheres usava jeans para ir ao evento, com uma blusa um pouco mais extravagante do que poderiam vestir normalmente, e se preocupavam com o cabelo e a maquiagem também. Mas isso era tudo.

Pareceria uma tola se aparecesse com uma saia daquelas nos lugares que costumava frequentar.

Suspirou, colocou a peça de volta no cabide e, em seguida, pendurou-a no gancho atrás da porta do quarto. Terminaria de costurá-la em outro dia, quando não se sentisse como uma Cinderela deixada para trás, para varrer o chão, na noite do baile real.

Decidida, preparou uma xícara de chá de ervas e pegou uma pilha de tecidos adquiridos em uma recente viagem de compras a Denver. Já havia confeccionado tantos aventais, alguns com babados, outros simples, uns infantis, outros para adultos, que não precisava mais tirar medidas.

Sua escolha recaiu em uma chita azul-lavanda. Sorriu ao olhar a estampa floral, sentindo o prazer tátil do tecido viçoso e colorido pronto para ser transformado em alguma coisa útil. Decidiu-se pelos modelos antigos que vendiam muito bem através da versão online da loja e imaginou o resultado final com os olhos da mente.

Após contemplar o tecido mais uma vez, Carolyn pegou a tesoura de costura e começou a cortar.

Costurar, bem como cavalgar, sempre a envolvia, a atraía, faziam com que esquecesse as preocupações por algum tempo. Perdia-se, de forma positiva e, invariavelmente, saía revigorada em vez de cansada.

O avental ficou pronto depressa, uma peça alegre, cheia de babados e rendas costuradas nos bolsos.

Encantada, deixou-o de lado, para ser passado a ferro. A seguir, mergulhou em seu estoque de tecidos de novo. Desta vez, optou por um algodão mais pesado, com estampa em xadrez preto e marrom e pequenas flores vermelhas, ocupando espaços alternados.

Voltou aos modelos antigos, saboreando o zumbido do pequeno motor, o flash da agulha ligeira, dos familiares aromas da goma de tecido e do óleo lubrificante.

Quando a campainha tocou no andar inferior, Carolyn terminava o segundo avental. Assustou-se tanto com o som, que era comum, que deu um salto e quase derrubou a xícara de chá esquecido e agora frio.

Olhou para o relógio acima do fogão. 3h45 da tarde, já? Lembrando-se do bilhete que prendera à porta da frente, no caso de algum cliente aparecer, gritou do topo da escada:

– Estou indo!

A campainha tocou de novo, com mais insistência dessa vez. Ignorando o protocolo normal, de olhar primeiro através das janelas, abriu a porta.

Brody estava de pé na varanda, e tinha a expressão tão sombria que a deixou alarmada, achando que Tricia entrara em trabalho de parto prematuro ou alguém sofrera um acidente.

Engoliu em seco e se atrapalhou com o trinco da porta de tela que os separava. Através da rede, observou as roupas amassadas, os cabelos despenteados e o semblante perturbador de Brody.

– Brody... O que...

Ele havia retirado o chapéu em algum momento e agora o batia de encontro à coxa direita.

– Posso entrar? – interrompeu. Então, quase a contragosto, acrescentou: – Por favor?

A preocupação de Carolyn aliviou um pouco, ao perceber que ele estava frustrado, talvez até irritado, mas não triste. Pois com certeza estaria se trouxesse más notícias.

Assentiu com um aceno de cabeça um pouco abrupto em vez de falar. Não confiava em si mesma para agir com civilidade, agora que a irritação de Brody passara para ela, como um incêndio se alastrando em relva seca.

Assim que a porta se abriu, ele praticamente transpôs a soleira, dando a Carolyn a imediata e exasperadora impressão de que, se não saísse do caminho, seria atropelada.

Então se manteve imóvel. E essa se provou ser uma escolha pouco brilhante, porque ambos colidiram e a agitação de coisas invisíveis que atingiram o ponto de ebulição era quase audível.

– O que foi? – exigiu ela e se viu ruborizando.

O nariz de Brody se encontrava a menos de três centímetros do seu. Ferozes chamas azuis ardiavam nos olhos dele. Suas palavras, embora calmas, atingiram-na como pedras.

– Eu. Não. Gosto. De. Joguinhos.

Carolyn sentiu várias coisas. Não apenas uma raiva lenta que começou a se formar, mas também uma boa dose de confusão e uma estranha espécie

de excitação, suave e assustadora.

– *Do que* está falando? – indagou em um tom ácido. Seria prudente, supôs, recuar um ou dois passos, ficando fora do alcance de Brody. Mas, por alguma estranha razão, não conseguia se mover.

– Estou falando – rosnou ele, após lançar o chapéu na direção do antigo cabideiro, junto à porta de entrada. – Sobre essa história de *Friendly Faces*. De você tentar arrumar um marido na internet. Isso é errado...

O temperamento de Carolyn, antes quase sob controle, explodiu.

– Errado – repetiu perigosamente.

Brody suspirou, mas ainda exibia as mesmas vibrações descabidas.

– Está bem, talvez *errado* não seja palavra certa.

– Talvez não – respondeu sucinta, cruzando os braços e fincando os pés.

– Detesto ter que lhe dizer isso – insistiu ele, inclinando-se de novo. Parte dela gostava quando ele fazia aquilo, apesar de ser irritante. – Mas você não pode sair por aí confiando nas pessoas que não conhece. Os homens contam mentiras.

Carolyn arregalou os olhos, fingindo surpresa.

– É mesmo? – perguntou, recorrendo a um tom incrédulo, como se simplesmente não pudesse conceber tal possibilidade. Viu a mandíbula de Brody retesar e assistiu com alguma satisfação quando ele tentou relaxá-la com um esforço visível. – Os homens contam mentiras – repetiu, espantada. Então, tocou-lhe o peito com o dedo indicador. – Oh, sim, isso é *verdade*. Lembro-me agora. *Você* mentiu para mim, através de seus dentes brancos perfeitos!

– Eu não menti para você – defendeu-se Brody.

– Oh, não? Disse que se importava comigo, que queria ficar e resolver os problemas com a sua família. Desejava se estabelecer e formar uma família. E depois desapareceu, sumiu sem deixar vestígios! – Carolyn percebeu que estava perigosamente à beira das lágrimas e se amaldiçoaria se chorasse na frente do homem que partira seu coração de tal modo que, mesmo depois de mais de sete anos, ela ainda não conseguira superar. Então afastou-se, não querendo que ele visse o seu rosto.

Brody segurou-a pelos ombros, o aperto firme, mas não forte o suficiente para machucá-la, e a obrigou a fitá-lo outra vez.

– Fui sincero em tudo que lhe disse, Carolyn.

Brody *não* dissera que a amava, lembrou ela, com uma terrível clareza. Não em palavras, pelo menos.

– Mas *algo aconteceu*, como escreveu no bilhete que me deixou, e você pegou a estrada e me deixou sozinha sem saber o que havia feito de errado – acusou ela, em um murmúrio furioso.

Era preferível ficar irritada a explodir em lágrimas, pensou. E não era apenas com Brody que estava furiosa. Culpava a si mesma acima de tudo, por ter sido ingênua, por ter amado e confiado no homem errado. Talvez até ter perdido o rumo *certo*, porque desperdiçara todo aquele tempo amando-o. Porque desejara demais acreditar no que Brody lhe dissera. No que o corpo dele lhe dissera.

– Eu me arrependi de ter partido daquele jeito. Mas foi necessário. Não tive escolha, dadas as circunstâncias – justificou ele.

– E que circunstâncias eram essas? – A voz soou zombeteira. – Outro bronco para montar? Outra fivela para ganhar? Ou apenas outra peoa disposta a ir para a cama com você?

Brody fechou os olhos por um momento. Parecia pálido, como um alguém sentindo dor. Mas, quando os abriu, a frustração estava de volta.

– Se é esse o tipo de pessoa que acha que eu sou, penso que deveria estar feliz por eu ter partido, salvando-a de todo o incômodo de me aturar!

– Quem disse que não fiquei feliz? – exigiu Carolyn. Quem era aquela pessoa histérica, falando através dela? Estaria *possuída*?

– Você não vai querer ouvir nem uma palavra do que tenho a dizer, não é? – retrucou Brody.

– Não – disparou ela. – Com certeza, não.

– Ótimo!

– Ótimo – Carolyn concordou.

– *Miauuuu!* – acrescentou Winston, no topo da escada. Com os pelos eriçados e a cauda baixa, aparentava pronto para atacar.

Atacar Brody.

Gato-guarda de plantão.

– Está tudo bem, Winston – disse ela ao rebelde felino. – O senhor Creed já está de saída.

Brody emitiu um som exasperado, cheio de desprezo. Com um giro de calcanhares, pegou o chapéu do chão, ao lado do cabideiro, onde o havia atirado antes. A seguir, abriu a porta da frente, olhou para trás e proferiu em tom rude:

– A nossa cavalgada ainda está de pé.

Carolyn abriu a boca para protestar, mas algo a fez calar-se e não dizer a coisa inflamada que lhe veio à mente. Não gostava de falar palavrões se pudesse evitá-los.

– Você concordou – Brody a lembrou lacônico. – Acordo é acordo.

E, com isso, ele se foi.

A porta da graciosa e antiga casa de Natty McCall bateu com força.

Carolyn chegou até a escada e, antes de atingir o terceiro degrau, deixou-se cair pesadamente, correu as mãos pelos cabelos e soltou um grito abafado de pura irritação.

Silencioso, Winston desceu a escada e roçou o corpo nela, ronronando.

Com uma risada um pouco amarga, ela o pegou no colo, abraçou-o e escondeu o rosto no pelo viçoso do dorso do animal.

Sendo um gato e, portanto, independente, Winston, de imediato, se contorceu para se livrar. Em seguida, saltou mais dois degraus para ficar enfiado na soleira da entrada, fitando-a com sincera desaprovação, a cauda balançando de um lado para o outro.

– Decidiu *gostar* de Brody Creed afinal, não é? – brincou Carolyn com tristeza e ergueu-se. – Passou para o lado negro.

– Miau – miou Winston, indignado.

Subiu a escada, determinada a não deixar a briga com Brody arruinar o restante do dia. Tinha um bule de chá fervendo que a acalmaria, aventais para costurar e uma *vida* para continuar, droga!

Porém, em vez de fazer qualquer dessas coisas, virou-se para o laptop.

Ligou-o e esperou, batendo um pé.

Praticamente, no mesmo instante que o computador se conectou à internet, a máquina anunciou: Alguém gostou da sua foto!

– Que bom! – disse Carolyn.

Durante o tempo que ficou desconectada, mais seis homens se encantaram com ela ou com Carol, sua *persona* recentemente adotada. Enquanto cinco deles foram de imediato rejeitados, o sexto continuava na disputa desde o instante em que ela vira sua foto.

Seu nome era Slade Barlow, nascido em uma cidade chamada Parable, em Montana. Agora estava morando em Denver. Como Ben, o bombeiro, era viúvo, com um filho. A criança de 11 anos de idade, Brendan, vivia em um colégio interno, no Colorado, mas passava os fins de semana e feriados com ele.

– Hum... – murmurou ela em voz alta, clicando sobre o link de resposta. Fale-me sobre Brendan, digitou a mensagem no espaço reservado.

Slade, pelo visto, não estava conectado, mas Ben sim, como ela logo descobriu, quando ele surgiu com um emoticon sorridente e um “olá”.

Carolyn, nervosa, mas determinada, respondeu com outro “olá”.

Que tal me encontrar para uma xícara de café? Ele perguntou. Na livraria *Page After Page*, na Main Street, hoje às 17h?

O primeiro impulso de Carolyn foi fugir, mas a mais recente discussão com Brody ainda estava fresca em sua mente. O homem ousado aparecera em sua casa e local de trabalho sem avisar e anunciou que ela andaria a cavalo com ele, apenas porque cometera o erro de aceitar seu convite.

Consultou o relógio e viu que eram 16h30.

Decidiu mostrar a Brody Creed que ele não podia sair por aí ditando ordens, como se fosse o rei do mundo, ou algo parecido.

Ok, escreveu. *Page After Page*, às 17h. Como vamos nos reconhecer?

Ben respondeu com uma sonora risada virtual e outro daqueles emoticons piscando, que ele parecia apreciar. Sou idêntico a minha foto do perfil. Esperemos que você também.

Certo, respondeu Carolyn. *Será que havia um emoticon apavorado com medo de morrer?* Nos veremos lá.

Meia hora mais tarde, após ter retocado a maquiagem e soltado o cabelo, chegou à *Page After Page*.

A livraria, pelo menos, era território familiar. Costumava passar boa parte do seu tempo livre lá, tomando um café com leite e escolhendo o seu material de leitura com cuidado.

Avistou Ben de imediato, sentado em uma mesa de canto no café da livraria, com um livro aberto a sua frente.

Como anunciado, ele era igualzinho à foto do perfil. Um pouco mais baixo do que ela imaginara, mas bem-apegoado, com um sorriso brilhante, cabelo castanho-claro cacheado e calorosos olhos castanhos, que se mostraram radiantes ao vê-la.

– Carol? – perguntou ele, erguendo-se da cadeira.

Possuía boas maneiras, pensou Carolyn, com um sentimento de culpa golpeando sua consciência hiperativa.

– Na verdade – disse ela, aproximando-se lentamente da mesa –, meu nome é Carolyn, não Carol.

Ben riu, revelando uma fileira saudável de dentes muito brancos. Então, estendeu um braço para um aperto de mão. Usava calça jeans, camiseta de manga comprida em um tom de cinza-azulado e inspirava confiança.

– E o meu é Bill, não Ben.

A confissão deixou Carolyn à vontade. Conseguiu esboçar um sorriso trêmulo e sentou-se na segunda cadeira em frente à mesa de Ben. Ou melhor, Bill.

– Você tem mesmo uma filha de nove anos de idade chamada Ellie? – perguntou.

– Sim – respondeu ele, sentando-se apenas ao vê-la acomodada na própria cadeira. – Você realmente trabalha em um banco, tem dois cachorros e gosta de boliche?

– Não – admitiu Carolyn, enrubescendo um pouco. – Menti sobre meu trabalho, meus hobbies e meus animais de estimação. Isso é um problema?

Bill riu. Seus olhos eram fervorosos enquanto dançavam no rosto bronzeado. Mas por mais atraente que fosse, não era Brody.

Isso era ruim.

– Qual é a verdade sobre você, Carol... yn? – perguntou ele sorrindo.
– Costuro bastante, cuido de um gato que não é meu e tenho um pequeno negócio em sociedade com uma amiga – confessou ela, após alguns minutos tentando se recuperar. – Não consigo me lembrar da última vez que fiquei tão nervosa.

Ben, Bill, sorriu.

– Não costuro, só gosto de cães e combato incêndios para sobreviver, como disse na minha biografia. Contudo, estou admirado, porque, apesar de todas as mentiras, você se parece com a sua foto do perfil. Você é bonita.

O rubor fez o rosto de Carolyn arder. Ela olhou para baixo.

– Adulador.

Bill sorriu.

– O que posso lhe oferecer?

– O quê? – indagou ela, segundos atrasada.

– Café? – disse Bill, sorrindo. – Latte? Americano? Expresso com uma dose dupla de “que-diabos-estou-fazendo-aqui”?

Por fim, Carolyn conseguiu relaxar. Apenas um pouco.

– Latte – respondeu. – Desnatado, por favor.

Bill assentiu, se ergueu e foi até o balcão pedir um latte desnatado.

Carolyn, desesperada por algo para fazer, folheou o livro que ele estava lendo antes de ela chegar. Podia-se descobrir muito sobre uma pessoa pelo tipo de leitura que gostava. *A Single Father's Guide to Communication with a Preteen Girl*.

Bem, pensou ela, acreditando ter encontrado um homem ao mesmo tempo sensível e masculino depois de ter perdido a fé em relacionamentos por culpa de Brody Creed.

Bill voltou com o latte, parecendo pesaroso.

– Hora da confissão – disse com um suspiro, ao se sentar outra vez. – Estou me recuperando de um relacionamento fracassado, Carol... Carolyn. Não mencionei isso em meu perfil.

– Não – respondeu ela, estranhamente aliviada. Estendendo a mão, pegou seu latte e tomou um gole. Estava quente demais. – Você não mencionou.

– O nome dela é Angela. Éramos totalmente incompatíveis.

Carolyn contemplou a espuma em seu latte por um longo momento.

– O nome dele é Brody. Duas pessoas não podiam ser mais incompatíveis do que nós dois.

Seguiu-se um breve silêncio.

– Bem, então, temos algo em comum, não é? – disse Bill, por fim.

– Você está apaixonado? – Carolyn perguntou, depois de um longo tempo e muitos goles de latte. – Estou me referindo a Angela.

– Não sei. Em um momento, quero passar o resto da vida com a mulher. No instante seguinte, preferia me juntar à Legião Estrangeira ou saltar do *Empire State Building*.

Carolyn sentiu vontade de rir e chorar ao mesmo tempo.

– O amor é uma droga – afirmou, erguendo a xícara de latte.

Bill tocou sua xícara na dela.

– Amém. O amor definitivamente é uma droga.

Capítulo Oito

SE CAROLYN pudesse decidir por quem se apaixonar, sem dúvida teria escolhido Bill Venable, corajoso combatente de incêndios florestais, pai devotado de uma menina de nove anos e um bocado atraente.

Infelizmente, não possuía essa influência no imprevisível universo, mas sabia desde cedo que encontrara um valioso aliado naquele homem que lhe oferecera um café latte.

– Então, conte-me mais sobre Angela – disse, mexendo o café e evitando o olhar de Bill. – Ela vive em Lonesome Bend?

Bill pigarreou, desviou o olhar, olhou para trás. Então, por fim, anuiu com a cabeça.

– Ela é professora da terceira série na escola primária.

– Entendo – respondeu Carolyn, sem culpa, porque, de muitas maneiras, *entendia* mesmo. – Então, qual é o problema entre vocês dois?

– Ela não gosta da minha profissão – Bill respondeu, após ter ponderado algum tempo. – Combate a incêndios, quero dizer. É muito perigoso, me mantém longe de casa por tempo demais etc.

– Caramba! Como Ellie se sente com relação à Angela?

– Ela a adora. E a recíproca é verdadeira. Ellie acha que Angela é perfeita para ser sua madrasta. É uma sociedade de admiração mútua com dois

membros. Acredite em mim, essa não é a reação habitual de minha filha com as mulheres com quem eu saio.

– Então, o problema determinante é a sua profissão? – perguntou Carolyn, empregando um tom diplomático. Ao mesmo tempo em que compreendia a dedicação de Bill ao trabalho, também concordava com Angela. O amor era arriscado o suficiente sem um parceiro colocando a vida em risco com frequência.

Bill exalou um suspiro.

– Sim.

– Talvez você pudesse arrumar outro tipo de emprego – Carolyn sugeriu, já sabendo qual seria a resposta dele.

Bill sacudiu a cabeça, bastante atraente. Pena que ele não conseguia lhe despertar os instintos primitivos como Brody, pois era um homem *verdadeiramente* belo.

– *Amo* o que faço. Pilotar um avião. Combater incêndios. Isso é demais.

– Mas... perigoso – alegou ela.

– Bem, sim. Mas eu ficaria louco fazendo qualquer outra coisa. O tédio...

– Ele ficou em silêncio outra vez, a expressão transtornada. Era óbvio que o assunto fora discutido à exaustão com Angela e dentro dos limites de sua própria cabeça.

Carolyn esperou alguns segundos, então continuou a se intrometer em uma situação que não era da sua conta.

– E sua filha? – perguntou em um tom gentil. – Como fica Ellie nessa história toda?

Bill suspirou, sacudiu a cabeça novamente, tentando sorrir, mas não conseguiu.

– *Amo* essa criança com todo o meu coração e quero fazer o que for melhor para ela. Mantê-la segura, feliz e saudável. Criá-la para ser uma mulher forte, capaz de fazer suas próprias escolhas e cuidar de si mesma. Se for preciso, até mesmo sustentar um casal de filhos por conta própria. Mas...

Mais uma vez, ele ficou em silêncio e pensativo.

– Mas? – incitou Carolyn em um tom de voz sereno, depois de lhe dar uns minutos para organizar os pensamentos.

– *Mas* – respondeu Bill, administrando um sorriso fraco –, como disse antes, amo o que faço. Isso não é importante? Que tipo de exemplo estaria dando a Ellie se seguisse o caminho mais fácil, tentando agradar a todos, menos a mim mesmo?

Carolyn brincou com a xícara, erguendo e baixando os ombros de leve, como se quisesse expressar sua incerteza.

Era notável aquela afinidade tão rápida com outra pessoa, uma pessoa do sexo masculino, e alguém que ela nem sabia que existia até assinar o *Friendly Faces*.

Pareciam tão entrosados, ela e Bill, que qualquer um que os observasse, com certeza, pensaria que eram amigos de longa data.

Pena que não havia nenhuma excitação, nenhum *desejo* entre eles, como havia entre ela e Brody e, que sem dúvida, havia entre Bill e sua Angela.

– Não – disse ela, em resposta tardia à sua pergunta. – Claro que não se pode viver para agradar os outros. Não se você espera ser feliz, de qualquer maneira. – Carolyn fez uma pausa antes prosseguir: – Ellie fica preocupada quando você está longe combatendo incêndios?

Bill deu uma risada rouca.

– Talvez – reconheceu. – Ellie nunca deixa transparecer que está com medo de que algo possa me acontecer. Só me diz para ter cuidado. O problema é que, mesmo com apenas nove anos, ela parece me entender melhor do que Angela.

Carolyn sorveu um gole do café, que, por fim, esfriara o suficiente para ela beber sem queimar a língua. Agora, pensou, com a pressa inevitável da relutância, era *sua vez* de se abrir.

Com certeza, Bill inclinou a cabeça para um lado e um leve e maroto repuxar surgiu em um dos cantos de sua boca.

– Você é uma bela mulher. Metade dos homens do município, se não do estado, deve estar tentando chamar sua atenção. O que a levou a se inscrever em um site de relacionamentos?

– Curiosidade? – especulou ela, corando um pouco.

Bill sorriu, recostou-se à cadeira, estudando-a.

– Está à procura de amigos ou de um parceiro para a vida? – perguntou.

Não havia nada de ofensivo em seu tom ou em suas maneiras, e ele, de forma positiva, irradiava sinceridade. Resultado: era fácil conversar com Bill. Talvez *pelo fato* de ele ser um estranho virtual e, portanto, não haver problemas entre os dois, nenhuma bagagem em comum, nada que os impedisse de ser amigos.

– Não é uma história inédita – respondeu ela, serenamente infeliz. – Eu me apaixonei pelo homem errado, fui magoada... Preencha os espaços em branco e com certeza terá a história da minha vida.

Bill arqueou uma sobrancelha e esperou. Além de tudo, o que contava mais um ponto a seu favor, o homem era um bom ouvinte. Mas tudo que conseguia sentir por ele era uma imediata e enorme afeição.

Era como o irmão mais velho que ela nunca tivera. O amigo. E ele nem mesmo era gay. Pelo amor de Deus!

Carolyn se remexeu na cadeira, incerta sobre o quanto mais poderia revelar. Afinal, aquele *era* o primeiro encontro dos dois. Por mais autêntico que Bill Venable parecesse ser, por certo poderia haver a possibilidade de estar total, completa e absolutamente *errada* a seu respeito. Afinal, isso já havia acontecido antes.

Tempos atrás, convencera-se de que conhecia Brody Creed em todos os aspectos. Após uma longa sequência de relacionamentos superficiais que não levaram a lugar algum, acreditou nele, certa de que encontrara o amor da sua vida. Aceitara tudo que ele dizia e fazia, sem hesitar, apenas para ser queimada no fogo de toda aquela paixão, quando ele mostrou suas verdadeiras cores e sumiu.

E também havia o outro lapso de julgamento, quando pensou que, por fim, acertara, tornando-se babá. Confiara em seu chefe, estrela de cinema, sem titubear. Admirava seu jeito despretensioso, sua devoção aparente à esposa e à filha pequena. Até ele assediá-la, forçando-a a abandonar o emprego e uma criança que ela amava.

Carolyn fechou os olhos, lembrando a imagem da pequena Storm através do espelho retrovisor, correndo atrás do carro, gritando para ela voltar.

Volte.

Sem dizer uma palavra, Bill alcançou-a do outro lado da mesa e segurou-lhe a mão de uma forma fraternal, apertando-a de leve.

Carolyn abriu os olhos outra vez, sorriu de modo vago. *Basta*, decidiu, era o suficiente. Pelo menos, por ora.

– Tenho quer ir para casa – informou, inclinando-se para pegar a bolsa embaixo da mesa. – Meu gato deve estar se perguntando onde estou.

Bill suspirou, olhou para o relógio e assentiu com a cabeça.

– Tenho certeza de que Ellie está muito bem na casa dos avós, mas está quase na hora do jantar, e, quando estou na cidade, tento me certificar de fazermos pelo menos uma refeição por dia juntos, à mesa.

– Isso é bom – concordou ela, sentindo-se desajeitada agora. Jantar, para ela, em geral era um acontecimento solitário, algo que fazia para se manter viva.

Os dois se ergueram das cadeiras ao mesmo tempo. Ele a acompanhou até a saída, abriu a porta e esperou até vê-la sair para a calçada.

O anoitecer daquele mês de maio estava agradável, tingido com os primeiros e tênues reflexos púrpuros do crepúsculo. Havia várias pessoas por ali. Algumas apenas passeando, outras conversando sob os postes com lâmpões que em breve se acenderiam, felizes por estarem ao ar livre.

O inverno era longo em Lonesome Bend, e o bom tempo não era apenas apreciado, mas também comemorado.

Amigos sorriam e acenavam, suas expressões amáveis e curiosas ao perceberem o homem que a acompanhava, um homem que poucos, se é que algum deles, conhecia.

No momento em que se deitasse para dormir, naquela noite, os boatos já teriam se espalhado pela cidade, pensou ela, com um pequeno sorriso. Carolyn Simmons estava *saindo com alguém*, e esse alguém *não era* Brody Creed.

Já que seu carro estava estacionado na rua, à vista de pelo menos uma dúzia de cidadãos distintos, não sentiu nenhum remorso em deixar Bill acompanhá-la e abrir-lhe a porta.

– Gostei muito do nosso encontro – declarou ele, com um olhar direto, enquanto esperava ela se instalar atrás do volante.

– Eu também – concordou Carolyn, ajustando o cinto de segurança e colocando a chave na ignição.

– Amigos? – perguntou ele, com um sorriso maroto.

– Amigos.

Bill recuou um passo, acenou e assistiu da calçada o carro dela se afastar.

– QUEM É ele? – Tricia exigiu ansiosa ao entrar na loja na manhã seguinte. Sequer havia guardado a bolsa.

Carolyn, sorrindo para si mesma, fingia um grande interesse em desempacotar a mais recente remessa de sabonetes de leite de cabra.

– E não diga que não sabe do que estou falando – continuou Tricia, balançando um dedo. Seus olhos exibiam um brilho travesso. – Três pessoas diferentes ligaram para o rancho ontem à noite para perguntar sobre o galã que estava com você no café.

Carolyn riu.

– O nome dele é Bill Venable. Trabalha combatendo incêndios florestais. Pilota um desses aviões que pulverizam produtos químicos em áreas críticas.

– Tal como naquele filme antigo do Richard Dreyfuss? – perguntou Tricia. Estava tendo dificuldades de se curvar para guardar a bolsa no lugar habitual, sob o balcão. A elevação do ventre parecia ficar mais visível a cada dia. – Como é mesmo que se chama? – Pausou para esticar as costas, as mãos descansando em ambos os lados do que outrora fora sua cintura. – Ah, já me lembrei. *Além da Eternidade*. E o personagem de Dreyfuss partiu em uma chama de glória, não é?

– Não me lembro – mentiu Carolyn, ainda empilhando as barras de sabão em cima do balcão. Na verdade, sendo uma cinéfila de filmes clássicos, há muito havia percebido as semelhanças.

– Você o conheceu pelo site? – insistiu a amiga. – *Friendly Faces*?

– Sim – admitiu ela, demonstrando mais trabalho do que o necessário para remover a caixa de sabonetes, agora vazia, e caminhando em direção ao depósito. Era a política da empresa reciclar caixas de papelão, dentre outras coisas.

Tricia estava aguardando quando ela voltou.

– Gostou dele? Vai vê-lo novamente?

Carolyn riu.

– Sim, gostei – respondeu, com exagerada paciência. – E não ficarei surpresa se ele me pedir para sair qualquer dia desses.

Os belos olhos azuis de Tricia se arregalaram. Era difícil dizer se estava animada ou alarmada com a perspectiva.

Talvez as duas coisas ao mesmo tempo.

– Você vai? Se ele pedir, quero dizer?

– Na verdade, ainda não decidi – redarguiu Carolyn, com uma casual indiferença. Estava olhando para o batique *Tecelã* agora, tentando absorver um pouco de sua serenidade. – Devo admitir que fiquei agradavelmente surpresa pelo jeito *normal* de Bill.

– Normal – repetiu Tricia, seu tom deixando claro que não pensava em deixar o assunto morrer tão cedo. – O que *esperava* que ele fosse?

Carolyn inclinou a cabeça para um lado, estudando a obra de arte, desejando poder se dar ao luxo de comprar aquela peça e possuí-la para sempre. Havia algo tão reconfortante naquela figura feminina desenhada com linhas indistintas, traços, cores e formas que não passavam de meras sugestões!

– Carolyn? – insistiu Tricia, de pé ao lado dela agora, cutucando-a com um dos cotovelos. Como quase tudo em seu corpo estava arredondado, com curvas suaves, não a machucou. – Fale comigo.

Carolyn suspirou e se virou para encarar a amiga.

– Acho que pensei que existisse a chance de ele ser outro Ted Bundy – confessou.

Tricia revirou os olhos, depois riu, e então parecia séria, tudo no espaço de alguns segundos.

– Brody não vai gostar nem um pouco disso. – Não costumava ser dada a mudanças de humor, mas a sobrecarga de hormônios a estava afetando.

Um flash de... ressentimento? Triunfo?, repuxou as cordas do coração de Carolyn.

– Pior para ele – respondeu.

Tricia estudou-lhe o rosto.

– A menos, é claro, que seja exatamente isso que esteja querendo fazer, saindo com esse tal de Bill. Provocar ciúmes em Brody.

Carolyn fitou-a boquiaberta. Sentiu-se atingida por uma pontada de indignação, mesmo reconhecendo um perturbador fundo de verdade nas palavras de Tricia. Não tivera intenção de provocar ciúmes em Brody, pelo menos não conscientemente. Mas não havia como negar, em retrospecto, que a ideia a fez experimentar uma pequena e deliciosa emoção.

Engasgou-se horrorizada com a perspicácia da amiga e levou a mão à boca.

Tricia sorriu.

– Oh, relaxe – disse, cutucando-lhe o braço, em uma demonstração de solidariedade feminina. – Sei que suas intenções são honradas. – Fez uma pausa, parecendo especulativa mais uma vez. – Mas quais são suas intenções exatamente? – perguntou, seu tom e expressão suaves.

Carolyn suspirou e engoliu em seco, antes de responder em voz baixa:

– Eu só quero... esquecer Brody Creed. Seguir em frente. Ter uma casa e uma família que possa chamar de minha.

Em um gesto impulsivo, Tricia a abraçou. Foi uma atitude um pouco espantosa para alguém com aquela barriga em forma de abóbora.

– Escute suas próprias palavras. Você quer esquecer Brody? *Então ainda sente algo por ele.* Isso não significa alguma coisa?

– Significa que sou mentalmente perturbada – respondeu depressa, passando as costas da mão no rosto, embora, até onde sabia, não tivesse de fato começado a chorar. – Codependente, um caso perdido.

– Besteira – disse Tricia, gesticulando com a mão. – *Mentalmente perturbada. Codependente.* Isso são apenas rótulos, chavões, e acho que são usados em exagero em nossa sociedade. Você é uma mulher inteligente, forte e talentosa, não um desastre psicológico. Acredite um pouco mais em você, certo?

Carolyn esboçou um sorriso hesitante.

– E você, Tricia Creed, é uma grande amiga.

– E também estou certa.

Tendo tacitamente acordado, ambas voltaram ao trabalho.

Cerca de uma hora mais tarde, duas vans carregadas de mulheres de meia-idade, ostentando chapéus vermelhos e roupas lilás, apareceram e se seguiu um verdadeiro frenesi de compras.

Uma das senhoras pareceu particularmente encantada pelo batique *Tecelã*.

– Que lindo! – exclamou, olhando para a imagem.

Carolyn, ocupada registrando as compras no caixa, ouviu o comentário além do burburinho alegre de *oohs* e *ahhs* emitidos pelas outras mulheres, de chapéus vermelhos, que examinavam as mercadorias. E, pelo visto, Tricia também. As duas trocaram um olhar.

– Não é? – disse Tricia, caminhando até ficar ao lado da mulher que elogiara o trabalho artístico.

– Não consigo ver o preço daqui – queixou-se a senhora.

– Receio que a peça já esteja vendida – informou Tricia depressa, com um rubor tingindo-lhe as bochechas. – A artista é muito prolífica. Eu ficaria feliz em lhe passar as informações de contato se quiser encomendar alguma coisa.

Carolyn franziu a testa. O batique *Tecelã* vendido? Desde quando? Várias pessoas admiravam a obra, mas todas suspiravam e meneavam suas cabeças ao saber o valor.

Tricia lançou-lhe outro olhar, como se temesse que ela a desmentisse.

Carolyn retribuiu o olhar da amiga, embora permanecesse calada. Então, resolveu voltar sua atenção à tarefa que executava.

Era quase hora do almoço quando as senhoras voltaram as suas vans e partiram, deixando a loja agradavelmente vazia.

Estava prestes a perguntar a Tricia por que ela mentira que o batique fora vendido, quando a porta da loja se abriu outra vez, e Conner entrou, acompanhado de Brody.

Carolyn prendeu a respiração, embora tentasse dar a impressão de que não o tivesse notado.

Não notar Brody, refletiu, era como não notar um meteoro grande o suficiente para exterminar os dinossauros.

Ainda assim, precisava tentar. Era uma questão de princípios. Conner cumprimentou a esposa com um sonoro beijo, puxou-a para si e a girou, em um círculo pequeno e suave, fazendo-a rir alto como sinos de igreja em uma manhã de Páscoa.

Distraída por esses acontecimentos, Carolyn não percebeu a aproximação de Brody.

De repente, *lá* estava ele, parado do outro lado do balcão.

Ela se assustou, e todas as terminações nervosas do seu corpo vibraram. Brody brindou-a com um sorriso indolente e imperturbável.

Ou ele não ouvira os boatos sobre seu encontro com Bill no café, opção que parecia bastante improvável dada a natureza das cidades pequenas, ou simplesmente não ligara a mínima.

– Aquela imagem *lá* em cima – disse ele, apontando para o batique com o movimento de um polegar. – É uma das obras de Primrose Sullivan?

Carolyn clareou a garganta de uma maneira que esperava parecer sutil e anuiu com a cabeça.

– Sim, mas...

Tricia se esgueirou na direção deles e cutucou Brody.

– Vai entrar no mercado de arte?

Conner, de pé a poucos metros de distância, olhou para a esposa com uma expressão que mesclava confusão e admiração, em seu belo rosto. Era evidente que, para ele pelo menos, Tricia era uma borboleta brilhante e colorida em um mundo preto e branco.

– É bem provável – respondeu Brody. – Haverá bastante espaço nas paredes que precisará ser preenchido quando minha casa ficar pronta.

Carolyn lembrou-se de respirar. Disse ao coração para recomeçar a bater, depressa. Afinal, aquela era uma conversa normal.

– Primrose ficaria encantada se a sua *Tecelã* encontrasse uma casa, aqui mesmo em Lonesome Bend – disse Tricia radiante. – Você sabe como ela é sentimental.

Confusa, Carolyn franziu a testa ao olhar para a sócia.

– Você não disse que já estava vendido? O batique *Tecelã*, quero dizer?

Tricia sorriu.

– Eu estava mentindo – confessou, sem nenhum escrúpulo aparente.

Carolyn abriu a boca, fechou-a novamente e franziu o cenho com mais ímpeto dessa vez.

Brody, no entanto, pegou a carteira, retirou um cartão de crédito e o colocou sobre o balcão.

– Vou levá-la.

– Não quer saber primeiro quanto custa? – perguntou ela.

Mais uma vez, ele a fitou com os lábios curvados, fazendo-a se sentir impotente contra aquele sorriso.

Será que Brody percebia isso?

– Acho que, com certeza, posso pagar.

Envergonhada ao perceber a bobagem que dissera, Carolyn corou.

– Certo – concordou e informou-lhe o preço.

Brody sequer piscou. Olhou para o cartão de crédito, e ela se recuperou o suficiente para passá-lo na máquina e digitar a sequência de botões necessária.

Conner e Tricia estavam na cozinha agora. Suas vozes e os sons do lanche sendo preparado eram audíveis.

A máquina de cartão de crédito emitiu o recibo, que foi devidamente assinado.

– Só vou pegar a escada – começou Carolyn, nervosa. – Vou retirar a obra da parede e embrulhá-la já, já.

Brody não se moveu após guardar o cartão e a carteira.

– Estamos a cavalo.

Ela piscou.

– O quê?

– Conner e eu viemos cavalgando até a cidade.

Carolyn podia sentir o sorriso dele como a luz do sol em sua pele, mesmo ainda evitando encará-lo.

– Por quê?

Brody riu, o que a incitou a fitá-lo. Aqueles olhos a atraíam como um ímã atraía limalhas de metal.

– É o que os vaqueiros fazem – respondeu sucinto.

– Oh! – murmurou ela, desejando poder encolher como *Alice no País das Maravilhas*, após um gole da garrafinha “beba-me”, ou simplesmente cair em alguma velha toca de coelho.

– Seria estranho transportar essa imagem grande para minha casa em um cavalo, por isso estou esperando que você faça a gentileza de entregá-la para mim.

A espinha de Carolyn enrijeceu. Ela ergueu o queixo.

– Tenho certeza de que Tricia ficaria feliz em se incumbir dessa tarefa.

– Ela não pode carregar peso devido a sua condição – respondeu Brody, com uma leve nota de desaprovação na voz. Então relanceou um olhar ao redor. – Onde está a escada?

Carolyn disse-lhe onde estava, e ele foi buscá-la.

Retornou e abriu a escada, provocando um rangido significativo das dobradiças de metal. Com agilidade, subiu até o degrau mais alto. Erguendo a moldura do batique do gancho, trouxe-o para baixo, os músculos das costas se movendo graciosamente sob o tecido da sua camisa.

O sangue latejava desordenado nos ouvidos de Carolyn. Tricia e Conner riam agora. A alegria dos dois, com a vida e com a companhia um do outro, irrompia entre os momentos de silêncio. Ela ouviu a porta da geladeira abrir e fechar, o atrito dos pratos, como se soassem a uma grande distância ou a braçadas de profundidade no mar.

Com um cuidado quase reverente, Brody colocou o batique sobre a mesa redonda, onde Carolyn e Tricia costumavam exibir peças artesanais. Observando-o estudar a imagem, ela soube que a obra seria pendurada na nova casa dele, um dia, em breve, algo que o faria sentir orgulho de possuir.

– Vai levá-la à cabana então? – indagou ele, a voz soando gutural, como se tivesse ficado um longo tempo sem falar.

– Você poderia passar por aqui com sua caminhonete – sugeriu ela, porque parecia importante, embora inútil, confrontá-lo.

– Poderia – concordou Brody. – Mas gostaria de lhe mostrar minha casa e você pareceu gostar de Moonshine no *Friendly Faces*. Eis sua chance de lhe dizer um “olá” pessoalmente.

– Moonshine?

– O meu cavalo – explicou ele, com um ténue sorriso. – Acho que se sente muito sozinho, lá fora, no celeiro inacabado. Com certeza gostaria de receber uma visitante.

Carolyn exalou um suspiro. Era capaz de resistir a Brody, embora não com a facilidade que parecia, mas não podia resistir a um cavalo.

– *Tudo bem.* Vou levar a peça. Qual é o melhor horário?

– Em geral, só estou lá à noite.

É claro. E que dentes grandes você tem, vovó.

– Gosto de costurar à noite.

Brody estava de frente para ela outra vez e o balcão entre ambos não era largo o suficiente para deixá-la tranquila. Aliás, nem todo o Estado do Colorado seria largo o suficiente para isso.

Com um olhar insinuante, ele percorreu-lhe as curvas do corpo. Carolyn podia jurar que só de fitá-la daquele jeito ele lhe deixara as roupas em frangalhos.

– E depois também tem aquele passeio que está me devendo. – A voz soou baixa.

O rosto dela corou. Mesmo após toda aquela conversa sobre cavalos, não conseguia captar o significado de tudo aquilo. Então, ele riu, e o som soou baixo e rouco mais uma vez.

– *O passeio a cavalo* – esclareceu Brody com a voz arrastada.

Carolyn engoliu em seco.

– Por que está insistindo nisso? – murmurou irritada. Sem pensar, inclinou-se na direção dele e, logo em seguida, desejou não tê-lo feito.

A boca de Brody ficou a centímetros da sua e ela não conseguia se afastar. Não conseguia se *mover*.

– Você aceitou quando lhe pedi que cavalgasse comigo – ele a lembrou, com bastante discrição. – O que torna isso uma questão de honra. Ou a sua palavra tem valor, Carolyn Simmons, ou não.

Aquelas palavras a livraram do feitiço que ele havia lhe lançado. Jogou a cabeça para trás e o encarou. Apertava as bordas do balcão com tanta força que suas juntas chegavam a doer.

– Quem é você para falar sobre honra? – retrucou em um tom agressivo.
– Depois de tudo que fez. Além do mais, a minha palavra nunca esteve em questão aqui. A sua, ao contrário...

Brody teve a audácia de sorrir, erguer as duas mãos em uma tentativa ingênua de pedir paz, e isso a fez sentir vontade de esbofeteá-lo.

– Carolyn, você é uma mulher difícil. Uma mulher *teimosa*. E, com certeza, sabe como guardar rancor.

– Pode ter certeza que sim – ela praticamente rosnou.

Ambos se fitaram por um longo e silencioso momento. Então Tricia abriu a porta da cozinha e enfiou a cabeça para fora, como uma tartaruga espiando de uma concha.

– Vocês dois vão se juntar a nós para o almoço ou não?

– Não estou com fome – respondeu Carolyn.

– Eu também não – concordou Brody.

– Ceeeeerto – disse Tricia, cantando a palavra e voltando à cozinha.

Carolyn contornou o balcão, passou decidida por Brody em direção à janela da frente e afastou uma cortina de renda para olhar a rua.

Sem dúvida, havia dois cavalos lá fora, selados e sem amarras, junto à cerca. Os dois devoravam as folhas do centenário arbusto lilás de Natty McCall.

Carolyn voltou-se para Brody, cheia de determinação. E calor. E outras coisas que era melhor não revelar.

– Duas pessoas, dois cavalos. Vamos dar o passeio agora, senhor Creed, e acabar logo com isso.

– Acabar com isso? – Brody soou divertido e um pouco insultado.

– Não prometi gostar do passeio – ela o lembrou. – Apenas concordei em ir. – Ela indicou para o jeans, botas e camiseta de manga comprida que estava usando. – E quero ir *agora*.

– Tudo bem – anuiu, inclinando a cabeça em direção à cerca, onde os cavalos aguardavam. – Vamos agora.

Carolyn sequer fez uma pausa para dizer a Tricia que se ausentaria da loja, porque teria que lhe explicar o motivo e não estava disposta a fazê-lo.

Soltaria vapor pelos ouvidos se tentasse. Decidida, caminhou até a porta, abriu-a e saiu para a varanda.

– Monte o baio – Brody lhe disse ao chegarem ao portão, e ela, por fim, hesitar. Até então, estava dominada pela raiva, mas agora se sentia meio perdida.

– Ótimo – disparou.

Após segurar as rédeas soltas do baio, fincou um pé no estribo e montou com uma perícia originada tanto da indignação quanto da longa experiência.

Brody estava em pé na calçada em um momento e sentado sobre a sela no outro.

– Uma hora, Carolyn – disse ele, segurando as rédeas do cavalo com uma das mãos. – Menos que isso não é uma cavalgada. A não ser que esteja em um pônei no carrossel de um parque de diversões.

Quando estava no chão, Carolyn se sentia insegura com relação a muitas coisas. Sobre a sela, ditava as ordens. Sua autoconfiança, uma vez montada sobre o lombo de um cavalo, qualquer cavalo, era total e Inabalável. Era algo que ela dominava, algo que achava tão normal quanto respirar ou seu coração bater.

– Vamos! – ordenou ela.

– Veja se consegue manter o ritmo – Brody a insultou, com outro sorriso.

– Se eu não conseguir, a culpa será deste cavalo, não minha – Carolyn respondeu, forçando as palavras a passarem por entre os dentes trincados.

Brody riu, um som alegre e vibrante. Sem despender muito esforço, virou o buckskin na direção do rancho, incitou o animal a um trote, depois um galope e, em seguida, a uma corrida, em questão de segundos. O cavalo voava ao longo da estrada de terra, como um Pegasus cor de manteiga, com Brody curvado sobre o seu pescoço, ambos fundidos em uma magnífica criatura.

Dominada pelo orgulho e algum tipo de emoção mais feroz e mais intensa do que apenas prazer, Carolyn deixou o cavalo de Conner assumir a liderança. Agora, os dois capões corriam pescoço a pescoço por terrenos

baldios, estradas de terra, sobre os trilhos da ferrovia enferrujados pela falta de uso, e pela relva alta.

Quando adentraram o rio, Carolyn soltou um grito de júbilo e susto. No instante seguinte, percebeu que as águas encharcaram suas botas, a calça jeans dos joelhos para baixo e, aos poucos, saturaram o brim cobrindo-lhe as coxas.

Brody virou a cabeça para fitá-la, e em seus olhos ela pensou ter visto a emoção que jamais esperava lhe inspirar: respeito.

No momento em que alcançaram a margem oposta, os cavalos, já mais desgastados, diminuíram a velocidade. Escalaram devagar o barranco, esforçando-se para atingir o terreno acima.

Ao chegarem à estrada que margeava o rio, Brody e Carolyn deixaram as montarias definirem o próprio ritmo. Ela conhecia aquele caminho dos passeios que fazia com Blossom, sabia que a direção que tomavam os levaria direto à sede do rancho.

Estava molhada, sem fôlego e radiante. Só uma coisa era melhor do que o pleno e impetuoso galope que ela e Brody haviam acabado de compartilhar: o tipo de êxtase devastador que ele a fazia sentir, de forma fácil e repetidas vezes, no tempo em que foram amantes.

Um arrepio perpassou-lhe a espinha, mas não tinha nada a ver com o frio da água do rio.

Por fim, Brody se dignou a quebrar o silêncio. O convencido bastardo.

– Tricia, com certeza, deve ter algumas roupas que lhe servirão. Você precisa vestir algo seco. Quanto mais cedo, melhor.

Ela o fitou, o que era por si só uma concessão.

– Você planejou esse mergulho no rio? – perguntou. Não duvidava que ele fosse capaz disso. Que maneira melhor de obrigá-la a tirar as roupas? Mas, por outro lado, talvez não. Ele não podia saber se ela seria capaz de passar por aquele desafio. E, por mais que achasse que Brody era capaz de muita coisa, não *acreditava* que ele colocasse alguém, de modo deliberado, em risco, por qualquer razão.

– Não. – Outro sorriso suave surgiu em seus lábios. Estava tão molhado quanto ela; até o chapéu parecia encharcado. Ele se inclinou para afagar o

pescoço de Moonshine. – No entanto, eu devia ter previsto. Este cavalo adora água. – Estudou-a, o esboço de um sorriso pairando nos olhos, mas sem chegar aos lábios. – Você está bem, peoa?

Algo em sua voz, na maneira como montava o cavalo e o modo como olhava para ela, tocou Carolyn de uma forma profunda e inexplicável.

– Estou bem – confirmou.

– Você monta como uma Comanche.

Era um elogio, e ela o aceitou. Sabia que o recordaria, no futuro, nas horas de solidão, e o repassaria repetidas vezes na mente, saboreando-o como uma preciosa herança transmitida através de gerações de antepassados.

– Você também – respondeu ela enquanto cavalgavam lentamente em direção à sede do rancho.

– Obrigado.

Depois disso, os cavalos aceleraram o ritmo, talvez esperando uma massagem, um pouco ração e feno, quando chegassem ao celeiro.

Uma vez lá, desmontaram, conduziram os animais cansados para baias vazias e trabalharam em conjunto, escovando-os, enchendo os comedouros e, por fim, se reencontraram no caminho entre a casa e o celeiro.

– Vamos colocar algumas roupas mais quentes – disse Brody, estendendo-lhe a mão.

Como uma sonâmbula, Carolyn aceitou a oferta, permitindo que ele a conduzisse sob a luz brilhante do sol de início da tarde.

Esperava que Conner e Tricia já estivessem por ali, afinal haviam tido tempo de sobra para vir da cidade ao rancho na Pathfinder de Tricia. Mas não havia sinal dos dois.

Brody intensificou o aperto na mão de Carolyn, mas apenas breve e ligeiramente.

Entrando na casa, foram de imediato saudados pelos dois cães, Barney e Valentino.

– Pensei que Conner e Tricia já estivessem aqui – disse ela.

Brody sorriu.

– E perder uma oportunidade de ficarem algum tempo sozinhos naquele casarão vitoriano? O lugar tem muito significado para eles. A essa hora, com certeza estão fazendo amor.

Carolyn corou de novo. Olhou para um ponto distante, a fim de evitar o olhar sagaz de Brody.

– Eu devo... – Ela hesitou e mordeu o lábio inferior. – Eu preciso voltar à loja. Você se importaria de me dar uma carona até a cidade?

– Mais tarde – respondeu ele, tomando-lhe a mão. Conduziu-a através da cozinha e um longo corredor. Instantes depois, abriu uma porta e gesticulou para que ela entrasse.

Carolyn já mergulhara de cabeça e tão profundamente que não havia como voltar. Entrou no banheiro que ligava duas pequenas suítes.

Brody devia saber que tinha prioridade, uma prioridade que poderia ter exigido, mas permaneceu no corredor, observando-a com uma espécie de diversão mórbida.

– Enquanto toma banho, vou providenciar alguma coisa para você vestir.

Carolyn *estava* com frio, e o pensamento de um banho quente era tentador.

Ainda assim, para tomar um banho, teria que ficar nua. E ficar nua na mesma casa com Brody Creed era um convite a arranjar problemas. Especialmente, em seu atual estado de espírito. Por alguma razão, sentia-se diferente.

– Trícia tem alguns roupões extras para visitantes – prosseguiu Brody, calmo como se a situação fosse bem... uma não situação. – Estão no closet perto do armário de toalhas. – Ele inclinou a cabeça, indicando o antigo e enorme gabinete atrás dela. – Fique à vontade.

Com isso, saiu andando pelo corredor.

Carolyn fechou a porta depressa e se virou para trancá-la. Depressa, procurou se certificar de que as portas que davam para a suíte adjacente estavam bem fechadas também.

Que bobagem, pensou, enquanto abria a torneira do chuveiro um pouco trêmula e começava a se livrar das roupas encharcadas. Brody podia ter

muitos defeitos, mas não era homem de forçar uma mulher. Entretanto, não era o que ele podia fazer que a preocupava, e sim o que ela podia fazer.

Capítulo Nove

BRODY ESCONDEU-SE na lavanderia da sede do rancho, mantendo a voz baixa enquanto falava ao telefone celular.

– Tricia – resmungou ele, sentindo o pescoço começar a arder. – Pare com isso. Não tem graça. Carolyn precisa pegar emprestado algumas de suas roupas de antes gravidez, porque se molhou ao atravessarmos o rio.

– Acredito em você – disse a cunhada em um tom jovial do outro lado da linha, na ligação que ele desejava não ter precisado fazer. – Se Carolyn tivesse tirado a roupa por qualquer *outro* motivo, simplesmente voltaria a colocá-las quando necessário.

Brody ligara pedindo permissão para mexer no guarda-roupa de Tricia. Pegar algo emprestado de Conner quando precisava era uma coisa, mas vasculhar as gavetas da cômoda e armários da cunhada era outra.

Tricia continuou a tagarelar, sem esperar que Brody voltasse a falar, o que era bom, porque ele não fazia ideia do que dizer. Declarara o motivo da ligação e agora tudo o que podia fazer era esperar.

– Um minuto atrás – disse ela, em um tom conclusivo. – Carolyn está aqui na loja, totalmente seca. No próximo, está correndo em um cavalo e encharcada de água até a pele...

– Tricia – interrompeu Brody com a voz rouca, começando a ficar desesperado.

Ela riu. Fez uma pausa para repetir o pedido anterior do cunhado para Conner, fazendo-o rir também.

Não ajudou nem um pouco o fato de a gargalhada estronadeira de Conner denotar uma evidente satisfação. Brody, sendo gêmeo idêntico do irmão, e, portanto, farinha do mesmo saco, sabia o que significava aquele som.

Com certeza, os dois haviam acabado de fazer amor. *Conner, seu bastardo sortudo*, pensou ele, distraído demais para perceber a ironia.

Em silêncio, Brody fervilhava, o corpo tenso, com a antecipação de algo que não ia acontecer. Não que não fosse capaz de persuadir Carolyn. Percebera sua vulnerabilidade, e os sinais bioquímicos, sem dúvida, se moviam em ambos os sentidos.

Não fariam amor. Mas apenas porque ele não *permitiria* que isso acontecesse. Ainda não. Era cedo demais, a situação estava delicada e, embora não tivesse aprendido todas as lições de sua vida, ou talvez até mesmo nem uma fração delas, aquela ele havia aprendido. Carolyn o desejava, mas não estava preparada.

Oh, ela correspondia, era verdade. Era uma mulher envolvente, intensa como uma égua indomada. Mas, quando os efeitos findassem, quando o brilho se extinguísse como o fogo do dia anterior em um fogão a lenha, ela o odiaria.

Pior, odiaria a si mesma, também.

Então, preferia esperar, não importava o quanto lhe custasse.

Correu a mão por entre os cabelos molhados. *Um* mergulho no rio não fora suficiente para um dia. Precisava se molhar *duas vezes*. Podia acabar sendo punido com uma pneumonia.

Enquanto estava perdido em meio a todos esses pensamentos, Conner e Tricia se divertiam com a situação. A sua custa. E lá estava ele, sendo estupidamente *nobre*, também.

Ele merecia.

Por fim, Tricia se compadeceu do cunhado.

– Minhas roupas de mulher magra estão em caixas na parte de trás do closet no meu quarto – disse ela, em um tom doce. – Sinta-se à vontade para

ilhar o que quiser.

Brody não conteve o riso, embora se sentindo bastante mal-humorado, considerando todas as coisas.

– Eu lhe agradeço. – Fez uma pausa. A distância, podia ouvir o barulho da água correndo no banheiro do andar térreo. Imaginou Carolyn nua, o físico bem cuidado molhado com água e espuma de sabonete. Ficou tão excitado que a dor praticamente o fez se curvar. Após alguns segundos tentando se recompor, clareou a garganta. – Vocês dois vão voltar para casa em breve, certo? – perguntou.

Diga que sim. Diga que não.

– Errado – respondeu Tricia, em um tom alegre. – Conner me convidou para um jantar romântico. Importa-se de alimentar Valentino e os cavalos para nós?

– Claro – concordou Brody, confuso com o que deveria ser encarado como uma mudança perfeitamente normal dos acontecimentos. – Quero dizer, não, não me importo de alimentar os bichos para você. Divirtam-se.

– Vamos nos divertir – disse a cunhada, e ele não precisava vê-la sorrir, porque podia sentir, ouvir o divertimento em sua voz. Era assim como uma mulher soava quando estava apaixonada, recordou-se. – Nós o veremos dentro de muitas e muitas horas mais tarde...

Brody riu e sacudiu a cabeça.

– Faça como quiser.

Após se despedirem, a ligação foi concluída. Ele coçou o queixo, com a barba crescida, e suspirou ao pousar o telefone celular sobre uma bancada. Era óbvio que Tricia pensava que ele e Carolyn passariam muitas e muitas horas compensando o tempo perdido.

Ficaria com a fama e não deitaria na cama. E Carolyn também.

Era, simplesmente, uma fraude.

CAROLYN SAIU do chuveiro, enxugou-se e se apropriou de um dos robes para visitantes, que pegou no antigo guarda-roupa de madeira esculpida que ocupava toda extensão de uma parede. A trama felpuda roçou-lhe a pele

como uma carícia. *Nem pense nisso*, aconselhou-se em silêncio. *Não pense em peles e carícias. Você está em apuros aqui. Tome cuidado.*

Caminhou resoluta até uma das duas bancadas, com suas costumeiras pias de cerâmica pintadas, e olhou-se no espelho. Com os dedos, penteou os cabelos, fazendo contato visual com a outra Carolyn.

– Bem – começou em um sussurro, embora não acreditasse de fato que Brody estivesse ouvindo atrás de nenhuma das portas do banheiro. – Você conseguiu dessa vez. Está enrascada e não vai ser fácil sair dessa.

Se é que quer mesmo sair daqui sem ceder ao impulso irresistível de fazer amor com Brody Creed.

Carolyn corou, indignada.

– *Claro* que quero sair daqui sem fazer amor com Brody – murmurou. Costumava ter aquele tipo de conversa consigo mesma. Se o resto do mundo não sabia, não fazia mal.

Você quer fazer amor com ele ou não?

– Bem – reconheceu Carolyn, exalando o ar enquanto suspirava. – Sim. Que mulher saudável, com sangue correndo nas veias, a mente sã, não gostaria de fazer amor com Brody Creed? – Ela respirou fundo, ergueu o queixo e endireitou os ombros sob o tecido sensível daquele ridículo robe de luxo. – Mas – continuou – *não* vou ceder à tentação. E ponto-final. Já percorri esse caminho uma vez, lembra? E uma vez é mais do que suficiente. – Devia ter soado convincente, porque, depois disso, a vizinha argumentativa em sua mente silenciou.

Uma batida soou na porta que dava para o corredor.

– Sim? – Carolyn perguntou, com um leve tremor. Então penteou o cabelo com os dedos mais uma vez.

A frequência baixa da risada de Brody penetrou a grossa madeira da porta.

– Trouxe algumas roupas de Tricia – disse. – Vou deixá-las aqui no chão e voltar bem devagar.

Um sorriso curvou os lábios de Carolyn, mas foi depressa reprimido. A situação era grave, lembrou a si mesma. Se não tomasse muito, *muito*

cuidado, toda a resolução de não trilhar a mesma estrada iria direito pelo ralo.

– Obrigada – respondeu com firmeza. Esperou até ouvi-lo se afastar. Em seguida, aguardou mais alguns instantes, como garantia. Uma vez convencida de que o caminho estava livre, destrancou a porta, inclinou-se para erguer a pilha desordenada de roupas femininas do chão e voltou a se trancar.

Sentiu-se obrigada a se sentar na borda da banheira porque, de repente, seus joelhos fraquejaram. Segurando a calça jeans e a camiseta de algodão branco emprestadas nas mãos, considerou a possibilidade de ficar escondida no banheiro até Tricia e Conner voltarem para casa. Mas isso seria tolice. É enfadonho. Quem podia saber quanto tempo os dois ficariam fora?

Com outro suspiro, vestiu-se, sem colocar as roupas debaixo. Seu sutiã e calcinha ainda estavam molhados e nenhuma mulher que se prezava pegava emprestado ou emprestava roupas íntimas. Penteou o cabelo com os dedos mais uma vez e saiu para o corredor.

Encontrou Brody na cozinha, pelejando com a sofisticada cafeteira. Ele também tomara banho e usava um jeans e uma camisa azul de cambraia estilo country, com colchetes. As botas velhas e surradas completavam sua aparência singularmente atraente.

Com uma careta, ele olhou em sua direção.

– Você sabe como mexer nesta coisa? – perguntou. – Não posso morrer sem descobrir por que as pessoas não podem se dar por satisfeitas com uma cafeteira normal.

A pergunta a deixou um pouco mais aliviada, neutralizando parte da carga na atmosfera. Tricia amava eletrodomésticos modernos, e ela estava com a amiga quando o aparelho fora comprado. Tinham feito um teste na loja, estudado o manual e, por fim, aprendido a usá-lo. Aquilo, em um mundo repleto de enigmas, era um problema que ela poderia resolver.

– É assim – explicou, colocando água em um recipiente no topo, uma xícara limpa embaixo da torneira e pressionando os botões. Foi somente após a cafeteira começar a filtrar a bebida fervente que percebeu que a

aproximação entre ela e Brody não foi a coisa mais inteligente que podia ter feito.

Brody não se mexeu. Por que deveria? Já estava lá primeiro.

Carolyn ficou onde estava. Não era orgulho ou teimosia que a impedia de se mover, mas um estranho e vibrante tipo de força centrífuga.

Brody pigarreou, um som afável, porém com uma nota de aspereza.

– Só para que não haja mal-entendidos – disse, por fim, e ela precisou se esforçar para ouvi-lo além do som das batidas aceleradas de seu coração. – Não consigo me lembrar de desejar uma mulher do jeito como a desejo. O fato é que, se a minha consciência permitisse, eu usaria de todo o poder de sedução de caubói para possuí-la aqui e agora.

Carolyn deu uma risada.

– Você tem consciência?

A xícara de café fresco terminara de ser processada, porém nenhum dos dois prestou atenção.

Um dos cantos da boca de Brody se curvou, mas a expressão em seus olhos era suave.

– Acredite ou não, realmente tenho consciência. E ela está me dizendo para não fazer nenhuma besteira. – Mais uma pausa e sua boca voltou a se curvar. – Por assim dizer.

O rosto de Carolyn corou, e uma onda de calor invadiu seu corpo traidor.

– Puxa, obrigada – disse ela, de alguma forma conseguindo manter o tom de voz natural, apesar de sentir como se milhões de universos minúsculos colidissem em seu interior.

Um amplo sorriso curvava os lábios de Brody agora.

Aquilo não era nem um pouco justo.

– Algum tempo atrás – continuou ele, felizmente suavizando a intensidade de seu sorriso –, eu lhe pedi uma segunda chance e estava falando sério. Mesmo que isso não dê em nada, o que quer que possa acontecer entre nós dois merece ser explorado.

Carolyn não conseguia falar. Não era possível sequer engolir, devido ao nó que se formara em sua garganta. Então, apenas fitou o rosto abominável e

enganosamente belo de Brody Creed. Sentia-se impotente diante dele. Esperava e rezava para que sua reação tivesse passado despercebida.

Doce ilusão.

Colocando o dedo indicador direito sob seu queixo, ele ergueu-o com bastante gentileza, assim seus olhares se cruzaram com um clique quase inaudível de uma tranca de fechadura.

– Carolyn?

– Estou ouvindo – murmurou ela. E estava. Com todo o seu ser, corpo, mente e espírito.

Mais uma vez, o sorriso perverso cintilou. Brody assentiu com a cabeça.

– Então, você tem uma opinião? – brincou ele. – E, se tem, que tal me contar?

– Há... – Carolyn teve que pausar, clarear a garganta, antes de poder prosseguir. – Há... aparentemente, algo... bem... acontecendo aqui. E acho que, com certeza... talvez... devêssemos descobrir o que é. Algum dia.

Um brilho travesso dançou nos olhos azul-violeta de Brody. Ele arqueou uma sobrancelha e esperou, calmo como um experiente pescador com uma truta no anzol.

– Mas, preste atenção, não de imediato – esclareceu ela. – Quero dizer, a coisa mais sensata a fazer seria esquecer essa ideia estúpida e fingir que nunca tivemos esta conversa. Mas...

– Mas? – perguntou ele, a voz quase um sussurro. Ainda estava perto demais.

– Mas não estou me sentindo muito sensata no momento – Carolyn admitiu, com a respiração arfante.

– Eu também não – disse ele, e o brilho em seus olhos estava de volta. – Mas um de nós tem que ser forte. Alguém tem que ser responsável. Então estou lhe dizendo sem rodeios, Carolyn Simmons, que não importa o quanto você me deseje, não estou disponível.

Um sorriso irônico surgiu nos lábios de Carolyn. Aparentava calma por fora, mas por *dentro* todos os seus nervos chiavam.

– Obrigada por me deixar ainda mais confusa – disse, agradavelmente surpresa por ser capaz de atingir uma nota jovial. – O que aconteceu agora?

– Vamos fazer a coisa certa – Brody soou confiante. – Começando com algumas regras básicas.

– Regras básicas?

– Sim. Nada de sexo por enquanto. E podemos sair com outras pessoas se tivermos vontade.

Carolyn rezou para que a angústia que aquela última declaração a fez sentir não transparecesse em seu rosto. Ainda estava *indecisa* sobre ver ou não Bill Venable outra vez, mas sabia de antemão que jamais passariam de amigos.

Bill amava Angela. E ela, Deus a ajudasse, ainda estava apaixonada por Brody.

– Que foi? – perguntou ele, ao vê-la calada.

– Se você quiser sair com Joleen Williams – disse Carolyn com altivez. – Certamente é essa a sua reivindicação.

O brilho nos olhos de Brody transformou-se em irritação.

– Em algum momento eu disse que queria sair com Joleen?

– Não precisa – respondeu ela, cruzando os braços. – É bastante óbvio.

– Não sei por que imaginou uma coisa dessas – retrucou, visivelmente irritado. – Por acaso está vendo Joleen aqui, em algum lugar, esperando que eu a ajude com o casaco ou para fixar o corpete de seu vestido de festa, para que possamos ir à cidade?

Isso era só para mostrar a uma pessoa o quão rápido uma brisa da primavera podia se transformar em um vendaval, pensou Carolyn. Há pouco menos de um minuto os dois discutiam os motivos que os impediam de fazer amor ali mesmo, na cozinha de Conner. *Agora*, estavam prestes a esganar um ao outro.

– Você é quem quer manter suas opções em aberto quando se trata de namoro – assinalou Carolyn, orgulhosa por estar sendo... Bem, soando tão controlada e razoável.

– E é *você* quem *está namorando* – disparou Brody.

Então ele *sabia* sobre Bill, pensou ela.

– Escute aqui – retrucou, colocando as mãos nos quadris, porque precisava fazer algo com o acúmulo de energia e que não constituísse

agressão grave. – Eu já agia de acordo com as regras do jogo antes mesmo de saber que *havia* alguma!

Brody a encarou.

Ela olhou para trás.

Um dos cães emitiu um gemido um pouco triste, como se a pobre criatura tivesse avistado um cogumelo atômico no horizonte.

– Que tipo de cara é tão complicado para arrumar uma namorada que precisa recorrer ao *Friendly Faces*? – Brody exigiu, por fim. O familiar músculo contraía outra vez em sua mandíbula.

– Um cara igual a você, eu acho. – Ela sentiu grande prazer em dizer-lhe aquilo. – Ou vai alegar que foi o seu *cavalo* que se inscreveu para arrumar uma companheira?

Brody se inclinou, quase lhe tocando o nariz.

– É por isso que precisamos estabelecer regras básicas.

– Acho que necessitamos de um árbitro – respondeu Carolyn. – Por que não esquecemos tudo, Brody? Por que não paramos de perder tempo e partimos para outra?

Foi quando ele pousou as mãos nos ombros dela, inclinou a cabeça e a beijou. De leve, a princípio, e então com desejo e intensidade. O efeito foi tectônico, deixando-a literalmente sem fôlego quando o beijo, por fim, terminou.

– É por isso que não vamos *parar de perder tempo e partir para outra* – proferiu Brody em voz baixa. – Pegue suas coisas. Vou levá-la para casa.

Carolyn devia ter ficado contente com isso. Mas, por mais estranho que pudesse parecer, ficou ressentida.

Voltou ao banheiro para pegar suas roupas, agora enroladas em uma trouxa encharcada, e retornou à cozinha, onde ele a aguardava, já com as chaves da caminhonete na mão, como se ansioso para se livrar de alguém. Carolyn conteve uma louca vontade de chorar e marchou para fora pela porta dos fundos, gentilmente aberta por ele.

Os dois cães os seguiram, ansiosos, como todos de sua espécie, por qualquer chance de ir a *algum lugar*.

Quando Brody alcançou a caminhonete, rumou depressa para o lado do passageiro e abriu-lhe a porta. Ao vê-la acomodada, içou os cães, um de cada vez, colocando-os na parte traseira da cabine.

Em silêncio, Carolyn fixou o olhar à frente, observando que o para-brisas do carro precisava ser lavado.

Brody sentou-se atrás do volante, fechou a porta do seu lado e introduziu a chave na ignição, fazendo com que o motor ligasse com um ominoso som arranhado.

– Isso vai continuar acontecendo – disse ele lacônico. – Até irmos para a cama e ficarmos imunes um ao outro.

Carolyn ajustou o cinto de segurança e evitou encará-lo.

– É um modo de tirar uma garota do seu pé. Leve-me para casa, Brody. Agora.

A caminhonete fez outro ruído estranho quando ele passou a marcha.

– Tudo bem. Ficarei *feliz* em levá-la para casa. Claro que sempre há a possibilidade de Conner e Tricia estarem nus, pendurados no lustre, mas acho que é um risco que vai ter que correr.

Carolyn corou tanto que chegou a doer. E se Tricia e Conner ainda *estivessem* em algum lugar da maravilhosa e antiga casa de Natty McCall, pensando que desfrutavam do lugar apenas para eles, *celebrando ruidosamente?*

No momento seguinte, porém, as palavras de Brody ganharam raízes e floresceram em uma imagem: Tricia, grávida de seis meses, balançando nua em uma das luminárias, como uma jovem ousada no trapézio. Carolyn riu. Não conseguiu se conter. Pelo canto do olho, percebeu que ele também estava rindo.

– Que foi? – perguntou Brody.

– Estava pensando sobre essa história do lustre – admitiu ela.

Isso o fez rir.

– Certo, suscita uma imagem e tanto. Meu palpite é que meu irmão e sua linda esposa, com certeza, estão se comportando um pouco mais agora. Tricia disse que eles iam jantar fora.

– Somos loucos? – perguntou Carolyn, bem baixinho e após uma longa consideração. Cada segundo de silêncio que recaía entre eles parecia pulsar com as coisas que queriam dizer e não podiam. – Refiro-me ao modo como passamos de um extremo ao outro, chegando tão perto de fazer amor e, em seguida, brigando como dois gatos selvagens em um beco... O que é isso, Brody?

Ele pensou antes de responder.

– Acho que chamam isso de paixão. Com essas palavras, esticou o braço e apertou-lhe a coxa, a meio caminho entre o joelho e o quadril.

Carolyn inclinou a cabeça para trás, fechou os olhos e fez uma prece silenciosa para que Brody não percebesse que lhe transformara as entranhas em lava derretida com um único toque.

BRODY PRETENDIA ir direto para a loja, sempre pensava no lugar como a casa de Natty McCall, não importava no que elas o haviam transformado, mas sua caminhonete desviou para *River's Bend*, como se tivesse vontade própria.

Carolyn não protestou nem teceu comentário algum. Apenas virou a cabeça em direção à casa em construção e, já que ele não podia lhe ver o rosto, ficou apenas imaginando o que poderia estar se passando na mente dela.

O turno havia encerrado. Os operários da obra carregavam caixas com ferramentas, colocando-as nas caçambas das picapes, chamando uns aos outros e rindo alto.

Por alguma razão, aquela visão despertou um sentimento de solidão em Brody. Essa sensação de estar do lado de fora olhando para dentro estava se tornando antiga.

Ou talvez fosse aquela mulher, perplexa, sentada no assento ao lado, determinada a falar o menos possível com ele.

Os operários acenaram e sorriram. Brody os cumprimentou com acenos, tráfegando pelo que, um dia, seria uma rodovia pavimentada. Por enquanto, porém, ainda era uma estrada de terra, levemente salpicada com cascalho.

– Trícia mencionou que você quer dar o nome de *River's Bend* à propriedade – comentou Carolyn, a cabeça ainda virada para a casa, o tom

confuso ou talvez melancólico. – Ela pareceu contente com isso.

– *River's Bend* é um nome tão bom para o lugar quanto outro qualquer – retrucou Brody. – Além do mais, eu gostava do pai dela. Todo mundo gostava de Joe McCall.

– Tricia sente falta dele – observou Carolyn, fitando-o, por fim.

Brody não conseguia ler os seus olhos, mas isso não importava, porque ela parecia tão bela banhada pela luz do fim de tarde. Uma criatura dourada vestindo roupas de outra pessoa.

Aquela porcaria de nobreza estava passando dos limites, decidiu ele, infeliz. Se tivesse aproveitado a oportunidade na cozinha da sede do rancho, com certeza estariam se recuperando de uma rodada de sexo e prontos para passar à segunda. Ou até à terceira.

– Isso é natural – disse, em resposta tardia à observação de Carolyn.

– Você sente falta do seu pai? – perguntou ela enquanto estacionavam a caminhonete em frente à parcialmente concluída garagem para três carros.

Aquela mulher sempre saía com algo inesperado. Brody suspirou e assentiu com a cabeça.

– Na verdade, não conheci meu pai. Conner e eu éramos bebês quando ele morreu, e a nossa mãe não viveu muito tempo após nascermos. Quando penso em pais, penso em Kim e Davis. E tenho certeza de que meu irmão também.

Brody abriu a porta da caminhonete e teria contornado o capô para ajudá-la. Afinal, fora educado para tratar uma mulher com respeito e cortesia, bem como Conner e seu primo, Steven. Carolyn, no entanto, já havia fincado os pés no chão rochoso antes que pudesse alcançá-la.

Valentino e Barney foram retirados da parte traseira. Deixou-os circular ao redor, como os cães faziam quando ficavam confinados por algum tempo, farejando o chão e procurando um provável lugar para fazer suas necessidades.

– E você, Carolyn?

– E eu? – repetiu ela, mas em um tom suave, protegendo os olhos do sol, com a mão.

– Você me perguntou sobre meu pai. Estou lhe perguntando sobre o seu.

– Não o conheci – respondeu, como se não tivesse a menor importância. Isso era importante, porém Brody não tinha certeza do por quê. Importante o suficiente para fazê-lo insistir na pergunta.

– E sua mãe?

Carolyn o fitou e a expressão em seus olhos era tão desoladora que o fez sentir como se tivesse levado um soco no estômago.

– É apenas uma lembrança de alguém se afastando em um carro e me deixando para trás.

Brody não chorava desde o dia em que Lisa e Justin foram enterrados, lado a lado, em um pequeno cemitério em Montana. Mas naquele momento sentia uma imensa vontade de chorar. Porém, se conteve.

Ambos ficaram em silêncio por alguns segundos; nenhum dos dois se movia.

– É uma casa enorme – disse Carolyn, por fim.

Brody vasculhou em seu interior e conseguiu arrancar um frágil sorriso. Tinha orgulho daquela casa. Encarava sua concepção e construção como a primeira coisa realmente responsável que realizara na vida. E mostrá-la a Carolyn lhe proporcionava uma sensação de bem-estar.

– Sim, senhora. Vai ser, quando estiver concluída.

– Mostre-me onde planeja pendurar a *Tecelã* – disse ela, as botas ainda molhadas chapinhando sobre o cascalho enquanto se aproximava da porta da frente.

Brody despendeu alguns segundos tentando entender o significado do termo, mas então percebeu que ela se referia à obra de Primrose Sullivan, a que ele comprara na loja e insistira para que ela a entregasse. Precisaria mantê-la na cabana por algum tempo, é claro. Mas já escolhera um local na casa para colocá-la.

As portas e fechaduras já haviam sido instaladas. Ele procurou e encontrou a chave entre as outras em seu chaveiro.

O interior cheirava a madeira fresca e alvenaria nova. As janelas eram todas envidraçadas. Brody girou um interruptor, sem esperar nada, e a faixa de luz alta se acendeu sobre suas cabeças, mergulhando a enorme sala de

estar em uma estranha e lúgubre atmosfera. Com certeza se sentiria sozinho ali, percebeu. Aliás, se sentia sozinho em *qualquer lugar*.

Reprimiu o pensamento depressa, sorriu e apontou em direção ao espaço sobre a lareira da sala.

– Ali – disse. – É onde a imagem vai ficar.

Carolyn parecia imaginar a peça pendurada lá. Sorriu, embora um pouco sem brilho, com as mãos descansando sobre os quadris.

– Perfeito!

Brody segurou-a de leve pelo cotovelo, precisando apenas que ela o fitasse, não querendo deixá-la nervosa ou assustada.

– Já que estabelecemos nossas regras básicas – começou ele, parando uma vez para clarear a garganta. – Agora, vem a outra parte.

Carolyn o encarou e merecia crédito por isso, já que era óbvio que o que ela queria era desviar o olhar.

– Você é um homem persistente – disse ela, baixinho.

Brody jamais desejara beijar uma mulher, Carolyn ou qualquer outra, com tanta intensidade quanto naquele momento.

Ao mesmo tempo, sabia que poderia ser o erro de uma vida se seguisse em frente com aquela ideia.

– *Persistente* nem de longe me define – retrucou ao perceber que podia confiar em si mesmo para falar. – Você jamais encontraria um homem com mais autocontrole do que eu. Exceto Conner, talvez, e ele já está comprometido.

– Sim – concordou ela em um murmúrio, toda sua atenção focada na boca de Brody. – Conner está definitivamente comprometido. – A voz soava como em um sonho, quase sonolenta.

Por um breve momento, Brody desejou saber se Carolyn nutrira algum sentimento por Conner, antes de ele se casar com sua melhor amiga. Se, por acaso, a atração que sentia por ele era um mero caso de transferência.

Mas isso era loucura. Antes do telefonema de Lisa naquela fatídica noite, sete anos atrás, Carolyn estava apaixonada por ele, Brody, não estava?

Sou eu que estou aqui, queria dizer. Sou eu, Brody Creed. Não Conner. Brody.

Mas, é claro, que não o fez, embora a decisão não pudesse ser atribuída ao bom senso. Estava apenas atordoado pela possibilidade.

– O que vem depois das regras básicas? – A voz dela era quase um sussurro. – Depois do pacto de não fazermos sexo e da liberdade de sair com outras pessoas, se quisermos, o que vem depois?

Por fim, Brody encontrou sua voz. Conseguiu esboçar um sorriso passável, um que podia até ter mascarado todas as coisas catastróficas acontecendo no âmago do seu ser.

– Talvez pudéssemos começar com um jantar e um cinema? – disse, atingido por uma súbita inspiração.

Capítulo Dez

Jantar e cinema.

COM CAROLYN.

Soava com um bom começo para Brody. Mas sem *sexo*? *Fora ele mesmo quem estipulara isso*? Estava fora de sua *mente sedutora* ou o quê?

– Jantar e cinema – repetiu Carolyn pensativa, meditando sobre o convite. Parecia pecaminosamente sexy, ali em pé, no meio do que um dia seria uma sala de estar. A blusa emprestada estava um pouco apertada nos seios e curta, revelando uma pequena porção da pele do seu estômago, sempre que ela se movia.

Brody se remexeu desconfortável, quase a tomando nos braços e tentando renegociar o acordo de não fazerem sexo, quando Carolyn o abalou com um pequeno sorriso e anunciou sua decisão.

– Parece-me bastante inofensivo – disse ela, e acrescentou depressa: – Contanto que não tenhamos que dormir juntos, é claro.

Inofensivo? Era assim que ela o via? *Inofensivo?*

Brody engoliu em seco.

– Claro – respondeu, mas estava pensando: *seu boca grande. Brody Creed, você é um tolo de cinco tipos e ainda mais alguns, por enquanto não*

descobertos.

- Quando? – perguntou ela.

Brody permaneceu imóvel por um momento, perplexo com aquela simples pergunta. Então, desembaraçou a língua e respondeu:

– Amanhã à noite? Prometi a Tricia alimentar os cavalos e estes cães hoje à noite, e, de qualquer maneira, está ficando tarde.

Carolyn mordeu o lábio inferior, pensativa novamente. Era de fato tão difícil tomar uma decisão?

– Amanhã à noite não dá – comentou ela, sacudindo a cabeça de leve. – Tenho outros planos. Que tal sexta-feira ou sábado?

– Sábado está bom – sugeriu Brody, cauteloso agora. Carolyn, com certeza, bancaria a difícil, e os dois poderiam entrar nesse jogo. A única razão que o impediu de optar pela sexta-feira era não querer parecer ansioso demais.

– Ótimo – concordou ela, olhando ao redor. – Existem mais? – perguntou, com um sorriso pouco peculiar. – Cômodos na casa, quero dizer.

– Sim – respondeu Brody, estranhamente aliviado. Embora, a seu ver, sábado lhe parecesse demasiado distante. Estendeu a mão, deixando-a decidir se a aceitava ou não.

Carolyn aceitou.

Os cães já haviam se adiantado em uma expedição particular, verificando outras partes da casa.

A cozinha foi a primeira a ser visitada, com seu grande fogão, ilha central e suas muitas janelas. Em seguida, o quarto que ele planejava usar como escritório. Então os quartos de hóspedes e os da família e, por fim, a suíte master.

– É enorme! – exclamou ela, hesitando diante das portas duplas.

– Carolyn – brincou Brody, excitado e, ao mesmo tempo, confuso. – Não há problema nenhum em entrarmos. Não há sequer uma cama aqui ainda.

Um pouco corada, ela se curvou para afagar o animal de estimação, Barney, quando o cão roçou o corpo de encontro às suas pernas, antes de se afastar mais uma vez. Depois disso, como uma pessoa andando em um sonho, ela caminhou até o centro do quarto. Deixou os braços caírem ao

longo do corpo, jogou a cabeça para trás e fechou os olhos, desenvolvendo uma pirueta, lenta e graciosa.

Naquele momento, estava incrivelmente bela, como um espírito, um anjo caído ou uma rainha das fadas. Brody não ficaria surpreso se ela começasse a bater asas. Quando, por fim, parou de se mover e o fitou de novo, parecia embaraçada.

Ele queria lhe dizer que estava tudo bem, que podia assisti-la dançar pelo resto da eternidade e se sentir muito feliz. Mas pareceria um idiota se o fizesse e decidiu conter a língua.

– O que acha? – perguntou, só para quebrar o silêncio. – Da casa, é claro?

Carolyn sorriu. Um sorriso autêntico que iluminou o recinto.

– É maravilhosa! Você mesmo a projetou?

As pessoas costumavam planejar casas o tempo todo, mas ela fez soar como se Brody tivesse elaborado o projeto pessoalmente para o Stonehenge. E isso o fez se inflar de orgulho.

Modesto, fez que sim com a cabeça. Isso teria embaraçado Conner, com certeza; o irmão gêmeo agia com modéstia. Conner e muitas outras pessoas também.

– Eu mesmo – confirmou tardiamente, sentindo a parte de trás dos ouvidos aquecer. – Passei uma série de longas noites decidindo sobre que piso usar e depois pensando nos detalhes.

Carolyn ficou em silêncio por alguns instantes, assimilando aquela declaração.

– É melhor eu ir para casa – mencionou no momento seguinte, banhada por um raio de luar prateado que se infiltrava através das claraboias.

Desde quando se entendia por gente, Brody desejava poder se deitar em sua cama, à noite, olhar para cima e contemplar as estrelas. E, dentro de alguns meses, realizaria esse desejo.

Mas, e uma mulher para compartilhar tudo aquilo?

Contemplar estrelas podia se revelar uma atividade solitária sem uma parceira. Fazer um homem refletir sobre o quanto era pequeno. O planeta, a galáxia inteira, não passava de partículas de poeira em meio àquela vasta imensidão.

– Tudo bem – concordou, reencontrando a voz. O tom soou um pouco rouco. Esperava não ter pegado um resfriado ao atravessar o rio. Isso seria péssimo. – Vamos.

Brody assobiou para os cães, e os dois se apresentaram de imediato e foram conduzidos na direção da frente da casa. Passando por Carolyn, ele segurou a maçaneta de bronze e abriu a porta em um gesto de gentileza.

Valentino e Barney, nem um pouco cavalheiros, saíram para farejar a grama, quase derrubando Carolyn e fazendo-a rir ao mesmo tempo.

Brody os colocou na caminhonete primeiro, no caso de os cães terem em mente dar vazão a toda a emoção que sentiam. A seguir, esperou até ela se acomodar no banco do passageiro, antes de contornar a parte traseira do veículo e sentar-se atrás do volante. Não porque estivesse ansioso para se despedir dela, mesmo que temporariamente. Mas porque, de repente, se sentia tão energizado e pronto para ação quanto os cachorros.

Carolyn ficou calada durante todo o trajeto através da estrada principal que os levaria à cidade. Mas, dessa vez, não parecia irritada com ele. Estava relaxada e, talvez, um pouco pensativa.

Brody rumou direto para a casa de Natty, percebendo de imediato que a Pathfinder de Tricia não se encontrava estacionada na garagem, e concluiu que o irmão e a esposa não estavam por perto. Por alguns segundos, cogitou a possibilidade de tentar seduzir Carolyn.

Seria maravilhoso poder arrancar-lhe aquelas roupas, deitá-la em algum lugar macio, se aquecer e se perder naquele corpo. Mas o bom senso interveio.

Haviam feito um acordo. E acordo era acordo.

Nada de sexo.

Por enquanto.

Brody estacionou a caminhonete no meio-fio, disse aos cães para se comportarem e acompanhou Carolyn da escada exterior até a entrada do apartamento.

Com as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans, que pertencia a *Conner*, esperou ela destrancar a porta, transpor a soleira e acender as luzes da cozinha.

Enquanto ainda procurava descobrir se deveria segui-la ou fazer uma tentativa de beijá-la, o mal-humorado gato ronronou e roçou em torno dos tornozelos dela. Qualquer um teria pensado que o bichano exibia um comportamento normal, mas Brody sabia muito bem que se tratava de um demônio felino.

Carolyn sorriu carinhosamente para o animal, disse um rápido boa-noite a Brody e bateu a porta na cara dele com um suave clique.

Bem, isso pôs um fim à questão do beijo.

Dando de ombros, ele se virou e desceu a escada. Tinha tarefas a executar no rancho, e os cães logo ficariam impacientes, trancados na caminhonete como estavam.

A despeito dessas preocupações, pegou um pequeno desvio a caminho de casa, passou pela bilheteria e a lanchonete do que outrora fora o *Drive-in Bluebird* e estacionou, olhando para os restos decadentes de uma tela de cinema.

Decidira demolir aquela coisa, juntamente com as outras duas edificações na propriedade, desde meados de março, quando os últimos resquícios de neve por fim derreteram. Mas a construção da casa nova e do celeiro, além de suas responsabilidades no rancho, não lhe permitira tratar dos arranjos.

E ele, como a maioria dos moradores de Lonesome Bend e das cidades vizinhas, ainda menores, tinha boas recordações do lugar.

Ainda pretendia limpar aqueles acres negligenciados, cercá-los e semeá-los para que o gado e os cavalos pudessem pastar ali. Mas, nesse meio-tempo... Bem, parecia que o *Drive-in Bluebird* merecia uma última salva de palmas.

Carolyn desejava jantar e ir ao cinema?

Era para já.

APÓS A visita à casa de Brody, o apartamento lhe parecia não apenas pequeno, mas também um bocado *sufocante*.

– Ingrata – disse Carolyn ao seu reflexo na porta do micro-ondas. Encostada à bancada, colocava sardinhas em uma das várias tigelas de porcelana rachadas reservadas para aquele fim.

– *Miau!* – queixou-se Winston, soando um pouco preocupado.

– Eu não quis dizer “você” – explicou ela, pousando o jantar do gato no chão e fitando-o com carinho enquanto o animal abocanhava o peixe fedido que tanto amava. Em seguida, lavou as mãos na pia em movimentos rápidos com uma certa exasperação contida. – Eu sou a ingrata aqui. Tenho tudo que preciso neste apartamento, tudo que alguém poderia querer. – Fez uma pausa, recordando. – Mas, Winston, você precisava ver aquela casa. É enorme. E não é uma daquelas mansões comuns. É... é... tão acolhedora. Não pude deixar de imaginar como seria viver lá. – Ela ergueu as mãos e as deixou cair outra vez. – Que loucura é essa?

Winston, ocupado com a sua experiência gastronômica e, sendo um gato, naturalmente não respondeu.

Acostumada a conversas unilaterais, não permitiu que isso a desaminasse.

– Você está certo. É loucura mesmo. – Após secar as mãos, se dirigiu à geladeira, escancarou a porta e retirou uma caixa de queijo cottage, do tipo que continha pequenos pedaços de abacaxi. Após um olhar preocupado à data de validade do produto, decidiu que o comeria assim mesmo. Com uma colher, depositou uma porção em um prato de salada. – O homem me induziu a um passeio a cavalo, acabei encharcada até os ossos, arrojada em roupas que pertencem a uma mulher que é, pelo menos, dois centímetros mais baixa e mais magra que eu, e quase acabei na cama com ele. Juro, se não fosse aquele discurso sobre estipularmos regras básicas, com certeza eu teria saltado em cima dele.

Nesse instante, o telefone fixo tocou, interrompendo seu discurso.

Talvez fosse melhor assim, percebeu, alcançando o fone.

– Alô – disse apressada. Precisava comer o questionável queijo cottage, vestir as próprias roupas e pôr a cabeça no lugar, não necessariamente nessa ordem, e não ficar de bate-papo ao telefone.

Reconheceu a risada de Bill de imediato.

– Estou ligando em um momento impróprio? – questionou ele.

Quem está aí? Ela ouviu a voz de uma menina gritando do outro da linha. *É a Angela? É melhor que seja a Angela.*

Carolyn sorriu. Lembrou-se de quando tinha nove anos de idade. O que *não* se lembrava era de ter um pai dedicado como Bill.

Jamais conhecera seu pai. Nem sabia o seu nome, se estava vivo ou morto ou se ela se parecia com ele.

– É um telefonema particular, Ellie – disse Bill à filha, em um tom gentil, mas firme. – Vá fazer sua lição de casa, amolar sua avó ou qualquer outra coisa.

– Talvez seja eu quem deva perguntar se o momento é impróprio – disse Carolyn, ainda divertida. Adorava crianças, mesmo quando eram rebeldes. *Especialmente* as rebeldes. Ela mesma fora uma delas. Bastava perguntar a qualquer um dos integrantes dos 14 lares adotivos pelos quais passara.

– Quer jantar comigo? – perguntou Bill. – Aqui em minha casa? Faremos um churrasco no pátio, e os avós de Ellie estarão presentes, portanto não deve dar margem a um escândalo local.

Carolyn sentiu uma onda de calor. Infelizmente, não era o mesmo tipo de calor que a inundava quando estava perto de Brody ou sempre que pensava nele.

Brody.

Ela mentira, dizendo-lhe que tinha planos para a noite seguinte, apenas porque precisava de uma chance para acalmar sua respiração, recuperar a capacidade de raciocínio, antes de pisar na cova do leão pela segunda vez, ficando sozinha com um homem que podia fazê-la derreter com um único olhar, um toque, uma palavra.

– Você está em Lonesome Bend há muito pouco tempo para pensar que minha ida a sua casa, mesmo que seja só para uma simples refeição ao ar livre e com a presença de seus sogros, não geraria combustível para as fofocas.

Bill suspirou.

– Isso é um “não”?

Carolyn viu quando Winston lambeu a tigela e, em seguida, se afastou com a cauda erguida.

– Eu adoraria ir a um churrasco – disse ela. Se podia sair com Brody para jantar e ir ao cinema, era razoável sair com outros homens também. Dessa

forma, correria menos risco de perder a cabeça e fazer algo temerário.

Mantenha suas opções abertas. Certifique-se de saber sempre onde estão as saídas. Esse era o credo de vida da garota adotiva.

– Será que esta noite seria muito cedo? – perguntou Bill.

– Sim – respondeu Carolyn, fitando o queijo com um olhar triste. – Seria. Que tal amanhã à noite?

– Perfeito.

– O que devo levar?

– Seu belo sorriso e todo o encanto que possa reunir. Meus sogros são simpáticos, mas Ellie...

– Posso lidar com Ellie – disse Carolyn, com bondade e humor. *Porque já fui uma Ellie, exceto que não tinha avós adoráveis e um excelente pai.*

– Tudo bem – respondeu Bill, parecendo aliviado. – Amanhã à noite, às 18h, se não for muito cedo. Traje informal, é claro. – Informou-lhe o endereço e ela soube logo onde se situava. Dois andares, casa de alvenaria, com venezianas de madeira verde, rodeada por uma cerca de ferro forjado, um quarteirão e meio a sudeste da biblioteca pública.

– Estarei lá – prometeu, meditando sobre sua bravura. Podia contar nos dedos os encontros que tivera após seu relacionamento com Brody. E, na melhor das hipóteses, quase todos medíocres. E, na pior delas, desastrosos. O restante nem valia a pena lembrar.

– Ótimo – disse Bill. – Estou ansioso para vê-la de novo.

Depois disso, não parecia haver muito sobre o que conversar. Então, os dois se despediram e encerraram a ligação.

Carolyn retirou as roupas de Tricia, substituindo-as por um pijama de algodão. Comeu o queijo cottage e rezou para não ter uma intoxicação alimentar.

Na verdade, não gostava muito de cozinhar. Simplesmente não via propósito em fazer refeições elaboradas quando seria a única a comê-las.

O assunto “comida” a fez lembrar a cozinha de Brody. Havia notado o gigantesco fogão profissional, com seus muitos queimadores e um espaço para grelhados, a geladeira sub-zero, o cooler embutido especial para vinhos, as duas enormes máquinas de lavar louça, a pia extra e o fogão de

aquecimento, em cerâmica, sobre a ilha central de granito. Aquela ilha era do tamanho do Kansas.

Isso tudo significava que Brody gostava de cozinhar e receber convidados. Ou esperava se casar com uma mulher que também gostasse de cozinhar... ou ambas as coisas.

Sorriu para si mesma. Exceto por ajudar nas vendas do bazar e festival de chili, no ano anterior, jamais preparara qualquer prato mais ambicioso do que macarrão com queijo, do tipo que já vinha pronto.

Desceu para se certificar de que tudo estava em ordem na loja. Fosse o que fosse que Tricia fizera naquela tarde, ao ficar sozinha com Conner, lembrara-se de trancar a porta, desligar o computador e embrulhar o batique para ser entregue na casa de Brody.

A loja se encontrava na penumbra agora. Fez uma pausa no fundo da escada interna, já sentindo falta da obra de arte. Como a saia cigana, era um luxo pelo qual não podia pagar, mas também não teria nenhuma utilidade real. Na casa de Brody, o magnífico batique seria visto e apreciado como deveria. Talvez até fosse passado, como uma herança estimada, através de gerações dos Creed, a casa ao seu redor tornando-se mais e mais uma prova da continuidade da família a cada ano que passava. Assim como a casa do outro lado do rio.

Carolyn subiu a escada devagar, com a cabeça ligeiramente baixa e o coração cheio de uma espécie de melancolia.

De seu lugar de honra sobre a lareira da sala de estar de Brody, a tecelã retratada naquele batique veria recém-nascidos serem trazidos pela ampla porta da frente, veria esses mesmos bebês crescerem, se apaixonarem, se casarem e trazerem suas próprias crianças para a casa. Aquela mulher de cera e tinta seria uma testemunha silenciosa de vidas inteiras, de alegrias e tristezas e de milhões de momentos comuns entre esses extremos.

Carolyn cobiçara muitas obras de arte, mas aquela era a primeira vez que sentia inveja da peça em si.

Oh, ser aquele batique!

Ao chegar ao topo da escada, levou a parte de trás da mão à testa, verificando se tinha febre. Não. Então, por que estava delirando?

Isso a fez sorrir outra vez. Estava sofrendo de “Brodyte”, concluiu, com humor sombrio.

Mais uma razão para reduzir suas apostas românticas.

APÓS VOLTAR ao rancho, Brody alimentou os cães e, na sequência, dirigiu-se ao celeiro para cuidar dos cavalos. Planejava deixar Moonshine direito lá, com os outros, até a manhã do dia seguinte, quando descobrisse uma maneira de levá-lo de volta para casa em *River's Bend*.

Ao sair, as estrelas começavam a cintilar no céu escuro, e a lua, em quarto crescente, parecia ampliada, pairando acima das extremidades das montanhas, como se, de alguma maneira, tivesse mergulhado muito baixo e se enroscado em uma árvore ou na face escarpada de um penhasco.

Brody suspirou. Ergueu o chapéu de leve apenas o tempo suficiente para correr a mão pelo cabelo e admirar a obra de um Deus que ele nem tinha certeza se acreditava.

Deus ou não, pensou, e por mais assustador que aquela grandeza pudesse ser, estar ali, vivo e fazendo parte de um todo, mesmo que fosse pelo tempo equivalente a um piscar de olho cósmico, era uma dádiva divina.

Lisa, porém, com certeza, não viera ao mundo para ficar por muito tempo, meditou. E, infelizmente, tampouco Justin, seu filho, não vivera o suficiente para ver duas velas ardendo em seu bolo de aniversário.

Só de pensar nisso, sentiu um doloroso nó na garganta.

Era verdade que desejava formar sua própria família. Queria se casar com uma mulher dócil e encher a casa de *River's Bend* com seus filhos e o celeiro com pôneis. Mas, quando estava cansado, ou se sentia particularmente solitário, como naquela noite, a ideia o apavorava.

Nada *já* o ferira tanto quanto a perda de Lisa e Justin. E se a história se repetisse? E se tivesse que enterrar *outra* mulher, *outro* filho?

Era um Creed resistente, graças a todos os seus vigorosos antepassados e a uma pós-graduação na escola da dura realidade. Porém, ficara completamente louco após aquele duplo funeral na capela de uma pequena funerária na cidade de Montana. Começara a beber além da conta, a

procurar um motivo para brigar e a se afastar das pessoas que amava: Conner, Steven Davis e Kim.

Tentou se livrar daquele humor triste, forçando-se a se mover outra vez. Dentro da casa, certificou-se de que Valentino tinha tudo que precisava, disse a Barney que era hora de voltarem para casa e saiu, abrindo caminho sob todas aquelas estrelas novamente.

Já que estavam apenas os dois, deixou Barney viajar no banco da frente, em vez de colocá-lo na parte de trás, e rumou direto para *River's Bend*. Lá, lembrou-se de que não havia comido e vasculhou o frigobar, por um minuto ou mais, na esperança de que algo saboroso pudesse ter se originado a partir do nada.

Pegou uma caixa de leite, cheirou para se certificar de que não havia azedado e, quando estava prestes a encher uma tigela com cereais, viu os feixes de dois faróis iluminando as janelas da frente.

Barney, tendo se deitado próximo à lareira apagada, emitiu um gemido um pouco ansioso e apurou os ouvidos. A porta de um carro bateu. Ouviu-se o ruído de passos ao longo do caminho de terra que levava à cabana e, por fim, uma batida à porta.

– Oh, inferno! – resmungou Brody, pousando a tigela de cereais sobre o balcão com um baque mal-humorado. – Ela está de volta.

Nesse momento, a porta se abriu, e Joleen enfiou a cabeça para dentro, radiante, na expectativa infundada de uma recepção calorosa. Naquele mês estava loira, e as lentes de contato conferiam aos seus olhos um artificial tom lilás.

Brody tinha dificuldade em se lembrar de sua cor verdadeira. Joleen era um camaleão, sempre à procura da aparência perfeita.

– Sou eu – anunciou ela, desnecessariamente, entrando e colocando a mala no chão.

– Droga, Joleen. Eu lhe disse para não vir para cá.

– Seria apenas por uma noite – retrucou, como se aquilo tornasse tudo diferente. – E que tipo de boas-vindas é esse, depois de tudo que já vivemos?

– Fomos parceiros de cama, só isso. – Obstinado, Brody cruzou os braços sobre o peito e contraiu a mandíbula. – Você não vai ficar aqui.

A mulher tentou exibir a expressão que sempre a favorecia, não apenas com ele, mas, por certo, com dezenas de homens.

– Sabe que não posso ficar com meus pais – insistiu, fazendo becinho e piscando à procura de lágrimas. – A senhora Collins prometeu me alugar o quarto sobre a garagem, mas não estará pronto até amanhã e eu... A viagem foi longa e estou cansada.

Brody retirou a carteira do bolso, extraiu várias notas e lhe ofereceu.

– Então acho melhor você procurar um quarto no *Sunset Motel*.

– Mas isso fica a *quilômetros* daqui – retrucou chorosa.

– São apenas *três* quilômetros e não vai precisar caminhar até lá. Tem o seu carro.

Joleen olhou para as notas que Brody segurava, hesitou e tomou-as com um movimento rápido e arrebatado. A seguir, dobrou-as e as colocou no bolso do jeans apertado.

– Estou quase sem gasolina – insistiu.

– E *eu* estou quase perdendo a paciência.

A ameaça de lágrimas desaparecera. Joleen devia ter percebido que não iria funcionar. Mas havia um flash de raiva por trás daquelas lentes coloridas.

– Se não vai me deixar ficar, então me dê as chaves da casa nova. Vou acampar lá esta noite.

– Não – negou Brody sem rodeios. – Se não quer ir para a casa de seus pais ou ficar com uma amiga, pode dormir em seu carro ou o ir para o *Sunset Motel*. A escolha é sua.

Por um segundo, ele pensou que a mulher fosse ter um ataque histérico. Em vez disso, porém, Joleen se abaixou e pegou a alça da mala.

– Pensei que *você* fosse meu amigo – murmurou, soando não apenas acusatória, mas realmente ferida.

Brody não mordeu a isca. Na verdade, permaneceu calado.

– É Carolyn – disse ela, com uma nota furiosa de triunfo. – Você está com Carolyn Simmons. *Mais uma vez*. Achou que eu não ia descobrir? Tenho olheiros nesta cidade toda!

– Não estou com ninguém. E isso não é da sua conta. A questão é que você *não vai ficar aqui*, nem esta noite, nem qualquer outra. E, como já ficou aqui por tempo demais, eu realmente gostaria que você partisse.

O lábio inferior de Joleen tremeu e seus olhos se estreitaram.

– *Desgraçado*. Você me *usou* durante todo esse tempo e, agora que sua casa está quase pronta, que está pensando em se estabelecer com uma mulher, ter filhos, *começar uma vida*, tem a coragem de me trocar por aquele refugio do astro de cinema?

Brody passou por ela, abriu a porta. Ficou grato pela brisa fresca que soprava do lado de fora. Seu temperamento estava a ponto de explodir.

– Saia.

Joleen cruzou o limiar com a mala, parou no degrau e olhou para trás, fitando-o por sobre o ombro.

– Se o meu carro ficar sem gasolina e eu for atacada por algum assassino em série, porque serei forçada a andar nestes sapatos, no *escuro*, a *culpa será sua*, Brody Creed.

– Você tem um celular – ele a lembrou. – E cem dólares do meu dinheiro. Se ficar parada em alguma estrada, ligue para o reboque.

Com isso, fechou a porta.

Ouviu Joleen dar um grito furioso e estrangulado de frustração do outro lado. Mas, em seguida, ela se afastou. A porta do carro bateu de novo. O motor começou a rugir.

Brody lançou um olhar significativo a Barney, que estava calmo outra vez, agora que o furacão Joleen havia mudado de curso.

Ela pisara tão fundo no acelerador ao partir que o cheiro de pneu queimado ainda podia ser sentido ali dentro, com as porta fechadas.

– Eu sempre tive jeito com as mulheres – disse ele ao cachorro.

Barney deitou, fechou os olhos e cochilou. Bem, pelo menos alguém iria dormir um pouco naquela noite, pensou Brody.

CAROLYN REVOLVEU o armário na manhã seguinte até encontrar um vestido de algodão, cor de rosa, que fizera anos atrás, em um de seus ataques de

feminilidade. Estava enrugado, por passar tanto tempo pendurado, e precisava ser arejado também.

Com a peça na mão, desceu a escada para a lavanderia, colocou-a na máquina de lavar, acrescentou um pouco de sabão e programou um ciclo suave, com água fria.

Afinal, tinha um encontro naquela noite. E, se Bill lhe *dissera* para usar um traje informal, queria estar o melhor possível.

No caminho, quase tropeçou em Winston, que a seguira desde lá de cima.

– Que foi? – perguntou veemente, deparando-se com o olhar âmbar do gato. – Eu *uso* vestidos às vezes sabia? Claro, isso significa que terei que depilar as pernas.

– *Miau* – fez Winston, saindo do caminho.

– Eu sei – respondeu Carolyn. – É uma grande chatice.

– Olá? – Era a voz era de Tricia, vindo da parte principal da casa, onde ficava a loja. – Carolyn? Você está aí?

Ela atravessou a cozinha e abriu a porta de acesso à loja.

– Estou aqui – confirmou em um tom jovial, com um relance ao antigo relógio sobre a cornija da lareira de Natty. – Chegou cedo hoje. Não abrimos a essa hora, lembra?

– Oh, é melhor abrimos nesse instante – disse a amiga, colocando a bolsa sob o balcão e sorrindo para Winston, que ronronou para cumprimentá-la. – Primrose Sullivan me ligou enquanto eu estava fazendo o café da manhã. Queria nos dar a notícia em primeira mão. Parece que ela viu três ônibus de turistas no estacionamento do *Roadside Diner*.

– Caramba! – exclamou Carolyn. Lá se ia um novo lote de sabonete de leite de cabra. – Talvez estejam apenas de passagem – acrescentou especulativa.

– Não – respondeu Tricia com naturalidade, erguendo o gancho do telefone para verificar o correio de voz. Para uma melancia gigante, parecia bastante eficiente, em especial após colocar os óculos de leitura e começar a fazer anotações. – Você conhece a Primrose. Ela abordou um dos turistas e perguntou para onde iam. Para o cassino em Cripple Creek. Mas qual será a

próxima parada? Nós. Primrose está vindo para cá com algumas peças novas, no caso de haver alguns compradores abastados no meio deles.

Carolyn olhou para a amiga admirada. Como ela podia ouvir o correio de voz, manter uma conversa e anotar nomes e números para retorno, tudo ao mesmo tempo?

– Não fique aí parada – ordenou Tricia, bem-humorada. – Graças a Deus, nossos fornecedores fizeram algumas entregas ontem à tarde. Vamos conseguir abastecer as prateleiras a tempo. Pedi a Conner para empilhar as caixas na saleta.

A saleta ficava logo à esquerda da porta da frente. Carolyn correu naquela direção e, quando chegou lá, começou a abrir as caixas depressa. Ela e Tricia vendiam artigos artesanais de todos os cantos do país, feitos por pessoas talentosas, que normalmente eram chamadas de “industriais domésticos”.

Havia chinelos de chenille em uma caixa e, em outra, louças vitorianas para chá.

Tricia chegou para ajudar, desembalando lindas bonecas confeccionadas artesanalmente, diários pessoais e todo tipo de sais de banho perfumados.

Primrose apareceu com um par de telas, ambas um misto de tons abstratos que despertaram um desejo em Carolyn.

– Oh, Primrose! – murmurou Tricia, parando para olhar as imagens. – Estas são *adoráveis!*

Primrose, de óculos, cabelo grisalho encaracolado e proprietária da maior e mais colorida coleção de *muumuus* daquele lado do Havaí, sorriu com prazer.

– Não são batiques, como o da tecelã, mas...

– Serão vendidas em algum momento – disse Carolyn, quase infeliz.

Tanto Tricia quanto Primrose a fitaram com uma curiosa preocupação, mas nenhuma das duas comentou.

Durante os vinte minutos seguintes, que era todo o tempo que dispunham antes de o primeiro dos três ônibus estacionar do lado de fora, as três mulheres ficaram ocupadas demais para conversar.

Capítulo Onze

QUANDO O terceiro ônibus de turismo se afastou, uma hora e meia depois, restou uma quantidade tão reduzida de mercadorias que Tricia e Carolyn tiveram de fechar a loja para reabastecê-la. Duas obras de arte de Primrose foram vendidas de imediato, assim como o último dos aventais, o mais recente lote de sabonetes de leite de cabra e o conteúdo da maior parte das caixas que haviam desempacotado mais cedo.

– Isso foi *incrível!* – exclamou Tricia admirada e exausta, sentando-se à mesa da cozinha do andar térreo com uma xícara de chá fumegante a sua frente. – Como uma praga de gafanhotos, no bom sentido.

– Mais do que incrível – concordou Carolyn, feliz. – Claro que ainda temos de pagar todo o nosso pessoal da consignação, cobrir despesas básicas e tudo mais, mas... que rufem os tambores...! Tivemos um lucro extraordinário! – Acabara de tirar o vestido rosa da máquina de lavar e estava prestes a pendurá-lo no varal do lado de fora da casa.

Tricia se focou no vestido.

– É bonito – elogiou. – Alguma ocasião especial em vista?

Satisfeita, Carolyn confirmou com a cabeça.

– Tenho um encontro esta noite – confidenciou.

Imediatamente interessada, Tricia perguntou, esperançosa:

– Com Brody?

Carolyn estacou à porta dos fundos, fazendo que não com cabeça.

– Brody e eu vamos sair sábado à noite – respondeu, com um leve rubor.

O semblante de Tricia se iluminou.

– É mesmo?

– Apenas um jantar e uma sessão de cinema – explicou Carolyn. Em seguida, gesticulando com uma das mãos como se pedindo para que esperasse um instante, correu lá para fora, pendurou o vestido de verão com todo cuidado no varal e inspirou a atmosfera rarefeita da região elevada, repleta de botões de flores, grama recém-cortada e céu azul.

Quando retornou à cozinha de Natty, Tricia prosseguiu de imediato, como se não tivesse havido nenhuma interrupção na conversa.

– Mas *vai* sair com Brody?

Carolyn pegou uma xícara e se serviu de chá do bule de porcelana sobre o balcão. Em seguida, se sentou à mesa, de frente para Tricia.

– Temos algumas regras básicas – disse ela, pisando em ovos. – *Responsabilidades*.

– Quem? – perguntou Tricia, erguendo uma das sobrancelhas.

– Brody e eu. Para começar, concordamos em não fazer sexo.

Tricia piscou enquanto sorria.

– Essa é uma regra básica ou uma responsabilidade? – provocou. Carolyn lhe fez uma careta, fazendo-a rir. – E esta noite?

– Bill me convidou para um churrasco na casa dele.

– Bill? – Tricia fingiu refletir sobre o nome. – Esse seria o senhor “Café”, certo? O piloto camicase, que desafia a morte?

Carolyn suspirou.

– Sim.

– Brody sabe disso?

– Sim.

– Adorei isso – disse Tricia, entusiasmada. – Meu cunhado deve estar transtornado.

– Na verdade, estava bastante despreocupado – recordou Carolyn, apreensiva.

– Talvez quisesse fazê-la pensar que estava – retrucou Tricia, com extrema confiança no próprio poder de discernimento.

Carolyn desejou poder se sentir tão confiante em si mesma e em suas percepções, mas aquilo definitivamente não parecia fazer parte de sua natureza. Adotou uma postura rígida ao recordar a conversa inicial com Brody na cozinha de Tricia e Conner, quando a situação se aproximara perigosamente de culminar em um curto-circuito, carregado de fagulhas elétricas.

– Não foi você que o ouviu estabelecer as regras básicas – disse Carolyn, revelando mais do que pretendia com aquela informação.

– Nada de sexo? – perguntou Tricia, não conseguindo disfarçar que tentava suprimir um sorriso.

– E ambos podemos sair com outras pessoas se tivermos vontade.

A expressão de Tricia se alterou no mesmo instante.

– Brody disse isso?

Carolyn confirmou com um gesto de cabeça.

– Aquele nojento! – resmungou Tricia.

Carolyn lhe voltou um olhar do tipo “não pare por aí”.

– Se está sabendo de alguma coisa que não sei, Tricia Creed, é melhor me contar – desafiou ela.

– Provavelmente, não tem nenhuma ligação – retrucou Tricia.

– Desembuche – persistiu Carolyn, esquecendo o chá por completo.

– Bem – respondeu Tricia, se remexendo de leve na cadeira. – Joleen está de volta à cidade, é só.

Joleen está de volta à cidade... é só? Embora soubesse que não tinha nenhum direito de se espinhar com aquela notícia, Carolyn fez exatamente isso. Como um porco-espinho.

Tricia sorriu outra vez e esticou o braço para dar uma palmada leve na mão da amiga.

– Estou certa de que uma coisa não tem nada a ver com a outra – garantiu. – Carolyn se limitou a fitá-la. – Joleen cresceu em Lonesome Bend – apressou-se em explicar. – A família dela está aqui. Tenho certeza de que

há uma razão para seu retorno. E você sabe que ela nunca fica por muito tempo na cidade.

– Devia saber qual era a intenção de Brody – disse Carolyn. – Na verdade, eu sabia, mas me dei ao luxo da negação. Dessa vez, foi Tricia que nada respondeu. Parecia estar totalmente sem palavras. – Ele sabia que Joleen estava para chegar – prosseguiu ela. – Foi por essa razão que propôs que ambos saíssemos com outras pessoas. Fico imaginando se ele e Joleen também estabeleceram algumas regras básicas. Nada de sexo? Duvido!

Tricia parecia consternada.

– Carolyn...

– Se é assim que Brody quer jogar – interrompeu Carolyn –, *ótimo*. – Empurrou a cadeira para trás e voltou a se erguer. – Aliás – continuou –, acho que vou subir, ligar meu computador e verificar minha caixa de entrada à procura de mensagens do *Friendly Faces*.

– Carolyn, não deveria... Brody não iria... – Tricia se calou após deixar escapar um longo suspiro e cobriu o rosto com as duas mãos.

Carolyn deixou a amiga sentada à mesa e praticamente voou pela escada.

Sabia que estava agindo como uma maluca, mas apenas saber não fazia muita diferença.

Enquanto o laptop se conectava, pois era antigo e, portanto, lento, Carolyn andava de um canto para outro na cozinha. Miando, Winston tecia um caminho sinuoso entre suas pernas.

Por fim, ela se deixou afundar na cadeira em frente à mesa de trabalho e esperou que o computador passasse por todas as misteriosas sequências eletrônicas. Era melhor se sentar do que atropelar o gato, ou tropeçar sobre a criatura tola e quebrar o pescoço.

Por fim, o site *Friendly Faces* surgiu na tela.

Os olhos de Carolyn se arregalaram. O ícone do correio eletrônico amarelo, estilo rural, com uma bandeira vermelha, pulsava como um coração. Cartas em desenho animado eram cuspidas pela abertura em uma erupção, como explosões de fogos de artifício.

Carolyn inspirou profundamente, soltou o ar aos poucos e clicou no correio eletrônico.

Robert, de Telluride.

Buck, de Clorado Springs.

Sam, de Aspen.

Ao todo, havia uma espantosa quantia de 43 mensagens.

Aturdida, Carolyn baixou o olhar a Winston, que agora se encontrava sentado no chão, próximo à sua cadeira, atencioso como sempre.

– Não era sequer uma foto que me favorecia – reclamou ela, se dirigindo ao gato.

No andar térreo, podia ouvir Tricia se movendo pela cozinha de Natty.

Carolyn suspirou, levantou-se da cadeira e tornou a descer a escada para encontrá-la.

– Sinto muito – disse ela, da soleira da porta da cozinha. – Pelo jeito como agi há pouco.

Tricia, que lavara as xícaras de chá e as colocara no escorredor para secar, girou com um sorriso.

– Respire. Tudo acabará bem.

Carolyn ergueu um dos ombros e o deixou pender outra vez.

– Tenho 43 mensagens na minha página do *Friendly Faces* – informou com a voz baixa. – *Quarenta e três*. O que vou fazer?

– Lê-las? – perguntou Tricia, em tom suave, pendurando a toalha de mão que acabara de usar. – Responder algumas e deletar outras? – Pressionou a mão às costas e se esticou, contente. – É uma abundância. *Aproveite*. Pode encontrar o homem perfeito para você. – Fez uma pausa, acompanhada de outro sorriso. – Claro, há algumas pessoas entre nós que acham que você *já* encontrou o homem perfeito, mas não quer admitir isso.

– O que quer que eu faça? – perguntou Carolyn, em um suave arroubo de frustração. – Vou sair com Brody na noite de sábado. Mesmo achando uma insensatez, devo acrescentar.

Um brilho maroto bailou nos olhos de Tricia.

– Haha – disse ela.

– Não citei nomes – lembrou Carolyn. – Não disse que *Brody* é o homem perfeito para mim. Se *é* que existe esse ser.

– Também não citei nomes – retrucou Tricia, em um tom radiante. – Interessante você ter feito a ligação do homem perfeito com *Brody*.

– Pare com isso – protestou Carolyn. – Ninguém fez nenhuma ligação aqui.

– Como quiser – retrucou Tricia, dirigindo-se à loja. Retirando um maço de notas fiscais de uma gaveta, acenou com elas para Carolyn – Farei a contabilidade desta vez. Quer que encomende mais sabonetes de leite de cabra? E essas velas de cera de abelha acabam muito rápido, também, sobretudo nesta época do ano...

Carolyn foi assolada por uma onda de afeição pela amiga.

– Há muita papelada para contabilizar. Talvez leve horas...

Tricia retirou a bolsa debaixo do balcão e a pendurou no ombro, como um daqueles antigos arreios.

– É o mínimo que posso fazer. Não está sempre costurando aventais e fazendo encomendas pelo nosso website? Desculpe, mas até mesmo *você* não pode fazer tudo. – Dizendo isso, se aproximou com o andar arrastado, beijou a face de Carolyn, despediu-se do gato de maneira afetuosa e se encaminhou à porta dos fundos.

Carolyn a seguiu.

O vestido rosa parecia uma faixa de algodão doce, ondulando à brisa fresca.

– O que farei durante a tarde se está levando todo o trabalho com você? – perguntou Carolyn, quando a amiga abriu a porta de seu Pathfinder para se sentar atrás do volante.

– Preparar-se para seu encontro? – respondeu Tricia, animada. – Imergir em uma banheira de espuma. Aplicar uma máscara facial. Tirar um cochilo. É uma mulher inteligente. Pense em alguma coisa.

Carolyn queria fazer um último protesto, mas não encontrou nenhum.

Havia, no entanto, muitas coisas para mantê-la ocupada pelo resto da tarde, percebeu, mesmo sem as sugestões decadentes de Tricia.

Poderia trabalhar na saia cigana.

Confeccionar mais aventais com babados, ornados com acabamentos em zigue-zague e rufos.

Conferir todos aqueles e-mails na caixa de correio do *Friendly Faces*.
Podia até mesmo depilar as pernas.

– ENTÃO – DISSE Conner enquanto ele, Brody e Davis erguiam um bezerro doente do chão e o colocavam na traseira de um dos caminhões de trabalho.
– Ouvi dizer que Joleen voltou à cidade ontem à noite.

Um dia, Joleen fora um ponto de discórdia, um penoso ponto de discórdia entre os dois irmãos. Agora a jovem servia apenas para Conner provocar o irmão, algo que não conseguia passar mais de quinze minutos sem colocar em prática.

– É mesmo? – perguntou Brody, limpando as mãos nas coxas cobertas pelo jeans. – Não sabia.

A vaca mãe mugia sem parar, preocupada com o filhote que estava sendo levado embora. Davis deu palmadas leves no flanco do animal.

– Vamos curar seu pequenino para você, Bessie. Ficaré novinho em folha. As cabeças de gado do rancho não tinham nomes como aquele, mas Davis chamava todas as vacas de Bessie e os touros de Ferdinand.

Conner voltou um sorriso torto ao irmão enquanto subia no estribo do caminhão, para escorregar para trás do volante.

– É um péssimo mentiroso para alguém com uma história tão arrojada – brincou ele. – Dizem os rumores que ela foi diretamente para sua casa e você a tocou para fora com cem dólares e um discurso sobre ser uma pessoa digna.

– Dirija devagar – aconselhou Davis, içando-se para a parte traseira do caminhão para tomar conta do bezerro. – Bessie nos seguirá e não quero que se extenuie tentando nos alcançar.

Conner anuiu. Tinha prática naquela tarefa, assim como Brody e Davis. O irmão se sentou no banco do passageiro.

– Mexericos de cidade pequena foram uma das coisas das quais não senti falta enquanto estive fora de Lonesome Bend – retrucou Brody prontamente.

Conner soltou uma risada abafada, ajustou o espelho retrovisor para se certificar de que Davis estava com tudo sob controle na traseira do veículo e

ligou o motor.

– As pessoas comentam – disse ele. – Isso significa que se importam, é só.

– Isso significa, irmãozinho, que têm mentes tacanhas e muito tempo ocioso.

A resposta fez Conner soltar uma risada.

Bessie caminhava atrás deles, ainda parecendo um pecador em seu primeiro dia no inferno. Era possível escutá-la acima do ronco alto do motor velho do caminhão.

Quando voltassem ao celeiro, acomodariam Bessie e seu bezerro em uma baia, para manter o filhote sob vigilância e chamar o veterinário se necessário. Haviam encontrado o bezerro deitado com a cabeça para baixo, provavelmente sofrendo de insolação e de uma leve desidratação, mas o maior perigo, que seria a vulnerabilidade do animal diante de predadores, havia passado.

Geralmente, em casos como aquele, um pouco de cuidado e carinho resolvia o problema. Logo, Bessie e seu filhote estariam de volta ao pasto, junto com o restante da manada.

De repente, o humor jocoso desapareceu, e Conner se tornou completamente sério.

– Tome cuidado – disse ao irmão. – Carolyn é uma boa moça e teve uma vida difícil desde o dia em que nasceu. Não seria justo magoá-la.

Mais uma vez.

Conner não deu voz àquelas palavras, mas elas pairaram na atmosfera entre eles.

– Acha que quero magoá-la? – perguntou Brody, irritado, mexendo-se sobre o banco de couro rachado, com o estofado à mostra em alguns pontos. Davis era um adepto do uso de um equipamento até que se desintegrasse em partículas.

– Não disse isso – retrucou Conner, se remexendo no banco também. – Nem quis insinuar tal coisa.

Brody deixou escapar um suspiro exasperado.

– Eu sei – disse ele. – Talvez me torne um pouco melindroso quando se trata de Joleen. Ela ficou irritada com meu envolvimento com Carolyn e

temo que vá criar problemas.

– Ela lhe disse isso?

– Exatamente com essas palavras – respondeu Brody, entediado. – Sim.

Conner refletiu por alguns instantes, antes de perguntar:

– Você está? Quero dizer, envolvido com Carolyn?

Brody relanceou o olhar ao irmão, ao perfil tão semelhante ao dele que era como se estivesse fitando um espelho.

– Digamos apenas que *gostaria* de estar – confessou por fim. – Mas ela não confia em mim e não posso culpá-la por isso.

– Amém – concordou Conner.

O silêncio imperou por algum tempo, com exceção do barulho do motor e do mugido da velha Bessie.

– O que quis dizer antes – arriscou Brody –, quando disse que Carolyn teve uma vida difícil desde criança?

Conner ficou calado por tanto tempo que o irmão pensou que não fosse responder.

– Ela cresceu em lares adotivos – revelou. – Há muitos bons por aí, pessoas amorosas tentando fazer a diferença na vida das crianças. Porém, há também alguns que não se envolvem nisso de coração. Pelo que Kim e Tricia me contaram, Carolyn teve uma boa quota da segunda categoria.

Brody a imaginou uma menina magra, alegre, alta para a idade, com sardas e roupas doadas ou compradas em lojas baratas. Provavelmente, mais inteligente do que a maioria das crianças de sua classe. A imagem lhe feriu o fundo no coração. O segundo sentimento, no entanto, foi de raiva.

– Ela sofreu abuso?

– Sofreu mais negligência, pelo que pude entender. E, então, houve o episódio com aquele astro de cinema, depois que você partiu.

Algo se agitou dentro de Brody diante da recordação. De que Joleen chamara Carolyn na noite anterior?

Refugo de astro de cinema.

– O que aconteceu? – questionou Brody, prudente. Podia-se ver o celeiro agora. Em breve, a pobre Bessie poderia relaxar, e o bezerro, se curar do mal-estar que o estivesse afligindo.

E aqueles mugidos medonhos teriam fim.

– Não sei – retrucou Conner, girando a cabeça o suficiente para dirigir ao irmão o olhar direto que sempre significava que estava sendo sincero. – Houve muitos rumores espalhados pela cidade naquela ocasião. Algumas pessoas disseram que ela estava tendo um caso com Gifford Welsh enquanto a esposa do ator estava fora, em algum set de filmagem.

Os dentes molares de Brody cerraram e voltaram a relaxar. Como durante muito tempo vivera sob um telhado de vidro, não poderia sair atirando pedras, mas, assim mesmo, o irritava pensar em outro homem, qualquer homem, tocando Carolyn com a mesma intimidade com que ele um dia o fizera.

E desejava fazer outra vez.

– Se tivesse de apostar se as fofocas tinham fundamento ou não – começou, observando Conner, que prestava atenção na trilha picada acidentada –, o que diria?

Mais uma vez Conner se mostrou pensativo. Gostava de refletir antes de responder, principalmente às perguntas que considerava importantes.

– Diria – retrucou por fim – que Carolyn não se envolveria com um homem casado e não apenas por achar errado. É muito orgulhosa para se submeter a isso.

Brody soltou uma risada, mais por alívio do que por achar a situação engraçada. Esticou o braço e deu um breve aperto na nuca do irmão.

– Bem no alvo – disse ele. – Dê uma boneca de plástico para homem.

– Uma o quê? – perguntou Conner, com uma carranca que fez o irmão irromper em uma risada outra vez. E, agora, achando realmente engraçado.

– Linguagem figurada, irmãozinho – respondeu, quando o humor pareceu se abrandar um pouco. – Antigamente, quando alguém acertava o alvo em uma barraca no parque de diversões, ganhava uma boneca de plástico.

– Ora! – disse Conner, com indignação divertida.

Naquele momento, chegaram a casa, com a tarefa de descarregar o bezerro doente e com Bessie ofegante, resfolegando devido ao exercício.

– Tudo vai ficar bem agora, menina – Brody ouviu o tio dizer à vaca. – Seu bebê está seguro, e você, também.

COM AS pernas depiladas e o cabelo lavado, Carolyn saiu do chuveiro e envolveu o corpo em uma toalha.

Winston estava sentado na tampa do vaso, esperando ela emergir do que, para ele, provavelmente significava uma câmara de tortura.

– Está vendo? – perguntou Carolyn, acariciando-lhe a cabeça. – É possível se molhar e sobreviver.

– *Miau!* – objetou o gato, saltando para o chão com a cauda peluda ereta pelo aborrecimento. O topo da cabeça estava úmido, onde ela o acariciara.

Carolyn soltou uma risada.

– Está bem – disse ela, esperando que a condensação do vapor que cobria o espelho sobre a pia se dissipasse para que pudesse aplicar a loção hidratante. A pouca maquiagem que pretendia usar poderia esperar. – Duas coisas da lista pré-encontro romântico foram eliminadas. Depilação de pernas e lavagem de cabelo. Agora, vamos tratar do rosto.

Abriu o armário dos remédios e perscrutou o interior. Uma caixa de curativos adesivos, um frasco de antisséptico bucal quase vazio, pasta de dentes, uma escova, uma caixa de cotonetes e três tampões de algodão tentando escapar da embalagem de papel.

Nenhum artigo para tratamento facial.

Oh, bem...

Aquilo lhe deixava apenas com o cochilo.

Carolyn deixou que o vapor do espelho se dissipasse naturalmente e voltou ao seu quarto. Atirou-se sobre a cama e ficou deitada com os braços e pernas abertos.

Não.

Não conseguiria dormir.

Sentia-se muito agitada para um cochilo e, de qualquer forma, estava no meio do dia.

Ainda era muito cedo para retirar o vestido rosa do varal, aplicar um pouco de spray de amido e lhe retirar as rugas com um ferro quente.

Ergueu-se com um suspiro e vestiu o roupão de banho, mas, como era muito quente, substituiu-o por uma camiseta larga.

Por enquanto, aquilo serviria.

Retirou a saia cigana do gancho atrás da porta do quarto e a ergueu para inspecioná-la. Esperava ter superado a vontade de ficar com ela, mas definitivamente aquilo não acontecera.

Poderia ajustá-la para suas medidas em um instante, mas aquilo também estava fora de questão. Não era um traje apropriado para um churrasco no quintal dos fundos... nem para sair com Brody no sábado à noite.

Havia apenas um cinema naquela região e ficava na cidade próxima, Wiley Springs. O restaurante mais sofisticado, onde seria apropriado usar uma mistura mágica de fitas e miçangas, ficava fora de Denver.

Carolyn pôs a saia de volta no gancho, sentindo-se, de repente, desanimada. Planejava se distrair um pouco com aquilo, mas agora tal perspectiva não lhe era atraente.

Mas sempre lhe restavam os aventais. Elas mal conseguiam suprir a demanda.

Uh-hu!, pensou com humor ácido. Aventais.

Decidiu dar outra chance ao cochilo.

E, dessa vez, funcionou.

Quando acordou, com o nariz frio do gato roçando-a como a pleitear o jantar, passavam das 17h.

Apressada, Carolyn pegou a porção de sardinhas de Winston e desceu apressada, ainda trajando apenas a camiseta, para retirar o vestido rosa do varal.

A fragrância do tecido era deliciosa.

De volta ao andar de cima, pegou o ferro de passar roupa, o tempo todo monitorando o relógio da cozinha. Em seguida, encaminhou-se ao toalete para aplicar o rímel e uma leve camada de brilho labial da mesma tonalidade do vestido.

Como dormira com o cabelo ainda molhado do banho, os fios compunham uma juba de leão em torno da cabeça. Para domá-los, quase precisou de um chicote e uma cadeira.

Presos em um coque frouxo na altura da nuca, pareciam passáveis, decidiu, embora fossem capazes de causar lesões generalizadas se escapassem das presilhas em algum momento inoportuno.

– Está agindo como uma tola – disse Carolyn para o próprio reflexo no espelho, agora livre do vapor. – Controle-se, está bem?

Sua imagem parecia indignada.

– Bem – disse Carolyn ao próprio reflexo. – A culpa é sua de não ter usado um secador antes de tirar um cochilo.

– Miau! – fez Winston, agora sentado à soleira da porta do toalete, lambendo os beiços.

Nada como uma boa sardinha.

Carolyn riu do gato e de si mesma.

Iria a um churrasco no pátio dos fundos de Bill Venable. Os pais da falecida esposa estariam lá, juntamente com a filha de nove anos.

O que haveria lá que pudesse deixá-la nervosa?

Muita coisa, como pôde constatar.

Quando Carolyn estacionou em frente à bela casa de Bill, com seu carro velho, uma criança que deveria ser Ellie a aguardava na calçada.

Segurava um grande cartaz, escrito a mão com canetas coloridas e preso a uma vara, no qual se lia: “Vá embora. Não a queremos aqui, a não ser que você seja Angela”.

A saudação, bem como o olhar raivoso estampado no rosto da criança, a fez se deter, claro. Ellie era muito bonita, como uma versão vitoriana de *Alice no País das Maravilhas*. E, se um olhar fosse capaz de matar, Carolyn teria sido incinerada naquele instante.

Decidia entre ficar ou partir quando Bill, de repente, surgiu, irrompendo pelo portão da frente e, de modo firme, porém gentil, arrancando o cartaz das mãos de Ellie antes de apontar o dedo para o interior da casa, ordenando que a menina entrasse.

Ellie obedeceu, arrastando os pés e com a cabeça baixa.

Bill atirou o cartaz no pátio, estampou no rosto um sorriso esportivo e se aproximou de Carolyn, abrindo a porta do carro para que ela saísse.

– Talvez não seja uma boa ideia – disse ela. Apesar do comportamento da criança, simpatizara com ela de imediato. A menina decididamente tinha coragem.

– Bobagem – disse Bill. – É uma ótima ideia. Venha, os bifês estão na grelha, e quero apresentá-la aos avôs de Ellie, Charlie e Stella. Estão ansiosos por conhecê-la.

Em seu íntimo, Carolyn duvidava. Era mais provável que Charlie e Stella fossem defensores de Angela, assim como Ellie. Porém, por serem adultos, seriam um pouco mais sutis em demonstrar.

– Não sei...

– Carolyn – disse Bill, sorrindo. – Trata-se de um churrasco, não da coroação do rei William. – Rindo, Carolyn se lembrou do quanto gostava daquele homem. Se ao menos pudesse sentir algo mais! Bill lhe ofereceu a mão. – Vamos – convidou em tom calmo. – Garanto-lhe que Ellie não é um monstro. Apenas age com um de vez em quando.

– Todos nós não agimos? – respondeu ela, com um sorriso sincero confortavelmente estampado no rosto.

Bill a guiou para a lateral da ampla residência em direção a um deslumbrante e sombreado quintal florido, com uma pérgula e um balanço.

Charlie e Stella eram ambos atraentes, um casal harmônico na faixa etária dos sessenta anos. Quando Bill e Carolyn se aproximaram, Charles, um homem alto com uma cabeleira branca como a neve, ergueu-se do banco à mesa de piquenique. Stella, também com cabelo branco, parecia uma fada esbelta, com um sorriso caloroso.

Bill fez as apresentações, e quando Carolyn se encontrava acomodada à mesa de piquenique, com um copo de limonada gelada na mão, ele pediu licença e se encaminhou à casa, provavelmente para falar com a filha.

Stella, sentada ao lado do belo marido, observou-o desaparecer pela porta dos fundos com um sorriso melancólico que não se refletia no olhar.

– Acho que nossa neta andou aprontando alguma travessura outra vez – comentou.

Carolyn soltou uma risada abafada, tomou um gole da deliciosa limonada e pousou o copo sobre o tampo da mesa de piquenique, coberta com um

oleado listrado em branco e vermelho.

– Certamente é bastante criativa – retrucou.

Charlie ergueu as sobrancelhas brancas.

– O que aconteceu?

Carolyn hesitou, mas, em seguida, descreveu o incidente do cartaz.

– Oh, Deus! – exclamou Stella.

– Foi algo que deve ter exigido bastante imaginação – começou Charlie. – Mas também foi grosseiro. Bill tem de parar de perder tempo e se casar outra vez, dar àquela criança uma mãe para orientá-la, antes que se estrague por completo.

Stella lhe deu uma cotovelada nas costelas do marido.

– Charlie! – exclamou com expressão emburrada, mas o tom de voz era tão repleto de amor que Carolyn perdeu a fala só em ouvi-la. Que bonito era envelhecerem juntos e ainda apaixonados.

Charlie ignorou a esposa, mas o amor por Stella, como o dela por ele, era óbvio para Carolyn, que se sentia estranhamente excluída do cenário. Uma observadora, não uma parte do contexto.

– Não me entenda mal – prosseguiu Charlie, quase ansioso. – Amamos nossa neta. Ellie tem uma personalidade forte e é a imagem idêntica da mãe, nossa filha Connie, e não gostaríamos que ela mudasse totalmente. – O homem fez uma pausa, suspirando. – No entanto, será um alívio quando essa fase de rebeldia passar.

– Ellie – disse Stella em tom firme – não é uma rebelde.

Naquele momento, a porta de tela se escancarou e a portadora do cartaz saiu para a varanda dos fundos, parecendo um anjo recalcitrante no short rosa de algodão, camiseta na mesma tonalidade e sandálias na cor púrpura.

Bill, parado atrás dela, lhe deu uma leve cutucada no ombro.

– Vá em frente – Carolyn o ouviu dizer.

Ellie inspirou de modo dramático e deixou o ar escapar em um suspiro trêmulo. Virou o rosto para Bill, e ele anuiu com um movimento imperceptível, tanto de impaciência quanto de encorajamento.

Carolyn, fitando-os, sentiu outra doce pontada de afeição pela pequena Ellie Venable.

Decidida, a menina se projetou para frente, descendo com firmeza os degraus da varanda e se aproximando para estacar próximo ao lugar onde Carolyn se encontrava sentada.

Esticando uma pequena e provavelmente pegajosa mão, disse com evidente falta de convicção:

– Desculpe-me por ter sido mal-educada. Afinal, não tem culpa de não ser Angela.

Gemidos silenciosos dos demais adultos acompanharam aquele pronunciamento.

Mas Carolyn exibiu um sorriso simpático e aceitou a mão esticada, confirmando que se encontrava pegajosa.

– Tem razão – retrucou, após um instante. – Tenho estado muito ocupada sendo *Carolyn* ultimamente.

Ellie estreitou os olhos azuis cristalinos, estudando-a.

– Está disposta a começar outra vez? – perguntou.

Carolyn ficou surpresa com a esperteza da pergunta, sobretudo vinda de uma menina de nove anos.

– Acho uma ótima ideia.

A menina indicou que queria se sentar e Carolyn escorregou para o lado para abrir espaço.

– Meu pai diz que, quando eu crescer, serei a primeira mulher presidente ou líder do meu pavilhão na cadeia – informou a menina em tom sério. A insinuação de um sorriso perscrutava entre a névoa da desconfiança, que velava aquele rosto gracioso, enquanto baixava o tom de voz. – Meu pai brinca muito. Na verdade, ele não espera que eu acabe em uma prisão.

– Não sei, não, criança – provocou Charlie, sorrindo para a neta do lado oposto da mesa. – Parece-me que está desenvolvendo tendências criminosas.

– Meu avô também gosta de fazer piadas – confidenciou a criança a Carolyn.

– *Sou* um policial aposentado – persistiu Charlie com uma piscadela, erguendo a jarra de limonada e servindo um copo para Ellie. – Conheço uma arruaceira quando vejo uma.

– Tudo que tem a fazer é olhar para o espelho – retrucou Stella, cantarolando as palavras e, ao mesmo tempo, exibindo um sorriso luminoso para a neta. – Será presidente – afirmou, sem nenhuma sombra de dúvida.

– Não sei se gostaria do cargo – retrucou Ellie, com a seriedade de uma criança muito precoce e inteligente. – Não importa o que um presidente faça, tem sempre alguém o criticando. Prefiro pilotar aviões ou apagar incêndios que cobrem estados inteiros, como meu pai faz.

Bill, que estivera virando os bifes na grelha até aquele momento, se juntou aos demais à mesa, à direita de Carolyn, não muito próximo, mas também não muito distante.

Mais uma vez, Carolyn lamentou em silêncio a falta de paixão por aquele homem. Por que não devotava um sentimento fraternal igual àquele a *Brody* e desejava Bill com a uma intensidade que se tornava cada vez mais difícil negar?

Aquilo era *perverso*, isso sim!

Porém, se divertiu pelo restante da noite. Os bifes estavam deliciosos, Bill era atencioso sem constrangê-la, Charlie e Stella eram loquazes, cordiais e incapazes de fazer perguntas mais indiscretas do que: “Cresceu em Lonesome Bend?”. Até mesmo Ellie se suavizou consideravelmente, embora deixasse claro que ainda tinha reservas sobre a nova amiga do pai.

Quando o ar esfriou e os mosquitos começaram a incomodar, todos concordaram em pôr um fim à festa.

Carolyn se ofereceu a retirar a mesa e carregar as sobras e os pratos sujos para a cozinha, mas Stella e Charlie insistiram em fazer a tarefa. Ellie poderia ajudá-los.

Bill acompanhou Carolyn de volta ao carro e ficou parado na calçada, fitando-a com uma expressão de amigável melancolia nos olhos.

– Esse avião não vai decolar, certo? – perguntou.

Carolyn suspirou, sorriu-lhe e negou com um gesto de cabeça.

– Não – respondeu. – Acho que não.

– Ainda podemos ser amigos? – quis saber Bill. – Porque aí vai a verdade, Carolyn Simmons: gosto muito de você.

– Também gosto de você – retrucou, em tom sincero.

Bill baixou a cabeça e roçou os lábios de leve sobre os dela, porém não foi em frente.

Os dois suspiraram resignados.

– Tinha de tentar – disse Bill, sorrindo quando ela soltou uma risada.

– Entendo – respondeu Carolyn, sentindo-se triste, mas ao mesmo tempo aliviada. – Estava falando sério há pouco, sobre sermos amigos?

– Claro.

Carolyn girou levemente nos calcanhares, algo que fazia quando estava refletindo.

– Teria de ser comida comprada pronta ou algo parecido – brincou ela. – Porque não sei cozinhar muito bem, mas adoraria que você fosse jantar em minha casa em breve.

A expressão de Bill foi de agradável surpresa.

– Parece uma ótima ideia – respondeu ele. – Mas, se não vamos a lugar algum...

O sorriso de Carolyn se alargou.

– Se não vamos a lugar algum – terminou para ele –, podemos relaxar e nos divertir.

– Gostei da ideia – retrucou Bill. – Que tal voar comigo em meu avião?

Capítulo Doze

– VOU CHEGAR um pouco tarde no rancho hoje – disse Brody ao telefone celular.

– Que novidade há nisso? – retrucou Conner do outro lado da linha, com um sorriso na voz. – Está mais ou menos *dez anos* atrasado, mas não que eu estivesse contando ou coisa parecida.

– Claro que não – disse Brody. Estava parado do lado de fora da lanchonete/sala de projeção no *Bluebird Drive-in* naquela ensolarada manhã de maio, observando enquanto seu empreiteiro e outro membro da equipe descarregavam o gerador movido a gás que iria prover a energia necessária para rodar o filme na noite de sábado. O projetor original estava inutilizado. Ao longo dos anos, se transformara em um abrigo de aranhas e ratos. Brody alugara o equipamento necessário de um fornecedor em Denver, e um amigo dele, um distribuidor profissional de filmes, estava lhe enviando algumas fitas inéditas por *courier*. Um electricista deveria chegar a qualquer instante, para verificar o estado das antiquadas caixas acústicas em seus suportes enferrujados e fazer a ligação da que estivesse funcionando melhor.

Se *alguma* delas estivesse funcionando.

Brody suspirou em seu íntimo.

– Ainda está aí? – chamou Conner do outro lado da linha. – Geralmente, quando as pessoas estão falando ao telefone, costumam *conversar* uma com

a outra.

Brody soltou uma risada baixa.

– Sim – concordou. – Acho que isso é sinal de que o telefonema chegou ao fim. Já disse o que devia, agora tenho coisas a fazer.

– Que coisas? – quis saber Conner. Geralmente um homem de poucas palavras, impaciente com telefones, o irmão se mostrava loquaz.

– Quem o ligou na tomada? – perguntou Brody, fazendo um gesto positivo com o polegar para cima em direção ao empreiteiro e seu ajudante.

Conner suspirou.

– É típico de você se atrasar – disse ele. – Mas não telefonar e justificar. O que está acontecendo?

– Não é da sua conta, irmãozinho – retrucou Brody, afável. – Mas lhe direi de qualquer forma. Estou me preparando para o grande encontro.

Silêncio.

Foi a vez de Brody chamar o irmão.

– Conner? Ainda está aí?

– Sim – respondeu ele. – Que tipo de “grande encontro”?

– Quantos tipos existem? – respondeu Brody, divertido. – Conner não respondeu de imediato, mas o radar entre os dois irmãos gêmeos estava funcionando perfeitamente e Brody sabia que ele estava pensando. – Mais tarde lhe conto tudo sobre isso – assegurou. – Desde que não me mantenha neste maldito telefone o dia inteiro. Nesse caso, só estarei aí em algum momento amanhã.

Conner não conseguiu evitar uma risada rouca.

– Vejo-o quando aparecer – disse ele. – Davis e eu estaremos na pastagem durante a maior parte da manhã, tangendo os desgarrados, se quiser se juntar a nós.

Brody sorriu.

– Até logo, Conner – disse, dando ênfase a cada palavra, antes de desligar o telefone. Quando eram garotos, ele e Conner costumavam conversar muito, discorrendo sobre tudo, desde meninas e apetrechos de pesca até sobre o que teria sido a vida dos dois se os pais tivessem vivido para criá-los. Depois, haviam seguido por caminhos separados e tortuosos durante muito

tempo e, apesar do progresso que fizeram, abrir o coração um para outro ainda exigia algum esforço.

Talvez, pensou Brody, sentindo a garganta se apertar mesmo enquanto o ânimo se elevava, o pior tivesse passado e aqueles caminhos tortuosos iriam finalmente convergir.

CAROLYN TINHA a loja toda para si naquela manhã, exceto pela presença de Winston, claro. Tricia estava em casa descansando. Mais cedo, ao telefone, a amiga insistira que estava se sentindo bem e que não havia nada com que se preocupar. Afirmou que se tratava apenas de inchaço nos tornozelos. Estava se sentindo um elefante e muito cansada.

Carolyn não conseguia deixar de se preocupar, por menos que fosse, porque Tricia era sua amiga. Porém, se mantinha ocupada e aquilo a ajudava. Não que tivesse muitos clientes aquele dia.

Primrose trouxe mais trabalhos artísticos. Ao que parecia, tinha um estoque deles guardados em sua casa-ateliê. Ela e Carolyn decidiram sobre os preços e penduraram os pequenos batiques, todos retratando índias americanas nas paredes da loja.

Depois que Primrose se foi, Carolyn tirou fotos digitais das peças e as postou no site, já que uma grande parte das vendas se originava da internet.

Felizmente, mais caixas abarrotadas de mercadorias foram entregues e Carolyn fez as mudanças necessárias no inventário que ela e Tricia mantinham no computador do andar térreo. Durante o processo, ignorou como pôde as mensagens instantâneas e intrusivas do *Friendly Faces*, como por exemplo: alguém gostou de sua foto.

Quando terminou e etiquetou os itens com os preços, dispendo-os sobre as prateleiras e mesas expositoras, estava na hora do almoço.

Na cozinha de seu apartamento no andar de cima, Carolyn dividiu alguns ovos cozidos com Winston e contemplou a longa tarde que se estendia pela frente. Que seria seguida, Deus!, por uma noite ainda mais longa.

Determinada a tirar melhor proveito do que seria um tempo ocioso, já que não queria fechar a loja mais cedo outra vez para que aquilo não se tornasse um hábito, Carolyn carregou a máquina de costura portátil para o

andar térreo e a pousou sobre uma das mesas expositoras. Desceu pilhas de tecido, bem como apetrechos de costura, e se pôs a confeccionar um novo suprimento de aventais.

Duas mulheres da cidade entraram na loja por volta das 15h, à procura de presentes de aniversário para uma amiga, e compraram os dois aventais que Carolyn acabara de confeccionar, felizmente fazendo com que ela voltasse à estaca zero.

Parecia que a correria havia acabado no que concernia a clientes, e Carolyn, com minúsculos fiapos de linha presos à roupa e com os olhos cansados, decidiu que 16h30 não era cedo para fechar a loja.

Estava parada à porta, prestes a trancá-la, quando viu alguém subir os degraus da varanda, hesitar e esticar a mão para a fechadura.

Carolyn escancarou a porta, nunca disposta a perder uma venda em potencial, e quase ofegou.

A mulher parada do outro lado da soleira da porta tinha mais ou menos a mesma faixa etária que Carolyn e uma beleza estonteante, com cabelo louro-cobre e lindos olhos castanhos. Exceto pelos trajes modernos, um terninho de calça comprida bege e bem cortada, parecia ter emergido de uma pintura renascentista. Tinha uma aparência régia.

No mesmo instante, Carolyn a reconheceu.

– Angela? – disse, dando um passo atrás e escancarando a porta.

– Como soube? – perguntou a visitante após um breve e nervoso gesto afirmativo com a cabeça.

– Arrisquei um palpite – retrucou Carolyn, com um sorriso. – Entre.

– Eu... eu, na verdade, não vim comprar nada. Queria apenas...

Carolyn tocou o braço da mulher.

– Entre – repetiu. – Farei chá.

Por fim, Angela entrou para ser instantaneamente cumprimentada por um ronronante Winston.

O rosto de Botticelli se iluminou, e ela se inclinou para fazer carinho no bichano.

– Olá – disse Angela.

Winston, o diplomata, pensou Carolyn, com um coração transbordando de afeto. Exceto no que se referia a Brody, o animal compunha um comitê unitário de boas-vindas.

– Por aqui – disse Carolyn, seguindo pela entrada e cruzando a loja até a ampla cozinha de Natty.

Angela a seguiu, com uma relutância polida. Provavelmente imaginava o que lhe dera para ir falar com a mulher com quem Bill Venable estava saindo, embora não desse nenhuma indicação disso.

Carolyn gostava de confeccionar o chá à moda antiga, sobretudo quando tinha convidados. Esquentou o bule de porcelana com água quente, enquanto colocava a chaleira no fogo. Em seguida, pegou a lata com folhas de chá frescas.

Nesse meio-tempo, Angela se sentou à mesa.

– Desculpe – disse ela após uma longa reflexão, fazendo que não com a cabeça. O cabelo louro-cobre estava penteado para cima, em um impecável coque trançado. Aquilo provavelmente lhe acentuava a aparência renascentista. – Nunca faço coisas assim.

– Coisas assim? – questionou Carolyn, determinada a deixar a visitante à vontade.

– Tinha de saber como você era – confessou Angela, em uma sutil explosão de autocensura.

Carolyn soltou uma risada suave, ciente da calça jeans, camiseta larga, da camada de linhas agarradas à roupa e provavelmente aos cabelos, também. Estendeu os braços, enquanto o chá fervia, e brincou:

– Aqui estou. Ficou impressionada?

Um breve sorriso curvou um dos lábios em forma de arco de cupido, mas os olhos de Angela permaneceram tristes.

– Na verdade... – retrucou –, sim. Estou impressionada. – Carolyn não sabia como responder. Um simples “obrigada” não lhe parecia adequado. Então, encaminhou-se ao armário onde estavam as porcelanas, outro dos pertences de Natty passados a Tricia, e de lá retirou duas xícaras, dois pires e talheres de prata. E onde estavam o açucareiro e o bule de leite? – Não deveria ter vindo – disse Angela.

A chaleira começava a chiar no fogo. Carolyn se dirigiu à mesa e se sentou de frente para Angela. Tentando projetar uma imagem de receptividade amigável, se limitou a esperar que a visitante continuasse. Lágrimas banharam os olhos de Angela, mas ela se apressou em piscar para dispersá-las.

Ah, pensou Carolyn, outra determinada como eu, tentando se controlar.

– Bill tem todo o direito de sair com outras mulheres – afirmou Angela. – Carolyn se permitiu apenas curvar um dos cantos dos lábios em um meio-sorriso, mas permaneceu em silêncio. A bola ainda estava no campo de Angela. – Gosta dele? – A voz saiu fraca, quase tímida.

– Sim – respondeu Carolyn. *Não da forma que está pensando, mas, sim, definitivamente gosto de Bill Venable. Gosto muito dele.*

Angela deixou escapar um suspiro suave.

– Ajude-me, sim? – pediu, com os olhos faiscando pelas lágrimas outra vez. – Por favor?

– O que quer saber?

A chaleira apitou alto no fogo.

Ótima cronometragem!

Carolyn se precipitou em direção ao fogão, retirou a chaleira do fogo e verteu a água fervente sobre as folhas de chá preto dentro do bule de porcelana, deixando que infundissem pelos próximos cinco minutos.

– O relacionamento de vocês é sério? – perguntou Angela. – Quero dizer, entre você e Bill?

Carolyn considerou a resposta com cuidado. Era óbvio que Angela gostava de Bill, quaisquer que fossem suas reservas quanto ao trabalho arriscado de bombeiro de apoio aéreo que ele exercia. Porém, aquele era um terreno perigoso.

Tinha de pisar com cuidado.

– Acho que depende de sua definição de *sério* – respondeu por fim.

– Sei que não tenho nenhum direito de perguntar – disse Angela, negando com a cabeça e parecendo desconcertada, como se às vezes não entendesse a si mesma.

Deus sabia que Carolyn podia entender *tal* sentimento.

– Gosto de Bill – reiterou, embora em tom gentil. – Mas não seria certo tentar explicar os sentimentos dele. Se tem alguma pergunta a fazer, precisa fazer a ele.

Angela ficou em silêncio, pensativa. Mas, graças a Deus, não mais chorosa.

Carolyn trouxe o bule do chá para a mesa, dando à inesperada visitante alguns momentos para se recompor. Serviu-lhe uma xícara de chá e outra para si. Em seguida, silenciou Winston, que pleiteava sua porção de sardinhas. Não confiando no leite que tinha disponível, trouxe o açucareiro para mesa, mas não o bule de leite que fazia conjunto.

De alguma forma, Angela se recompôs, sorrindo e passando de linda a deslumbrante.

– Ellie tinha razão – disse ela. – É uma “boa moça”, Carolyn.

– Tento ser – retrucou ela, colocando açúcar no chá, o talher de prata tilintando contra a porcelana. E a conversa travou. Para mantê-la, Carolyn acrescentou: – Ouvi dizer que é professora?

– Da terceira série – revelou Angela, orgulhosa.

– Ellie está na sua turma? – Meninas de nove anos estariam na terceira série? Carolyn não conseguia se recordar.

A mão de Angela tremia de leve quando ergueu a xícara para levá-la aos lábios. Tomou um gole e negou com a cabeça, parecendo mais relaxada que antes.

Não que isso indicasse muita coisa.

– Estava, no ano passado – respondeu Angela. – Foi assim que... – Fez uma pausa, corando. – Foi assim que eu e Bill nos conhecemos. Em uma reunião de pais e alunos.

– Entendo – disse Carolyn.

Angela falou, relutante:

– Bill lhe contou sobre mim?

– Sim – retrucou Carolyn, em um tom que deixava claro que não passaria dali. Já lhe dissera que, se quisesse conhecer os sentimentos de Bill com relação a ela, teria de questioná-lo.

Angela suspirou.

– Lá vou eu outra vez. Deve estar pensando que sou uma das finalistas na seleção do meu próprio reality show. Poderiam chamá-lo de *Os Verdadeiros Loucos do Colorado*.

Carolyn soltou uma risada. Gostava de Angela e esperava que pudessem se tornar amigas em algum momento.

– Gosta de lecionar? – perguntou. – Uma vez, quis ser professora.

Mais uma vez, o semblante de Angela se iluminou.

– *Amo* lecionar – respondeu. – Aliás, adoro *crianças*. O trabalho em si pode ser um pouco desencorajador, afinal o salário é ruim e os pais podem se mostrar impossíveis. Mas as crianças, bem, fazem tudo valer a pena.

Carolyn teve a sorte de encontrar vários professores compreensivos e compassivos enquanto se esforçava em crescer, e a gentil orientação que lhe deram fizera toda a diferença. Disseram-lhe que era uma menina brilhante, talentosa e que poderia ser o que quisesse, se estivesse disposta a se esforçar.

– O que a impediu? – perguntou Angela, invadindo-lhe os pensamentos e a trazendo de volta ao momento presente. Carolyn deve ter parecido confusa, porque Angela se apressou a esclarecer a pergunta: – De ser professora?

– Não fiz faculdade – confessou Carolyn, de improviso.

– Oh! – disse Angela, tomando outro gole de chá da elegante xícara. Foi sua vez de esperar que a outra continuasse.

– O que significa – prosseguiu Carolyn – que não queria tanto ser professora a ponto de seguir o caminho da bolsa de estudos ou do financiamento estudantil. Quando consegui fazer alguns cursos noturnos, todos eram relacionados a desenho. Teoria das cores. Perspectiva. Coisas assim.

– É uma artista? – perguntou Angela, com interesse sincero.

– Não – Carolyn se apressou em dizer. – Costuro um pouco, é só.

Pensou na saia cigana pendurada no gancho atrás da porta de seu quarto, no andar superior, e sentiu uma pontada de culpa, como se estivesse sendo desleal com uma amiga fiel.

– A costura é uma arte – disse Angela.

Para Carolyn, costurar era um ofício, não uma arte, mas era também sagrado. Não havia mágica que se comparasse a transformar um pedaço de pano em algo útil e belo. Para ela, o processo era quase místico, uma forma de oração ativa.

– Acho que, para algumas pessoas, isso é verdade – respondeu. – Já vi colchas expostas em museus.

Angela concordou, anuindo.

– Gostaria de ver alguma coisa que confeccionou – disse ela, corando a seguir. – Não sei costurar. Não seria capaz de pregar uma manga ou colocar um zíper sem que parecesse o trabalho de um chimpanzé.

Sorrindo, Carolyn lembrou-se dos aventais nos quais estivera trabalhando, mas logo afastou a ideia. Teve o estranho desejo de mostrar a Angela, uma mulher que mal conhecia, sua obra de arte, a saia cigana. Até então, apenas Trícia a vira.

Mordeu o lábio inferior, pensativa.

– Passei dos limites – disse Angela. – Mais uma vez.

– Espere aqui – respondeu Carolyn, empurrando a cadeira para trás. Antes que pudesse mudar de ideia, disparou pela escada, pegou a saia e a trouxe de volta à cozinha de Natty.

Tímida, segurou a peça de roupa para que a outra apreciasse.

Os olhos de Angela se arregalaram.

– Oh, Deus! – exclamou, pousando a xícara no pires, com um pequeno estrépito. – Você *fez* isso?

Agora que havia realizado aquela proeza, Carolyn, de repente, se sentiu nervosa, até mesmo um pouco envergonhada. Provavelmente a saia parecia demasiado espalhafatosa, com todas aquelas fitas e miçangas brilhantes. A visão a fez prender a respiração, como sempre.

– *Essa saia quase produz música* – disse Angela, com o que soava ser admiração. Em seguida, ergueu-se da cadeira e se aproximou, examinando a saia com atenção, embora tomasse cuidado, percebeu Carolyn, para não tocá-la. *Essa saia quase produz música*. O comentário a fez experimentar uma alegria avassaladora. – Você é uma artista – afirmou, a voz adotando

uma tonalidade insistente. – Aceita pedidos? Quero dizer, para peças feitas por encomenda?

Carolyn foi pega de surpresa pela pergunta, o que era estranho, considerando o fato de que costurava para fora desde a primeira aula de costura no ensino fundamental.

– Eu... sim, às vezes – conseguiu responder.

– Claro que algo como essa saia custaria uma quantia absurda – disse Angela, parecendo pensativa. Em seguida, suspirou. – Mas uma moça tem o direito de sonhar.

Aquele comentário lhe deu a certeza. Amigas. Ela e Angela seriam amigas.

E aquilo, inevitavelmente, complicaria as coisas.

– Sei o que quer dizer – retrucou Carolyn. – Também não posso pagar por esta saia.

Aquilo fez Angela rir.

– Mas você a *fez* – retrucou, após alguns instantes. – Não tem de pagar por seu próprio trabalho.

Oh, sim, tenho, pensou Carolyn.

– Tenho de cobrir o custo do material – explicou, sentindo-se muito jovem e pobre de repente.

Para Carolyn, aquele era um momento divisor de águas. Estava na hora de parar de perder tempo com aquela saia, concluí-la e colocá-la à venda. Deter-se naquela peça de roupa, desejando ter uma oportunidade de usá-la, era apenas uma forma de adiar o inevitável.

Aquilo estava se tornando muito doloroso.

– Acho que deveria fazer outra para guardar para si – disse Angela, hesitante, enquanto esticava a mão para a bolsa, preparando-se para partir.

Carolyn fez que não com a cabeça.

– Não conseguiria fazer outra igual, mesmo que tentasse – respondeu, pensando em como era irônico o fato de Angela ter ido até ali se confrontar com uma rival e ela, uma independente inveterada, acabar lhe fazendo confidências.

A uma estranha.

– Acho que não – concordou Angela, com expressão tristonha. – É definitivamente ímpar. – Em seguida, sorriu. – Obrigada pelo chá e por me mostrar esse maravilhoso trabalho artístico. Mas, acima de tudo, por não se importar com o fato de eu ter agido como uma maníaca, vindo até aqui.

– Fico feliz que tenha vindo – retrucou Carolyn em tom afetoso, pendurando a saia sobre o espaldar de uma das cadeiras da cozinha de Natty. Desejava que houvesse mais que pudesse dizer ou fazer para assegurar a Angela que tudo daria certo entre ela e Bill.

Infelizmente, aquilo não seria possível, em virtude do impasse a que aqueles dois chegaram, devido à opção profissional de Bill.

– Acho que gostou mesmo de eu ter vindo – disse Angela, demonstrando uma surpresa agradável. – É uma mulher difícil de odiar. Posso ver por que Bill está encantado com você... não que eu goste da ideia.

Carolyn desejou poder contar a Angela que Bill a amava, mas também amava seu trabalho e não se sentiria um homem completo sem ele. Mas como aquilo seria trair a confiança do amigo, optou por se calar.

– Espero que não se esforce muito para me detestar – retrucou Carolyn, com outro sorriso, enquanto acompanhava a visitante em direção à porta da frente.

Angela guardou a resposta até chegar à entrada da loja.

– Será paciente com Ellie? – perguntou em tom calmo. – É uma criança maravilhosa, inteligente, engraçada, entre muitos outros predicados. É que ela estava decidida a ver Bill e eu juntos.

Carolyn anuiu.

– Ellie – concordou. – É adorável.

Angela abriu a porta, transpôs a soleira para a varanda e teria se afastado em direção ao carro que deixara estacionado ao meio-fio se Carolyn não a tivesse impedido com uma palavra.

– Angela?

Estacando, ela girou para fitá-la. E aguardou.

– Converse com Bill – disse Carolyn.

O cenho de Angela franziu em total perplexidade, com hesitante gesto afirmativo de cabeça. Com isso, partiu.

Carolyn a observou por alguns instantes. Em seguida, fechou a porta, passou o trinco e retornou à cozinha.

Estava na hora de servir o prato de sardinhas a Winston.

O BEZERRO que trouxeram do pasto no dia anterior já estava recuperado. Brody ficou contente em constatar quando ele e Barney chegaram ao rancho pouco depois do meio-dia e se encaminharam diretamente ao celeiro.

– Ele está com uma ótima aparência – disse Brody a Davis após inspecionar o bezerro na baia que o filhote dividia com Bessie.

Conner devia estar por perto, em algum lugar, mas não podia vê-lo no momento.

Após dar marcha à ré em um dos caminhões do rancho até a entrada do celeiro, Davis se encontrava na traseira, prestes a começar a descarregar as sacas de ração equina. O tio sorriu e fez um gesto afirmativo com o polegar para Brody.

– Bessie e seu filho estarão aptos a voltar para junto do gado dentro de um dia ou dois.

Brody se aproximou do caminhão e esticou a mão para uma das sacas. Cada uma delas pesava 22kg. Davis não devia executar uma tarefa tão exaustiva em sua idade avançada, mas não era tolo para dar voz ao pensamento.

– Onde está Conner? – perguntou.

O subtexto não dito era: *e por que ele não está aqui para ajudá-lo a descarregar o caminhão?*

– Tricia está se sentindo especialmente frágil hoje – respondeu Davis, erguendo outro saco e aguardando para entregá-lo a Brody. – A intervalos regulares, Conner está indo lá para verificar como ela está. A verdade é que, provavelmente, a está deixando maluca com esse entra e sai constante, mas, afinal, ele é um Creed, e isso significa que não aceita conselhos.

Brody recebeu a segunda saca e a empilhou no estoque, enquanto Davis erguia outra.

– Tricia está bem? – perguntou, preocupado.

– Ela disse a Kim que estava bem, e não vimos razão para duvidar da palavra dela – retrucou Davis. Em seguida, não se enganando com a tentativa de Brody em parecer casual, acrescentou: – Mulheres grávidas se cansam com facilidade. Isso não significa que estejam passando mal ou prestes a perder o bebê. Tricia tem um verdadeiro ser humano se formando dentro dela, e isso tem seu custo.

O passado dava um jeito de emboscar Brody quando ele menos esperava. De repente, os joelhos ameaçavam dobrar e sentiu como se todo o ar lhe tivesse sido retirado dos pulmões.

– Bebês morrem – disse ao tio, sem fitá-lo. – E as mães também. – Davis parou no ato de lhe entregar outra saca da ração e deixou escapar um assvio baixo entre os dentes. Barney, ocupado em farejar cada canto do celeiro que podia alcançar, estacou ao ouvir e correu para o lado do dono. Brody fez carinho na orelha do animal, mas voltou o olhar a Davis, que se encontrava de pé sobre a traseira do caminhão, observando-o. – Podemos simplesmente esquecer o que acabei de dizer? – perguntou. Apesar de tentar soar casual, as palavras saíram ásperas e um pouco roucas.

– Não – respondeu Davis, à sua maneira taciturna, após pular da traseira do caminhão para se postar diante do sobrinho. – Não podemos.

– Não sei se estou pronto para falar sobre isso – disse Brody.

Davis lhe deu um aperto breve no ombro e se inclinou para trás, sentando-se na comporta de descarga estendida do caminhão.

– Esperarei – disse ele, com uma piscadela afetuosa e um breve sorriso.

Brody suspirou e depois soltou uma risada. Ao menos, tivera a intenção de rir, embora o som se parecesse com outra coisa.

– Não nasci ontem – disse ao tio, com expressão sombria, em outra tentativa malograda de humor. – Sei que Conner contou a você e a Kim sobre minha esposa... falecida esposa... e sobre o menino que tivemos.

– O que quer que Conner tenha dito ou não, teve a melhor das intenções – retrucou Davis, no mesmo tom grave e sólido que utilizara para assegurar aos três garotos que tudo ficaria bem, quando se apavoravam ao assistir filmes de terror por horas a fio. Após todo aquele banho de sangue na tela, trovões das tempestades de verão ou de ratos nas vigas, todos ficavam

convencidos de que estavam prestes a experimentar um massacre ali mesmo, no quarto que ocupavam na casa do rancho.

Davis sempre fora capaz de afastar todos aqueles temores apenas ao lembrá-los que estava ali, sob o mesmo teto que eles. A simples presença do tio era suficiente, embora suas palavras também fossem reconfortantes. Não precisava dizer que qualquer pessoa ou coisa que quisesse ferir algum membro de sua família teria de passar por cima de Davis Creed primeiro e, para tanto, seria necessário um exército ou dois.

Atualmente, os demônios de Brody não se originavam de nenhum filme, e sim das cavernas ocultas de seu coração, das obscuras partes de sua mente. Encontravam-se adormecidos até que algo os estimulasse a despertar.

Honrando a própria palavra, Davis aguardava.

Brody tentou esticar o braço para trás dele e pegar outro saco de ração, continuar como se nada tivesse sido dito. Porém, o tio o impediu segurando-lhe o antebraço. Davis podia estar na faixa etária dos cinquenta anos, mas ainda possuía muita força.

Naquele instante, Conner entrou no celeiro. Brody não viu ou ouviu a chegada do irmão, apenas sentiu um puxão naquela corda invisível que ligava um ao outro.

Davis teve de soltar o braço do sobrinho. Segurara-o apenas para frisar sua posição. E havia uma mensagem silenciosa em seus olhos, enquanto desviava o olhar de um sobrinho para o outro.

– Tricia está bem? – perguntou Brody, sem girar.

Conner ficou em silêncio por um energizado instante, antes de responder em tom rude:

– Ela afirma que ficará bem se eu deixa-la em paz por tempo suficiente para que possa cochilar por uma hora ou duas. – Brody anuiu, mas não se virou para encarar o irmão. – Isso é o que estou pensando? – perguntou Conner, aproximando-se para estacar ao lado do irmão gêmeo. Trouxera seu cachorro, além de Valentino e Barney, que, obviamente alheios a todo aquele drama humano, trotaram pela entrada dos fundos do celeiro e desapareceram sob o sol escaldante.

– Que diabos de pergunta esquisita é essa? – quis saber Brody, lançando um olhar furioso de canto de olho a Conner e esperando que o assunto mudasse de curso, como um rio desviado por uma explosão de dinamite.

– Brody... – começou Davis, com a voz arrastada, fitando Conner – está prestes a sair de seu próprio esconderijo. Mas não se engane. Ele não quer falar sobre a esposa e o filho pequeno.

Conner se moveu para pousar uma das mãos no ombro do irmão, mas, em uma decisão sábia, preferiu não fazê-lo.

– Conteí a Davis e Kim o que me disse – confessou com a voz calma, de modo direto e sem nenhum traço de arrependimento. – Sobre Lisa, Justin e o modo como os perdeu.

Não havia por que alegar que contara a Conner sua história, acreditando que ele a mantivesse em segredo. De alguma forma, sabia que o irmão a confiaria aos tios, se não a mais ninguém. Talvez, no fundo, até mesmo tivesse esperado que o irmão lhes contasse. Daquela forma, Davis e Kim saberiam a amarga verdade sem que Brody tivesse de lhes relatar o que aconteceu.

Sentindo-se pressionado contra a parede, Brody alternou o olhar entre o tio e o irmão.

– Se já sabe – começou, em tom tenso e racional –, para que repetir tudo?

– Porque precisa fazer isso – respondeu Davis, sério e firme. – Essa tragédia o está corroendo por dentro como ácido, filho. Manter esse segredo encurralado em seu íntimo o afastou de sua casa, de sua gente e de muito mais por um longo tempo. Não acha que está na hora de colocar isso para fora?

Brody escorregou uma das mãos pelo cabelo, quase não percebendo que deixara cair o chapéu com o gesto. Não se moveu para erguê-lo.

– Lisa disse-me que colocaria o bebê na adoção se eu não me casasse com ela – começou Brody, soando, até para os próprios ouvidos, como um homem discursando das profundezas de uma febre avassaladora. Não enxergava Davis ou Conner, apenas uma torrente embaçada de cenas ocorridas anos atrás. – Se eu a deixasse, se não tivesse abandonado Carolyn no meio da noite e corrido para colocar uma aliança no dedo de Lisa, Justin

ainda estaria vivo. Um menino crescido, com pais e talvez irmãos... – A voz de Brody baixou até um silêncio doloroso. Era como se o mecanismo que lhe movesse o discurso tivesse enferrujado e, em seguida, emperrado.

– Costumava pensar que meu irmão, Blue, teria vivido – disse Davis. – Se eu tivesse mudado qualquer detalhe naquela manhã que o pai de vocês tentou montar naquele cavalo bravo. Se eu o tivesse acordado alguns minutos mais tarde, ou esticado o café da manhã para mais uma ou duas xícaras de café, ou mesmo começado algum tipo de briga com ele. *Qualquer coisa* para mantê-lo fora do lombo daquele garanhão. Mas ele estava determinado a fazer aquela montaria, Brody, e se não tivesse sido atirado longe pelo animal enlouquecido naquele dia, teria sido em outro. O que estou tentando lhe dizer é que as pessoas parecem vir a este mundo com uma lista inscrita em suas almas com coisas que precisam fazer enquanto estão aqui. Velhos ou novos, quando o trabalho é concluído, elas partem.

Depois disso, todos ficaram em silêncio.

Não havia necessidade de palavras.

Capítulo Treze

CAROLYN TIVERA um sono agitado na noite anterior e acordou mais cedo, sentindo-se mais fatigada do que descansada.

Alimentou Winston, preparou uma xícara de café instantâneo para si e espiou pela janela, o surgimento de um dia de maio azul e dourado. No quintal do vizinho, assim como à distância, os sempre graciosos choupos-do-canadá brilhavam e se deslocavam como as fitas da saia cigana.

De todos os lugares onde morara, o que mais gostava era o Colorado. Especialmente quando a primavera evoluía para o verão com tanta rapidez, como parecia acontecer naquele ano.

Com a mente nublada pela falta de sono e sonhos agitados que mal conseguia se lembrar, Carolyn se imaginou sobre o lombo de um cavalo, trotando pela trilha torta à margem da colina do rancho Creed ou ao longo da barragem do rio. A atmosfera era rarefeita naquelas terras elevadas, mas, uma vez que se acostumasse a ela, cada inspiração de ar fresco era extasiante.

Carolyn mordeu o lábio inferior, refletindo sobre suas opções. Aquele era um dia de semana e tinha de abrir a loja, no máximo, às 9h30 da manhã, mas aquilo ainda a deixava com algumas horas de liberdade. Caso se apressasse, poderia dirigir até a casa de Kim e Davis, selar a velha Blossom e subir as colinas. Ou a trilha que serpenteava a margem do rio.

Uma cavalgada dispersaria as teias de aranha de seu cérebro e talvez até lhe abrandasse a ansiedade dolorosa do coração, aquela com que despertara com os resquícios dos sonhos que havia esquecido.

Ou negado.

Apressando-se, antes que tivesse tempo de mudar de ideia, tomou um banho, vestiu o costumeiro jeans e camiseta e, devido ao inevitável frio da manhã, acrescentou uma camisa de flanela de manga comprida. Calçou as meias, as botas e se despediu de Winston, prometendo-lhe voltar em breve.

O trajeto em si até o rancho Creed foi revigorante. Carolyn mantinha as janelas do carro abertas até a metade e escutava o CD de Keith Urban enquanto dirigia.

Quando a casa de Davis e Kim e o celeiro entraram em sua linha de visão, ela cantava a todos pulmões.

Kim saiu da casa quando Carolyn estacionou, com um sorriso de boas-vindas. Os minúsculos cachorros saltitavam a seus pés.

– Entre e tome um café – convidou Kim. – Tenho um pedido a lhe fazer.

Kim Creed era uma amiga querida e muito estimada, mas Carolyn não queria se sentar e tomar café. Desejava cavalgar.

– Estava pretendendo levar Blossom para dar uma volta – retrucou ela, parando para sorrir diante do comportamento engraçado dos cães. – O que queria me pedir?

Kim ergueu os Yorkies, um em cada mão, e se aproximou de Carolyn.

– Davis e eu estamos ansiosos para passarmos uma ou duas semanas em Stone Creek, mimando nossos netos – disse ela. – Aliviar Steven e Melissa, para que possam viajar por alguns dias, sozinhos. Mas, para isso, precisamos de alguém para ficar aqui e tomar conta da casa enquanto estivermos fora. Pode fazer isso para nós?

– Ficaria muito feliz em tomar conta da casa – retrucou Carolyn, satisfeita. Por mais que adorasse seu apartamento no segundo andar da casa de Natty McCall, gostava de uma mudança de cenário de vez em quando também. E, embora a casa de outras pessoas geralmente a deixasse se sentindo desraigada e mais à deriva do que nunca, aquele era o rancho

Creed. Por alguma razão, sempre se sentia em casa ali. – Tudo bem se trazer Winston comigo?

– Isso seria ótimo – respondeu Kim, esfregando o rosto nas cabeças dos cachorros alternadamente. Àquela hora da manhã, o manto de pelos tosado com esmero de Smidgeon e Little Bit's já se encontrava escovado e brilhante, e os topetes, amarrados com fitas amarelas.

– Brody passará duas vezes por dia para alimentar e cuidar dos cavalos. Basta chamar Conner ou Brody se tiver algum tipo de emergência. É mais do que bem-vinda para cavalgar com Blossom a qualquer hora, mas Davis não quer que se aproxime do puro-sangue. Firefly é muito perigoso.

O puro-sangue era perigoso?

Não chegava aos pés de Brody no que se referia a arranjar confusão.

– Kim Creed – começou Carolyn, com uma irritação afetuosamente –, se Brody está incumbido de tomar conta dos cavalos, por que não pode passar a noite aqui também e tomar conta da propriedade? – Calou-se, divertindo-se com a expressão tímida da amiga. – É imaginação minha ou está tentando nos juntar?

De novo.

As faces de Kim adotaram um tom rosado, mas os olhos começaram a sorrir antes dos lábios.

– E eu seria capaz de fazer uma coisa dessas? – desafiou.

– Em um estalar de dedos – retrucou Carolyn, com convicção sorridente.

Kim não pensava apenas rápido, mas visivelmente. O mecanismo por trás daquele rosto ainda adorável estava a todo o vapor. Por fim, ela inspirou fundo e soltou o ar.

– Brody não pode dormir aqui porque terá de tomar conta de sua própria casa. Quero dizer, da construção nova. Há sempre o risco de roubo ou vandalismo, sobretudo depois que o sol se põe.

Carolyn soltou uma risada e revirou os olhos, imaginando se Kim estava sabendo do encontro que ela e Brody haviam marcado para a noite de sábado.

Decidiu não mencioná-lo, no caso de a fofoca não ter chegado aos ouvidos de Kim. Não fazia sentido alimentar a fogueira da especulação,

ainda mais quando a noite com Brody tinha grande possibilidade de se revelar um anticlímax.

Ou uma tremenda discussão.

Quando se tratava dos dois, parecia não haver um meio-termo.

– Fará isso então? – insistiu Kim. – Ficar aqui enquanto Davis e eu estivermos em Stone Creek? Sei que tem a loja para gerir, mas, fora isso...

Em silêncio, Carolyn completou a frase da amiga.

Fora isso, não tem vida própria.

– Ficarei aqui – concordou Carolyn em tom gentil. Kim e Davis sempre foram carinhosos com ela, e a confiança que lhe depositavam era algo que prezava. Não poderia recusar o pedido sem uma razão mais consistente do que a compulsiva necessidade de evitar Brody sempre que possível. – Quando partirá para Stone Creek?

– Na manhã de domingo – respondeu Kim, relanceando o olhar na direção do celeiro com um sorriso discreto e torto. – Vá em frente e sele Blossom. Sei que seu tempo é limitado e não quero insistir para que tome café.

Em um impulso, Carolyn a abraçou, com cuidado para não amassar os pequenos cachorros.

– Por que isso? – perguntou Kim com a expressão surpresa, mesmo enquanto sorria.

– É uma boa amiga – respondeu Carolyn, girando para se afastar, mas olhando por sobre ombro. – E sou agradecida a você e por você.

O majestoso puro-sangue, o rei da manada, relinchou uma saudação para Carolyn quando ela passou pela cerca do curral, dirigindo-se ao celeiro.

– Bom dia, bonitão – disse ao gigantesco capão. Que admirável criatura era aquele animal, parado lá, com a cabeça elevada e as orelhas projetadas para frente, toda a estrutura banhada pelo sol da manhã!

Instantes depois, Carolyn alcançou a porta da baia de Blossom.

A pequena égua parecia pronta para um passeio e se submeteu, satisfeita, a todo o costumeiro ritual: manta de sela, sela, rédeas, cilhas e, por fim, uma rápida verificação nos cascos.

– Está ficando gorda de ficar parada neste celeiro ou lá fora na pastagem
– disse Carolyn ao animal, guiando-a para o extemporâneo ar quente da manhã. – Vamos fazer um pouco de exercício.

Carolyn escolheu a rota que levava à colina, oposta à que margeava o rio, principalmente porque não queria avistar a fabulosa casa de Brody do outro lado do rio, cada dia mais perto da conclusão.

Acabaria ele se casando com Joleen?

Ou com outra mulher que ainda não entrara em cena?

Brody criara um perfil experimental no Friendly Faces. Apesar de ter postado a foto de seu cavalo no lugar da dele, não lhe faltariam encontros em perspectiva... ou pretendentes. Afinal, ele era o protótipo do jovem, solteiro, belo e com segurança financeira, senão rico.

As forasteiras podiam não saber, mas muitas mulheres disponíveis de Lonesome Bend sabiam e não hesitariam em tentar um encontro com ele.

E se Brody se apaixonasse por uma delas?

Então, *ele se apaixonaria por uma delas*, pensou Carolyn em resposta à pergunta silenciosa.

Apoiou um dos pés no estribo e deu impulso para subir no lombo de Blossom. Ávida por se punir no que concernia a Brody Creed, Carolyn imaginou um casamento, lotado de convidados. Uma linda noiva, com um noivo belo e sensual, Brody, prometendo amá-la, honrá-la e protegê-la.

Uma coisa levava a outra. Visualizou Brody e a mulher sem rosto, partindo em lua de mel.

Em sua imaginação, testemunhou o retorno do casal a Lonesome Bend. Brody carregaria a esposa pela soleira da porta daquela deslumbrante residência. A maldita sabia até mesmo cozinhar, e logo um bebê estaria a caminho.

Deixando que Blossom escolhesse o caminho, Carolyn corou ante tal pensamento.

A nova senhora Creed provavelmente frequentaria sua loja, afinal seria a cunhada de Tricia e, por conseguinte, não precisaria de nenhuma desculpa para visitá-la. E ela teria de assistir à barriga da mulher crescendo com um filho de Brody.

– Pare com isso! – reprimou a si mesma em voz alta.

Blossom, sem dúvida pensando que Carolyn falava com ela, estacou e olhou para trás com cômica curiosidade equina.

– Desculpe – disse Carolyn em tom gentil, dando palmadinhas no pescoço da égua. – Não estava falando com você.

Parecendo satisfeita, Blossom prosseguiu com o trote.

Nesse meio-tempo, Carolyn voltou a sonhar acordada e não se deu conta quando a égua abandonou a trilha inclinada e seguiu por um matagal de choupos-do-canadá em direção à margem de Hidden Lake.

Hidden Lake.

O coração de Carolyn quase deixou de bater quando percebeu onde estavam. Tomara cuidado em evitar aquele lugar, desde a última vez em que estivera lá, anos atrás... com Brody.

Os dois haviam acampado na margem, dividindo um único saco de dormir dentro de uma tenda de abrigo feita para uma pessoa. Assavam o que pescavam em uma fogueira a céu aberto.

E, oh, como haviam feito amor!

Carolyn nunca se sentira mais feliz, antes ou depois disso.

– Vamos sair daqui – disse ela a Blossom, puxando de leve as rédeas.

Mas a égua forçou o tronco para frente, prosseguindo com dificuldade até entrar na água cristalina e a beber com avidez.

Com um suspiro, Carolyn recuou Blossom até a margem e desmontou para caminhar um pouco e dissipar a cãibra das pernas. Ultimamente, levava muito tempo entre uma cavalgada e outra, portanto, quando o fazia, sentia os reflexos da falta do exercício no interior das coxas e na coluna lombar.

Blossom entrou na água outra vez, baixou a cabeça e satisfez a sede.

Olhando ao redor, mais uma vez se viu extasiada com a beleza do lugar. Com as árvores filtrando a luz do sol e a fazendo dançar com as sombras das folhas na superfície da água, parecia um recanto sagrado, quase como uma catedral. Estava extremamente quente para uma manhã de maio, e Carolyn retirou a blusa de flanela, pendurando-a em um seixo próximo para desfrutar do calor do sol em seus ombros e braços. Não deveria estar se

detendo ali, pensou. Tinha de abrir a loja dentro de uma hora. Teria de tomar outro banho e trocar de roupa antes. Porém, o silêncio, as árvores, o canto das aves, tudo representava um consolo para a alma.

Por fim, a pulsação sensual da água se provou mais do que Carolyn podia resistir. Tão raramente impulsiva, ela se viu retirando as botas em um ímpeto, descalçando as meias e caminhando com dificuldade até as águas de Hidden Lake, que refletiam o azul do céu.

A temperatura era amena, e a sensação, tão suave quanto seda liquefeita. Carolyn rolou as pernas da calça jeans para cima e se aventurou um pouco mais adiante. O fundo do lago era coberto de pedras minúsculas e macias, que lhe roçavam a planta dos pés como os dedos de uma habilidosa massagista.

Atirando a cabeça para trás e fechando os olhos, Carolyn se entregou à sensação de paz, ao deleite da água, à suave massagem das pequenas pedras nas solas dos pés, à luz do sol que se infiltrava entre os galhos dos choupos-do-canadá que se arqueavam acima como enormes pilares amparando o céu.

Apesar do muito que mudaria em seu passado, presente e futuro, caso fosse possível, no momento presente, Carolyn considerava apenas as coisas boas.

Era jovem, saudável e amava a própria vida. Adorava trabalhar na loja, costurar, andar a cavalo e tomar conta de Winston. Amava seus amigos e o modesto apartamento no centro de Lonesome Bend, Colorado, que lhe *parecia* um lar, apesar de não ser.

Era abençoada em comparação a muitas mulheres.

Blossom relinchou, atraindo a atenção de Carolyn. Ela girou, observando a égua se afastar pela barragem inclinada para pastar, contente, sobre a grama macia, as rédeas frouxas atrás do cepilho da sela.

De repente, uma ânsia avassaladora de se despir e nadar naquele lago a assolou. Ela saiu da água, na intenção de se dirigir de volta à égua, mas, em vez disso, se descobriu retirando as roupas e as estendendo sobre um seixo seco, junto com a blusa de flanela que retirara antes.

Voltou a entrar no lago, ofegando com o impacto inicial da temperatura, mas se adaptando rapidamente. Nadou para a parte mais funda e, em

seguida, se deitou de costas para boiar e apreciar o azul estonteante do céu.

Aquele era um tempo fora do tempo. Deixou-se flutuar, como em um mundo mágico, paralelo ao que estava acostumada a habitar.

E, então, ouviu um som... outro cavalo em algum lugar por perto.

Com o coração batendo descompassado, Carolyn parou de boiar para caminhar pela água. Os olhos estavam estreitos enquanto os deslizava pelas árvores à procura do intruso.

Tudo se encontrava no mais perfeito silêncio agora. Até mesmo o canto das aves cessara.

Carolyn estava convencida de que ouvira um cavalo, e não se tratava de Blossom. A égua ainda estava pastando.

– Quem está aí? – gritou Carolyn, um tanto trêmula, enquanto assustadoras manchetes de jornal lhe vinham à mente. “Mulher encontrada morta próximo a um lago remoto”. “Dona de loja local assassinada em ataque brutal”...

E lá ia a imaginação fértil de Carolyn de novo!

Provavelmente ouvira um veado ou, como o gado costumava pastar por todo o entorno do rancho Creed, talvez uma vaca ou um cavalo desgarrado.

E, então, Brody apareceu, cavalgando entre os choupos-do-canadá, e desmontou do lombo de seu capão de cor amarelada, Moonshine. Ele sorriu, retirou o chapéu e o pendurou no cepilho da sela. Em seguida, acalmou uma agitada Blossom, murmurando-lhe palavras confortadoras e lhe dando palmadinhas no pescoço.

O coração de Carolyn deu um salto e foi parar na garganta. Coisas como aquela só aconteciam nos livros de romance ou em filmes antigos.

Não aconteciam com ela, não na vida real. Poderiam existir uma ou duas fantasias, mas eram apenas... bem... fantasias.

– Essas roupas são suas? – perguntou Brody, em tom suave, gesticulando com a cabeça na direção do seixo e da pilha de peças descartadas.

Carolyn foi assolada por uma onda de raiva genuína, que lhe fez corar as faces.

– De *quem* mais poderiam ser? – indagou. – E o que está fazendo aqui? Você me seguiu?

– Davis me pediu para cavalgar ao longo da cerca – respondeu Brody, retirando uma das botas. – É um de seus conselhos para o que ele chama de “mau humor”. Trabalho pesado ou longas cavalgadas. De repente, avistei você e Blossom desviando da trilha e decidi segui-la para me certificar de que estavam bem.

A outra bota também foi descartada.

Carolyn foi invadida pelas lembranças da última vez em que estivera ali com Brody. Na ocasião, estava muito frio para nadar. Agora, surpreendia-a o fato de o lago não entrar em ebulição.

– O que está fazendo? – disparou, ainda andando pela água, embora se afastasse da margem e de *Brody*.

– Está um dia lindo – retrucou, evitando a pergunta com habilidade e atirando o chapéu sobre as botas. – Muito quente para maio, não acha? Perfeito para se nadar nu.

– Brody Creed. Não se atreva...

Retirando a camisa pela cabeça, ele a atirou para o lado. O peito escultural era salpicado de pelos dourados. O tempo fora generoso com Brody Creed.

Droga!

– Este é um país livre – respondeu ele. A fivela do cinto tilintava ao ser aberta. – E este lago *está* nas terras Creed.

– Vou embora – disse Carolyn, ofegando. – Vire-se de costas, para que eu possa sair da água, me vestir e logo partirei...

Brody escorregou o zíper da calça jeans.

Aquilo não era resposta, pensou Carolyn, frenética. Ou era?

Fechou os olhos com força, tentando pensar. A respiração saía entrecortada e o coração batia como um tambor contra a caixa torácica.

Queria estar em qualquer lugar que não fosse ali.

Não queria estar em nenhum lugar a não ser ali.

Ouviu a água esguichar e sentiu o movimento sutil e sensual da leve ondulação. Quando a curiosidade a fez abrir os olhos, se deparou com Brody parado diante dela.

Contas cristalinas luziam nos cílios espessos, e o sorriso que lhe curvava os lábios era detestavelmente cativante como sempre. Talvez mais.

Do pescoço para baixo, para onde Carolyn forçou-se a não olhar, ele era uma sombra ondulante. A luz do sol, filtrada pelas folhas dos choupos-do-canadá, cintilava nas mechas douradas de cabelos. E aquele sorriso... bem... aquele sorriso.

– Relaxe – disse ele com a voz arrastada, os olhos azuis impregnados de um divertimento malicioso... e algo mais que devia ser desejo. – Nunca a forçaria ou qualquer outra mulher a fazer nada que não quisesse.

Carolyn sabia que aquela era uma afirmação totalmente verdadeira. Porém, não era em nada confortadora.

– Não – murmurou ela, sem saber se dirigia aquela única palavra a Brody ou a si mesma.

– Não o quê? – perguntou ele, erguendo uma das sobrancelhas. Carolyn tinha certeza de que ele sabia muito bem “não o quê?”. Mas ela saberia? Deixando escapar um profundo suspiro de contentamento, Brody atirou a cabeça para trás, fechou os olhos, inspirou o ar sob o céu azul com o mesmo deleite de Carolyn há pouco. Embora ainda nervosa, ela aproveitou aqueles momentos roubados para admirá-lo. A linha bem marcada da mandíbula, os cílios longos, os cabelos adornados com pingos de água. Quando ele abriu os olhos, a surpreendeu o observando, fazendo-a ofegar, assustada. Aquilo o fez soltar uma risada abafada e Carolyn corou. – Lembra-se da última vez em que estivemos aqui? – perguntou ele, em tom moroso, quase sonolento. – Estava bem mais frio do que agora e mantínhamos uma fogueira acesa durante toda a noite. Não que precisássemos dela para nos aquecer.

Agora foi a vez de Carolyn fechar os olhos, enleada naquela visão como um peixe em uma rede. Não precisaram de uma fogueira. O modo como faziam amor os fizera arder em brasas.

– Lembro – murmurou ela em tom suave.

– Carolyn – chamou Brody. – Abra os olhos e relaxe. Não estou tentando seduzi-la.

– Pois parecia que sim – protestou Carolyn, sendo mais uma vez assolada pela raiva. – Retirando as roupas e pulando direto neste lago quando lhe

pedi que não...

Brody soltou uma risada. Deixou pender a cabeça para trás e *gargalhou*. Certamente não lhe faltava vigor.

Carolyn fervilhou de raiva.

– Estava nua quando entrei aqui, lembra? – perguntou Brody, quando o rompante de humor suavizou um pouco. – Como poderia saber que não estava *esperando* que eu aparecesse para seduzi-la?

Se a água não lhe limitasse a dinâmica, ela poderia jurar que seria capaz de quebrar todas as suas regras contra a violência e esbofeteá-lo. Com força.

– Como poderia saber – contrapôs Carolyn, furiosa – que estava me seguindo como um... um assediador? Acha mesmo que eu teria me despedido se tivesse a mais leve impressão de que você iria aparecer aqui?

Dessa vez, Brody não riu. O olhar era austero, com apenas um sutil brilho malicioso, enquanto a fitava.

– Não poderia imaginar que tiraria a roupa por nenhuma razão – arrastou as palavras. – Ainda mais para nadar em um lago da montanha que não costuma estar aquecido antes de meados de agosto.

Quando ele teria se aproximado?, imaginou Carolyn distraída, recuando um passo atrás e olhando ao redor do lago à procura de Blossom.

Nenhum sinal da égua.

O animal devia ter se afastado em algum momento, o que era maravilhoso, porque agora Carolyn não estava apenas nua, envergonhada e sozinha com Brody, no que parecia ser uma cena do filme *A Lagoa Azul*. Além de tudo isso, se encontrava ilhada.

– Blossom! – gritou ela, contornando Brody e se dirigindo à margem. Porém, estacou quando percebeu que estava prestes a revelar a própria nudez. – Blossom, onde está você?

Nada.

Brody surgiu ao lado dela.

Carolyn se agachou um pouco e cruzou os braços sobre os seios. Os mamilos estavam enrijecidos e não apenas pela temperatura da água.

– Blossom tem uma característica – começou Brody, tranquilo, evidentemente se divertindo com aquela nova ocorrência em uma situação,

por si só, absurda. – Ela sempre foi afeita a sumir. Provavelmente, deve estar a meio caminho de casa agora.

– Não diga isso – disparou Carolyn. – Sequer *pense* nisso.

– Eu e você podemos montar Moonshine. – Ele fez uma pausa e suspirou.

– É melhor irmos. Kim terá uma síncope quando aquela égua entrar trotando pelo curral com a sela vazia.

– Tenho de pegar minhas roupas primeiro – disse Carolyn. Tudo que precisava agora era de Kim pedindo ajuda a Davis quando Blossom voltasse sozinha e os dois virem à sua procura.

Brody soltou outra risada abafada, mas se virou de costas lentamente.

– Não olharei até que me diga que posso – prometeu.

Vestir as roupas com movimentos bruscos e rápidos fez a frustração se alastrar pelas veias de Carolyn quando se encontrava decente.

– Acabei – disse ela, de má vontade.

Brody girou e saiu da água, tão preocupado com a própria nudez quanto Adão no paraíso.

Carolyn virou de costas e cruzou os braços sobre o peito.

Brody resmungava bem-humorado enquanto se vestia e assoviou para chamar Moonshine quando estava pronto.

O cavalo capão veio direto ao encontro dele, dócil como um pônei de aluguel em uma feira de gado.

– Precisa de ajuda? – perguntou Brody, com a voz tão suave como o toque de uma pena contra a pele sensível da nuca de Carolyn.

Deslizando o olhar ao redor mais uma vez à procura de Blossom, mas sem encontrar nenhum sinal da criatura, ela montou sobre a sela de Moonshine com a habilidade da amazona que era.

Por mais ou menos um segundo, Carolyn considerou sair cavalgando e deixar que Brody caminhasse de volta a casa, mas claro que não podia fazer aquilo. O Código do Oeste datava de muito tempo e estava arraigado nela. E um de seus princípios era que nunca se toma o cavalo de alguém, deixando-o a pé.

Até mesmo agora, nos tempos modernos, havia muita coisa ruim que poderia acontecer a um cavaleiro desgarrado.

Brody soltou uma risada entredentes, lendo-lhe a expressão do rosto com precisão e subindo para se acomodar atrás dela, ágil como um guerreiro indígena.

– Sabia que não era uma ladra de cavalos – disse ele, inclinando-se para frente, sobre Carolyn, para pegar as rédeas.

– Co...como? – perguntou ela. Maldito Brody, por sugerir que o lago estava muito frio para se nadar naquela época do ano. Agora seus dentes estavam tiritando e podia sentir um espirro se formar na passagem de seus seios nasais.

Brody instigou Moonshine a um trote rápido.

– Bem, só por uma coisa – respondeu ele. – Está lhe faltando o grande bigode de bandoleiro.

Carolyn não riu. Não riria.

Mas estava com vontade e, provavelmente, Brody sabia disso.

Cavalgaram para fora do matagal de choupos-do-canadá e pegaram a trilha, ganhando velocidade enquanto prosseguiam.

Carolyn tentava não notar o peito sólido como o de uma estátua às suas costas, o calor do corpo musculoso que lhe traspassava o frio da pele úmida, aquecendo-a e lhe acelerando as batidas do coração.

Deveria estar aliviada por não terem feito amor, supôs Carolyn, e estava. Quase. Mas também não podia negar o sutil despontamento.

Como há pouco, Brody parecia saber no que ela estava pensando.

O que só serviu para provar o quanto aquele homem era arrogante.

E como estava certo.

Brody inclinou a cabeça, tocou-lhe a nuca com a ponta da língua e deixou escapar um som que imitava uma risada suprimida, quando ela reagiu com um breve gemido.

– Lá no lago – disse ele, a voz rouca e quase hipnótica, porém audível acima do som dos cascos de Moonshine contra o caminho de terra batida. – Desejava deitá-la na grama e fazer amor com você. Sabe por que não tentei?

Um tremor, tão involuntário quanto o gemido, perpassou o corpo de Carolyn.

– Não tentou... – Carolyn conseguiu dizer – porque sabia que eu lhe arrancaria os olhos das órbitas.

Brody soltou uma risada.

– Não tentei... – retrucou – porque não tinha um preservativo por perto.

Carolyn ainda estava transtornada, mas tivera a presença de espírito de imaginar por que Brody não tentara fazer amor com ela, quando teve a chance.

– De qualquer forma, não teria conseguido – afirmou ela, tensa e talvez com um pouco de demora.

– Está me desafiando? – quis saber Brody.

Controlar o cavalo, mesmo com uma pessoa sentada a sua frente, era algo que não lhe requeria nenhum esforço. Era como se fizesse parte do animal, de tão à vontade que se encontrava.

– Se for esse o caso, estou disposto a enfrentar o desafio... por assim dizer.

Um desejo intenso assolou todo o corpo de Carolyn. Ainda se encontrava muito obstinada e agitada para encontrar uma resposta adequada.

Brody riu, erguendo uma das mãos para escorregar sob a blusa de flanela larga e espalmá-la sobre o seio firme. Mesmo sobre a camiseta e o sutiã, ele devia ter sentido o mamilo se enrijecer com o toque.

Foi necessário todo o considerável autocontrole de Carolyn para lhe segurar o punho e lhe afastar a mão.

– Temos um acordo – lembrou ela, sucinta. – Nada de *sexo*. Lembra?

– Isso deve ter sido um tanto precipitado de nossa parte – respondeu ele.

– Quero dizer, decidir nos privar de algo tão bom. – O hálito de Brody lhe roçava a orelha direita e, em seguida, ele lhe mordeu de leve o lóbulo.

Carolyn suprimiu outro gemido e lhe desferiu um rápido golpe com o cotovelo.

– Pare com isso.

Mais uma vez, ele suspirou. Naquele momento, Moonshine desenvolvia um trote suave, e o movimento do cavalo somado ao contato do corpo de Brody... bem... era para lá de sensual... quase orgástico.

– Esse nosso acordo está... em aberto? – perguntou Brody por fim.

– O... o que quer dizer com isso? – perguntou Carolyn, satisfeita em ver a égua fujona a curta distância, sã e salva.

– Quero dizer... – Ele quase sussurrou, não fazendo nenhum comentário sobre o reaparecimento de Blossom, embora certamente a tivesse avistado – que o acordo sobre a ausência de sexo não está me agradando. Temos de discutir isso.

– *Discutir* isso? – repetiu ela. – Não é exatamente “discutir” que quer dizer e sabe muito bem.

Emparelharam com Blossom, e Carolyn alçou uma das pernas sobre pescoço de Moonshine, desmontando, enquanto Brody se inclinava para segurar as rédeas de Blossom, caso a égua quisesse fugir outra vez.

– O que quis dizer, então, já que parece saber? – perguntou Brody, exibindo aquele sorriso outra vez. Soltou a rédea quando Carolyn estava montada na égua, mas moveu Moonshine de lugar, não lhe deixando um centímetro de espaço. A perna esquerda estava colada à direita de Carolyn.

– Pois, para mim, está ótimo – disse ela, ignorando a pergunta.

– O que está ótimo para você?

Carolyn corou.

– O acordo da abstinência de sexo – respondeu, girando Blossom na direção da casa e a incitando de leve com os calcanhares nos flancos.

Brody a alcançou.

– Esse foi um comentário peculiar – disse ele, em tom suave. – Porque essa greve de sexo obviamente está sendo tão desagradável para você quanto para mim.

– Greve de sexo? – retrucou ela. – Isso não é criativo?

– Oh, tenho uma imaginação muito fértil.

– Cale a boca!

Claro que ele não obedeceu.

– Por que não consegue simplesmente admitir isso? Apesar de termos acabado errando o passe de bola, tem de concordar que o sexo entre nós era maravilhoso.

Até mesmo ela, a rainha da negação, não poderia refutar aquela afirmação.

– Não maravilhoso o suficiente, claro – retrucou Carolyn, lançando-lhe um olhar irado. – Não consegui mantê-lo em Lonesome Bend, certo?

Agora que haviam recuperado Blossom e não corria mais o perigo de Kim e Davis enviarem um destacamento policial para encontrá-la, Carolyn dispunha de tempo para dar vazão à raiva dentro dela.

Deveria estar na loja àquela hora, com a porta destrancada e ostentando a placa de “aberto”.

Em vez disso, era provável que Tricia estivesse lá sozinha, imaginando onde diabos ela se encontrava.

Estava tão absorta naquele pensamento e outros semelhantes que não percebeu de imediato a estranha imobilidade de Brody.

Um olhar de relance confirmou a intuição.

A mandíbula firme se encontrava contraída, a espinha, ereta como uma vareta, e tinha o olhar fixado à frente, entre as orelhas de Moonshine. Cavalos e égua seguiam em um trote lento agora.

– Como disse antes – prosseguiu ele, sem lhe voltar o olhar –, está na hora de termos uma conversa.

– Não sei se temos alguma coisa a dizer um ao outro – respondeu Carolyn, na esperança de que aquelas palavras não tivessem soado tão tristonhas como as *sentira*.

Por fim, ele lhe sustentou o olhar. A expressão era séria.

– Tenho muito a lhe dizer – afirmou. – E pretendo fazê-lo.

O pânico bateu as asas sob a caixa torácica de Carolyn, lhe fazendo o coração se debater como um pássaro enlouquecido.

– Tenho de voltar à loja. Não planejava demorar tanto e...

– Pode ser mais tarde – respondeu ele, quando por fim Carolyn se calou.

– Na sua casa ou na minha?

Na sua casa ou na minha?

Qualquer uma das duas opções era um negócio arriscado.

Mas era certo que Brody não lhe permitiria dispensá-lo.

– Que tal na cafeteria? – perguntou Carolyn, animada. – Poderíamos nos encontrar depois que eu fechar a loja, às 17h.

– É um lugar muito público – respondeu ele, como se nunca mais fosse exibir aquele sorriso que era sua marca registrada de tão solene que se encontrava.

Carolyn tentou pensar. Se “conversassem” na casa de Brody, ele teria preservativos disponíveis. Então, por que não seduzi-la? Sabia que ficaria impotente diante dele.

Se, por outro lado, se encontrassem em seu apartamento, tudo que teria a fazer era beijá-la ou lhe tocar o seio outra vez e ela esqueceria até mesmo os preservativos.

– No meu apartamento – concedeu ela por fim. – Às 18h?

Brody anuiu. O celeiro de Kim e Davis surgiu diante deles e a conversa chegou ao fim... por enquanto.

Capítulo Catorze

BRODY DESMONTOU em frente ao celeiro de Kim e Davis e deixou Moonshine amarrado a uma estaca para segurar as rédeas de Blossom. Carolyn ainda estava montada, nervosa e tão deliciosa que, só de olhar para ela, ele experimentava uma descarga arrebatadora de desejo que lhe deixava o corpo em chamas.

– Vou cuidar da égua – disse-lhe em tom suave. – Vá para cidade e faça o que acha que já deveria estar fazendo.

Carolyn mordeu o lábio inferior, anuiu com a cabeça, desceu e praticamente correu em direção ao próprio carro. A próxima coisa de que Brody se deu conta foi de vê-la disparar com o carro pelo caminho de terra envolta na proverbial nuvem de poeira.

Um dos cantos dos lábios de Brody se curvou em um sorriso diante daquela visão, mas não havia muita motivação por trás daquele gesto. Se ao menos tivesse fechado a boca antes de dizer que ele e Carolyn não deveriam fazer sexo, poderia a estar amando sobre a grama alta à margem de Hidden Lake naquele momento, mesmo sem preservativos, em vez de observá-la fugir como se o diabo a perseguisse.

Ouviu o rangido das dobradiças da porta de tela. Kim saiu da casa, sem os costumeiros diminutos assistentes, para se postar na varanda lateral, protegendo os olhos da luz solar com a mão em concha.

– Brody? – chamou, lançando um olhar preocupado à nuvem de poeira ainda erguida que Carolyn deixara em seu rastro. – Aconteceu alguma coisa?

– Nada – retrucou ele.

E quis dizer *nada mesmo. Droga, que fosse tudo para o inferno!*

Guiou Blossom para o celeiro, esperando que Kim o deixasse em paz para que pudesse desselar a égua, dar-lhe um pouco de feno e escová-la, antes de prosseguir com as tarefas do dia.

Mas não teve tal sorte.

– Não é do feitio de Carolyn sair apressada desse jeito – comentou Kim, parada no corredor do celeiro, observando-o por sobre a porta da baia de Blossom. – Nem ao menos se despediu.

Kim sempre tivera as passadas leves de um escoteiro Sioux. Quando ele, Conner e Steven eram crianças, ela possuía a estranha capacidade de surgir do nada, sem produzir nenhum som que lhe anunciasse a aproximação, no exato instante em que estavam prestes a fazer alguma travessura.

– Estava apressada para abrir a loja – justificou Brody, irreverente.

Havia desabafado toda sua história com Davis e Conner, no outro celeiro, revivendo todo aquele amargor, e pretendia fazer o mesmo quando se encontrasse com Carolyn em seu apartamento, mais tarde. Mas, até lá, preferia falar o menos possível.

– Aborreceu Carolyn outra vez, certo? – insistiu Kim.

Brody soltou um suspiro exasperado em seu íntimo, imaginando se todo o universo saíra dos eixos ou se seria apenas ele. Deveria haver alguma razão para que nada tivesse dado certo desde que acordara naquela manhã.

– Não – retrucou, recolocando a escova no prego longo e enferrujado onde a guardavam, pendurada por uma tira de couro pequena. – Não a aborreci.

Kim o fitou com olhar semicerrado, enquanto ele abria a porta da baia e saía para o corredor, encarando-a.

– Algo a aborreceu – disse ela.

Brody abaixou a cabeça e esfregou a nuca com uma das mãos. Só então percebeu que havia deixado o chapéu no caminhão, na casa principal do

rancho. Ultimamente, tinha a impressão de que seria capaz de esquecer o braço direito se não estivesse pendurado no ombro.

– Carolyn não precisa de mim para se aborrecer – respondeu, moderado.
– Consegue fazer isso sozinha.

Kim suspirou e cruzou os braços. Estava trajada da maneira usual, com uma blusa rosa estilo country com colchetes de pressão perolados, jeans desbotado e botas.

– Talvez seja melhor ir atrás dela. Poderiam conversar...

– Fizemos planos para isso – respondeu Brody, não desejando lhe dar mais nenhuma informação.

Kim abriu a boca, mas tornou a fechá-la, obviamente decidindo que não tinha mais nada a dizer. Isso era um raro fenômeno, mas acontecia.

Brody sorriu, beijou-lhe a testa e se encaminhou à porta do celeiro.

Moonshine, sempre paciente, aguardava amarrado à estaca. Brody desfez o nó que havia dado nas rédeas e montou sobre a sela do capão.

Kim lhe acenou, enquanto se dirigia de volta a casa.

Passando pelo curral montado em Moonshine, Brody se deteve a observar Firefly, o puro-sangue que Kim e Davis haviam adotado um tempo atrás. Embora entendesse a preocupação dos tios com o animal, tinha sérias reservas a respeito do garanhão.

Aquele não era um cavalo selado comum. O puro-sangue possuía mais de 680kg de uma força feroz, com o sangue dos campeões correndo em suas veias. O cavalo ainda estava em boas condições físicas, mas tinha a fama de temperamental. De acordou com Davis, até mesmo os mais experientes jóqueis haviam se recusado a montá-lo, ao fim de sua pouco notável carreira.

Brody era um caubói, não um jóquei e, por aquela razão, via-se tentado a atirar uma sela e as rédeas naquele capado e constatar o quanto aquele otário podia correr.

Claro que Davis o mataria se tentasse. E isso se o animal não o fizesse primeiro.

Ainda assim, a ideia se enterrou no cérebro já importunado de Brody, germinando e criando raízes como um feijão mágico.

Mas estava, como diria o tio, perdendo tempo. Tinha cercas para verificar se não quisesse ouvir um sermão de Davis sobre negligenciar as tarefas do rancho. No momento, não estava disposto a ouvir sermão de ninguém.

O QUE você fez?, perguntou Carolyn a si mesma, enquanto dirigia em direção à cidade.

Bem... uh..., respondeu seu outro lado. Praticamente ofereceu-se a Brody Creed em uma bandeja de prata, foi isso. Convidou-o para seu apartamento, sabendo muito bem o que irá acontecer.

Um sorriso se estampou no rosto de Carolyn, enquanto experimentava um arrepio, que se alojou entre os ossos de sua pelve.

– Deus! Espero que sim – disse ela em voz alta, que se elevava do âmago de seu ser como se, de alguma forma, o corpo tivesse reunido todas as forças para sobrepujar a voz do bom senso.

Presas em uma teia de emoções desvairadas que não sabia como começar a desfazer, muito menos adjetivar, Carolyn imaginou se não estaria de fato enlouquecendo.

Quando chegou à loja, Tricia estava lá, como esperara.

O que Carolyn *não* esperava era uma loja cheia de clientes.

De onde saíra toda aquela gente? Não vira nenhum ônibus de turismo parado do lado de fora, nem mesmo um carro.

– Fico feliz que tenha conseguido vir – disse Tricia em tom doce, fitando-a com uma expressão de compreensão divertida que se refletia no olhar.

Carolyn, despreparada para a multidão, corou. Estava cheirando a cavalo, os cabelos provavelmente parecendo uma peruca desgrenhada, e a amiga parecia saber exatamente o que estivera afazendo naquela manhã em Hidden Lake. Ou quase fazendo.

Aquilo não era possível, pensou Carolyn, com considerável alívio. Tricia era esperta, mas não vidente, pelo amor de Deus!

– Volto já – disse ela à amiga, precipitando-se em direção à escada interna.

Ao chegar a seu apartamento, Carolyn tomou banho em tempo recorde, vestiu roupas limpas, domou o cabelo rebelde com um secador e

praticamente quebrou o pescoço tentando voltar à loja.

Todos os clientes haviam partido, e Tricia, empoleirada em um banco alto atrás do balcão, observou Carolyn com afável desconfiança.

– E onde esteve, pode me dizer? – perguntou em tom afetuoso.

Carolyn sabia no que a amiga estava pensando. Que passara a noite fora e não apenas parte da manhã... e ela estava prestes a protestar com veemência.

– Saia daqui – disse ela em tom carinhoso, quando Winston miou e se enroscou em seus tornozelos. – De onde veio toda essa gente?

– Dos arredores – respondeu Tricia, entusiasmada. – Parece que a notícia de que temos mercadorias exclusivas está se espalhando. Duas clientes viram a saia cigana na internet e queriam saber se poderiam fazer ofertas por ela. Disse-lhes que deveriam entrar no site do leilão e dar um lance.

Carolyn sentiu a familiar pontada no peito ante o pensamento de vender a saia. Seria melhor que fosse parar nas mãos de uma estranha, alguém que vivesse longe de Lonesome Bend. Ver uma das mulheres da cidade a usando seria como ver regularmente uma criança que dera à adoção em companhia de outra mãe.

– Boa dica – retrucou Carolyn, começando a arrumar uma das mesas expositoras. Naquele momento, precisava parecer ocupada.

– Carolyn – chamou Tricia em tom firme, porém calmo. Aquilo a fez paralisar como um londrino durante a blitz, escutando o apito que anunciava o lançamento da bomba. – Precisamos conversar.

Brody dissera-lhe a mesma coisa naquela manhã. Por que, de repente, todos pareciam querer conversar? O que acontecera que as pessoas não queriam deixá-la em paz?

– Es... est... está bem – retrucou Carolyn, cautelosa, gaguejando. Parou de fingir que trabalhava e se voltou para Tricia. – Pode começar.

A amiga deixou escapar um suspiro.

– Deve ter notado que tenho saído mais cedo ultimamente – começou ela. – E acho que não é justo com você. Devíamos ser parceiras.

– Tricia – começou Carolyn em tom suave. – Está esperando um bebê. Não me importo de cobrir sua falta de vez em quando.

– Mas é isso mesmo – retrucou Tricia. – Não tem sido apenas *de vez em quando*. Estou me sentindo perfeitamente bem. Sinceramente. Mas, alguns dias, sinto-me tão cansada! Meu médico disse que é normal, mas isso não muda o fato de você estar sobrecarregada. – Deixou escapar outro suspiro. – O que significa que isso não pode continuar assim.

Carolyn engoliu em seco, ciente do que estava por vir. Deveria ter previsto que Tricia quisesse abrir mão do negócio, mas não contara com tal possibilidade. A decisão fazia sentido. Embora a amiga tivesse muita ajuda em casa quando o bebê chegasse, o recém-nascido lhe demandaria todo o tempo e energia. – Não estou pedindo para que compre a minha parte – prosseguiu Tricia. – Sei que isso não é possível no momento. Talvez, quando o bebê estiver com mais idade... – Quando o Bebê estivesse com mais idade, pensou Carolyn, com um misto de compreensão e inveja afetuosa, provavelmente viria outro. Senão, vários outros. – Diga alguma coisa – estimulou Tricia.

Carolyn conseguiu estampar um sorriso no rosto.

– Tudo tem de mudar algum dia – disse ela, varrendo a loja e todos os coloridos produtos manufaturados com olhar melancólico. A loja era o paraíso da graça, uma celebração virtual da criatividade, e Carolyn não havia percebido o quanto a amava. – Mas foi bom enquanto durou.

Tricia desceu do banco e, em seguida, meio que se arrastou com dificuldade até Carolyn. O cenho estava franzido pela preocupação.

– Enquanto durou? – repetiu ela. – Está me dizendo que não quer manter a loja aberta?

Carolyn estendeu as mãos por um momento.

– Como eu faria isso, Tricia? – perguntou. – Não tenho condições de contratar ajuda. E dirigir este lugar sozinha seria muito estafante, levando em conta as costuras que tenho de fazer para repor o estoque, manter a contabilidade em dia, esperar por clientes e tudo mais.

– Carolyn – começou Tricia, com um toque de urgência na voz. – Acho que não está entendendo o que estou dizendo. O que não é de se admirar, pelo pouco que expliquei. – Tricia inspirou profundamente, soltou o ar e pousou as mãos nas laterais do abdome protruso. – Esperava ser uma sócia

passiva. Sabe como é, investindo dinheiro no negócio, talvez ajudar na qualidade de consultora de vez em quando, caçar novos artistas online. Se eu investir na loja, bem... você poderia contratar alguém para ajudá-la. Talvez dois atendentes em meio expediente? Assim, disporia de mais tempo para desenvolver o lado criativo.

Sempre desconfiada de qualquer coisa que parecesse boa demais para ser verdade, Carolyn levou as mãos aos quadris em um reflexo inconsciente da postura da amiga e considerou a situação. Por fim, disparou:

– Trata-se de algum tipo de caridade?

– Oh, pelo amor de Deus! – retrucou Tricia. – Claro que não. É uma proposta de negócios. – Pareceu pensativa por um longo instante. – Acho que poderia comprar sua parte, contratar um administrador e alguns vendedores... mas qual seria a utilidade disso? São os aventais que está sempre produzindo e seu olhar certo para mercadorias exclusivas que gosto, isso é que nos destaca das demais lojas e galerias.

– Não – retrucou Carolyn rapidamente e corando em seguida.

– O quê? – perguntou Tricia, confusa.

– O que quis dizer é que não quero que compre minha parte – explicou Carolyn, com uma risada nervosa, enquanto gesticulava negativamente com a cabeça. – Kim pediu para que tomasse conta da casa dela, na próxima semana, enquanto estiverem em Stone Creek, visitando os netos. Se eu espalhasse a notícia, poderia voltar a minha antiga atividade com todos os meus ex-clientes...

– Mas você ama esta loja – interrompeu Tricia. – E o apartamento. E o que aconteceria com Winston?

– Winston... – Carolyn lembrou à amiga em tom suave – pertence à sua bisavó. Quando Natty se cansar de viajar, ela o quererá de volta.

– Natty *nunca* vai se cansar de viajar – argumentou Tricia. – Quando chegar sua hora, e que Deus queira que não seja tão cedo, provavelmente estará em um camarote de algum navio, montada em um camelo ou comprando temperos exóticos em um mercado distante. Ela sabe que Winston está feliz com você e não planeja pedi-lo de volta. Por que acha que ela lhe cobra um aluguel tão reduzido? – Carolyn, ocupada imaginando

como iria suportar ser afastada daquele gato bobo, mimado e comedor de sardinhas, foi arrastada de volta à realidade. Limitou-se a fitar Tricia, sem palavras. – Além do mais – prosseguiu a amiga, evidentemente sem nenhuma dificuldade –, Natty está planejando passar a casa para meu nome em vida, aconselhada pelo advogado, para evitar a legitimação de testamento quando morrer. O que significa que, para todos os efeitos práticos, eu sou sua senhoria. E estou baixando seu aluguel para zero.

– Isso seria caridade – protestou Carolyn.

– Não – retrucou Tricia sem rodeios, mas com um leve sorriso esperançoso. – Isso seria um bom tino para negócios. Parte da compensação por gerir a loja sozinha enquanto me concentro em dar a esta criança o melhor começo de vida possível. Pense nisso apenas como outra casa da qual está tomando conta, se isso a faz se sentir melhor.

Os olhos de Carolyn se arregalaram, mesmo quando sentia a garganta constrita.

– Não tem de fazer isso – disse, quase em um sussurro. – Sinceramente, ficarei bem. Posso encontrar um jeito...

– Pare de ser tão teimosa e orgulhosa e me escute – retrucou Tricia. – Neste momento de minha vida, quero ficar em casa. Ser a esposa de Conner e a mãe desta criança em tempo integral. Mas não perdi a identidade. Ainda amo o artesanato e quero promovê-lo. O mundo necessita de coisas que não sejam vendidas em plástico-bolha. Por favor, diga que ficará. Diga que manterá a Creed and Simmons. – Fez uma pausa apenas para respirar. – Não quer ver no que nosso pequeno negócio pode se transformar? Eu quero. Carolyn piscou várias vezes. Tinha suas próprias aspirações com relação à loja. Algumas fantasiosas, sobre expandir a seleção de mercadorias, aumentar os negócios pela internet, talvez até mesmo tentar a venda por reembolso postal... mas nunca as levava a sério. Porém, poderia começar devagar, quase sem capital. Comercializando cartões comemorativos, livros de receitas regionais e similares. E quanto ao fornecimento de álbuns de recortes e carimbos de borracha extravagantes? Era até possível que Primrose, além de outros artistas locais, se interessasse em dar aulas de arte, compartilhando seus conhecimentos e habilidades. Todos aqueles

pensamentos ainda fervilhavam na mente de Carolyn quando o rosto de Tricia, inchado pela gravidez, se iluminou e ela lhe tomou as mãos. – Está visualizando como será, certo? – adivinhou, com incrível exatidão. – Está antecipando todas as maravilhosas possibilidades, assim como eu.

Os olhos de Carolyn ardiam, e o orgulho lhe impôs virar de costas, fungando.

– Suponha que tudo não passe de um grande engano? – murmurou.

Não havia nada de errado com a audição de Tricia.

– Tudo que vale a pena envolve algum tipo de risco – disse a amiga.

Tudo que vale a pena envolve algum tipo de risco.

– Pensarei sobre o assunto – retrucou Carolyn, com muito cuidado e, em seguida, após empertigar os ombros e erguer a coluna, encaminhou-se para o pequeno escritório, onde ficava o computador da loja.

Ligou-o, ignorando o ataque violento de mensagens do *Friendly Faces*, e clicou na página do leilão, onde colocara a saia cigana à venda.

O que viu quase a fez perder o fôlego. Os lances já superavam a marca dos quatro dígitos e, a julgar pelo número de pessoas competindo pelo item, a tendência era aumentar.

Foi quando Carolyn começou a imaginar o que significaria ter ajuda na loja para que pudesse dispor de mais tempo para o trabalho criativo, como desenhar e confeccionar outras maravilhas exclusivas.

Talvez, refletiu, com o coração acelerado, Tricia tivesse razão. Talvez estivesse na hora de deixar de ser tão cautelosa e se arriscar em alguma coisa.

Ou com alguém.

O PACOTE expresso estava esperando à soleira da porta de Brody quando ele e Barney voltaram do acampamento temporário em *River's Bend*, por volta das 17h daquela tarde. Ele o ergueu, sorriu ao ler o endereço do remetente e o chacoalhou com uma das mãos, antes de pousá-lo no balcão. Os DVDs que pedira emprestados ao seu amigo distribuidor de filmes haviam sido entregues, bem a tempo. Quando chegasse a noite de sábado e, com ela, o encontro com Carolyn em seu drive-in, estaria preparado.

Escorregou uma das mãos pelo cabelo, pegou uma muda de roupas limpas e se dirigiu ao banheiro, onde tomou um rápido banho quente, se barbeou e removeu a poeira dos cabelos debaixo do chuveiro. Quando estava vestido, alimentou Barney, certificou-se de lhe deixar uma tigela cheia de água fresca e se encaminhou à porta. Barney, exausto por ter brincado com Valentino durante o dia inteiro, foi direto para sua cama e colapsou sobre ela com um suspiro satisfeito.

Brody ergueu o olhar, observando a casa em construção, a fim de identificar qualquer novo progresso que estivesse visível, e subiu na picape.

Era esperado no apartamento de Carolyn, às 18h, e estava em cima da hora, mas ela devia estar no processo de fechamento do dia; portanto, caso se atrasasse alguns minutos, não teria importância.

Manobrou para o estacionamento do supermercado, entrou correndo no estabelecimento, comprou uma dúzia de rosas cor de rosa e um pacote de preservativos. Em seguida, retornou, apressado, ao carro.

A sorte, lembrou a si mesmo com um sorriso, favorecia não só os audazes, mas também os prevenidos.

Quando estacionou em frente à casa dos McCall, Tricia estava descendo os degraus da varanda. Encontraram-se no meio do caminho que levava à casa. A cunhada fez questão de mostrar que percebeu as rosas. Graças a Deus o pacote de preservativos estava dentro da sacola de papel, sob seu cotovelo. Em seguida, ergueu uma sobrancelha e exibiu um sorriso ainda mais luminoso.

– Imagine só, vê-lo aqui, Brody Creed! – disse ela.

– Imagine só – respondeu ele.

Brody girou e acompanhou Tricia até o Pathfinder. Aguardou até que a cunhada subisse no veículo. Esperava que ela não estivesse planejando parar no supermercado, antes de ir para casa. Alguém poderia comentar sobre o que ele acabara de comprar minutos atrás. Se aquilo chegasse aos ouvidos de Conner, não haveria limites para a quantidade de piadas que teria de suportar.

– Dirija com cuidado – disse ele a Tricia.

Em seguida, ela ligou o motor e se afastou.

Brody a observou até que estivesse fora do alcance da visão. Em seguida, com as rosas e o pacote de preservativos, se encaminhou à porta da frente de Natty McCall... que se abriu antes que ele pudesse afastar as flores e a sacola de papel o suficiente para poder bater.

Carolyn se encontrava parada no interior, com os olhos brilhando e as faces afogueadas. Usava calça jeans, como sempre, e uma camisa branca larga com os três primeiros botões abertos.

Estava tão linda que Brody quase perdeu a coragem. Esperava que terminassem o que haviam começado naquela manhã, mas, antes que a noite findasse, teria também de explicar por que a abandonara há quase oito anos. Aquilo seria difícil, porque falar sobre Lisa e Justin duas vezes em um só dia lhe causaria o dobro da dor.

Que era intensa.

– Entre – convidou Carolyn em tom calmo, os olhos baixando às rosas e voltando a se erguer para fitá-lo. O rubor em suas faces se intensificou.

O corredor de entrada se encontrava silencioso e frio. Havia uma leve fragrância na atmosfera, embora Brody não soubesse dizer se emanava dela ou das velas perfumadas, sais de banho e outros itens que Carolyn e Tricia vendiam na loja.

Entregou-lhe os botões de rosas, mas reteve a sacola de papel com os preservativos dentro.

– Obrigada – agradeceu ela, o tom de voz revelando o exato zumbido que se passava em sua mente. Carolyn girou e liderou o caminho em direção à escada interna, e ele a seguiu.

Brody esperara que aquele gato esquizoide fosse atacá-lo no momento em que entrasse na cozinha, mas aquilo não aconteceu. O felino se encontrava no parapeito da janela, ocupado devorando suas sardinhas em um pires, e nem sequer lhe voltou um olhar.

– Sente-se – convidou ela, pousando o buquê de rosas sobre o balcão. Vasculhou nos armários até encontrar um vaso de vidro simples e retirou uma tesoura de poda de uma gaveta.

– Prefiro ficar um pouco de pé, eu acho – Brody se ouviu dizer. Ao menos, pensou ter sido ele a dizer aquilo. Não reconhecia a própria voz.

Apesar de olhar para trás para fitá-lo, ela não respondeu. As ações de Carolyn pelos próximos minutos foram bastante comuns, supôs ele. Encheu o vaso com água, removeu as rosas do papel celofane, aparou-lhes os caules com a tesoura e as arrumou em um lindo buquê.

Observá-la o deixou enfeitiçado.

Até mesmo sem palavras.

Quando Carolyn girou, ele se encontrava diante dela. Brody não conseguia se lembrar dos passos que tivera de dar para chegar lá, mas tinha de beijá-la.

Aquilo era tão vital quanto a próxima batida de seu coração ou a próxima respiração. Carolyn enrijeceu por um breve instante e ele sentiu um tremor percorrê-la. Mas, em seguida, o envolveu pelo pescoço e correspondeu ao beijo.

O chão pareceu se liquefazer sob os pés de Brody. Era como se estivesse rolando sobre um tronco nas águas do rio ou algo parecido. Aprofundou o beijo, inclinando-se sobre ela e se sentindo imergir em queda livre no entusiasmo, quando Carolyn se abriu para ele, respondendo ao seu abraço.

– Inevitável – disse ele em voz rouca quando os lábios dos dois finalmente se despregaram.

– Sim – concordou Carolyn.

Envolvendo-lhe o tronco com os braços, ergueu-a do chão enquanto a beijava outra vez, agora com mais suavidade.

O apartamento não era grande, portanto Brody arriscou um palpite sobre qual das portas levava ao quarto e acertou.

Infelizmente, havia deixado os preservativos na cozinha, ainda dentro da discreta sacola de papel marrom.

Brody praguejou entredentes, pousou-a de pé no chão e começou a trabalhar nos botões da blusa de Carolyn. Porém, as mãos delicadas se adiantaram às dele e já executavam a tarefa.

Assolado pelo desejo, ele a observou arrancar a blusa, revelando os seios perfeitos cobertos pela renda do sutiã, o abdome liso e a curva graciosa dos quadris.

Brody esticou a mão para lhe desabotoar o sutiã, sentindo-se como se estivesse em um filme em câmera lenta ou um mergulhador de águas profundas sem o tanque de oxigênio e a máscara.

E, então, os seios de Carolyn escorregaram para suas mãos, os mamilos rígidos, prontos para ele.

Suspirando, ela deixou pender a cabeça para trás em total entrega enquanto Brody a acariciava, a excitava, dizia-lhe, com toda a sinceridade, que a achava linda.

PARADA LÁ, no silêncio do quarto, Carolyn capitulou aos comandos do próprio corpo, se entregando a Brody.

Fazia tanto tempo, precisava tanto dele! Lágrimas de emoção lhe queimavam os olhos quando ele inclinou a cabeça para lhe cobrir um dos mamilos com a boca. As mãos fortes estavam espalmadas na cintura fina, e o toque funcionava como uma tácita promessa de segurança.

Uma sensação vertiginosa a abalou enquanto Brody dedicava toda a atenção aos seios firmes, mordida-lhe os lóbulos das orelhas, traçava o contorno do pescoço esguio com a boca e lhe desabotoava o jeans. Mas, assim como antes, aquilo era algo que ultrapassava as barreiras da resposta física.

Tudo em Brody, desde a fragrância do cabelo e da pele ao toque das mãos longas e a umidade da boca, que parecia estar em todos os pontos do corpo de Carolyn, lhe suscitava emoções que não saberia definir.

Após deitá-la na cama, ele lhe retirou as botas e escorregou a calça jeans ao longo da pele arrepiada das pernas esbeltas, junto com a calcinha, e as descartou. Carolyn exibia uma nudez completa e estonteante, enquanto Brody, refletiu ela com a mente enevoada, ainda estava parcialmente vestido. Tateou pelos ombros largos, o peito desnudo, ouvindo o tilintar da fivela do cinto de Brody.

– Fique nessa posição – murmurou ele, com uma risada rouca sob a superfície da voz. – Volta já.

Carolyn, ainda zozna, conseguiu apenas gemer em resposta. Um som desesperado, cheio de desejo.

Brody não demorou muito, mas ela lhe sentiu a ausência como um frio sombrio, e o retorno, como um calor tropical que a esquentasse até a medula dos ossos.

Quando ele se ajoelhou próximo à cama e lhe apartou as coxas, Carolyn deixou escapar um soluço. Não de arrependimento, mas de desejo e acolhimento.

Enquanto ele a amava com a boca, Carolyn ofegava o nome de Brody, enterrava as mãos no cabelo espesso agarrando-lhe a cabeça e a puxando cada vez mais para perto.

A risada baixa que Brody deixou escapar reverberou pelo corpo sensível, e aquilo, apenas aquilo, lhe suscitou um clímax tão intenso que a fez arquear as costas, erguendo-as do colchão, enquanto deixava escapar um grito longo e rouco de puro êxtase.

Brody lhe acariciou os quadris enquanto ela descia lentamente das alturas a que fora alçada, mas a boca experiente ainda a explorava de uma forma tão insistente que Carolyn foi imediatamente lançada além das amarras da saciedade a um estado de excitação ainda mais feroz.

– Brody – choramingou ela, quando conseguiu encontrar fôlego para falar. – Oh, Brody... não me faça esperar... possua-me, por favor...

Carolyn o sentiu negar com um gesto de cabeça, o roçar dos cabelos espessos no interior de suas coxas. A necessidade de tê-lo dentro dela alcançava um limite quase insuportável.

Ainda assim, Brody baixou outra vez a cabeça, agora a mordendo de leve, estimulando-a com a ponta da língua, sugando-a sem piedade.

Carolyn explodiu outra vez, com um grito sufocado de puro êxtase, o corpo se estirando como um arco que fosse envergado com força, enquanto as descargas de prazer a perpassavam.

Brody não interrompeu o ato até que ela ofegasse de prazer pela última vez. Murmurava-lhe palavras carinhosas, acalmando-a enquanto todos os músculos de Carolyn pareciam se derreter como cera sob sua pele ainda sensível e pulsante.

Puxando-a para o centro da cama, ele se ajoelhou com as pernas afastadas lhe ladeando as coxas, e Carolyn o percebeu colocar o preservativo.

– Hora da decisão, linda mulher – disse ele com a voz rouca. – Sim ou não?

– Sim. – Carolyn conseguiu responder. – Oh, Brody, sim.

Com um movimento longo e lento, ele a penetrou e, facilmente, a fez arder em chamas outra vez.

Moviam-se em um compasso rítmico desde o início, ondulando os corpos unidos com tanta graciosidade como se valsassem. Carolyn sentia cada nuance de prazer, não apenas no corpo, mas no coração, na mente e na alma. Vivenciava a forma como Brody fazia amor com todo seu ser e considerava um ato sagrado.

Quando percebeu que Brody se aproximava do clímax, escorregou as mãos pelos ombros largos, pelas costas retas e as nádegas firmes, sussurrando-lhe palavras encorajadoras, incitando-o a se entregar ao prazer. Quando, por fim, ele deixou acontecer, Carolyn foi catapultada a um turbilhão de prazer tão intenso quanto aparentemente interminável, uma alegria tão estarrecedora quanto um voo sem escalas ao paraíso.

A luz do sol que se infiltrava pela janela se tornou rosa e, em seguida, adotou uma tonalidade lavanda pálida, enquanto permaneciam deitados, ambos exaustos, esperando com as pernas e os braços entrelaçados que as respirações normalizassem e os corações desacelerassem.

O quarto começou a escurecer.

Winston miou do lado de fora da porta fechada, mas nenhum dos dois se moveu, exceto para se aconchegar ainda mais no calor um do outro. Quando, por fim, se recuperaram, fizeram amor outra vez, mais lento e menos frenético, mas com a mesma gloriosa e explosiva conclusão.

Quando terminaram, Carolyn se encontrava deitada sobre o corpo musculoso, com o rosto enterrado no pescoço largo, os sentidos plenos daquele homem, da fragrância máscula, da textura, formato e força que dele emanava. Carolyn vagou para um estado sonolento e acordou, algum tempo depois, com os dedos longos a estimulando para levá-la direto a outro furacão orgástico.

Quando os espasmos de prazer se abrandaram, Carolyn suspirou, rolou para se deitar de lado, aninhando-se à curva do braço esquerdo de Brody.

– Vamos acabar nos arrependendo disso? – perguntou ela.

– Provavelmente – retrucou Brody, com um murmúrio sexy. – Mas sou um grande adepto de viver o momento presente.

Carolyn soltou uma risadinha ante o comentário. Em seguida, cerrou um dos punhos e lhe socou de leve o peito.

– Brody Creed – começou ela. – Você é incorrigível.

– E faminto – acrescentou ele, depois de lhe depositar um beijo no topo da cabeça.

– Eu poderia fazer ovos mexidos – disse Carolyn, perguntando-se quem seria aquela mulher que se apossara dela. A mesma, ao que parecia, que correra até a loja de conveniência, mais cedo, para comprar pão, ovos e leite.

– Parece uma ótima ideia – retrucou Brody, com a voz sonolenta. Carolyn pulou por cima dele para sair da cama. Depois de tomar uma ducha rápida, voltou a vestir a blusa branca e se dirigiu direto para a cozinha.

Winston observou-a se aproximar do parapeito da janela.

– Não me olhe assim – disse Carolyn ao gato. – Já jantou, lembra?

– Miau! – retrucou o bichano, com um ar de elegante resignação, antes de começar a limpar a pata direita.

Meu gato, pensou ela, lembrando a conversa que tivera com Tricia naquela tarde. Meu gato, meu apartamento, minha loja.

E tudo que tenho a fazer agora é encontrar um jeito de esquecer Brody Creed antes que meu coração se despedace outra vez.

Capítulo Quinze

DROGA! CAROLYN estava linda, parada lá na cozinha do apartamento, quebrando ovos dentro de uma frigideira e usando nada além da camisa de algum homem.

Brody franziu o cenho. De vez em quando, Kim usava as camisas velhas de Davis para pintar, jardinar ou limpar a casa. E Tricia tinha o hábito de usar uma das de Conner depois que a barriga crescera com a gravidez. Então, quem seria o brutamontes que deixara aquela camisa para trás?

– O quê? – perguntou Carolyn, com um sorriso frouxo e tímido curvando os lábios ainda intumescidos pelos beijos.

– Nada – respondeu ele com um suspiro, puxando uma cadeira para se sentar à mesa. O ato de amor estava suspenso por ora, talvez para sempre, quando Carolyn escutasse o que tinha a dizer.

Porém, já passara da hora de acertar as coisas entre eles, de uma forma ou de outra. Devia-lhe a verdade sobre muitos assuntos. Primeiro, e mais importante, o motivo de tê-la abandonado durante a noite, anos atrás, deixando-a com nada além de um conciso bilhete, uma avalanche de raiva e dor, além de uma extensa lista de perguntas sem respostas.

Era óbvio que Carolyn não estava disposta a se conformar com aquela resposta. Baixou o olhar à camisa que vestia e, em seguida, o ergueu para fitá-lo, com os olhos arregalados e risonhos, como se suspeitasse do que o

estava incomodando, mas não tivesse certeza. As sobrancelhas se ergueram em um questionamento divertido.

– Por que esse olhar estranho?

– Estava apenas imaginando a quem essa camisa pertence – admitiu ele, envergonhado, mas ainda assim sentindo-se extremamente territorial. – Mas não precisa responder.

– É sua – retrucou ela, experimentando um prazer malicioso ao responder. – Deixou-a aqui quando... – Carolyn se calou, a alegria evanescendo de seus olhos.

– Deixei-a para trás quando a abandonei – disse Brody em tom de voz baixo, afastando outra cadeira. – Tire essa frigideira do fogo e sente-se aqui.

Porém, ela voltou a se virar de frente para o fogão, fazendo que não com a cabeça e escavando aqueles ovos como se estivesse tentando arrancar piche de uma superfície quente.

– Faz muito tempo – disse ela, as palavras proferidas como balas de revólver que batessem contra os armários e ricocheteassem de volta a ele. – Vamos esquecer, está bem?

Brody exalou outro suspiro, passando uma das mãos pelo cabelo.

– Se eu pudesse esquecer – retrucou em tom sério e sincero –, acredite em mim, eu esqueceria.

Carolyn voltou a olhar para trás. Um cheiro de queimado se elevou do fogão e ela se apressou em despejar o conteúdo da frigideira em dois pratos, antes de trazê-los para a mesa. Em seguida, encaminhou-se outra vez ao balcão para buscar os talheres.

– Pelo amor de Deus! – disse Brody. – Sente-se, por favor.

– Disse que estava com fome – retrucou ela, corando outra vez, mas, por fim, se sentando.

Nenhum dos dois ergueu o talher ou sequer baixou os olhos ao prato. O olhar de ambos se encontrou e Brody pôde divisar uma dor intensa no dela. Talvez, pensou, apenas refletisse o que se estampava em seu próprio semblante.

– O nome dela era Lisa – revelou Brody. Até mesmo aquilo fora doloroso dizer, mas era um começo.

Graças a Deus, Carolyn não se saiu com nenhum comentário leviano do tipo: “Quem é Lisa?”, como quase esperava que ela fizesse.

– A mulher que lhe telefonou naquela noite – disse Carolyn em tom suave. – Com quem você queria estar... – Em vez de mim. As palavras caladas ficaram suspensas entre eles.

– Sim – retrucou Brody, escorregando uma das mãos pelo cabelo. – Nós nos conhecemos durante o período que eu estava nos rodeios e tivemos uma espécie de romance...

As faces de Carolyn coraram e os olhos faiscaram.

– Como você conseguiu ter *uma espécie de romance*? – perguntou.

– Se sente a necessidade de tornar isso mais difícil – rebateu ele –, vá em frente. – Carolyn comprimiu os lábios em uma linha fina e ele recordou o sabor deles, a sensação de tê-los pressionados aos dele. Uma avalanche quente de desejo o assolou como um meteoro lançado de um céu azul. – Lisa e eu tivemos um romance – continuou, dando uma breve ênfase à última palavra. – Não teve nada de “uma espécie de” nisso. Depois, o relacionamento chegou ao fim. Eu queria continuar seguindo o circuito do rodeio, e ela desejava se estabelecer, casar e comprar uma casa. Não houve jeito de chegarmos a uma conclusão, portanto, nos despedimos e eu parti. – Carolyn aguardou, agora parecendo pálida em vez de corada e muito pequena dentro daquela camisa branca. A garganta se moveu, mas ela não disse nada. – Passei um tempo no sudoeste e depois acabei vindo para cá. Queria tentar resolver as coisas com minha família e, como sabe, quando apareci na casa de Kim e Davis, eles não estavam na cidade. Acho que Conner também estava viajando na época. De qualquer forma, quando a vi parada à porta da casa do meu tio, emoldurada pela luz, não conseguia pensar em mais nada além de você. – Brody reconheceu a descrença estampada no rosto de Carolyn, junto com algo que devia ser esperança. As lembranças lhe assombravam o olhar como fantasmas, fazendo-a morder o lábio inferior. – Não tinha certeza se o que sentia por você era amor – prosseguiu ele. – Mas o que quer que fosse, nunca havia experimentado nada igual antes. – Carolyn ergueu uma das sobrancelhas, mas continuou em silêncio. – Naquela última noite, Lisa me telefonou – informou Brody,

exausto. – Contou-me que estava grávida de um filho meu e me disse que, se eu não me casasse com ela, iria dar a criança em adoção. Fiquei transtornado. Tudo estava fugindo do controle, e eu não conseguia me centrar. – Com um movimento extremamente lento, Carolyn esticou o braço e lhe cobriu a mão com a dela, mas o olhar ainda se encontrava vigilante e cauteloso. – Agora – disse ele, com um suspiro exasperado –, gostaria de tê-la deixado dar à luz Justin e entregá-lo a uma boa família que o criasse. Só assim ambos ainda estariam vivos. Provavelmente, Lisa acabaria encontrando um homem que pudesse amá-la de uma forma que eu não conseguia, não importava o quanto tentasse. E Justin, bem... teria sete anos agora. Uma criança saudável e normal, que estaria entrando na segunda série no próximo outono. – Carolyn engoliu em seco, apertou-lhe a mão em um gesto que confirmava que o estava escutando. Apenas uma parte da dor lhe abandonara o olhar. – Em vez disso, morreram em um acidente de carro – disse Brody, quando se viu em condições de continuar. Depois disso, era como se outro alguém estivesse contando a história, enquanto ele ficava de lado, como uma testemunha silenciosa, apenas escutando, observando e relembrando.

Mas afastado da dor.

Carolyn o escutou sem interromper e, quando ele concluiu, sentou-se no colo de Brody, envolvendo-o com os braços e descansando a cabeça sobre o ombro largo.

Brody se sentia rachado por dentro, rasgado como se tivesse exaurido não só o lado emocional, mas o físico também. A antiga tristeza, que conseguira apenas manter à margem durante tanto tempo, estava desabando sobre ele, enquanto uma força de aço lhe sacudia violentamente o íntimo.

Sem dizer uma palavra, Carolyn o abraçou por um longo tempo. Por fim, se ergueu, segurou-o pela mão e o guiou de volta à cama, onde se incumbiu de lhe juntar os pedaços outra vez, um por um.

BRODY PARTIU um pouco depois da meia-noite. Não se sentia bem deixando Barney sozinho por muito tempo, justificou. Carolyn, após trancar a porta, voltou para a cama e dormiu um sono longo e reparador.

Na manhã seguinte, bocejando, se encaminhou à cozinha e logo visualizou os dois pratos de ovos mexidos, agora frios, ainda sobre a mesa.

Com uma careta, entornou o conteúdo na pia e lavou a louça. Naquele momento, Winston fazia os barulhos característicos, exigindo o café da manhã. Ela o serviu de ração, da qual o bichano desdenhou, provavelmente almejando as sardinhas.

Carolyn encheu uma xícara com água, acrescentou um saquinho de chá e a levou ao micro-ondas. Enquanto esperava os dois minutos passarem, pensou em Brody. Após a noite anterior, *não* pensar nele seria uma tarefa impossível.

O ato de amor ainda reverberava em seu corpo, em minúsculos e intermitentes tremores secundários, mas aquilo não era algo em que pensar, mas, sim, *sentir*. Saborear e apreciar, em segredo.

Não, o que lhe ocupava a mente era o que Brody lhe contara sobre Lisa e o bebê que tiveram, sobre aquele terrível acidente e como ele perdera o rumo depois.

Havia intuído que Brody estava lhe contando a verdade, portanto não era uma questão de acreditar ou não no que dissera. Era, sim, uma questão de avaliar o estrago emocional produzido pelo que ele lhe contara. Poderia alguém se recuperar de uma tragédia como aquela?

Poderia ela se recuperar do que considerara uma cruel traição, mesmo sabendo a verdade? Afinal, algumas feridas nunca cicatrizavam.

Para Brody, a experiência fora para lá de horripilante. Estava ao telefone com Lisa quando a colisão acontecera. Ouvira o estrondo ensurdecador e o silêncio que se seguira. Acima de tudo, Brody culpava a si mesmo. Se ao menos tivesse permitido que Lisa desse o filho à adoção, se estivesse em casa naquela noite de inverno em vez de na estrada, dirigindo um caminhão, estaria ao volante, não Lisa. Talvez tivesse sido capaz de desviar para evitar o impacto.

Se ao menos, se ao menos.

Carolyn conhecia bem aquela frase. Se ao menos a mãe se importasse o suficiente para ficar por perto em vez de enviá-la ao sistema de lares adotivos e partir para sempre. Se ao menos o pai fosse o tipo forte, firme e

confiável, como Davis Creed, e estivesse disposto a criar a filha. *Se ao menos os porcos tivessem asas e as galinhas soubessem sapatear*, pensou Carolyn. Uma de suas mães adotivas sempre repetia aquela frase, quando ela ousava expressar o mais tênue sonho sobre seu futuro. Logo, Carolyn parara de dar voz às suas esperanças.

Emocionalmente entristecida, embora o físico exultasse por ter feito amor com Brody, ligou o computador para que inicializasse enquanto estava no banho.

Depois de se banhar, secar e vestir, o computador mostrava os ícones acendendo e a voz robotizada repetia: “Alguém gostou do seu perfil no *Friendly Faces!*”.

Aquilo parecia mentira. Continuava fazendo barulho. Com a ideia de encontrar um par on-line descartada, Carolyn clicou no painel de controle da página e bloqueou qualquer comunicação do site de relacionamentos.

E, então, foi recompensada pela doce e sagrada paz.

– Assim está melhor – disse ela a Winston, que não arriscou uma opinião.

Alguns cliques no mouse a levaram direto ao site de leilões, onde expusera a saia cigana. Os lances ainda estavam sendo oferecidos, e o valor atual a fez esfregar os olhos, certa de que não estava enxergando bem. Ninguém pagaria tanto por uma saia, não importava o quanto fosse bonita, certo?

Varreu com o olhar os nomes dos maiores licitantes, para o caso de haver alguém conhecido ou ser algum de seus clientes regulares, mas não reconheceu nenhum. Ainda assim, o frio na barriga insistia em lhe dizer que algo estava errado.

Carolyn fitou a tela com atenção, como se assim fosse elucidar o mistério, mas continuou no escuro.

Ainda estava ao computador, verificando suas mensagens de e-mail, quando ouviu uma batida à porta da frente do andar térreo.

Tricia? Não, a amiga possuía a chave e ainda era muito cedo para ela ter chegado.

Brody? Um pequeno arrepio de excitação lhe perpassou o corpo, mas ela logo o suprimiu. Ele lhe dissera que tinha muito que fazer no rancho e concordaram em ficar alguns dias sem se ver para que recuperassem o fôlego. Tinham um encontro marcado para a noite de sábado, no qual iriam jantar e assistir a um filme no cinema.

Nesse ínterim, ficariam afastados.

As batidas prosseguiram, educadas, porém insistentes.

– Espere um instante – resmungou Carolyn irritada, quase tombando de cabeça na escada interna, quando o gato a ultrapassou para desempenhar seu papel de comitê de boas-vindas.

Quando alcançou a soleira da porta e a abriu, Carolyn tinha um sorriso estampado no rosto.

Que logo secou quando se deparou com o visitante.

Bill Venable se encontrava parado na varanda, parecendo preocupado, constrangido e, como sempre, muito atraente trajando jeans e uma camiseta sem mangas. Os bíceps eram quase tão exaltados quanto os de Brody.

– Bill – disse ela, incapaz de disfarçar a surpresa.

– Desculpe – retrucou o amigo. – Sei que deveria ter lhe telefonado antes de vir.

Carolyn recuou para que ele pudesse entrar. Que diabos Bill estava fazendo ali, àquela hora da manhã? O jornal ainda não havia sido entregue.

– Algum problema? – perguntou ela. – Ellie está bem, certo?

Bill anuiu com a cabeça. A barba estava crescendo, talvez um sinal de ansiedade, já que normalmente estava com aparência impecável.

– Ellie está bem – apressou-se em esclarecer. – É que... bem... houve um incêndio, de grandes proporções lá no Novo México, e tenho de partir imediatamente. – Ambos se encontravam parados na entrada, com Winston miando e se esfregando nos calcanhares dos dois, tão sinuoso quanto uma cobra peluda. Carolyn aguardou, ainda sem perceber o motivo que o trouxera ali. Bill exibiu um sorriso hesitante. – Estávamos planejando voar no meu avião em breve – lembrou ele. – Não queria que achasse que esqueci. Não sei por quanto tempo ficarei ausente. Provavelmente estarei muito ocupado para lhe telefonar. O incêndio é em um lugar remoto, portanto

talvez não possua rede telefônica... – Bill parecia estar lutando para se expressar e Carolyn sentiu uma pontada de compaixão pelo homem. Quando ele prosseguiu, o que disse a assustou um pouco. – Sempre haverá a chance de eu não... precisava apenas lhe dizer cara a cara que não vou estar por perto durante um tempo.

Carolyn foi invadida por uma sensação desagradável. Era quase como se Bill estivesse se despedindo... para sempre, como se tivesse uma razão para se preocupar. Ouvira dizer que os pilotos tinham premonições antes de sofrer acidentes fatais. Estaria ele lhe dizendo que achava que poderia morrer combatendo aquele incêndio?

Os olhos de Carolyn se encheram de lágrimas e, por um insano instante, teve vontade de lhe suplicar para que não fosse. Que pensasse em Ellie, em Angela e em todas as pessoas que deviam amá-lo.

– Ellie ficará com os avós enquanto estiver fora?

Bill fez que não com a cabeça, ainda parecendo arrasado.

– Não pelos próximos dias. Um amigo de meus sogros teve uma morte repentina e eles viajaram para comparecer ao funeral em Houston. Ellie ficará com Angela até que Charlie e Stella voltem.

– Oh! – disse Carolyn, esperando que aquilo significasse que Bill e Angela estariam repensando o término do relacionamento. Haviam sido feitos um para o outro em sua opinião.

– Não é o que está pensando – Bill apressou-se em dizer. – A forma como Angela se sente com relação ao meu trabalho não mudou em nada. Ela o detesta e ficou furiosa porque me recusei a negar esta tarefa. – Bill suspirou, passando uma das mãos pelos cabelos. – Mas sei que ela tomará conta de Ellie muito bem, e isso é o mais importante. As duas são muito próximas.

Carolyn imaginou o amigo em um voo rasante sobre a floresta em chamas, dispersando agentes antichamas sobre labaredas que se projetavam contra o céu enfumaçado como dedos gigantes vermelhos-laranja, e temeu por ele. As palavras “não vá” lhe subiram à garganta, mas ficaram presas lá, lhe fazendo os olhos arderem.

Vendo a expressão de Carolyn, ele exibiu um sorriso triste. Segurando-a gentilmente pelos ombros, lhe beijou a testa.

– Tenha bons pensamentos – disse em tom rouco e, no minuto seguinte, estava girando e se afastando, antes de fechar a porta da frente.

Carolyn só conseguiu se mover vários instantes depois que o amigo partiu.

Se ao menos tivesse o poder, ou o direito, de chamá-lo e fazer com que ficasse ali em Lonesome Bend, onde estaria seguro!

Mas estaria alguém totalmente seguro em algum lugar? Infelizmente, a resposta era “não”.

O avião de Bill poderia cair, mergulhar no centro lancinante de um incêndio florestal, deixando Ellie órfã e a doce e bondosa Angela em um estado permanente de tristeza. Mas poderia morrer de um ataque cardíaco com a mesma facilidade, ou contrair alguma doença fatal, ou ainda ser atropelado por um carro em alta velocidade ao atravessar na faixa de pedestres. Ninguém tinha garantia de outro amanhã, ou ainda outro depois desse.

Viver não era algo seguro. Um exemplo disso era o que acontecera com a esposa de Brody, Lisa, e seu bebê. Estavam vivos em um momento e mortos no outro.

E quanto a expor o coração quando se amava uma pessoa? Ora, aquele era o maior e mais atroz risco de todos.

O vigor abandonou os joelhos de Carolyn, fazendo-a recuar alguns passos e se deixar afundar em um dos degraus da escada, apoiando um dos cotovelos no joelho e sustentando o rosto na palma da mão.

Winston se aproximou, ronronando, e se esfregou em seu quadril, em um gesto que podia ser interpretado como consolo, oferecido ou desejado.

Entorpecida, Carolyn lhe acariciou o dorso lustroso com a mão livre.

Sim, de fato sempre estivera certa. Era extremamente perigoso amar alguém, ou um bicho. Até mesmo uma casa, uma cidade ou um emprego. Tudo poderia mudar com um simples girar de volante, um telefonema ou um policial batendo à porta da frente.

Mas, afinal, que escolha tinham as pessoas?

Poderia alguém escolher *não* amar?

Poderiam tentar, claro, talvez até mesmo conseguir até certo ponto. Mas deviam comprar um túmulo e uma lápide, refletiu Carolyn, esticar-se na grama e esperar pela morte, enquanto os outros marchavam no desfile da vida, sorrindo, chorando, amando, odiando, conhecendo o triunfo, a derrota e tudo que existia entre esses dois extremos.

Poderia ser capaz de se enganar, achando que estava segura, mas também iria perder a festa.

– ESTÁ MUITO alegre hoje – observou Davis naquela manhã, com uma leve piscadela, enquanto ele e os dois sobrinhos se encaminhavam de carro para consertar as cercas quebradas que Brody encontrara no dia anterior, durante a cavalgada pelos limites das terras. – Ontem, estava transtornado.

Brody não respondeu de imediato, mas estava extremamente ciente do valor dos momentos rotineiros. Conner se encontrava na traseira da picape, com Valentino e Barney, rolos de arame novo e a caixa de ferramentas, enquanto Brody dirigia, com Davis no banco do passageiro.

Trabalhavam juntos, ele, o irmão e o tio, do modo como deveria ser. Outra parte de Brody desejava estar de volta na cama com Carolyn e lamentou por um homem não poder estar em dois lugares ao mesmo tempo.

– Isso foi ontem – retrucou por fim. – E hoje é hoje.

Davis manteve o rosto virado na direção do para-brisa, enquanto sacolejavam sobre o solo irregular, mas Brody sabia que o tio o estava observando de canto de olho.

– Todos nós tivemos muitos “ontens” antes de decidir desabafar e me contar sobre Lisa e Justin. Por que isso?

Brody ergueu e baixou um dos ombros, sem voltar o olhar a Davis. Mantinha-o fixado à frente, no terreno salpicado de gado do rancho que servia de lar a gerações de Creeds. Alguns ramos da árvore genealógica ostentavam bons frutos. Homens e mulheres comprometidos a dar o melhor de si ou o que possuíam para construir um legado para os filhos e netos. No entanto, uma ou outra maçã podre surgia de vez em quando, algum mau-caráter ou fora da lei.

Provavelmente ele, por sua vez, se encaixava melhor na segunda categoria.

– Era difícil falar sobre esse assunto – respondeu por fim.

– A vida é cheia de assuntos difíceis de falar – rebateu Davis em tom casual. – Parece-me que, se um homem tem sorte suficiente para ter um lar e parentes que gostam dele, seria melhor correr para eles quando está em apuros, em vez de evitá-los.

Brody olhou o tio de relance, relaxando os ossos da mandíbula.

– O que quer que eu diga? Que estava errado em me ausentar por todos esses anos? – Fez uma pausa. – Muito bem. Estava errado.

– Não se trata de estar certo ou errado – argumentou Davis em tom calmo. – O que me incomoda é que você talvez pensasse que não seria acolhido aqui.

– Havia aquela briga entre mim e Conner, por causa de Joleen...

– Não me venha com bobagens, garoto – interrompeu Davis, soando mais rude e aborrecido agora. – Isso poderia ter sido resolvido entre goles de cerveja após o jantar, e sabe muito bem disso. – Exalou um suspiro profundo e dissonante. – Essa é minha opinião, corrija-me se estiver errado: sentia vergonha de voltar para casa. Chegou à conclusão de que a culpa do que aconteceu com sua esposa e filho era sua e não se permitia voltar para a família e os amigos.

Mais uma vez, Brody cerrou os dentes. Tinha de relaxar aquele semblante, o que tornava quase impossível manter a máscara de despreocupação no lugar.

– Nunca amei Lisa – Brody se ouviu dizer. E isso era loucura, porque nunca pretendia dizer uma coisa daquelas.

– Tentou fazer o que era certo para ela. Quando soube que Lisa estava esperando um filho seu, voltou para ela. Assumiu a responsabilidade. Esse pode não ser o tipo de amor impresso nos cartões do Dia dos Namorados, mas é amor. É o tipo de amor prático, cuidadoso, disciplinado, que palavras bonitas não conseguem definir.

Conner bateu no teto da cabine com um dos punhos, sinalizando que haviam chegado ao local onde a cerca precisava de remendos. Brody parou a

picape com um solavanco que fez o irmão gritar um palavrão.

Brody voltou um sorriso ao tio.

– Não seguiu seu talento, caubói – disse ele. – Tinha de se empregar em uma empresa de cartões comemorativos e escrever poesia.

Davis não deixou transparecer sequer a sombra de um sorriso.

– Pense sobre o que disse, filho. O que passou, passou. Não dá para consertar. Esse tipo de perda é terrível, mas passou. Sua esposa e filho se foram, o que foi uma pena, mas você está *vivo*, e isso tem muita importância. Faça um bom proveito do tempo que tem.

Naquele momento, Conner subiu no estribo do lado do motorista e bateu no vidro da janela com a mão. Parecia furioso.

– Está tentando matar a mim e a esses cachorros dirigindo desse jeito? – perguntou. – Primeiro, estava a 80km/h, e depois dá uma freada dessas!

Brody abriu a porta do carro, forçando o irmão gêmeo a se afastar, desajeitado.

– Diabos, não! – debochou Brody, sorrindo. – Se essa fosse minha intenção, teria conseguido.

Davis revirou os olhos.

– Não comecem vocês dois – preveniu. – Temos trabalho a fazer.

CAROLYN CONSTATOU que os lances da saia cigana ainda estavam em ascensão, mais tarde, naquela manhã, quando entrou no site dos leilões outra vez. Trícia tinha uma consulta médica de rotina, portanto ficaria ausente por algumas horas.

Nesse meio-tempo, Carolyn não conseguia se concentrar nas tarefas que executava por tempo suficiente para levá-las a cabo. Ideias para confecção de outras roupas exclusivas lhe inundavam a mente em enxurradas, obrigando-a a parar o que estivesse fazendo no momento e desenhar um esboço para que sua mente confusa não esquecesse.

Alguns clientes entraram na loja, e Carolyn embalou e endereçou vários pedidos para enviar por remessa.

Todas as vezes que passava pela parte principal da loja, o olhar se voltava diretamente para a grande embalagem quadrada, contendo o batique *Tecelã*.

Na noite anterior, sequer dirigira um só pensamento à peça por razões óbvias e, provavelmente, Brody também não.

E isso era uma pena, porque poderia tê-lo levado com ele quando voltara para casa e lhe poupado uma viagem.

Por outro lado, Brody Creed tinha uma veia de teimosia tão larga quanto o rio e talvez tivesse se recusado a levar a obra de arte para que ela tivesse de entregá-la.

Carolyn escorregou a ponta de um dedo pelo embrulho, com a sombra de um sorriso bailando nos lábios, mas não se alargando.

Na hora certa, levaria o batique para a casa de Brody como combinado, mas talvez fizesse mais do que a entrega de uma obra de arte.

O pensamento lascivo lhe cruzava a mente e ela flertava com alguns outros, quando a porta se abriu, fazendo o sino soar. Carolyn se preparou para outra leva de clientes inesperados.

Em vez disso, Primrose Sullivan surgiu dentro da loja, trajando uma de suas coloridas túnicas e carregando mais pinturas.

– Estive trabalhando como uma louca – disse, entusiasmada. – Quando quiser que eu dê um tempo de trazer quadros, é só me dizer. – Carolyn soltou uma risada, feliz em rever a amiga. E as pinturas. A última leva fora vendida rapidamente, via internet. Primrose pousou o fardo que trazia no chão com o mesmo cuidado com que uma mãe colocaria o filho no berço para um cochilo vespertino e sorriu para Carolyn, os olhos azuis enormes por trás das lentes dos óculos de armação tipo pele de leopardo. – Toda a cidade está comentando – anunciou ela, em tom alegre. Aquele era um momento espantoso para Carolyn, mas não em um sentido agradável. Sentia as orelhas queimarem e a garganta apertar. O que acabou se provando uma boa coisa, porque estava prestes a deixar escapar que Brody não passara a noite toda ali, o que era verdade. Afirmaria que nada acontecera, o que não era verdade, e que estava cansada de ser alvo de fofocas. – Que está planejando expandir a loja – Primrose prosseguiu apressada, fazendo-a agradecer pelo fato de não ter aberto a boca antes. – Acho isso muito excitante! É verdade que está planejando contratar ajudantes?

– Si...sim – Carolyn conseguiu responder, embora em tom fraco. – É verdade. Tricia e eu pensamos em lhe propor dar algumas aulas...

Primrose esfregou as mãos cheias de anéis em antecipação.

– Pode apostar que sim – retrucou ela. – E deve considerar trazer Mavis Pawlings para dar algumas aulas também. Ela sabe tudo que há sobre álbuns de recortes, carimbos de borracha e todos os tipos de arte manufaturada. Há também Lily Wilde. Uma de suas colchas ganhou o concurso na mostra do bazar do ano passado...

Carolyn sorriu, erguendo as duas mãos com as palmas para frente.

– Ei, Primrose! – disse em tom divertido. – Dê-me um minuto para acompanhá-la.

Mas a amiga estava muito animada para ser detida, até mesmo por alguns instantes.

– A arte dos álbuns de recortes se transformou em um grande negócio – disparou. – E das colchas? Deus! Essa, por si só, se transformou em uma atividade industrial. – Olhou ao redor com expressão especulativa, uma visão cômica com aqueles olhos magníficos. – Poderia derrubar uma parede ou duas – refletiu. – E começar a vender tecidos. Esta cidade precisa de uma loja de tecidos. As pessoas têm de dirigir até Denver para comprar alguns metros de algodão e carretéis de linha.

– Primrose – suplicou Carolyn, sorrindo. – Tome fôlego.

A amiga obedeceu, mas apenas por um breve instante.

– Mas a maior parte de seus negócios se origina da internet, certo?

– Sim – concordou Carolyn, cautelosa. – Por quê?

Primrose parecia um trator.

– Os sachês, as bonecas e todo o resto são ótimos. Deus sabe o quanto sou grata a você e Tricia por vender tantos dos meus batiques. Mas seria melhor aproveitar o espaço expondo coisas que as pessoas viriam comprar de propósito, como tecidos para colchas. Talvez até mesmo uma ou duas máquinas de costura.

Carolyn sorriu.

– Primrose?

– Sim, querida? – respondeu a mulher mais velha com um sorriso luminoso.

– Estaria interessada em um trabalho de meio-expediente?

Primrose não se conteve e bateu palmas.

– Está me oferecendo um? Todos os meus amigos dizem que passo muito tempo em meu ateliê e que acabarei envelhecendo ou me consumindo lá. Adoraria uma mudança de ambiente por algumas horas do dia.

– Terei de consultar Tricia, claro – disse Carolyn. – Mas não consigo imaginar ninguém mais adequado para me ajudar aqui, e estou certa de que ela concordará.

Primrose olhou ao redor com expressão sonhadora agora.

– Oh! – disse ela. – Posso ver como tudo ficará com os olhos da mente.

– Eu também – concordou Carolyn.

Foi só então que Primrose percebeu o embrulho contendo o batique *Tecelã* ainda pousado sobre a mesa expositora. Havia algo de carinhoso na forma com que tocou pacote.

– Eu poderia entregar isto na casa de Brody em meu caminho para casa – ofereceu.

Em silêncio, Carolyn se xingou de insana. Lá estava sua chance de riscar uma tarefa de sua lista de afazeres e um modo de mostrar a Brody que não estava disposta a dançar no ritmo que ele tocasse. Porém, se viu fazendo que não com a cabeça.

– Ele está fora do rancho, trabalhando com Davis e Conner – explicou. – E o batique *Tecelã* é muito valioso para ser deixado na soleira da porta.

Primrose observou Carolyn com atenção por um instante, um brilho de contentamento bailando em seus olhos.

– Sabe exatamente onde está Brody Creed neste minuto – comentou, em tom provocador. – Isso não é interessante?

Carolyn corou de leve.

– Apenas presumo que seja onde ele está agora – justificou, embaraçada.

Primrose soltou uma risada abafada.

– Isso faz bem ao meu velho coração – disse ela. Como muitas pessoas idosas, a amiga não fazia rodeios. Carolyn preferiu não perguntar o que ela

queria dizer com aquilo, porque sabia.

Rodeios nem sempre eram necessários, certo?

Primrose começou a mostrar as novas peças que trouxera, e Carolyn demonstrou sincera admiração.

– Qual a sensação de trazer à vida pessoas e animais em tecido ou lona como você faz? – perguntou, pensativa.

Primrose lhe deu uma palmada leve nas costas.

– Imagino que seja a mesma de ser capaz de costurar algo tão belo em um curto espaço de tempo, como *você* faz. Tenho observado seu trabalho. Tem talento com as linhas, cores e movimento. Pare de ser tão modesta e assumo isso.

Assuma isso.

O que exatamente aquilo queria dizer?

Parecia-lhe que durante toda a vida estivera tentando provar alguma coisa. Era uma criança adotiva, mas... Nunca fizera faculdade, mas... Apaixonara-se perdidamente por Brody Creed no passado, mas...

Mas e se o que sempre quisera estivesse ao alcance das mãos e tudo que tivesse a fazer fosse assumir isso?

Capítulo Dezesseis

PARA BRODY, o sábado demorou a chegar. Manter-se distante de Carolyn só fora possível devido às doze horas diárias de trabalho no rancho, junto de Davis e Conner. Havia cercas a emendar, gado desgarrado a tanger, vacas doentes a medicar, baias a limpar e cavalos a ferrar, vermifugar e exercitar.

O trabalho de um rancheiro era, literalmente, infundável.

Desde que decidira ir com Kim e as miniaturas de cachorro para Stone Creek, na manhã de domingo, o tio assoviava sem parar e havia certa vivacidade em seu jeito de andar. Davis era um avô nato. Brody e o tio mal podiam esperar o nascimento do filho de Tricia e Conner para que pudessem ter um mais novo Creed à mão para estragar.

Conner também se encontrava em um bom humor contagiante, agora que Tricia concordara em ficar em casa, deixar Carolyn tomando conta da loja e diminuir o ritmo de trabalho até o nascimento do bebê.

Quanto a Brody, bem... se encontrava agitado como água gelada em uma superfície quente. Seu humor se alternava em uma escala entre o “ai-de-mim” e o “viva!”, sem aviso prévio.

Trabalhou metade do dia no sábado, apropriando-se de um trailer de cavalo para trazer Moonshine de volta do rancho ao novo celeiro e, com a ajuda questionável de Barney, instalar o capão na própria baia.

Na opinião de Brody, o cavalo parecia um pouco solitário, sendo o único ocupante daquele lugar imenso, por mais confortável que fosse. As baias estavam concluídas, e o encanamento e eletricidade, em perfeito funcionamento, o que era mais do que havia sido feito na casa. A cerca do curral estava reparada e firme, também.

– Talvez eu e você devêssemos nos mudar junto com Moonshine – disse ele a Barney, em parte brincando, em parte falando sério. Ainda não estavam sequer em junho e a casa não estaria pronta para ser habitada antes de meados de agosto, de acordo com o empreiteiro.

Barney caminhava, contente, ao lado dele, ofegante enquanto se encaminhavam à cabana de madeira, onde estavam vivendo desde que Brody comprara a propriedade de Tricia.

Brody detestava a falta de espaço para se movimentar livremente, o balcão que cruzava o meio da construção, o toailete provisório e a cama emprestada, além do fato de ter de se virar com um frigobar e um forno de micro-ondas do tamanho de uma caixa de sapatos.

Mas, acima de tudo, odiava o fato de sempre estar sozinho naquele lugar. Aquilo era definitivamente desagradável.

Mas, aleluia, chegara sábado.

Parte da equipe do empreiteiro estivera durante dois dias no *Bluebird Drive-in*, limpando a lanchonete e instalado uma máquina de fazer pipocas alugada, assim como o projetor. Contratara o dono de um bufê de Denver para entregar um jantar completo para dois, com vinho e luz de velas.

Oh, havia de fato se superado dessa vez, pensou Brody, alegre. Não que costumasse reformar velhos drive-ins para um encontro, incluindo cinema e jantar. Houve muitas mulheres em sua vida e lhes dera alguns presentes caros ou lhes pagara as contas uma ou duas vezes, mas nunca fizera algo assim antes.

Embora as coisas tivessem tomado um novo rumo entre ele e Carolyn, quando o fim inevitável chegasse, teria aquela noite para se recordar e ela também.

Brody entrou no banheiro provisório, retirou as roupas de trabalho e tomou um banho. Em seguida, vestiu uma calça jeans limpa, uma camisa

azul-claro estilo country, meias e a segunda melhor bota que possuía. Ainda era muito cedo para vestir o par feito sob medida, com o emblema dos Creed sutilmente gravado em alto relevo em cada cano, que geralmente retirava do armário apenas em ocasiões como casamentos e funerais. Passou uma escova pelo cabelo. Achava que precisava se barbear, mas, quanto mais impecável se colocasse, mais se pareceria com Conner, e algo nisso o irritava um pouco. Embora amasse o irmão, achava que era o suficiente terem o mesmo rosto, cor e compleição. Não precisavam ter o mesmo corte de cabelo e barba bem aparada.

Com fome, mas totalmente avesso à ideia de comer uma daquelas preparações pré-cozidas, compostas por uma estranha variedade de ingredientes que se encontrava em seu refrigerador, decidiu almoçar um hambúrguer e um milk-shake.

Com aquilo em mente, deixou Barney tirando uma soneca na cama de cachorro, enquanto dirigiu até o *Birdcage Café* para consumir uma porção generosa de gordura, açúcar e conservantes.

O modesto restaurante fora o baluarte de Lonesome Bend desde que o pai e Davis nasceram e, embora todos imaginassem, ninguém lembrava o motivo pelo qual uma pessoa sensata daria a um estabelecimento que servia comida, mesmo àquele pé-sujo, um nome tão inapetente.

Apesar de tudo isso, o *Birdcage* servia um hambúrguer passável, de fabricação própria. Grelhavam os pães com manteiga de verdade antes de atirar um grosso hambúrguer de carne moída entre as fatias. Trocavam o óleo da frigideira elétrica uma vez por semana, fosse necessário ou não, e a única coisa melhor do que a salada de batatas que serviam era a receita secreta de chili de Natty McCall, disponível apenas no bazar de caridade anual no fim de outubro.

Como sempre, não havia vagas na rua, portanto Brody deixou o carro no estacionamento de terra e cascalho ao lado do restaurante, dirigindo com cuidado para não sujar muito a picape antes da hora de buscar Carolyn para o encontro que teriam à noite.

Tinha grandes esperanças para aquele encontro a dois.

– Do jeito que entrou dirigindo, a 3km/h, pensei que alguma professora donzela rural sairia de trás do volante – provocou Will Carlson, um dos muitos veteranos que se revezavam tomando conta do banco de madeira descascado sob a janela da frente do *Birdcage*, quando Brody se aproximou.

– Quantas professoras donzelas dirigem picapes de cabine dupla, Will? – retrucou Brody com um sorriso bem-humorado e uma saudação com o chapéu que não estava usando.

Will o fitou sob a aba rota de um velho boné, o rosto coberto pela insinuação da barba e a pele flácida. Deslocou a mandíbula, como em um esforço para alinhar a dentadura mal ajustada.

– Veio ver Joleen?

A pergunta do homem mais velho não penetrou na mente de Brody até que fosse tarde demais e já estivesse abrindo a porta do restaurante e entrando.

E lá estava ela, usando um uniforme de garçomete e flertando descaradamente com algum forasteiro trajado com um terno de trabalho, enquanto lhe anotava o pedido.

Brody considerou dar meia-volta e ir embora, mas primeiro: aquela seria uma atitude covarde, já que estava em um país livre até onde sabia e tinha tanto direito de permanecer ali quanto qualquer um. E, segundo: queria comer um hambúrguer gorduroso.

Portanto, ficou onde estava, sentindo o pescoço ferver, quando todos giraram os rostos em sua direção.

Incluindo Joleen.

Brody a cumprimentou com um gesto de cabeça e ocupou o último banco junto ao balcão, entre dois rancheiros de cabelos grisalhos que viviam em Lonesome Bend desde o quinto dia da Criação.

Aquele par de abutres não se falava há cinquenta anos. Pelo que se sabia, haviam se desentendido por causa de uma partida de pôquer e de uma mulher. Aquela era a única razão de haver um lugar para se sentar.

Joleen, com olhar malicioso, terminou de anotar o pedido do homem de terno e saracoteou para trás do balcão para se posicionar diretamente em frente a Brody.

– Muito bem – disse ela, quase ronronando. – Se não é Brody Creed.

Empertigando os ombros e pousando as mãos sobre o balcão com os dedos entrelaçados, ele a cumprimentou.

– Olá, Joleen – disse em tom casual. – Que tal me trazer um hambúrguer com tudo dentro e um milk-shake de chocolate?

Joleen não fez nenhuma menção de anotar o pedido ou transmiti-lo ao cozinheiro que trabalhava na grelha, na parte de trás do balcão. Toda a conversação havia cessado. Até mesmo a jukebox silenciou.

Era óbvio que a clientela que frequentava o *Birdcage* tinha tempo de sobra, a julgar pelo modo como ficavam sentados, ociosos como estavam, com as orelhas praticamente inclinadas para frente, como as de Moonshine, quando o capão estava tentando decifrar se devia se assustar ou não.

Joleen cruzou os braços, salientando os seios fartos.

– Provavelmente, estava pensando que eu devia estar longe a essa hora, certo? – perguntou ela, com a acidez sublinhando a docilidade das palavras.

– Um homem tem o direito de ter esperança – retrucou Brody, sereno.

O comentário atraiu alguns risos de escárnio da plateia e fez os olhos verdes de Joleen faiscarem de raiva.

Brody imaginou, distraído, se a cor era genuína ou se ela não estaria usando lentes de contato. Não planejava se aproximar o suficiente para descobrir.

Em tom calmo, ele repetiu o pedido.

Joleen virou de costas e quase gritou o pedido para Manuel, o cozinheiro.

Manuel estremeceu, olhou de relance para Brody com divertida compaixão e começou a montar seu famoso sanduíche de mais de duas mil calorias.

Depois disso, Joleen se manteve afastada de Brody por tanto tempo que Manuel teve de trazer o sanduíche de hambúrguer e fritas pessoalmente quando o concluiu. Quanto ao milk-shake... bem... Brody decidiu não lembrar a ninguém que o queria, porque era muito fácil imaginar Joleen entornando o líquido viscoso sobre sua cabeça.

Aos poucos, os clientes foram perdendo o interesse, provavelmente desapontados por não terem presenciado nenhum tipo de escândalo, e

voltaram para suas refeições e para as conversas que suspenderam quando Brody e Joleen se confrontaram.

Embora tivesse perdido quase todo o apetite, ele começou a comer o sanduíche e até mesmo fingiu o estar saboreando. Quando não conseguia engolir mais nada, estimou o total que devia e, como Joleen não havia lhe trazido nenhuma conta, deixou o dinheiro sobre o balcão, próximo ao prato.

Encaminhou-se ao estacionamento e estava abrindo a porta da picape, quando Joleen irrompeu por uma porta lateral do restaurante e se aproximou pisando duro.

– E quanto a minha gorjeta? – perguntou, furiosa.

Brody exibiu um sorriso afável.

– Deve estar brincando.

– Isso serve para mostrar o quanto estava certa em dispensá-lo. É um grosseiro!

Brody cruzou os braços. Se Joleen desejava rescrever a história entre eles, não tinha o menor problema. Principalmente se aquilo significasse que o deixaria em paz dali em diante.

– Acho que fez a coisa certa, sendo esse o caso – retrucou. Apoiou um dos pés sobre o estribo de modo a dar impulso para se sentar atrás do volante. – Mas, já que faz questão da gorjeta, aqui está: saia deste lugar, encontre uma cidade grande, com muitas luzes, porque Lonesome Bend, e o *Birdcage Café*, nunca serão suficientes para você.

Um sorriso malicioso se estampou no rosto de Joleen. Alguns teriam se surpreendido com aquela reação, supôs Brody, mas não ele. A palavra “volátil” sequer se aproximava de descrever o temperamento daquela mulher.

– Eu iria, se tivesse, oh, digamos, cinco mil dólares para viajar – sugeriu, modesta.

– Então, é melhor tentar encontrar um trouxa – retrucou Brody. – Porque, se eu lhe arranjasse esse dinheiro, iria parecer um pagamento pelos seus favores, e esse tipo de coisa não me agrada.

O sorriso estampado no rosto de Joleen se tornou gélido, uma camada fina sobre veneno.

– Desde quando se importa com qualquer coisa que concerne aos outros, Creed?

Desde Carolyn, pensou Brody, só então percebendo que era verdade. Não costumava dar a mínima importância à opinião dos moradores daquela cidade ou à de Joleen. Na verdade, nunca dera. Mas importava o que Carolyn via quando olhava para ele. E Conner e Davis, também. Acima de tudo, importava o que pensava de si mesmo.

– E então? – estimulou Joleen, irritada com seu silêncio. – *Desde quando?*

– Desde agora – retrucou Brody, muito calmo.

Joleen piscou várias vezes. Esperava que ela não estivesse prestes a chorar, mas, se fosse o caso, achava que poderia suportar, já que estaria saindo dali dentro de alguns minutos.

– Não seria um pagamento – disse ela por fim, com a voz fraca e um pouco trêmula. – Estou me referindo aos cinco mil dólares. Seria o empréstimo de um amigo a outro. E, seja honesto, Brody, talvez construir aquela casa espetacular e o celeiro em *River's Bend* seja a primeira ostentação que tenha se permitido, mas essa quantia é um trocado para você e sabe muito bem disso.

– Sinto muito – retrucou ele. – Dar-lhe um cheque com qualquer quantia é uma mensagem que não quero divulgar.

Os ombros de Joleen se curvaram e ela esfregou o pé calçado com o sapato branco de garçoneiro contra o cascalho. Não ficaria branco por muito tempo, supôs Brody, mas também, ela não ficaria trabalhando como garçoneiro por muito tempo.

Brody nunca conhecera ninguém que tivesse tanto desejo de viajar quanto aquela mulher.

– Droga! – disse ela, por fim, a tristeza dando lugar ao sorriso de dançarina de cabaré que possuía. – Valeu a tentativa.

Brody soltou uma risada.

– Boa sorte – disse ele. – E seja feliz.

Joleen ainda estava sorrindo quando ele se afastou e lhe acenava em despedida.

Mulheres, pensou Brody. Não havia como entendê-las.

CAROLYN VASCULHAVA, desesperada, o guarda-roupas à procura de algo para vestir, além do costumeiro vestuário composto por jeans, camiseta e botas. O fato era que havia esgotado sua opção de roupas elegantes usando o vestido de verão no churrasco no quintal de Bill, e repeti-lo no encontro com Brody não lhe parecia certo.

– Por que não usa a saia cigana? – perguntou Tricia.

Haviam fechado a loja uma hora mais cedo naquele dia e ela se detivera ali por mais tempo para arrancar uma confirmação de Carolyn de que iria sair com Brody naquela noite.

Carolyn insistira em deixar claro que não era nada de mais.

– Está brincando? – retrucou Carolyn. – O lance está na casa dos quatro dígitos. Quem quer que esteja determinada a comprar aquela saia, não está procurando por algo que já foi usado.

– Nunca saberão – arriscou Tricia.

– Eu saberia – contrapôs Carolyn.

– Então, talvez não se importassem se soubessem – insistiu a amiga, em tom animado.

– Grande chance! – exclamou Carolyn, desencavando um vestido de verão preto com bolinhas brancas e o erguendo para avaliá-lo. Quando fizera aquela coisa? Devia ter sido há muito tempo, porque não se recordava.

Tricia soltou uma risada abafada.

– E quer me fazer acreditar que esse encontro não é nada de especial – provocou. – Por que não vai de carro até o rancho? Vasculharíamos todos os guarda-roupas lá existentes, se necessário, entre o de Kim e o meu, e acabaríamos descobrindo algo que pudesse usar esta noite.

– Não há tempo para isso. – A voz de Carolyn soou quase como um lamento, antes de lançar um olhar especulativo à saia cigana, impecavelmente pendurada em um cabide que pendia do gancho atrás da porta do quarto.

Não poderia usar aquela saia.

Primeiro, não lhe pertencia. Segundo, poderia espirrar algo sobre ela e arruinar a peça para sempre. E depois?

E ainda havia mais um motivo. Brody não a convidara para uma noite de gala na Casa Branca ou alguma coroação no Palácio de Buckingham. Tratava-se apenas de um jantar e uma sessão de cinema.

Pareceria uma tola, vestida com tanta elegância para um prato executivo em algum restaurante da região, seguido de um filme e um saco de pipocas.

Porém, não resistiu em enrolar uma das fitas entre os dedos, imaginando como se sentiria uma princesa por apenas uma noite.

– Use a saia, Cinderela – disse Tricia em tom gentil.

– Não poderia – murmurou Carolyn, extremamente tentada a fazer exatamente aquilo. Ousar e negligenciar apenas uma vez na vida, em vez de ser tão cautelosa.

Estar bonita.

Ser Cinderela.

Oh, mas Brody Creed era um caubói, não um príncipe. Lonesome Bend estava plantado no centro do mundo real, não em um reinado fictício, onde fadas madrinhas sacudiam varinhas mágicas fazendo abóboras se transformarem em carruagens, e ratos, em cavalos.

Era Carolyn Simmons, uma mulher comum, e seria melhor se lembrar disso.

Porém, Tricia não se mostrava disposta a desistir.

– Muito bem, apenas a experimente – estimulou, levantando-se com dificuldade para se postar próximo a Carolyn. Com um suspiro, se esticou para aliviar a pressão na coluna lombar. – Juro que esse garoto está se preparando para um teste de admissão na Riverdance. Do jeito que chuta, nascerá com calçados de sapateado nos pés.

Como Tricia e Conner não haviam revelado o sexo do bebê, aquela era a dica que Carolyn estivera esperando.

– Aha! – disse ela eufórica, esquecendo a saia e toda sua magia em favor de um milagre ainda maior, a formação de um novo ser humano. – Vai ter um menino!

– Não espalhe – retrucou Tricia, com um sussurro conspiratório, levando um dedo aos lábios. – Fora do consultório do meu médico, ninguém sabe, exceto Conner e eu.

– Por que o segredo? – perguntou Carolyn.

Mais uma vez, Tricia suspirou, porém mais suave e com um ar de contentamento.

– Não estamos querendo ser misteriosos – explicou. – Apenas... bem... ambos somos antiquados no que concerne a ter um bebê. Não faz muito tempo que as pessoas só podiam saber se estavam esperando um menino ou uma menina na hora do nascimento. Agora, têm os quartos dos bebês decorados em rosa ou azul e o nome escolhido meses antes. Preferia ter sido surpreendida, e Conner também.

Carolyn estudou a amiga.

– Não é supersticiosa, certo? Uma dessas pessoas que acredita dar azar comprar o enxoval do bebê antes do nascimento? No caso de algo sair errado?

Tricia sorriu.

– Não. Não há nada de errado com o bebê, acredite em mim. Ele chuta como uma mula.

Carolyn retribuiu o sorriso, aliviada.

– Suponho que não queira me dizer como se chamará o pequeno senhor Creed, agora que o figurativo ouro foi entregue ao bandido?

– Davis Blue – respondeu Tricia de imediato. – Provavelmente, o chamaremos de Blue.

– Blue? – perguntou Carolyn. O que diz respeito a Davis, não necessita de explicação, mas... Blue?

– Era o nome do pai de Conner e Brody – explicou Tricia. – O irmão mais velho de Davis. Dizem que estava um céu de brigadeiro quando Blue nasceu, daí o nome.

– Gosto dele – refletiu Carolyn e, por um ínfimo instante, se permitiu imaginar que nome ela e Brody poderiam dar a um filho deles.

– Eu também – concordou Tricia. – E não se atreva a contar a ninguém. Davis e Kim não sabem. Tampouco Brody. Queremos que o sexo do nosso filho, bem como o nome, seja surpresa.

Carolyn fingiu fechar a boca com um zíper. Em seguida, soltou outra risada de pura satisfação pela sorte da amiga e a abraçou.

– Agora... – disse Tricia, com uma sutil fungada, depois do momento “mulher” que compartilharam. – De volta à saia cigana. Experimente-a. Quero ver como fica em uma pessoa e, Deus sabe, não estou em condições de bancar a modelo de alta costura.

– Tricia.

– É o mínimo que pode fazer – insistiu a amiga. – Depois de lhe contar meu grande segredo.

Carolyn suspirou, retirou a saia do gancho, ainda no cabide, e a encostou ao peito, cuidadosa para não amassar as fitas.

– Oh, está bem – disse ela, encaminhando-se ao toalete. – Mas vou logo adiantando que parecerá esquisita com uma camiseta.

Tricia se encaminhou à cômoda, abriu uma gaveta e de lá retirou uma camisola de seda preta com alças finas, agitando-a como uma bandeira em direção a Carolyn.

– Vista isso.

Com um olhar melancólico, Carolyn aceitou a peça de roupa, hesitante. Vestira aquela camisola debaixo com uma blusa transparente que possuía e depois a descartara como impraticável, muito tempo atrás.

– Não sei – retrucou. – É um traje sumário.

– É essencialmente feminino – retrucou Tricia, quase cantarolando as palavras e a empurrando em direção ao toalete. – Vá.

PARADO À porta da cozinha de Carolyn, com as primeiras sombras do crepúsculo o rodeando, Brody tentou se lembrar da última vez que se agitara tanto por causa de um simples encontro.

Não desde a época do baile de formatura do colégio, decidiu, enganchando um dos dedos no colarinho da camisa branca engomada, embora os três primeiros botões já estivessem abertos. Kim fizera ele e Conner usarem ternos “pinguim”, e Brody havia espetado uma menina, Becky? Betsy? Babs?, com o pequeno alfinete de gravata de cabeça de pérola, enquanto tentava desajeitadamente prender seu corpete. Ele, Conner, dois amigos e quatro meninas com quem respectivamente saíam, se espremeram

no banco de trás de uma limusine alugada, agindo como se fossem pessoas de grande importância.

Brody sorriu ante a lembrança e percebeu que não havia batido à porta, o que fez de imediato com as juntas dos dedos.

Através do vidro fosco da abertura oval da porta, viu Carolyn se aproximando para recebê-lo e, mesmo antes que a porta se abrisse, sentiu o coração triplicar de tamanho e lhe bater na garganta.

O cabelo claro caíam em cascata sobre os ombros delicados como a convidá-lo a escorregar os dedos sobre os fios sedosos, o sulco entre os seios formava um excitante “V” acima da seda preta da blusa.

Depois daquele rosto tímido, adorável e levemente corado, seria a saia de que Brody se lembraria até o fim de seus dias.

Era uma composição do que parecia ser centenas de fitas e miçangas que ondulavam e se deslocavam em torno do corpo de curvas perfeitas como uma lufada de fumaça brilhante, ou fragmentos de vidro em um caleidoscópio.

– Uau! – disse ele. Não lhe trouxera flores, já que Carolyn ainda devia ter as rosas de algumas noites atrás, mas naquele instante desejava tê-lo feito. Queria que houvesse uma carruagem puxada por seis cavalos aguardando-os na rua, em vez do carro que pedira emprestado a Davis e Kim.

As faces de Carolyn estavam rubras. Sem baixar o olhar, uma habilidade que aperfeiçoara desde a adolescência, Brody conseguiu perceber o sombreado dos mamilos pelo tecido fino da blusa preta.

– Uau para você também! – retrucou ela, após varrê-lo com o olhar. Mas, em seguida, Carolyn perdeu toda a bravata que conseguira reunir e corou outra vez. – A...acha que me arrumei demais? Foi ideia de Tricia que eu usasse isso... Ela me induziu...

Brody esticou o braço e pousou um dedo de leve sobre os lábios que esperava beijar, sistematicamente, mais tarde.

– Está perfeita – respondeu. – Você é perfeita.

Carolyn estava com a bolsa fina, tipo envelope, e a colocou sob um dos braços. Era óbvio que não estava levando a escova de dente e uma muda de roupa para trocar pela manhã.

Brody tentou não interpretar aquilo como um mau presságio.

– Obrigada – disse Carolyn, com tanto atraso que ele teve de vasculhar a mente para se lembrar do que ela estava falando.

Oh, sim. O fato de ter dito que era perfeita. Bem, não fora nenhuma distorção da verdade, certo?

Carolyn *era* perfeita.

Brody lhe segurou o braço enquanto desciam os degraus da escada externa. A saia sussurrava como poesia que se tornava visível a cada movimento que ela fazia.

Dessa vez, Carolyn o percebeu olhando e estacou, quando alcançaram o sopé da escada, para lhe perscrutar o rosto.

– Tem certeza de que não exagerei no traje? – perguntou.

Brody soltou uma risada baixa.

– No que me diz respeito, moça, sempre que está usando mais do que a própria pele, está exageradamente vestida.

Aquilo a fez soltar uma risada, embora nervosa. Porém, sentiu os pés flutuarem acima do chão em que os fincara há alguns instantes, enquanto caminhavam em direção ao carro.

Deveria ter enchido o veículo de flores, pensou Brody. Mas fizera a coisa certa em optar por aquele carro. Carolyn teria problemas para subir na cabine de sua picape.

Brody abriu a porta do passageiro e esperou até que ela e a saia estonteante estivessem devidamente acomodadas.

Carolyn já havia ajustado o cinto de segurança quando ele escorregou para trás do volante.

Brody estava usando a melhor camisa e calça jeans que possuía, e um par de botas que lhe custara mais que seu primeiro carro, mas agora imaginava se não devia ser ele a se preocupar em estar vestido de maneira inadequada.

Carolyn se sentou, rígida, no banco. A bolsa prateada fina estava pousada sobre o colo, e o olhar, fixado à frente. Com o canto do olho, Brody lhe notou a pulsação acelerada na base do pescoço. Ao que parecia, não era o único a estar nervoso, e a constatação o fez relaxar um pouco.

Quanto à conversa, bem... se Carolyn não estava disposta a falar, tudo bem. Estava satisfeito apenas em dividir os bancos do carro com ela.

Dirigiram-se à cidade, e Brody pensou tê-la ouvido exalar um sutil suspiro de alívio quando passaram direto pelo *Birdcage Café*. Como se ele fosse levá-la para lá! O mesmo percebeu quando deixaram para trás o *Golden Spur Saloon* e o *Steakhouse*, embora Brody tivesse aventado tais possibilidades.

Quando ele manobrou o carro pela trilha acidentada que levava ao *Bluebird Drive-in*, Carolyn girou de frente para ele, com os olhos dilatados. Talvez estivesse achando que ele aproveitava o tempo ocioso como assassino serial e a estivesse levando para um local isolado, a fim de torná-la sua próxima vítima.

Creed, pensou ele, *está perdendo o juízo*.

Graças ao gerador barulhento, porém eficaz, que pegara emprestado do empreiteiro, a área que compreendia a lanchonete estava inundada de luz. A antiga tela de cinema brilhava, branca, contra o crepúsculo, pronta para entrar em ação.

Carolyn olhou ao redor, ainda perplexa e boquiaberta.

– Quería ir ao cinema e jantar – disse Brody, observando-a.

E se aquela tivesse sido a mais tola das ideias?, imaginou, enquanto esperava pela reação de Carolyn.

– Não está falando sério? – retrucou ela, porém agora com um brilho no olhar e aquela pulsação na base do pescoço palpitando ainda mais descompassada. Brody não respondeu. Apenas desligou o motor do carro, saltou, contornou-o e abriu a porta do passageiro. Carolyn esticou a mão, e ele a segurou, ajudando-a a sair do veículo. Ela ficou parada, como uma deusa trajada em sonhos esvoaçantes, fitando-o com expressão admirada. – Não entendo – disse, depois de alguns instantes.

– Entenderá – retrucou Brody, ainda lhe segurando a mão. Guiou-a em direção à lanchonete, que fora abastecida pelos funcionários do bufê que contratara. Agora, havia apenas um garçom, que devia estar escondido nos fundos, mas que também partiria tão logo Brody pudesse dispensá-lo.

Dentro da lanchonete limpa e polida, os vidros da máquina de pipoca brilhavam, assim como o balcão.

Uma mesa redonda se encontrava no meio do ambiente, coberta por uma toalha branca como a neve e posta com porcelanas e talheres de prata. Velas tremeluziam no centro. Exceto pelo rugido do gerador, tudo se encontrava no mais perfeito silêncio.

Carolyn estava sem palavras. Ergueu o olhar ao rosto de Brody como se esperasse ouvir que tivesse havido algum engano, que haviam entrado no lugar errado, ou algo assim.

Brody sorriu, lhe ofereceu o braço, que ela aceitou após alguns momentos de perplexidade, e a guiou até a mesa. Em seguida, puxou uma das cadeiras e esperou que Carolyn se sentasse para se acomodar no assento oposto ao dela. A luz bruxuleante das velas dançava no rosto delicado e lhe fazia os cabelos brilhar.

No mesmo instante, o garçom contratado apareceu, com uma garrafa de vinho francês e duas taças de cristal faiscantes.

Carolyn inspirou profundamente, voltou outro olhar surpreso a Brody e, por fim, lhe retribuiu o sorriso.

– Quando disse “jantar e cinema”, não estava brincando – disse ela, enquanto o garçom servia o vinho, antes de voltar para os fundos da lanchonete outra vez e aguardar a próxima cena.

Brody sorriu, ergueu a taça pelo cabo e esperou que ela fizesse o mesmo.

– Há coisas – começou – com as quais nunca brinco.

Carolyn retribuiu o sorriso, e as bordas das taças imitaram um repicar de sino quando se tocaram.

– Isso parece algo... bem... tirado de um filme – disse ela.

O garçom retornou com as saladas, pousou-as em frente a eles com um floreio e desapareceu logo em seguida.

Aquele homem sabia exatamente quando sair de cena, pensou Brody satisfeito, o valor da gorjeta que lhe ofertaria crescendo a cada momento.

– Está deliciosa – disse Carolyn, após colocar uma garfada da salada na boca.

Brody riu.

– Parece surpresa.

Carolyn corou graciosamente. Deus! Amava quando ela enrubescia.

– É... nunca tive um encontro como este.

– Essa era a ideia – retrucou ele. – Não olhe agora, mas estou tentando impressioná-la.

– Bem – disse Carolyn. – Está conseguindo. – Ela o fitou sob os cílios enquanto um dos cantos daqueles apetitosos lábios se erguia. – O que vem a seguir?

Brody fingiu não entender e tomou outro gole do vinho sem responder. Mas estava pensando: *você, se eu pudesse escolher.*

Carolyn, tão calada no carro, agora parecia disposta a conversar.

– O Bluebird ficou fechado durante anos – disse ela, olhando ao redor com expressão nostálgica. – Tricia tem muitas fotos antigas deste lugar. Mas, certamente, o projetor não está funcionando...

– Veremos – disse Brody, enigmático.

Capítulo Dezessete

CAROLYN ESTAVA admirada e não apenas com o jantar romântico, a delicada sobremesa que o seguiu ou com o modo como a máquina de pipoca pareceu voltar à vida sozinha, como mágica.

Foi o fato de Brody se lembrar de algo assim e se dar a todo aquele trabalho para pô-lo em prática que a deixou perplexa.

Permaneceram sentados à luz de velas até que a escuridão se instaurasse por completo. Só então, Brody afastou a cadeira para que ela se erguesse e a guiou majestosamente ao carro de Kim e Davis.

Seguiram pelo solo irregular até mais à frente e estacionaram ao lado de um poste enferrujado em particular, munido de um autofalante.

– Não se mexa – disse Brody, com um brilho no olhar. – Volto já.

Carolyn se virou para observá-lo voltar à lanchonete. O som verberou pelo autofalante sobre o posto do lado da janela do motorista e todo o terreno se iluminou. Houve uma época em que o *Bluebird Drive-in* estaria lotado com todos os tipos de veículos em uma noite de sábado, cada espaço ocupado, autofalantes pregados em todas as janelas dos carros. Porém, naquela noite, ao que parecia, todo o pavilhão lhes pertencia.

Honrando a palavra, Brody retornou minutos depois, carregando um balde prateado transbordando de pipocas frescas na curva de um dos braços. Ele abriu a porta do carro, entregou a pipoca a Carolyn e entrou.

Imaginando o que a pipoca amanteigada poderia fazer com a saia cigana, ela pousou o balde no espaço entre os dois bancos. Quando fechou os olhos, sentiu-se tonta, mas, no instante em que os voltou a abrir, a sensação passou.

– Não tive tempo de procurar aquelas embalagens de papelão em que costumam servi-las – explicou Brody, gesticulando com a cabeça na direção da pipoca. Em seguida, girou e ajustou o autofalante. Música ecoou pelo interior do veículo, junto com o som de estática. Com uma careta de desgosto, ele começou a ajustar o volume.

Só então, Carolyn voltou o olhar à tela do cinema, agora inundada com movimento, cores, luzes e os créditos de abertura de um filme.

Um nome lhe veio à mente.

Gifford Welsh.

Gifford Welsh, o homem que, sozinho, pusera um fim à breve e feliz carreira de Carolyn como babá de sua filha.

O choque que sentiu era como um banho com água carregada de eletricidade, roubando-lhe o ar dos pulmões e fazendo cada terminação nervosa em seu corpo arder como cera derretida. *Essa deve ser a sensação quando alguém é atingido por um raio*, pensou ela.

Uma onda de náusea e outra tontura se seguiram a tal sensação, e Carolyn temeu vomitar pela segunda vez diante do mesmo homem.

– Oh, meu Deus...! – sussurrou ela, incapaz de prosseguir.

Brody escolhera deliberadamente um filme estrelado por *Gifford Welsh*.

E por que teria feito isso? Porque ouvira todas aquelas fofocas sobre o suposto caso que ela tivera com o ator. Aquele era o motivo. Brody convidara-a para aquele encontro romântico, iludira-a com um jantar romântico na lanchonete remodelada... talvez até mesmo o ato de amor de alguns dias atrás fizesse parte do jogo... mas com que propósito? Para fazer uma brincadeira cruel e imatura?

– Opa! – ela ouviu Brody dizer em algum lugar do vácuo criado pela terrível humilhação que a cercava. – Carolyn, eu...

Abrindo a porta do carro com um empurrão, trêmula e cega pelas lágrimas que a raiva fazia brotar em seus olhos, Carolyn cambaleou para

fora do veículo. No instante seguinte, pisou na bainha da saia cigana, em sua esplêndida saia cigana, ouvindo o tecido se rasgar.

Acima daquilo tudo, na tela gigante, o rosto de Gifford assomou, tão imenso como um prédio. Ele gargalhava, claro.

Carolyn ergueu a saia com as duas mãos, tropeçando sobre o solo irregular. Por fim, retirou as duas sandálias, deixando-as para trás.

– Carolyn! – gritou Brody atrás dela, com a voz soando áspera. – Espere!
– Mas ela não obedeceu. Não poderia. Não conseguia ser racional. Era isso que ganhara, pensou histérica, por acreditar que poderia ser Cinderela apenas por uma noite. Brody a alcançou e a segurou por um braço, mantendo-a de pé quando estava prestes a tropeçar e cair. – Escute-me – disse ele. Carolyn respirava com dificuldade, voltando a si e se sentindo mais envergonhada que nunca. Com a lateral de um dos polegares, Brody limpou uma lágrima que lhe escorria pelo rosto. Até então, ela não havia percebido que estava chorando. – Shh! – murmurou ele, puxando-a contra o corpo. A princípio, Carolyn ofereceu resistência, mas, em seguida, se colou ao corpo forte, enterrou o rosto úmido na camisa antes branca, sujando-lhe a frente com a base, o rímel e o batom, enquanto dava vazão aos soluços. Ainda assim, Brody a abraçava. – Desculpe – disse ele em tom sereno. O hálito lhe fustigava a orelha. – Carolyn, sinto muito...

Carolyn, sinto muito. As palavras reverberavam em sua memória, proferidas por diferentes vozes.

Pela mãe: Carolyn, sinto muito, mas não posso mais ficar com você...

Pelas sucessivas assistentes sociais: Carolyn, sinto muito, mas os Wilson... os Jefferson, os Crosby... acham melhor que vá para outro lar adotivo.

E, finalmente, por Gifford Welsh: Carolyn, sinto muito. Pensei que sentisse por mim o mesmo que sinto por você...

– Não estava envolvida com Gifford Welsh – disse Carolyn, com a voz e a respiração tão irregular quanto o solo em que pisavam. – Eu era a babá. Tomava conta da filha dele, Storm, e amava aquela criança. Mas tive de ir embora porque ele me assediou, quando a mulher estava viajando e... e...

– Carolyn – repetiu ele, apertando-lhe os ombros e descansando o queixo no topo de sua cabeça. – Fique calma. Tudo bem. Está tudo bem.

Mas outra onda de fúria a assolou, fazendo-a empurrá-lo.

– Não posso crer que confiei em você outra vez. O que significa para você? Apenas mais uma em sua cama? Bem, aqui vai um lembrete para você, caubói: sou uma pessoa com sentimentos!

Brody não repetiu seu nome outra vez. Não disse nada. Limitou-se a fitá-la, com as mãos pendendo, frouxas, nas laterais do corpo, aquele maldito filme seguindo na tela enorme atrás dele como uma versão hollywoodiana da segunda vinda de Jesus. Estranhos fragmentos de diálogos e música ecoavam pelo autofalante enferrujado e se desintegravam atrás dele.

Uma parte de Carolyn permanecia à margem daquilo tudo, destacada, observando em silêncio. Àquela altura, Brody talvez estivesse esperando que sua cabeça começasse a girar sobre os ombros ou algo parecido.

– Quero ir para casa – disse ela, com uma dignidade a muito custo adquirida após alguns momentos de embaraçoso silêncio.

– Está bem – concordou Brody, com a voz rouca. – Vamos.

Segurando-a pelo braço, ele a guiou de volta ao carro e a acomodou no banco da frente, sem dizer uma palavra.

Deslizando para trás do volante, Brody baixou a janela do carro, retirou o autofalante e o atirou para longe. Em seguida, ligou o motor e se afastou, deixando o filme sendo exibido para uma plateia de fantasmas e as luzes na lanchonete acesas.

A pipoca entornou no banco traseiro quando passaram por um desnível no solo e Carolyn baixou o olhar à saia cigana.

Estava arruinada, claro.

Uma metáfora da noite.

De sua vida.

Era o fim da história de Cinderela. Brody não tentaria calçar um sapato de cristal em seu pequeno e delicado pé tão cedo, tinha certeza.

Carolyn esperava que ele lhe perguntasse se havia consultado seu psiquiatra ultimamente ou se estava se esquecendo de tomar os remédios, mas ele nada disse.

– Talvez eu tenha exagerado um pouco – disse Carolyn por fim, quando estacionaram em frente à casa de Natty McCall. A raiva incineradora a deixara oca por dentro.

– Você acha? – indagou Brody, sereno, sem nenhum traço de humor. Em seguida, saltou do carro, o contornou e abriu a porta.

Descalça, com exceção da meia fina arruinada, pressionou ao peito a bolsa que, por um milagre, não perdera, e caminhou, tão régia quanto pôde, pelo caminho que levava à casa, cruzando o gramado até a escada que levava ao seu apartamento.

Brody a acompanhou até a porta, mas apesar do espaço exíguo na plataforma entre os dois lances da escada, conseguiu manter a distância entre eles. Um músculo se contraiu na mandíbula bem marcada, mas a expressão dos olhos azuis era de dor, não de raiva.

– Ficar bem agora? – perguntou, como se não achasse seguro deixá-la sozinha.

Carolyn mordeu o lábio inferior e confirmou fazendo que sim com a cabeça.

– Sim – respondeu.

Brody ergueu uma das mãos com a palma para fora e, por um breve instante, ela pensou que fosse uma tentativa de fazer as pazes. Felizmente, percebeu que ele lhe pedia a chave antes de fazer papel de idiota outra vez dando-lhe a mão.

Brody destrancou a porta, abriu-a e lhe devolveu a chave assim que ela transpôs a soleira e girou para encará-lo.

Winston, que devia estar espreitando do parapeito da janela, saltou com um baque contra o chão, mas não bufou para Brody ou eriçou a cauda como costumava fazer. Na verdade, ronronou e se esfregou nas botas que ele usava em uma saudação.

Brody não lhe deu atenção. Estava com o olhar cravado em Carolyn. Engoliu em seco. A angústia refletida em seu olhar, visível apesar de ela não ter acendido as luzes da cozinha, combinava com a dor entorpecida que se instalara no centro do peito de Carolyn.

– Boa noite então – disse Brody por fim.

– Boa noite – retrucou ela, com a voz embargada e com grande esforço.

E, então, ele girou para partir. Carolyn fechou a porta e a trancou. Acendeu as luzes e Winston miou, erguendo o olhar para fitá-la.

Carolyn se forçou a observar com atenção a saia cigana.

Sim, estava esfarrapada. Perda total.

Como um zumbi, Carolyn entrou no próprio quarto e trocou o traje de baile da Cinderela por jeans, camiseta e botas antes de retornar à cozinha.

– Arruinei tudo – disse ela a Winston, enquanto procurava no armário a caixa de chá de gengibre. Sentia o estômago revirar.

O bichano pulou de volta ao parapeito da janela.

– Miau? – perguntou.

Carolyn lhe acariciou a cabeça, com um sorriso triste. Sentia os olhos inchados, embora não tivesse chorado tanto assim. Provavelmente tinha o rosto borrado pela maquiagem, e só Deus sabia em que estado estava seu cabelo, mas nada daquilo importava, porque se tratava da mesma velha história. O *déjà vu* mais uma vez.

Estivera ávida por uma fantasia, permitira-se acreditar em conto de fadas. Por uma noite apenas, desejara ser uma princesa.

Seria aquilo tão errado assim?

Carolyn esqueceu o chá de gengibre, abriu outro armário e começou a descer as canecas de *souvenir* uma por uma.

Disneylândia. Grand Canyon. Independence Hall. O Álamo.

Nunca estivera em nenhum daqueles lugares, mas poderia descrever as férias de uma família em cada um deles, desde como estivera o tempo até o que comera em cada restaurante. Haveria muitas fotos para lhe aguçar a memória, e escolher uma para estampar o cartão de Natal anual seria um desafio.

Ao menos, não havia enviado cartões-postais para si mesma, pensou tristonha, os olhos ardendo diante de uma nova avalanche de lágrimas. Ao todo, havia duas dúzias de canecas em sua patética coleção.

Estivera, na mais completa solidão, em exatamente três dos lugares representados nas canecas: Boise, Idaho, Virginia, em Nevada, e Reno. Nem mesmo em Las Vegas, pelo amor de Deus, mas em Reno.

Aquilo era realmente patético.

Bem, acabara o fingimento e os contos de fada. Não mais tentaria ser ninguém além de Carolyn Simmons, a criança adotiva que se tornara adulta, sem família, sem história e certamente sem férias felizes para se recordar.

Não que sentisse pena de si mesma. Se sentia alguma coisa, era raiva.

Talvez Brody tivesse lhe preparado uma armadilha naquela noite, talvez não. De qualquer forma, agira como uma maníaca, o que o faria evitá-la dali em diante.

O que, provavelmente, era bom.

Carolyn ergueu a caneca da Disneylândia, recordando tê-la comprado em um brechó durante uma de suas viagens banais, e a atirou na lata de lixo, onde produziu um prazeroso baque surdo.

Winston a observava com olhar curioso, mas não parecia muito preocupado com aquele estranho comportamento.

O que os tornava iguais.

Carolyn atirou a caneca do Grand Canyon logo em seguida, que bateu na da Disneylândia e se estilhaçou.

Quando terminou, restavam apenas três canecas. Não eram tão extravagantes, mas ao menos representavam lugares em que ela realmente *estivera* em algum momento.

Sempre ouvira dizer que quebrar pratos podia ser terapêutico e lhe parecia que a teoria estava certa, porque começou a se sentir um pouco melhor do que antes, embora ainda sentisse a cabeça doer e o estômago revirar.

Livrar-se daquelas canecas era como um rito de passagem, decidiu, erguendo, com mais energia, o saco plástico pesado que forrava a lata de lixo e o carregando até o latão, próximo à garagem destacada de Natty.

Aquele era o primeiro passo para se tornar a verdadeira Carolyn Simmons, ainda que não soubesse o que isso significava.

CONNER OBSERVAVA, com uma expressão cautelosa estampada no olhar, o irmão gêmeo pegar uma cerveja no refrigerador da casa do rancho, retirar a tampa e tomar um grande gole.

A cozinha se encontrava imersa em parca iluminação. Tricia estava deitada, provavelmente dormindo. Conner atendera à batida à porta da cozinha, resmungado, com o cabelo desgrenhado e trajado apenas com uma calça de moletom.

– O que aconteceu com sua camisa? – perguntou, observando a mancha sobre o peito de Brody. Em seguida, franziu a testa, pensativo. – Ou seria essa a *minha* camisa?

– Carolyn esfregou o rosto nela – retrucou Brody, erguendo a lata de cerveja em um brinde destituído de humor.

Conner também se serviu de uma cerveja e se encaminhou à mesa, onde gerações de Creed, tanto homem quanto mulheres, tiveram conversas como aquela no meio da noite.

– Sente-se – disse a Brody.

O irmão se deteve a pegar uma segunda cerveja de reserva, antes de se deixar afundar em uma cadeira.

– O que aconteceu para o rosto de Carolyn se esfregar em sua... minha camisa? – perguntou Conner, sereno. Brody percebeu o divertimento no olhar do irmão, acrescido de uma boa parcela de compaixão. A última o deixou furioso.

– Esta camisa não é sua – disse ele. – Comprei-a há dois anos em San Antonio.

– Que seja – retrucou Conner, afável. Em seguida, suspirou e prosseguiu: – Concluí por mim mesmo que esse encontro no cinema se revelou um fracasso por alguma razão – continuou. – Mas terá de me ajudar a descobrir o resto se quiser que eu entenda.

Brody bebeu todo o conteúdo da primeira cerveja, esticou o braço para a segunda, mas decidiu esperar até que a gaseificação em seu estômago abrandasse, e recuou a mão vazia. Em seguida, escorregou-a pelo cabelo. Passara na cabana, após o fiasco com Carolyn, para pegar Barney, antes de se dirigir à casa da família. Aquele pobre cachorro devia estar pensando que caíra nas mãos de um louco.

Não que o velho Barney estivesse particularmente abalado, dormindo com Valentino próximo ao fogão. Os dois conseguiram se acomodar na

cama de cachorro e dormiam profundamente.

Devia ser uma sensação agradável, pensou Brody, concluindo que nunca mais conseguiria dormir.

Conner estalou os dedos a poucos centímetros do nariz do irmão.

– Fale comigo – disse ele. – Fez-me levantar de uma cama quente, com uma mulher ainda mais quente, portanto me deve uma justificativa.

Brody soltou uma risada abafada.

– Quer que lhe conte o que aconteceu – disse ele.

– Basicamente – respondeu Conner conciso. – Sim, isso seria um começo.

– Que um raio caia sobre mim se eu sei – respondeu Brody. – Em um minuto, eu e Carolyn estávamos nos divertindo. Vinho, boa comida, um garçom... tínhamos tudo, menos um quarteto de cordas tocando música ambiente. E então, fomos assistir ao filme e o inferno se instaurou.

A expressão do Conner era, no mínimo, cética.

– Ora, vamos! Não está tentando me convencer de que não sabe o que aconteceu? Você estava lá, droga.

– Deve ter sido o filme – retrucou Brody, reconsiderando tomar a segunda cerveja. Era melhor esquecê-la, pensou. Teria de voltar dirigindo para *River's Bend*. Não, ele e o bom Barney passariam a noite ali.

– O que havia de errado com o filme?

– Era estrelado por Gifford Welsh – disse Brody.

– Oh, meu Deus! – exclamou Tricia, da soleira da porta que levava ao corredor.

Estava descalça, vestida com uma das camisas de Conner e totalmente grávida.

– Eu tentei explicar que foi sem querer – explicou Brody. – Mas ela estava transtornada. Começou a balbuciar sobre fofocas e que nunca tinha tido um caso com aquele homem...

Tricia atirou as duas mãos para o alto em um gesto enfático.

– *Sinceramente*, Brody! – exclamou ela. – Será que eu e Conner não podemos perdê-lo de vista nem por um minuto?

Brody corou de leve e empertigou a espinha, evitando o olhar do irmão porque sabia que iria ver uma risada estampada lá.

– Como eu poderia saber que ela iria se descontrolar daquele jeito? E decidir que escolhi aquele filme de propósito?

Tricia se encontrava parada ao lado da cadeira de Conner agora, com as mãos nos quadris, o abdome protuberante se projetando para frente e a cabeça inclinada para o lado.

– Esses rumores maldosos correram por Lonesome Bend durante anos. Como pode ter sido o único que nunca os ouviu?

Brody engoliu em seco, ainda reticente em encarar o irmão.

– Acho que Joleen comentou alguma coisa sobre isso uma vez, mas não levei a sério.

Tricia deu palmadas leves no ombro de Conner, e ele recuou a cadeira para que ela pudesse se sentar em seu colo sem ficar presa entre a beirada da mesa e o corpo dele.

– Por várias vezes, Carolyn quase deixou a cidade por causa disso – confidenciou ela. – Isso, somado a sua façanha de anos atrás, era muita humilhação para uma mulher suportar. A prova de que ela ama Lonesome Bend e quer construir um lar aqui é o fato de não ter abandonado esta cidade há muito tempo.

Brody sentiu as orelhas quentes.

– Isso é culpa *minha*?

– Em parte, sim – retrucou Tricia. – Você foi provavelmente a primeira pessoa em quem Carolyn se permitiu confiar. Não tem ideia de como foi a vida dela... e a decepcionou.

– Tricia – interrompeu Conner, envolvendo-a com um dos braços –, sabe que Brody teve suas razões para fazer o que fez.

O irmão o estava *defendendo*? Ele mal conseguia acreditar.

– Teremos sorte se Carolyn não levantar acampamento e partir para sempre – disse Tricia, embora estivesse mais calma, recostada contra o peito do marido. – Explicou-lhe que cometeu um erro?

Brody fechou os olhos para contar até dez, mas só conseguiu chegar a sete, antes de disparar:

– Eu cometi um erro? Praticamente reconstruí o *Bluebird Drive-in* para um encontro e *eu* cometi um erro? Diabos, Tricia, nem mesmo vi os títulos daqueles filmes. Apenas peguei o DVD e o enfeei na máquina. Dois segundos depois que havia retornado ao carro, Carolyn estava enlouquecida.

Conner soltou uma risada baixa.

– Parece que o drama se passou fora da tela – comentou ele.

– Cale a boca – repreendeu Tricia, dando-lhe uma cotovelada. – Isso é sério. – E, dirigindo-se ao cunhado: – Tem de conversar com ela – insistiu, tão séria quanto um pregador da antiguidade descrevendo os tormentos do inferno. – Agora mesmo. Esta noite.

– Ele não vai a lugar algum – contrapôs Conner. – Está bebendo cerveja como se estivesse pegando fogo por dentro.

– Não estou – protestou Brody.

– Não importa – reiterou Conner. – Ainda assim, não vai a lugar algum esta noite.

Normalmente, Brody teria argumentado, por uma questão de princípio, porque não admitia que ninguém, e Conner em particular, lhe dissesse o que tinha de fazer. Mas o problema era que o irmão tinha razão. Provavelmente, não havia passado do limite permitido de ingestão de álcool para dirigir com apenas uma cerveja e meia, mas não estava com a mente focada, então por que correr riscos desnecessários?

– Você a fez chorar – acusou Tricia, tristonha, notando a mancha de maquiagem na camisa do cunhado. Ao menos, Brody *achava* que aquela camisa lhe pertencia. Mas havia a probabilidade de tê-la confundido com uma das de Conner.

– Ela se tornou agressiva – recordou Brody antes de terminar a segunda cerveja. – Admito – prosseguiu, quando recuperou o fôlego – que deveria ter me certificado de que tipo de filme estava colocando para rodar, mas foi um erro despropositado, Tricia. Mesmo que Carolyn tivesse tido um caso com Gifford Welsh, não seria da minha maldita conta, certo?

– Foi tudo uma grande confusão – retrucou Tricia, desanimada. Conner lhe apertou o braço.

– Mas é uma confusão de Brody, querida – lembrou ele. – E será ele a desfazê-la. Nesse meio-tempo, vamos voltar para a cama.

Aquela agora familiar sensação de inveja benevolente fez o coração de Brody se apertar. *Ele*, claro, dormiria sozinho, em sua cama dos tempos de garoto, a não ser que Barney decidisse lhe fazer companhia.

O que parecia pouco provável, pelo modo como aquele cachorro ressonava.

Brody decidiu que precisava de uma terceira cerveja, afinal.

Tricia se ergueu, acompanhada do marido. Enquanto ela se encaminhava ao quarto, Conner estacou e pousou uma das mãos no ombro de Brody.

– Vá com calma no álcool – disse ele. – Terá problemas suficientes pela manhã, sem precisar acrescentar a eles uma ressaca.

Brody resfolegou, demasiado teimoso para concordar.

– Boa noite – disse em um tom áspero.

Conner se limitou a deixar escapar uma risada abafada, fez que não com a cabeça e seguiu Tricia pelo corredor.

CAROLYN CONSEGUIU dormir um pouco durante a noite, porém não por um tempo significativo.

Não que existisse algo de significativo em sua vida.

– Oh, pare com isso! – disse a si mesma, parada em frente ao espelho em cima da pia do banheiro. – Estou cansada de ouvi-la choramingar, Carolyn Simmons.

Pela primeira vez, não houve resposta irritada. Ergueu o queixo, empertigou os ombros e examinou o próprio rosto de modo crítico.

Os olhos, com manchas de rímel nas margens, a faziam se lembrar de um guaxinim. Além de estarem inchados. O que restara do batom fora uma marca rosa na face direita.

E seria aquilo uma espinha inflamada, ali, perto de sua narina?

Resoluta, abriu a torneira da pia e esfregou os remanescentes da maquiagem de Cinderela, enxaguando o rosto com água fria em profusão.

Quando terminou, ainda estava com péssima aparência, mas, ao menos, estava limpa.

Aplicou uma pomada sobre a espinha em desenvolvimento e voltou à cozinha, onde a saia cigana se encontrava dobrada sobre o espaldar de uma cadeira.

Não era um caso perdido, como pensara na noite anterior, mas exigiria extensivo reparo.

Além de Winston e um suprimento de sardinhas semanal, separou a saia, vários aviamentos e a máquina de costura para levar para a casa de Kim e Davis, da qual concordara em tomar conta na próxima semana. Ponto por ponto, reconstruiria a saia e sua verdadeira identidade.

Com isso na lista mental de afazeres que lhe ocupava o cérebro, Carolyn preparou um bule de café. Precisava de algo que a ajudasse a seguir em frente. Em seguida, decidiu premiar Winston com sua comida favorita no café da manhã.

No entanto, no momento em que abriu a tampa da lata de sardinhas, a náusea voltou a incomodá-la.

Correu para o toalete, segurando o cabelo para trás com as duas mãos enquanto o enjoo aumentava.

No meio daquele martírio, a realização lhe veio à mente. Havia tomado várias taças de vinho na noite anterior e, entontecida com tudo que Brody fizera para tornar aquela noite especial, não se lembrara de sua extrema sensibilidade ao álcool.

Não *estava maluca*, pensou em um arroubo de ânimo, mesmo quando outra forte onda de náusea a fez se ajoelhar em frente ao vaso sanitário.

Fora o vinho.

A PRIMEIRA coisa que Brody fez na manhã seguinte foi devolver o carro de Kim e Davis e o trocar por sua picape.

Enquanto estava lá, alimentou os cavalos e voltou a observar o puro-sangue, também. Com um pouco de sorte, poderia se aproveitar do café da manhã de Kim ou, ao menos, tomar uma decente xícara de café javanês.

Na casa de Tricia e Conner, era necessário ser formado em engenharia para manusear aquela cafeteira. O casamento e a paternidade iminente deixaram seu irmão gêmeo um pouco estranho.

Manteve a mente ocupada com assuntos fúteis como aquele durante a maior parte da noite até aquela hora da manhã, mas de nada adiantou. Os pensamentos sobre Carolyn fervilhavam sob a superfície o tempo todo, e lhe invadiam a mente a cada momento de descuido.

Até mesmo naquele instante, pensava que um jantar e uma sessão particular do *première* de um filme o elevava ao topo do ranque no que concernia à criatividade em encontros românticos. Percebera o olhar admirado de Carolyn quando viu a lanchonete posta com um jantar romântico para dois. Ficara lisonjeada, até mesmo encantada, exatamente como planejara.

Está bem, talvez devesse ser mais sensível na escolha do filme, mas lhe pedira desculpas quando entendeu por que diabos ela estava tão transtornada, certo?

Brody suspirou e ajustou o chapéu na cabeça.

Bem, aquele era de fato o chapéu de Conner, assim como todo o resto que trajava naquele dia.

A pergunta era: como algo tão agradável se transformara em um inferno, como na noite anterior?

– Bom dia – gritou Davis da porta dos fundos quando o sobrinho saiu do celeiro. – O café está pronto.

– Irei dentro de um instante – respondeu Brody, estacando para observar Firefly junto ao comedouro no curral.

Aquele, refletiu Brody, era um verdadeiro cavalo.

– Nem pense nisso – preveniu Davis, materializando-se ao lado dele e pousando os braços sobre a cerca, enquanto gesticulava com a cabeça na direção do puro-sangue. – Ele está fora de questão e ponto-final.

Brody fitou o tio com o canto do olho.

– Posso controlar qualquer cavalo – disse em tom calmo. – Tenho a fivela de campeão e o dinheiro do prêmio para provar.

Davis estreitou o olhar e, quando falou, o tom era tão sério quanto a expressão em seu rosto.

– Seu pai disse algo muito parecido uma vez – lembrou. – Foi no dia em que o avisei para se manter longe do garanhão selvagem que enlaçamos no

topo da montanha até que fosse castrado e tivesse tempo para amansar um pouco. Blue disse-me que nunca encontrara um cavalo que não conseguisse montar, mas pensei que era apenas conversa fiada, que captara a sensatez do conselho que lhe dei. A próxima coisa de que me dei conta foi ver meu irmão estirado no meio do curral, com o pescoço quebrado e aquele garanhão o circundando como um urubu, aproximando-se, na intenção de esmagá-lo. – Davis fez uma pausa, inspirando com dificuldade, o olhar perdido na distância, como se a cena se desdobrasse a sua frente, com clareza cristalina, mesmo após tantos anos. – Eu tinha um rifle de caça na picate – prosseguiu, sem voltar o olhar a Brody. – E fiz aquele cavalo tombar com apenas um tiro, no local onde se encontrava parado. – Deixou escapar um som que se assemelhava a uma risada, mas que não era. – Pensei que havia uma chance de Blue sobreviver – acrescentou. – Assim como tinha visto meu irmão ser derrubado por aquele cavalo, o havia testemunhado voar do lombo de uma centena deles e, em algumas ocasiões, quebrar até mesmo alguns ossos. Mas Blue não se movia, não abria os olhos. Kim chamou uma ambulância, e eu fiquei ali no curral, com meu irmão e aquele cavalo morto a alguns centímetros de distância. Dizia a Blue que tudo ficaria bem. “Aguente firme, o socorro está a caminho. Estou aqui, bem aqui e não vou a lugar nenhum...” – A voz de Davis falhou, fazendo-o se calar por alguns segundos para recobrar o controle. Brody esperou, com os olhos ardendo, enquanto o tio, um dos homens mais durões que jamais conhecera, tentava se recompor. – Sabe o que aconteceu – disse ele, fitando o sobrinho nos olhos agora. – Seu pai não conseguiu sair do coma. Seis malditas semanas depois, morreu. – Engoliu em seco e os olhos refletiram um brilho úmido. – Trouxe Firefly para este rancho para lhe salvar a vida. Ninguém mais o queria, diziam que era inútil e só causava problemas. Mas, ouça-me, filho, e me ouça bem. Acertarei um tiro na cabeça desse cavalo antes de permitir que alguém... e quero dizer qualquer um... decida montá-lo. Estamos entendidos?

– O café da manhã está esfriando! – cantarolou Kim do portão lateral.

Nenhum dos dois se moveu ou desviou o olhar um do outro.

– Estamos entendidos? – perguntou Davis uma segunda vez.

Brody deixou escapar um suspiro.

– Estamos – retrucou.

Davis lhe deu uma palmada no ombro e conseguiu até mesmo esboçar a sombra de um sorriso, mas os olhos estavam sérios como Brody nunca antes os vira.

– Preciso que me dê sua palavra, filho.

– Você a tem – retrucou Brody. – Não vou montar esse cavalo.

Capítulo Dezoito

CAROLYN ACABARA de soltar um descontente Winston de sua caixa de transporte no amplo espaço da cozinha antiga e vazia dos Creed, quando ouviu um veículo se aproximar e estacar com o mecanismo de frenagem rangendo. Olhou de relance para o relógio e constatou que passava um pouco do meio-dia. Espiou pela janela, considerando a possibilidade de ver Kim e Davis, que deveriam estar em pleno caminho de Stone Creek em seu veículo de recreação com Smidgeon e Little Bit, retornando por terem esquecido algo.

Em vez disso, Tricia descia, desajeitada, de seu Pathfinder, abanando o rosto com a mão para dispersar um pouco da poeira que levantara em sua chegada.

Animada e ao mesmo tempo se sentindo como uma ferida aberta exposta às ameaças externas, Carolyn abriu a porta para receber a amiga com um sorriso e um aceno de mão.

– É melhor verificar esses freios. Pude ouvi-los de dentro da casa.

Tricia sorriu.

– Não se preocupe. Conner me prometeu que trocará meu carro pelo de Kim e Davis até que o mecânico o examine. Essa é a principal razão que me trouxe aqui. – A *principal* razão, pensou Carolyn, sarcástica, mas não a *única*. Provavelmente, Tricia já teria ao menos uma ideia dos

acontecimentos da noite anterior, no célebre *Bluebird Drive-in*. – Está com péssima aparência – observou Tricia sem rodeios, confirmando as suspeitas de Carolyn e se aproximando com andar de pato. Por um breve instante, ela imaginou se Tricia não estaria com mais tempo de gravidez do que se pensava. A amiga parecia estar prestes a dar à luz a qualquer momento.

– Deus! Obrigada – retrucou Carolyn, em tom alegre, escancarando a porta para que Tricia se espremesse pela abertura e entrasse na cozinha. No mesmo instante, ela pendurou as chaves do Pathfinder em um gancho próximo e pegou as do carro de Kim.

O mesmo com que Brody a buscara na noite anterior, antes do desastre.

– Mas... – prosseguiu Tricia, afundado em uma cadeira junto à mesa com um suspiro aliviado e atirando as chaves de Kim na bolsa – fico feliz em poder lhe dizer que Brody está com aparência ainda pior.

– Acho que isso é um feito – retrucou Carolyn, com uma risada baixa e triste.

O olhar de Tricia baixou à saia cigana, estendida com esmero sobre a mesa, aguardando reparos.

– Carolyn! – exclamou. – O que *aconteceu*?

– Viu Brody? – perguntou Carolyn, deixando a pergunta da amiga sem resposta por um instante. Mordeu o lábio inferior e se sentou, apoiando o queixo sobre uma das mãos. – Quero dizer, desde ontem à noite?

– Ele passou a noite em nossa casa – respondeu Tricia, piscando várias vezes. – Você está realmente péssima. Pálida e com olheiras. E quanto à saia... o quê...?

Carolyn esticou os dedos das duas mãos e os escorregou pelo cabelo, gesticulando negativamente com a cabeça, enquanto recordava a última calamidade que se abateu sobre sua vida amorosa.

Se aquilo poderia se chamar de vida amorosa.

– Eu me descontrolei – gemeu ela. – Perdi a cabeça. Arruinei tudo. – Forçou-se a erguer o olhar para fitar a amiga. – Para começar, bebi vinho – admitiu.

– Oh, não! – disse Tricia.

– Oh, sim! – retrucou Carolyn, tristonha. – Mas pensei muito sobre isso e decidi que não é justificativa para o modo como agi. Talvez, seja parte da razão, mas não uma justificativa. – Suspirou antes de prosseguir: – Está bem. As poucas vezes em que me permiti ingerir álcool se provaram... imprudentes. Devia ter previsto isso e não tomado o vinho, mas estava deslumbrada. Literalmente deslumbrada. O que realmente deu errado foi que fiquei assustada, porque nunca nada foi tão maravilhoso quanto aquele encontro estava se revelando. Tenho certeza de que essa foi minha linha de raciocínio. Algo terrível aconteceria se eu me permitisse acreditar uma segunda vez que... que...

– Que Brody pudesse, de fato, amá-la? – completou Tricia em tom gentil, com um toque breve e confortador na mão de Carolyn.

– Cometi o erro de acreditar nisso uma vez – retrucou ela. – Quando recuperei o bom senso, foi como se estivesse sendo atropelada por um trem desgovernado. Passei muito tempo juntado meus cacos e me reconstruindo. – Carolyn conseguiu exibir um sorriso frouxo. – O problema é que, talvez, tenha encaixado alguns desses cacos nos lugares errados.

– E agora? – questionou Tricia, após um suspiro e uma longa pausa.

– Vou consertar a saia cigana e esperar que alguém que tenha dado um lance tão alto fique satisfeito com o resultado – respondeu, ciente de que Tricia temia que ela dissesse que faria as malas e partiria de Lonesome Bend sem olhar para trás.

Mas estava falando sério quando dissera a si mesma que não mais fugiria, literal e figurativamente.

Os olhos azuis da amiga faiscaram com uma espécie de malícia tristonha.

– Oh, eu não me preocuparia com o arrematador – disse ela. – É uma mulher muito compreensiva. Uma das *duas* mais compreensivas mulheres, na verdade.

Carolyn sentiu os próprios olhos arregalarem.

– Sabe quem...?

Tricia sorriu e fez uma pose cheia de glamour cômico sem se erguer da cadeira.

– *Você?* – sussurrou Carolyn. – É você a arrematadora misteriosa?

– Kim e eu participamos com partes iguais – respondeu Tricia, destemida.

Agora Carolyn sentia-se de fato confusa. Kim e Tricia eram mulheres lindas, com corpos perfeitos, mas de compleições diferentes. Kim era, no mínimo, sete centímetros mais alta que Tricia, portanto não havia a menor possibilidade de usarem a saia em conjunto, sem que tivessem de fazer alterações na peça.

– *Por quê?*

– Por percebemos o quanto essa saia significa para você – respondeu a amiga. – Estávamos planejando guardá-la e depois surpreendê-la com ela. Talvez em seu aniversário. Ou no Natal.

Carolyn sabia que não era o caso de pular para a defensiva e acusar Tricia de unir forças com Kim para lhe fazer caridade. Aquele gesto maravilhoso significava que eram suas *amigas*, tinham condições financeiras e gostavam dela.

– Oh, Tricia! – exclamou ela, com os olhos banhados de lágrimas.

– Não chore – disse a amiga, sacudindo a mão diante do rosto, como fizera do lado de fora, quando chegara. – Senão, sou capaz de chorar também, e então meu nariz ficará vermelho, e meus olhos incharão a ponto de fechar, o que não será uma visão muito bela.

Carolyn soltou uma risada, golpeando as bochechas com o dorso das mãos.

– Não muito bela? – brincou. – Não podemos nos dar a esse luxo.

Tricia sorriu, fungou e disse:

– Bem...

Winston, depois de explorar o novo ambiente, retornou à cozinha para se esfregar repetidas vezes nos tornozelos de Carolyn em um “oito” figurativo, ronronando como um motor de popa. Era óbvio que gostara da casa de rancho de Kim e Davis.

– O leilão só terminará amanhã – Carolyn pensou em voz alta, fitando a saia. Mesmo esfarrapada, necessitando de reparo sério e urgente, a beleza da peça ainda era de tirar o fôlego. – Talvez, a essa hora, alguém tenha dado um lance maior do que o seu.

– Não – retrucou Tricia, com um sorriso levemente presunçoso. – Isso não vai acontecer. Nosso lance é tão alto que ninguém o superará.

Com um gesto hesitante, Carolyn esticou a mão e tocou a saia com tanta gentileza quanto o faria com um ser vivo que tivesse sofrido um sério acidente.

– Esta saia precisa de muitos reparos para ser vendida a alguém e, de qualquer forma, eu não posso deixar que você e Kim levem adiante esse plano insano, maravilhoso e generoso. Não quando descobri o que estiveram planejando.

A natureza prática de Carolyn se revelou. Iria cancelar o leilão tão logo tivesse oportunidade, decidiu, e ficar com a saia. Não que tivesse alguma razão para voltar a usá-la, mas ela e aquela gloriosa miríade de fitas e miçangas agora dividiam uma história. Ambas eram veteranas do conflito da Cinderela e estiveram do lado derrotado.

Um silêncio sereno se seguiu.

Foi Tricia a quebrá-lo com um suave convite.

– Venha jantar em nossa casa esta noite.

Carolyn exibiu um sorriso pálido, pensando no quanto tinha sorte em ter amigas como Tricia, Conner, Kim e Davis, entre outros. Não que pudesse confiar em nenhuma daquelas mulheres no que concernia a conluios casamenteiros.

– Para que possa juntar Brody e eu na mesma sala e esperar que um beijo sele nossas pazes? – retrucou, embora não de modo indelicado. – Nem pensar, minha amiga. Não estou preparada para encarar Brody ainda. E aposto que a recíproca é verdadeira.

Tricia parecia triste, mas entendia perfeitamente a posição de Carolyn.

– Queria apenas que não ficasse sozinha – lamentou. – Chamará Conner ou a mim se precisar de alguma coisa?

– Pode apostar – prometeu Carolyn. – E não pense que me tornei uma eremita, entocada em um esconderijo de ladrão nas montanhas distantes. Prometi a Kim passar as noites aqui para guardar a casa, mas estarei na loja pela manhã, como faço toda segunda-feira.

O semblante de Tricia se iluminou.

– Por falar na loja, o que decidiu? Vai aceitar minha proposta ou não?

Carolyn sorriu.

– Seria louca se não aceitasse – retrucou. – Não importa o que aconteça, ficarei aqui em Lonesome Bend. Cansei da vida cigana e não mais fugirei de meus problemas. Vou me estabelecer permanentemente aqui.

– Isso é ótimo! – gritou Tricia, encantada.

– Pensei em começar por contratar Primrose para trabalhar em sistema de meio expediente – informou Carolyn, agradecida pela mudança de assunto. – Se concordar, é claro. Ela tem algumas ideias interessantes, além de ser uma vendedora nata.

Tricia soltou uma risada, erguendo-se devagar.

– É verdade – concordou. – Vá em frente e lhe ofereça o emprego quando quiser. Enquanto isso, farei um depósito preliminar na conta da loja, apenas para manter as coisas em funcionamento.

Carolyn se viu com lágrimas nos olhos mais uma vez.

– Está certa de que quer fazer isso? Realmente certa? Porque entenderei se não estiver. Eu conseguiria ficar bem sem a loja... – Talvez não “bem”, já que amava aquela loja... mas sobreviveria, como sempre, e talvez um dia até prosperasse.

Tricia lhe deu um de seus abraços impulsivos, rápidos e desajeitados, porém extremamente sinceros.

– Mas a loja não ficaria bem sem *ocê*, e nem eu. Vou ter um bebê, não fazer uma lobotomia. Antes de voltar a Lonesome Bend para vender as propriedades do meu pai, dirigi uma galeria de arte, lembra? Amo Conner mais do que jamais pensei que fosse possível amar um homem, e ambos estamos loucos por essa criança e todas que teremos no futuro, mas preciso estar em contato com a arte, necessito de cor, textura e todo o resto.

Carolyn entendia a amiga. A arte lhe alimentava a alma, era como uma forma de oração, louvor e agradecimento para ela. Recordou a chegada da amiga à cidade, alguns anos antes. Naturalmente, houve muita fofoca quando Tricia foi morar na casa da bisavó e colocou o acampamento *River's Bend*, o estacionamento para veículos de recreação, assim como o dilapidado *Bluebird Drive-in*, à venda. As pessoas diziam que Tricia era muito cidadina

para um lugar como Lonesome Bend, embora ela passasse os verões ali desde criança. Afirmavam que voltaria para Seattle e para sua antiga vida antes que a tinta da caneta secasse na escritura das propriedades do pai.

Em vez disso, Tricia se apaixonara por Conner Creed, casara-se com ele e se adaptara à comunidade como a proverbial mão na luva.

Após acompanhar Tricia até a garagem e a observar se afastar no carro de Kim, Carolyn voltou a entrar na casa, sentindo-se um tanto à toa.

Achara que aquela casa pareceria solitária, tão ampla quanto era, com apenas ela e Winston andando por lá como um par de seixos no fundo de um barril, mas não tinha tal sensação.

Aquele era um verdadeiro lar, um santuário onde um homem e uma mulher se amavam, dia após dia, nos bons e nos maus momentos, trabalhando separadamente e lado a lado para manter um rancho e uma família em andamento. Aquele lugar estava impregnado de lembranças, quase tangíveis, refletidas em fotos nas paredes e nas cornijas das lareiras, repletas de rostos sorridentes, bolos de aniversário, árvores de Natal e de primeiros carros.

No corredor, entre a sala de estar e o quarto de hóspedes, onde dormia, Carolyn estacou para observar de perto algumas daquelas fotografias. Uma delas mostrava Brody, Conner e Steven no que provavelmente havia sido um dia de pesca. Um trio louro, nenhum deles havia chegado à adolescência ainda. Sorriam e seguravam a pesca do dia. Próxima àquela, havia uma foto tirada em uma manhã longínqua de Natal. Brody e Conner posavam em frente a uma enorme árvore decorada com uma miscelânea de ornamentos, cada um segurando o guidão lustroso de uma bicicleta nova em folha. Steven, que vivia em Boston com a mãe na maior parte do ano, não estava na foto, mas havia uma meia pendendo da cornija da lareira, com seu nome escrito no topo. Portanto, devia estar sendo esperado para uma visita em breve.

Carolyn sorriu, tocou os rostos na foto com a ponta dos dedos, detendo-se mais tempo na imagem de Brody. Olhando para aqueles dois irmãos, alguém pensaria que sempre tiveram aquela convivência tranquila, mas, claro, não era verdade.

Todos, por mais afortunados que fossem alguns aspectos de suas vidas, tinham seus problemas a superar. Dragões para encarar, rios para cruzar.

No caso de Brody e Conner, fora uma perda dupla: os pais morreram em acidentes separados, quando os gêmeos eram apenas bebês. Por mais amor que Kim e Davis lhe dedicassem ao longo dos anos, por mais orientação e segurança que lhes dessem, os dois ainda tinham suas batalhas a lutar, não só com o mundo exterior, mas um em relação ao outro.

Os dois irmãos gêmeos estiveram brigados por anos e, claro, a mulher e o filho de Brody lhe haviam sido arrancados de maneira cruel.

Carolyn suspirou e entrou no quarto de hóspedes. Winston estava brincando em seu enalço, como um filhote. Ela resolveu arrumar as poucas coisas que trouxera de seu apartamento na cidade. Como teria de ir para a loja todos os dias, não precisara trazer mais do que algumas roupas limpas, uma camisola, os artigos de toalete cotidianos e algo para usar no trabalho pela manhã. Colocou tudo nos lugares, supervisionada por Winston, e em seguida, decidiu tomar duas aspirinas e tirar um cochilo, para afastar os efeitos remanescentes dos eventos apocalípticos da noite anterior.

Pouco mais de uma hora depois, acordou livre da dor de cabeça e da náusea. Sentindo-se quase como a antiga e bem disposta Carolyn, ajeitou o cabelo e se encaminhou à cozinha, planejando preparar um almoço tardio. Algo leve como uma sopa de galinha com macarrão. Depois, começaria a trabalhar na saia cigana.

E lá estava Brody, tão real como a vida, sentado à mesa da cozinha, bebendo café e lendo jornal.

Carolyn estacou de modo abrupto antes de transpor a porta da sala de jantar.

– Eu bati – disse ele em tom indiferente, sem erguer o olhar do jornal. – Mas ninguém atendeu.

– Então, simplesmente entrou?

– Sim.

– Bem... vou deixá-lo entregue a seu café e jornal – disse ela apressada, girando e se retirando no mesmo instante.

Mas Brody a fez estacar com uma única palavra: seu nome.

Carolyn enrijeceu, mas não olhou para trás.

– O que poderia ter a me dizer depois da noite passada? – perguntou ela, sem alterar o tom de voz e sem revelar nada do que estava sentindo. Não que *soubesse* exatamente o que estava sentindo. Encontrava-se em completa desordem por dentro, feliz e triste; assustada e excitada; furiosa pelo fato de Brody estar ali, mas, ao mesmo tempo, experimentando um alívio profundo.

– Que tal “me desculpe”? – sugeriu ele, logo atrás dela.

Como ele se aproximara tão rápido? No espaço de uma batida do coração e sem produzir nenhum som? Era incrível. E *espantoso*.

Carolyn girou, empertigando os ombros e erguendo o queixo. Ele estava próximo o suficiente para beijá-la, mas não o fez.

– É minha vez de lhe pedir desculpas – retrucou ela, recorrendo a toda a valentia que possuía, baseada na recente decisão que tomara de viver em um mundo real, como um ser humano racional, com direito a estar ali, droga! Ainda assim, não lhe sustentou o olhar. – Teve muito trabalho para tornar a noite de ontem... especial. Eu devia ter tido a consciência de que nada significava o fato de Gifford Welsh estrelar o filme, mas... bem... não tive, não a princípio. Não estou muito orgulhosa da forma como me comportei, e sinto muito mesmo.

– Carolyn – repetiu ele, desta vez com um sorriso na voz.

– O que é?

– Por que não olha para mim?

Porque olhar para você faz minhas roupas caírem, Brody Creed.

Como se ela fosse dizer isso em voz alta!

Brody soltou uma risada.

– Só de olhar para mim suas roupas caem? Danação! Essa foi a melhor notícia que tive hoje.

Carolyn piscou, confusa, levando a mão à boca, horrorizada.

– Eu falei isso? – murmurou.

O sorriso de Brody se limitava a um leve arquear do canto da boca, porém extremante sensual.

– Sim – confirmou ele. – Você disse.

– Oh, meu Deus! – exclamou Carolyn.

– Essa também foi minha reação – retrucou Brody, com o olhar faiscando enquanto o deixava vagar pela parte frontal da camiseta que ela usava e forçando-se a franzir o cenho. – Não me parece que suas roupas estejam despencando.

Carolyn sentiu um calor abrasador lhe subir ao rosto, sabendo que estava corando outra vez e desejando desaparecer no ar, como uma baforada de fumaça.

Claro que não conseguiria.

Uma das desvantagens dos seres reais era não ter a capacidade de desaparecer.

– Minhas roupas estão onde devem estar – afirmou, com notável falta de convicção.

– Essa é provavelmente uma boa ideia – concordou Brody, pensativo, coçando o queixo, no qual os fios dourados da barba começavam a nascer. – Por enquanto.

Carolyn puxou com força a bainha da camiseta para baixo e passou por ele, com passos decididos, em direção ao armário. Necessitava de uma boa dose de chá de ervas. Imediatamente.

Brody observou, com ar divertido, enquanto ela juntava os itens necessários ao preparo da infusão.

– Embora seja uma pena – completou ele, ainda coçando o queixo.

– O quê? – perguntou Carolyn, em tom brusco, enchendo uma xícara com água quente de um dispensador especial fixado à pia.

– Que suas roupas não tenham caído – retrucou Brody. – Seria uma visão e tanto.

– Quer um chá? – perguntou ela, como se ninguém tivesse feito nenhum comentário sobre as roupas de alguém.

Muito menos das suas.

– Uh... chá? Não, obrigado. Não sou grande apreciador de chá. – Carolyn exibiu uma expressão contrariada. – Se ainda fosse tequila... – refletiu ele, como se falasse consigo mesmo. – Como na música?

– Quer parar de me provocar, por favor? – disse ela. – Foi só um deslize da língua.

– Bastante Freudiano – rebateu Brody, com seriedade sarcástica. – Especialmente a referência à língua.

– Não fiz nenhuma referência à língua, como está afirmando de modo grosseiro – protestou ela, com ar de superioridade, embora estivesse tentando suprimir uma risada.

– Viu? – retrucou Brody. – Disse de novo. *Língua*. Fica repetindo isso a toda hora. Definitivamente Freudiano.

– Pare com isso! – exclamou Carolyn, suprimindo uma risadinha.

O sorriso de Brody se alargou e passou de sensual a estonteante.

– Está bem – concordou. – Prepare seu chá e sente-se para conversar comigo.

Conversar comigo. Deus!

– Sobre o quê? – questionou Carolyn.

– Sobre você – respondeu ele. – Conte-lhe sobre Lisa e Justin. Agora quero saber o que a tornou Carolyn, por assim dizer.

Preparando o chá em silêncio, ela se mostrava pensativa. Porém, quando ficou pronto, sentou-se à mesa e Brody fez o mesmo, cruzando as mãos e as deixando descansar, frouxas, sobre o jornal aberto.

– Por onde devo começar? – perguntou Carolyn, pensando alto.

– Trícia contou-me que cresceu em lares adotivos – começou Brody em tom sereno. – Tenho certeza de que, ao menos por vezes, deve ter sido difícil. Mas, agora, estou mais interessado em saber por que um filme estrelado por Gifford Welsh a fez perder o controle.

Carolyn suspirou e tomou um lento gole do chá, saboreando-o. Ou fingindo saboreá-lo. A infusão não parecia ter gosto algum.

– A culpa foi, em parte, do vinho – justificou ela.

Brody anuiu.

– Percebi isso tarde demais – disse ele. – Essa é outra razão para me desculpar com você. Deveria ter me lembrado de que não tem resistência à bebida alcoólica. – Carolyn deixou escapar uma risada suave, relaxando um pouco, embora não por muito tempo. Sempre que pensava em Gifford Welsh se lembrava de Storm, correndo atrás de seu carro, gritando para que ela voltasse, e a dor ainda era muito pungente. Brody lhe segurou a mão. – O

que quer que seja – prosseguiu ele –, está tudo bem. Mas, se quisermos reparar as cercas, temos de ser honestos um com o outro, começando agora. Sem surpresas ao longo da estrada.

Carolyn anuiu, engolindo com dificuldade, embora não tivesse tomado outro gole do chá.

– Sei que muitos acharam que tive um caso com Gifford – respondeu ela, sustentando o olhar de Brody. – Isso não é verdade, mas, ontem à noite, pensei que você estava... bem... jogando-o na minha cara. Deixando claro que sabia. Foi isso que me deixou furiosa. – Brody esperou calmamente que ela continuasse, os olhos ternos muito azuis. Os dedos de Carolyn tremiam quando ergueu a xícara e voltou a pousá-la sobre a mesa, sem levá-la aos lábios. Winston, o gato imprevisível, saltou sobre o colo de Brody, ronronando e se esfregando ao peito musculoso. Ele soltou uma risada abafada e afagou as costas do bichano, à vontade com aquela interação, porém não fez nenhum comentário com a aparente mudança de opinião de Winston sobre seu caráter. A bola ainda estava no campo de Carolyn.

Lentamente, ela lhe contou tudo que acontecera na mansão Gifford naquele dia, desdobrando as memórias na mente e as revivendo. Sentira-se atraída por Gifford Welsh... quem não ficaria? Mas ele era casado, e aquilo tinha certa importância para ela, mesmo que não tivesse para o astro de cinema. Fugira em pânico, mais ou menos como Brody fizera na noite em que Lisa lhe contou que estava grávida de um filho dele. Deixara Storm para trás, incapaz de explicar por que estava partindo desabalada, e desde então se arrependia amargamente com o que fizera à criança. Lamentava ter abandonado a menina quase da mesma forma como fora abandonada e se culpava por outras razões também. Teria inadvertidamente enviado a Gifford alguma mensagem insinuante, levando-o a assediá-la? Teria sido culpada por tudo aquilo? Revendo a situação, parecia-lhe estranho ter acreditado em tal coisa. Carolyn era a babá da filha do ator, e a esposa estava viajando quando ele se insinuara. Gifford, como qualquer outra pessoa no planeta, era responsável por suas próprias ações. – Não deveria ter abandonado Storm daquele jeito – disse, entorpecida, quando concluiu a

narrativa. – Mas eu era muito jovem e estava abalada. Não sabia o que fazer além de sair correndo daquela casa.

– Fez o que achou que era certo na hora – retrucou Brody. Em algum momento havia tomado nas suas uma das mãos de Carolyn.

– Você também – retrucou ela. – Quero dizer, quando Lisa lhe telefonou naquela noite.

Brody ergueu um dos ombros e voltou a deixá-lo pender.

– Decidi parar de me culpar por isso – disse ele. – Não posso trazer Lisa e Justin de volta, ou mudar o destino que tiveram, portanto está na hora de parar de tentar. – Fez uma pausa antes de recomeçar. – Retornei a Lonesome Bend para me estabelecer, construir uma família, um legado, e é isso que pretendo fazer.

Carolyn o fitou, pensando no quanto amava Brody Creed, no quanto sempre o amara, embora aquele amor tivesse evoluído, assim como ela e Brody também.

Quando se conheceram, ele era apenas um garoto, e ela, uma menina. Agora eram um homem e uma mulher. Algo completamente diferente.

Haviam chegado a uma encruzilhada, percebeu Carolyn. Podiam seguir caminhos separados, o que seria triste, porém mais inteligente. Ou poderiam se conhecer outra vez, por uma perspectiva adulta. Ela sabia o que queria, mas não tinha nenhuma certeza quanto a Brody, portanto guardou para si as palavras que mais necessitava dizer.

Com cuidado, ele ergueu Winston do colo e o pousou no chão. Carolyn tomou um grande gole do chá, só para se ocupar com alguma coisa, e quase se engasgou com o líquido.

Brody se inclinou em direção a ela, afastou-lhe o cabelo dos ombros.

– Há mais uma coisa que preciso saber – disse ele. – Os lares adotivos onde viveu foram bons?

Carolyn ponderou a pergunta e, por fim, suspirou.

– Cada um tinha um grau diferente de comprometimento, mas acho que todos fizeram o melhor que puderam – retrucou ela, chegando a outra conclusão profundamente pessoal. – Incluindo meus pais, acho eu.

Brody a puxou, erguendo-a da cadeira e a sentando sobre o colo. Para Carolyn, parecia um gesto natural lhe envolver o pescoço com os braços e recostar a cabeça à dele.

– Não conheci meu pai – confidenciou ela em tom suave, e aguardou até que tivesse forças para continuar a contar o resto.

– Eu também não – retrucou ele. – Mas Conner e eu tínhamos Davis, que assumiu o papel de maneira exemplar.

Carolyn anuiu.

– Teve sorte... quero dizer, por ter Davis e Kim.

– Sim – concordou Brody. Os braços musculosos lhe envolviam o corpo, sem apertá-la. Fortes, porém não exigentes. – Sou muito afortunado no que diz respeito à família. – Com um dedo, ergueu o queixo de Carolyn o suficiente para fitá-la nos olhos. – E no que concerne a você. – Carolyn piscou várias vezes. – Eu a amo – confessou Brody. Simples assim.

Por falar em coisas que eram muito boas para ser verdadeiras!

– Ama?

Brody deixou escapar uma risada baixa e lhe voltou um daqueles sorrisos perigosos. Aquele que a fazia desejar que as roupas caíssem.

– Foi o que acabei de dizer, certo? – provocou ele. Os olhos eram ardentes agora. – Mas não me importo em repetir. *Eu a amo*, Carolyn.

– É verdade?

– Carolyn. – Ele tentou soar austero, mas a ternura refletida nos olhos azuis destruiu o efeito.

As faces delicadas coraram. Ela se sentia confusa, alegre e tímida ao extremo.

– Eu também o amo – disparou.

– Ótimo – retrucou ele, com os lábios muito próximos dos dela. – Isso é ótimo.

– E o que vem depois? – murmurou Carolyn enquanto todo seu íntimo se revirava, tentando encontrar um equilíbrio. Os ossos da pélvis pareciam liquefeitos, assim como os joelhos.

Brody arqueou uma das sobrancelhas.

– Vamos para a cama? – Um dos braços musculosos já estava escorregando sob a camiseta que ela suava, fazendo-a ofegar.

– Isso é... óbvio... – conseguiu dizer. – Quero dizer, na semana que vem, no mês que vem, no ano que vem... – Brody lhe abriu o fecho frontal do sutiã. Um dos seios fartos saltou, quente e intumescido, na palma da mão longa. No mesmo instante, ele roçou o polegar ao mamilo rígido. – Oh, Deus! – sussurrou Carolyn. Erguendo-lhe a camiseta, ele substituiu o polegar pelos lábios. – Brody...

Após se deliciar com o sabor daquela mulher pelo que pareceu uma eternidade, ele por fim respondeu à pergunta que Carolyn quase esqueceu que fizera.

– Acho que devíamos deixar a próxima semana, mês e ano se resolverem por si mesmos e nos concentrar no que está acontecendo agora – disse ele. Em seguida, empurrou a cadeira para trás e se levantou, erguendo-a nos braços. – Qual dos quartos está ocupando?

O ato de amor mal começara e Carolyn já se encontrava flácida, completamente à mercê daquele homem. Disse-lhe onde ficava o quarto e ele a levou para lá. No interior do aposento, as roupas foram descartadas, e o primeiro orgasmo de Carolyn foi quase imediato, feroz, sacudindo-lhe a alma e suscitando um grito glorioso de entrega.

– *Brody!*

TINHA DE alimentar os cavalos, pensou ele, deitado à luz do crepúsculo, ainda parcialmente entrelaçado com uma suntuosamente nua e adormecida Carolyn. Não apenas os cavalos de Davis e Kim, mas também Moonshine, em *River's Bend*.

E Barney se encontrava na casa de Tricia e Conner, esperando que ele retornasse.

Brody tocou a ponta do nariz de Carolyn e, em seguida, os lábios. Ela se mexeu e abriu os olhos. Piscou, confusa, com se surpresa em vê-lo.

– Tenho de ir – disse ele, sorrindo. – Carolyn, ainda meio sonolenta, logo pareceu alarmada. – Tenho de alimentar os cavalos – esclareceu Brody, mordendo-lhe de leve e lhe beijando os lábios. – E buscar meu cachorro.

Carolyn engoliu em seco.

– E depois?

– Depois, voltarei para cá, se não se importar.

O sorriso de Carolyn foi como um lampejo de luz repentino e brilhante na penumbra do quarto.

– Tenho uma ideia melhor – anunciou ela. – Vou com você.

Por mais simples que fosse, a decisão de Carolyn atingiu algo no âmago de Brody. A voz grave soou rouca quando ele falou:

– Parece-me uma ótima ideia.

Os dois tomaram banho juntos... conseguindo de alguma forma se controlar para não fazer amor outra vez, embora a tentação fosse enorme. Em seguida, se vestiram e, depois de Carolyn alimentar o gato com uma lata de sardinhas, encaminharam-se ao celeiro.

Trabalhando em conjunto, conseguiram executar as tarefas com mais rapidez. Foram na picape de Brody até *River's Bend*, alimentaram Moonshine, pegaram o saco da ração de Barney que se encontrava na cabana e se encaminharam à sede do rancho.

Carolyn, obviamente acometida de um repentino acesso de timidez, esperou na picape enquanto Brody entrou, recusou de maneira polida o convite de Tricia para jantar e buscou Barney.

Na estrada que os levava de volta à casa de Kim e Davis, ocorreu a Brody que seu cachorro e Winston talvez não fossem uma perfeita combinação, dadas as diferenças fundamentais entre as duas espécies.

– Winston adora Valentino – assegurou Carolyn quando ele expressou sua preocupação. – Conviverá em perfeita harmonia com Barney também.

O vaticínio de Carolyn se provou verdadeiro.

Barney e Winston se encontraram pela primeira vez no meio da cozinha de Kim, fitaram-se como uma dupla de atiradores sob o sol a pino do meio-dia.

O gato ergueu a cauda felpuda, e Barney lhe farejou, curioso, o nariz. Em seguida, se afastaram e cada um foi para o seu lado.

– Viu? – disse Carolyn, retirando um dos famosos ensopados de forno de Kim do freezer. – É um anticlímax.

Brody sorriu, voltando o olhar ao ensopado que ela segurava.

– Você cozinha? – provocou.

Carolyn soltou uma risada.

– Não – disse ela. – Mas sei esquentar comida. – Virou de costas para ele, pousando o ensopado no balcão e removendo o papel laminado que o cobria.

Brody se aproximou por trás, e lhe envolveu o corpo com os braços, beijando-lhe a nuca e se deleitando com o suave arrepio que a perpassou.

– Por falar em esquentar coisas – murmurou ele.

– Mais tarde – disse ela. – Primeiro, temos de jantar para recobrar as forças.

Brody lhe beijou o lóbulo da orelha.

– Hum! – disse ele.

Com outra risada, Carolyn se desvencilhou, ligou o forno e ajustou a temperatura.

– *Mais tarde* – repetiu ela.

O “mais tarde” demorou a chegar, mas, por fim, quando acabaram de comer e colocar a louça na lavadora, improvisaram camas para Winston e Barney e se dirigiram ao toailete para um segundo banho.

Dessa vez, não houve como resistir à tentação. E também não havia nenhum preservativo.

Horas depois, exaustos, finalmente adormeceram.

Capítulo Dezenove

O TELEFONE celular de Brody estava tocando.

O coração de Carolyn batia na garganta e, embora segundos antes estivesse profundamente adormecida, agora se encontrava desperta, apesar de um tanto desorientada. Tateou para o interruptor ao lado da cama, enquanto Brody, resmungando, procurou nas roupas descartadas com movimentos audíveis até encontrar o telefone.

– Brody – atendeu, com a voz rouca pela preocupação e pelo sono. Carolyn encontrou o interruptor e inundou o quarto de luz. Embora estivesse dormindo durante aquele outro telefonema noturno, anos atrás, as similaridades ainda lhe pareciam assustadoras. Carolyn estava quase acreditando que havia sido transportada no tempo e lá estava Lisa telefonando para dizer que engravidara, e todo aquele cenário doloroso teria início outra vez. – Conner – disse Brody, encontrando o olhar de Carolyn. – Fique calmo. Tem de ficar calmo. Estaremos aí dentro de instantes e faremos o que for preciso, prometo-lhe. Enquanto isso, fique firme e ligue para a emergência... agora.

Carolyn se vestiu às pressas, os olhos queimando, porém secos, a garganta apertada pelo medo. Ligue para a emergência... agora. Eram 2h da manhã.

Deus do céu!

– Tricia? – sussurrou ela quando Brody desligou e começou a vestir o jeans e a camiseta que usara mais cedo, quando realizava as tarefas do rancho.

Com um gesto de cabeça, ele confirmou as suspeitas de Carolyn.

– Ela está sentindo dores... fortes, ao que parece... e Conner entrou em pânico.

– E se ele estiver muito desorientado para ligar para a emergência? – questionou Carolyn enquanto os dois se encaminhavam à porta do quarto ao mesmo tempo.

– Conner – disse Brody, caminhando em meio à escuridão da casa, quase correndo. – É Conner. É um homem forte em todos os sentidos.

Porém, quando cruzaram a cozinha, Brody já estava com as chaves da picape na mão. Winston e Barney se levantaram das camas improvisadas, observando-os.

– Terá de ficar aqui dessa vez – disse ele ao cão, como se esperasse que a criatura entendesse. – Tome conta desse gato para mim.

Barney voltou a se deitar com um suspiro e Winston seguiu o exemplo.

Momentos depois, Carolyn e Brody se encontravam na picape, cruzando o caminho iluminado apenas pela luz da lua, os faróis cortando a escuridão.

Minutos antes de estacionarem em frente à casa do rancho, ouviram a sirene da ambulância e viram as luzes vermelhas piscando quando, em alta velocidade, fazia uma curva distante e seguia pela estrada municipal.

Brody foi o primeiro a entrar na casa, gritando o nome do irmão.

Conner apareceu no corredor que levava aos quartos, carregando Tricia, envolta em uma manta, o rosto pálido como a morte. A manta estava ensopada de sangue.

Por favor, Carolyn rezou em silêncio. Peço-lhe apenas... por favor.

– Eles estão chegando, Conner – disse Brody ao irmão. Os paramédicos devem estar cruzando o portão neste momento.

Carolyn estivera em uma situação como aquela antes. Na época, não sabia o que fazer ao se confrontar com uma emergência, mas agora estava perfeitamente ciente. Encaminhou-se na direção do casal e tocou o rosto descorado da amiga.

– Tricia? – perguntou em tom firme, porém com um leve tremor. – Tricia? – A cabeça da amiga girou no ombro do marido, mas abriu os olhos e fitou Carolyn.

– Não se preocupe – disse Tricia, com grande esforço – Estou bem, e Blue também. Isso é apenas... não sei o que significa isso, mas... não se preocupe.

Não se preocupe.

Carolyn ergueu o olhar a Conner. Nunca vira tanto temor, tanta angústia... ou tanta força inata.

Conner Creed estava aterrorizado, mas nenhuma força na face da Terra o derrubaria enquanto Tricia e seu filho precisassem dele.

Valentino começou a latir, histérico, à medida que o som da sirene da ambulância aumentava de intensidade e as luzes vermelhas se infiltravam pelas janelas da cozinha como labaredas.

– Shh – disse Carolyn, sentindo pena do animal. Valentino era o cachorro de Tricia, e sua devoção pela dona era incondicional. O animal, assim como Conner, estava literalmente transtornado.

Nos minutos que se seguiram, toda a ação foi muito rápida. Tricia foi deitada em uma maca e colocada na traseira da ambulância. Um dos paramédicos lhe aferiu os sinais vitais e lhe aplicou o soro intravenoso, enquanto Conner se agachou do outro lado da maca e esticou o braço para segurar a mão da esposa, murmurando-lhe palavras confortadoras.

Brody, parado próximo à ambulância, ao lado de Carolyn, era um reflexo vivo da dor do irmão. As luzes vermelhas o banhavam em seu ritmo desordenado. Carolyn sabia que ele estava sentindo a aflição de Conner devido à conexão entre gêmeos, mas, assim como o irmão, não parecia disposto a se dobrar.

Em Lonesome Bend, era fato sabido que os Creed eram durões, porém, escorregando um braço em torno da cintura de Brody, Carolyn imaginou se alguém tinha ideia do *quanto*.

Enquanto a ambulância saía em disparada pelo caminho que levava à casa do rancho e virava para a estrada municipal praticamente em duas

rodas, com a sirene ligada, Carolyn e Brody correram em direção à picape para segui-los.

Brody dirigia com expressão séria, e Carolyn percebeu que ele não estava apenas compartilhando a dor do irmão agora, mas sim revivendo a que sentira ao perder a esposa e o filho. Arcando com o peso daquelas mortes como se a tragédia tivesse acabado de acontecer.

E, então, ela se deu conta, com cruel clareza, que aquele acidente não era apenas uma lembrança, mas fazia, literalmente, parte dele. Algo com o qual teria de se confrontar muitas vezes ao longo da vida. Tal pensamento era mais do que preocupante. Algo se revolveu no íntimo de Carolyn. A esperança que ousara acalentar, mais uma vez, mas ela inspirou profundamente e se recusou a desanimar. Se Brody e Conner podiam aguentar firme, faria o mesmo em consideração a eles, ao bebê de Tricia e até mesmo a ela.

A coragem, como tantas outras coisas, não era algo que se possuía ou não, mas sim uma decisão. Uma escolha.

Brody lhe entregou o telefone celular.

– Davis e Kim têm direito de saber o que está se passando – disse ele. – Estão nos números de discagem rápida, na posição zero-oito.

Trêmula, Carolyn pegou o aparelho, abriu-o e estudou o teclado com o qual não estava familiarizada por um breve instante, antes de fazer a ligação.

Davis atendeu após dois toques, a voz rouca pelo sono e a surpresa, comum a todos que recebiam telefonemas àquela hora.

– Brody? – disse ele. – É você?

Carolyn conseguiu encontrar a voz, se identificou e explicou o pouco que sabia sobre o que estava acontecendo.

– Estaremos aí o mais breve possível – retrucou Davis e, em seguida, ela o ouviu dizer: – Kim, acorde. É Tricia... algo está errado.

Kim devia ter arrancado o telefone das mãos do marido, porque a próxima voz que Carolyn ouviu foi a dela.

– Para que hospital a levaram? *Mercy General*?

Carolyn fez a mesma pergunta a Brody, que anuiu e disse:

– Provavelmente. Diga-lhes que entraremos em contato tão logo soubermos de mais alguma coisa. – Fez uma pausa, o perfil iluminado pelos faróis de um carro que passava, enquanto seguiam a ambulância. – E diga-lhes também para dirigirem com cuidado no caminho de volta, porque não suportaremos perdê-los.

Carolyn repetiu as palavras de Brody para Kim e finalizou a ligação.

O trajeto para o *Mercy General*, um pequeno, porém moderno hospital que servia não só a Lonesome Bend, mas também a quatro ou cinco cidades ao redor, demorou meia hora. Aqueles foram os mais longos trinta minutos da vida de Carolyn.

Quando a ambulância estacionou na reentrância do lado de fora da sala de emergência, Carolyn ligou mais uma vez para Davis e lhe deu certeza de que Tricia havia sido levada de fato para aquele hospital.

Brody e Carolyn entraram correndo após estacionar a picape, mas Tricia havia sido admitida de imediato, e Conner, claro, fora com ela.

De certa forma, fora mais fácil quando estavam correndo. Agora, enquanto apenas caminhavam de um lado para outro sem cessar, a sobrecarga de adrenalina não tinha como ser consumida. Exceto pelos funcionários na mesa da recepção, Carolyn e Brody tinham o saguão exclusivamente para eles. Até a chegada de Tricia, lógico, aquela fora uma noite lenta.

Brody se dirigia à mesa da recepção em intervalos de poucos minutos, perguntando se havia alguma novidade. E todas as vezes as enfermeiras apenas negavam com um gesto de cabeça e diziam que nada sabiam. E, então, ele voltava a caminhar de um lado para outro, retornava à recepção em busca de notícias, apenas para ouvir a mesma coisa.

O coração de Carolyn sangrava por ele, mas não havia meios de acalmá-lo. Ele recusou o copo de café da máquina que ela lhe trouxera e as palavras não surtiam efeito, também. O que poderia dizer? Que tudo acabaria bem?

Talvez não acabasse.

Talvez nada nunca mais ficasse bem.

Ei, peoa!, Carolyn se repreendeu em silêncio. *A falta de notícias é um bom sinal.*

Alguns minutos depois, incapaz de aguentar a agitação de Brody e a que ela mesma sentia, Carolyn simplesmente se dirigiu a ele e o abraçou. Brody enrijeceu o corpo, mas, em seguida, relaxou contra ela, com a cabeça enterrada em seus cabelos.

– Estou aqui. – Aquilo era tudo que Carolyn podia oferecer. – Estou aqui.

Mas talvez aquilo tivesse sido suficiente, porque a respiração de Brody se tornou mais profunda e lenta e ela sentiu as batidas disparadas do coração contra seu rosto desacelerarem gradualmente.

Apoiando o queixo no topo da cabeça de Carolyn, ele deixou escapar um suspiro profundo e trêmulo.

Brody nunca chorava, pelo menos não em público. Na privacidade de seu coração, ela chorava o suficiente pelos dois.

Eram quase 5h da manhã quando Conner reapareceu, parecendo pálido como um fantasma. Olheiras profundas se destacavam em seu rosto junto com um sorriso no rosto que parecia iluminar toda a escuridão da madrugada.

Caminhou diretamente para Brody e os dois homens, imagens virtuais um do outro, ficaram frente a frente. Para Carolyn, era como olhar para um par de moedas primorosas, ambas gravadas com o mesmo rosto de um nobre imperador.

– Chegamos aqui bem a tempo – disse Conner, a voz um estrépito que refletia uma alegria tão intensa que devia ter lançado raízes em sua alma. – Tricia ficará bem, e nosso filho também.

– Seu filho? – repetiu Brody, conseguindo, por fim, captar o que o irmão dizia.

– Davis Blue – confirmou Conner, orgulhoso. – 3kg de um Creed berrador.

A transformação no rosto de Brody foi uma visão que Carolyn jamais esqueceria. O semblante do belo rosto literalmente se iluminou.

– Davis Blue Creed – repetiu, em um tom maravilhado.

– Não se importa, certo? – questionou Conner. – Que coloquemos o nome do nosso pai e o de Davis? Pretendemos chamá-lo apenas de Blue, mas, se isso o desagradar, ainda está em tempo de mudarmos...

– Davis Blue Creed – disse Brody outra vez, saboreando o nome. – É perfeito, meu irmão. *Perfeito*.

– Podemos ver o bebê? – perguntou Carolyn, com um fio de voz. – E Tricia? – De repente, sentia-se como uma intrusa, alguém de fora que não pertencia àquele cenário, e desejou não ter falado sob um impulso. Era como se fosse um estepe... até que Brody lhe envolvesse os ombros com um dos braços e a puxasse contra o corpo.

– Mais tarde – respondeu Conner, sereno, sorrindo quando percebeu a linguagem corporal do casal. – Tricia está dormindo agora, e Blue ficará em uma incubadora por um ou dois dias, de acordo com os médicos. Por que não voltam para o rancho e tentam dormir um pouco? – Um olhar sarcástico se estampou no semblante feliz e exausto de Conner. – Pesando bem, poderiam alimentar os cavalos esta manhã.

Brody soltou uma risada abafada. Era um som áspero e extremamente agradável de ouvir. Em seguida, bateu de leve nas costas do irmão.

– Não se preocupe com os cavalos – garantiu. – Tomarei conta deles. E Davis também.

– E eu ajudarei – acrescentou Carolyn.

Conner lhe deu um abraço desajeitado.

– Obrigado – agradeceu.

O abraço que deu em Brody foi ainda mais desajeitado, mas verdadeiro também.

Durante o trajeto de volta a Lonesome Bend, Carolyn e Brody se encontravam muito emocionados para conversarem, mas as palavras não eram de fato necessárias.

Tricia se recuperaria.

No momento, nada mais parecia importar.

UMA SEMANA depois, Conner trouxe uma deslumbrada esposa e seu filho recém-nascido para a casa do rancho, onde foram recebidos com uma breve e serena celebração familiar.

Havia balões, um grande bolo e pilhas de presentes para o bebê, embrulhados com fitas azuis.

Tricia fervilhava de alegria, exibindo um sorriso luminoso, enquanto família e amigos admiravam o mais novo membro do clã Creed. Conner protegia esposa e filho como uma sentinela, e todos entenderam quando ele levou Tricia para o quarto do casal para que ela descansasse um pouco.

O diagnóstico inicial do problema de Tricia foi descolamento de placenta da parede uterina, e embora agora estivesse bem, era natural que se cansasse com facilidade.

Enquanto ela dormia, Blue permaneceu na cozinha, recebendo as atenções e encantando os avós.

Davis e Kim se mostravam embriagados com a criança, e Carolyn percebeu que Brody se sentia tão orgulhoso quanto o irmão. Steven, Melissa e os filhos em breve chegariam a Stone Creek para uma visita. Melissa e Kim planejavam se revezar na sede do rancho para ajudar a tomar conta do bebê.

Carolyn, observando de fora, achava lindo ver os membros de uma família em ação, dando suporte aos entes queridos que necessitavam deles. Estarem ali, a qualquer hora do dia ou da noite, dispostos a fazer o que fosse necessário, colocar as diferenças pessoais e compromissos de lado, ao menos temporariamente, para cuidar daquele que necessitasse.

Não era de se admirar, refletiu Carolyn, sentada na cozinha de Tricia e Conner, que os Creed tivessem prosperado, não só na geração presente, mas também em todas as anteriores. Nos maus e nos bons momentos, estavam sempre unidos. Carolyn se sentia maravilhada com aquilo e, em silêncio, agradeceu aos céus por existir algo assim.

Todas as noites, desde que Kim e Davis retornaram, um dia depois do nascimento de Blue, ela e Brody dividiam a cama queen-size na rústica cabana à qual ele se referia brincando como “buraco fedorento”. O lugar, com um refrigerador engraçado e um minúsculo forno de micro-ondas, fazia o apartamento que Carolyn ocupava na casa de Natty McCall parecer um palácio. Porém, se sentia extremamente feliz lá, porque ela, Brody, Winston e Barney estavam juntos.

Nenhum dos dois havia tocado no assunto “amor” outra vez, quanto mais em casamento. Mas, por enquanto, aquilo não importava. O sexo era

extraordinário e ambos riam constantemente. Era bom viver o momento presente, já que estava tão agradável.

Pela primeira vez na vida, Carolyn não tinha uma lista universal de coisas que *tinham* de acontecer para que sua vida funcionasse. O fato de estar aberta para o que viesse a seguir e enfrentar o que tivesse de ser parecia o suficiente.

Os dias se seguiam maravilhosamente comuns: ajudava Brody nas tarefas do rancho; com calma, fazia os reparos para que a saia cigana voltasse a sua antiga glória; tomava conta de Winston e, algumas vezes, de Barney; observava a ampla casa de Brody se erguer contra o céu, cada vez mais próxima da conclusão.

Agora, na cozinha de Tricia e Conner, cercada por amigos e pela família Creed, Brody pousou uma das mãos em seu ombro e lhe sussurrou contra a orelha:

– Vamos – disse ele. – Tenho algo a lhe mostrar.

Carolyn anuiu, um tanto excitada, e os dois se despediram, partindo na picape de Brody, com Barney orgulhosamente acomodado no banco traseiro. Winston preferia ficar na cabana na maior parte do tempo, por não ser fã de passeios em veículos de nenhum tipo.

Brody dirigiu até a casa nova e estacionou diante da porta da frente.

As janelas refletiam as nuances amarelo-alaranjadas e dourada do pôr do sol. O teto e as paredes tinham uma aparência sólida o suficiente para abrigar um ou dois séculos de gerações Creed, que nasceriam, cresceriam, se apaixonariam, casariam, teriam seus próprios filhos, envelheceriam e, por fim, a seu tempo, descansariam para sempre.

O pensamento fez o coração de Carolyn se expandir.

Brody abriu a porta da picape para ela e retirou Barney do banco traseiro antes de se encaminhar à entrada da casa.

As portas duplas eram entalhadas à mão, com o nome “Creed” inscrito na parte superior em um maciço lintel.

Carolyn estacou para erguer o olhar, admirando o efeito, sentindo o impacto daquele nome que já se encontrava alojado em algum lugar profundo de seu íntimo, tornando-se parte dela.

Brody usou a própria chave e uma das portas se escancarou quando ele a empurrou de leve. Em seguida, girou para Carolyn, os últimos raios de sol brilhando contra o rosto e o cabelo, e estendeu a mão em direção ela.

– Em breve – começou, em tom muito sereno –, espero carregá-la nos braços para que transponha esta porta como minha esposa.

Carolyn o fitou.

– Isso é um pedido de casamento? – ousou, após passar um longo instante reunindo coragem.

Brody exibiu um sorriso torto e ela aceitou a mão estendida.

– Não – respondeu ele. – Isso é uma coisa separada. – Guiou-a para o interior da sala de estar e os olhos de Carolyn no mesmo instante pousaram no local sobre a magnífica lareira, onde o batique *Tecelã* se encontrava pendurado em sua extraordinária moldura. Um monumento à graça e à sabedoria.

Carolyn sorriu. Nos últimos dias, ela estivera envolvida com toda a excitação em torno Tricia, o bebê Blue e o retorno inesperado, porém a salvo, de Bill Venable do incêndio da floresta no Novo México. Durante uma das breves aparições de Carolyn na loja, o amigo a encontrara e lhe dissera que passara por uma espécie de epifania íntima, mas que agora estava disposto a fazer o que fosse preciso para ter Angela de volta. Com toda aquela agitação, esquecera-se do maravilhoso batique de Primrose Sullivan, que aguardava na loja para ser entregue.

– Primrose trouxe a pintura alguns dias atrás – explicou Brody. – O empreiteiro a deixara entrar e alguns dos rapazes da equipe o penduraram ali, sob a supervisão da artista.

Carolyn podia imaginá-la distribuindo ordens aos rapazes, fazendo-os mover o batique *Tecelã* alguns centímetros para a direita, depois para esquerda, até que estivesse satisfeita ao vê-lo na posição perfeita.

– Lindo! – disse Carolyn, ofegante.

Brody a envolveu nos braços bem ali, no meio da futura sala de estar.

– Quer se casar comigo? – perguntou em tom de voz rouco.

A risada de Carolyn foi de pura alegria. A realidade acabou se provando ainda melhor do que qualquer conto de fadas.

– Sim – respondeu. – Quero me casar com você, Brody Creed.

– Logo? Para que eu não tenha de passar nenhuma noite sem você nesta casa?

Os olhos de Carolyn ardiam.

– Logo – confirmou ela. Mas ainda havia um aspecto no relacionamento dos dois que não fora esclarecido. – E quanto a Joleen?

Brody abriu um sorriso largo, as mãos se movendo lentamente pelas costelas de Carolyn, e a cabeça se inclinando de leve para o lado.

– Não ouviu os rumores? Joleen fugiu com um dos clientes do restaurante. De acordo com os boatos, é amor, um encontro escrito nas estrelas.

– Não me diga! – retrucou Carolyn.

Brody lhe mordeu de leve o lábio inferior.

– Digo – murmurou. – E quanto ao “senhor Café”? O piloto bonitão, que combate incêndios?

– Sei a quem está se referindo – respondeu Carolyn. Brody apenas ergueu as sobrancelhas e esperou, mas as mãos ainda se encontravam sutilmente ocupadas nas costelas e nos contornos dos seios de Carolyn. – O nome dele é Bill – disse ela, em um tom coquete. – E ele não é mais um piloto bonitão que combate incêndios. Concordou em tirar uma licença de um ano do emprego e trabalhar em Denver como piloto de uma companhia de aviação enquanto ele, a noiva, Angela, e a precoce filha, Ellie, constroem uma família.

Brody inspirou profundamente e soltou o ar aos poucos.

– Parece que é uma tendência – disse ele. O modo como arrastava as palavras deixava claro que pretendia lhe retirar as roupas pelos próximos minutos e que estava disposto a conseguir. – Quero dizer, as pessoas darem uma chance ao amor.

– Sim, parece – concordou Carolyn, observando os lábios sensuais. O que Brody Creed podia fazer com eles era algo extraordinário.

Afastando-se, ele caminhou até a lareira, retirou algo que se encontrava sobre a cornija alta e voltou para perto de Carolyn.

Enquanto ela observava, perplexa, mesmo depois que Brody proferira as palavras “case-se comigo”, ele se ajoelhou a sua frente, ergueu uma pequena caixa de veludo e abriu a tampa.

Um anel de diamante solitário de noivado faiscou.

Carolyn ofegou e levou a mão à garganta.

Brody exibiu um sorriso torto.

– Aqui vai a proposta formal – disse ele. – Quer ser minha esposa? Na alegria e na tristeza, na pobreza e na riqueza, na saúde e na doença, até que a morte nos separe?

Carolyn caiu de joelhos, para que os olhos dos dois ficassem no mesmo nível.

– Sim, Brody – respondeu. – Quero ser sua esposa, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, até que a morte nos separe. Eu o amarei e o honrarei, mas podemos esquecer a parte de obedecer, porque isso não vai acontecer.

Brody soltou uma risada.

– É justo – disse ele. – Fará meu jantar todas as noites e gerará meus filhos?

– Gerarei seus filhos – retrucou ela, sorrindo, enquanto Brody lhe deslizava a aliança no dedo anular. – Mas não sou muito fã de cozinhar, portanto teremos de arranjar outra opção no que diz respeito aos jantares. Assim como para o café da manhã e o almoço.

Com os olhos brilhando de divertimento, mas também de amor, Brody a beijou. Um toque breve e leve, mas com um desejo faminto que suscitou uma ânsia de igual intensidade em Carolyn.

– E se *eu* preparar o jantar? – sugeriu ele. – Acontece que tenho jeito com as panelas.

– Pensei que talvez tivesse – retrucou Carolyn, envolvendo-lhe o pescoço com os braços e gesticulando a cabeça em direção à cozinha –, quando vi aquele sofisticado fogão, com todos aqueles queimadores.

– Gostaria que este lugar tivesse uma cama – resmungou ele, beijando-lhe o pescoço.

Carolyn o puxou para baixo, deitando-se no chão e o estimulando a cobri-la com o corpo, para sentir o peso de Brody. Havia uma promessa contida na rigidez e no calor que dele emanava.

– E quem precisa de uma cama? – perguntou, quando os lábios sensuais se inclinavam para tomar os dela.

Epílogo

CAROLYN E Brody se casaram no início de agosto, ao pôr do sol, no que antes fora a praia em *River's Bend*, diante de toda a cidade e uma boa parte de Denver. Conner foi o padrinho e Tricia, a dama de honra. O filho mais velho de Melissa e Steven, Matt, serviu, orgulhoso, de pajem.

Davis, belo e com um desconforto que beirava a comicidade, levou a noiva ao altar, enquanto Kim os observava com lágrimas inspiradas pela mais pura felicidade lhe fazendo os olhos brilhar.

Carolyn vestida a agora remodelada saia cigana, com uma blusa de seda de alças espaguete e uma jaqueta também de seda que fizera para compor o traje. Brody estava estonteante em uma calça jeans, uma blusa branca engomada estilo country e jaqueta esporte, a única concessão à formalidade.

Como estavam no verão, o crepúsculo se estendeu por toda a cerimônia, fenecendo gradualmente ao som da banda que tocava música country romântica dentro da ampla tenda alugada, que foi armada no local onde antes ficava a cabana.

Houve um baile, um bolo, mas a maior parte do entardecer passou como uma agradável névoa para Carolyn. Toda vez que voltava o olhar a Brody, o que acontecia com muita frequência, ele era tudo que conseguia enxergar, e sabia, pela expressão daqueles olhos azuis, que o marido se encontrava sob o mesmo feitiço.

Estavam cercados por amigos, família, música, luz, amor e risadas, mas poderiam estar sozinhos no planeta, apenas os dois, de tão absortos que se encontravam um no outro. Ambos comeram bolo, brindaram com as taças de *ginger ale* cruzadas e pousaram para intermináveis fotografias. Imagens que Carolyn, com certeza, guardaria para o resto da vida.

Com um sorriso frouxo, Davis se aproximou dos dois, trocou um aperto de mão com Brody e, em tom formal, perguntou se poderia dançar com a noiva, já que fora ele a levá-la ao altar.

Carolyn sorriu para o homem que considerava seu sogro agora, além de um bom amigo, e lembrou algo que ele lhe dissera alguns dias antes do casamento, quando estavam todos reunidos na sede do rancho em um jantar familiar.

– Quando uma mulher se casa com um Creed – anunciara Davis, sorrindo para ela –, leva todos nós.

Agora, enquanto dançavam, Kim e Brody se juntaram a eles na pista construída para aquele propósito, com lanternas chinesas lançando um brilho multicolorido sobre eles. Davis lhe apertou a mão de leve.

– Bem-vinda à família, Carolyn Creed – disse ele, naquela sua voz grave característica. – E não me importo em lhe dizer que demorou muito para fazer isso.

Carolyn Creed soltou uma risada suave.

– Está falando como Tricia – retrucou ela. – E Kim. Será que só eu e Brody em Lonesome Bend não prevíamos esse casamento?

Davis sorriu e Carolyn retribuiu o sorriso enquanto dançavam.

– Acho que sim – disse ele. – Houve momentos em que tive vontade de bater as cabeças de vocês uma na outra. Era como se a história de Conner e Tricia estivesse se repetindo. Eles também não conseguiam ver o todo por se prenderem aos detalhes.

– Você e Kim sabem que significam a própria vida para Brody e Conner, certo? E para mim e Tricia também?

– Esses garotos são os filhos do meu irmão – disse ele em tom sereno. – E a imagem exata do pai. Não há um dia na minha vida que não sinta saudade de Blue e não deseje que ele estivesse aqui com o resto de nós, onde era seu

lugar. Mas, se ele tinha de seguir seu destino e se matar... bem... ao menos deixou um legado maravilhoso para trás. – Davis olhou de relance e viu Conner interromper a dança de Brody e Kim fingindo protestar, e seu semblante se iluminou. – Amo-os como se fossem meus filhos. – Girou a cabeça outra vez para fitá-la. – E você e Tricia são as filhas que sempre quisemos ter.

Carolyn recostou a testa ao ombro largo e sólido de Davis por um instante, assolada pela emoção.

– Obrigada – suspirou.

Davis soltou uma risada abafada e lhe a apertou de leve em um gesto confortador. Em seguida, Brody os interrompeu e logo ela estava dançando com seu homem, seu caubói e marido.

– Eu a amo, senhora Creed – disse ele, sorrindo ao fitá-la nos olhos. – E estou determinado a beijá-la aqui e agora, portanto se prepare.

Carolyn soltou uma risadinha, que ele logo interrompeu com o beijo prometido, profundo e devorador, que toda a assembleia aplaudiu.

– E eu o amo – retrucou ela, ofegante, quando o beijo foi interrompido.

Brody pousou um dedo sob o queixo delicado e o ergueu.

– O que me diz de sairmos daqui, senhora Creed? – perguntou. – E deixarmos essa gente festejando à vontade?

– Acho uma ótima ideia, senhor Creed – retrucou Carolyn.

Brody a guiou para fora da tenda.

Permaneceram de mãos dadas sob o calor abafado de uma noite de agosto, observando o reflexo da luz da lua e de um bilhão de estrelas na superfície da água do rio, que parecia cantarolar ao passar por eles.

Pela manhã, partiriam em lua de mel para um local não revelado, mas ambos desejavam passar a noite de núpcias na casa nova. Parecia-lhes a coisa certa a fazer, já que a vida que construiriam juntos começaria ali.

Brody lhe segurou a mão, e os dois caminharam em direção ao seu lar, seguindo um caminho iluminado pela luz da lua. Era algo mágico, como que tirado de um conto de fadas, mas ainda melhor por ser real.

Para surpresa de Carolyn, passaram direto pela casa e se encaminharam ao celeiro.

Quando entraram, Brody acendeu a luz e Moonshine piscou para eles de sua baia, mastigando, sonolento, um punhado de feno.

Carolyn sorriu e se moveu para dar palmadas leves no focinho aveludado do cavalo, mas Brody a puxou, estacando em frente a uma baia contígua a de Moonshine.

Um belo capão, branco como a neve, se encontrava parado no centro do espaço, com um esplendor digno de puxar uma carruagem de Cinderela.

Carolyn inspirou profundamente e levou a mão ao coração.

– Ele é seu se o quiser – disse Brody em tom gentil. – Um presente de casamento do seu marido apaixonado. Um nome dele é Sugar-man, mas pode mudá-lo se quiser. É gentil, mas arrojado também.

Carolyn, trajada com a saia brilhante e a jaqueta de seda, deu uma passo à frente, segurou a borda da porta da baia com as duas mãos, fazendo que não com a cabeça.

– Não mudaria nada – afirmou, girando para fitar o rosto amado do homem a seu lado. – Nem nele e nem em você.

Brody a beijou de maneira suave.

– Quando voltarmos de nossa lua de mel, achei que iria gostar de cavalgar comigo. Talvez até Hidden Lake?

Carolyn sorriu.

– Brody Creed – começou ela – é a melhor coisa que aconteceu em minha vida.

O familiar sorriso largo se estampou no belo rosto do marido.

– Digo o mesmo de você, linda mulher – retrucou ele, ansioso por saborear aqueles lábios macios.

Um arrepio quente perpassou Carolyn.

– Não está na hora de me carregar pela soleira da porta como prometeu? – perguntou, envolvendo-lhe o pescoço com os braços.

– Tenho certeza que sim – respondeu Brody, após fingir considerar a pergunta por alguns instantes.

E, então, deixaram o celeiro, cruzando o mesmo caminho iluminado. Quando alcançaram a casa, Brody Creed ergueu a esposa nos braços, beijou-a outra vez e disse:

– Segure firme, moça. Acho que vamos começar uma cavalgada e tanto.
Carolyn sorriu. Sabia que ele não estava se referindo apenas à noite de núpcias, mas também ao resto de suas vidas.

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: THE CREED LEGACY
Copyright © 2011 by Linda Lael Miller
Originalmente publicado em 2011 por HQN Books

Arte-final de capa: Isabelle Paiva

Produção do arquivo ePub: Ranna Studio

ISBN: 978-85-398-1341-4

Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171, 4º andar
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

Contato:
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capa

Rosto

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Epílogo

Créditos